

A interpretação dos sonhos

(Primeira parte)

VOLUME IV

(1900)

DIE
TRAUMDEUTUNG
von
Dr. SIGMUND FREUD

FLECTERE SI NEQUEO SUPEROS, ACHERONTA MOVEBO.

LEIPZIG UND WIEN.
FRANZ DEUTICKE.
1900

INTRODUÇÃO

(2)

BIBLIOGRAFIA

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

- 1900 *Die Traumdeutung*. Leipzig e Viena: Franz Deuticke. Págs. iv + 375
- 1909 2ª ed. (Ampliada e revista.) Mesmos editores. Págs. vii+389.
- 1911 3ª ed. (Ampliada e revista.) Mesmos editores. Págs. x + 418.
- 1914 4ª ed. (Ampliada e revista.) Mesmos editores. Págs. x + 498.
- 1919 5ª ed. (Ampliada e revista.) Mesmos editores. Págs. ix + 474.
- 1921 6ª ed. (Reimpressões da 5ª ed., exceto pelo novo prefácio e 1922 7ª ed. pela bibliografia revista.) Págs. vii + 478
- 1925 Vol. II e parte do Vol. III de Freud, *Gesammelte Schriften*. (Ampliada e revista.) Leipzig, Viena e Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag. Pág. 543 e 1-185.
- 1930 8ª ed. (Ampliada e revista.) Leipzig e Viena: Franz Deuticke. Págs. x + 435.
- 1942 Em volume Duplo II & III de Freud, *Gesammelte Werke*. (Reimpressão da 8ª ed.) Londres: Imago Publishing Co. Págs. xv e 1-642.

(b) TRADUÇÕES INGLÊSAS:

- 1913 Por A. A. Brill. London: George Allen & Co.; Nova Iorque: The Macmillan Co. Págs. xiii + 510.
- 1915 2ª ed. Londres; George Allen & Unwin; Nova Iorque: The Macmillan Co. Págs. xii + 510.
- 1932 3ª ed. (Completamente revista e em grande parte reescrita por vários colaboradores não especificados.) London: George Allen & Unwin; Nova Iorque: The Macmillan Co. Pág. 600.

1938 Em *The Basic Writings of Sigmund Freud*. Págs. 181-549. (Reimpressão da 3ª e. com a omissão de quase todo o Capítulo I.) Nova Iorque: Random House.

A atual tradução para o inglês, inteiramente nova, é de James Strachey.

Na realidade, *Die Traumdeutung* apareceu pela primeira vez em 1899. Esse fato é mencionado por Freud no início de seu segundo artigo sobre Josef Popper (1932c): “Foi no inverno de 1899 que meu livro sobre a interpretação dos sonhos (embora sua página de rosto estivesse pós-datada com o novo século) finalmente surgiu diante de mim”. Mas agora temos informações mais exatas por sua correspondência com Wilhelm Fliess (Freud, 1950a). Em sua carta de 5 de novembro de 1899 (Carta 123), Freud anuncia que “ontem, finalmente, o livro apareceu”; e pela carta precedente parece que o próprio Freud recebera de antemão dois exemplares, cerca de uma quinzena antes, um dos quais enviara a Fliess como presente de aniversário.

A Interpretação dos Sonhos foi um dos dois livros — *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1950d) foi o outro — que Freud manteve mais ou menos sistematicamente “atualizados” à medida que foram passando por suas edições sucessivas. Após a terceira edição da presente obra, as alterações nela feitas não foram indicadas de maneira alguma, o que produziu um efeito algo confuso sobre o leitor das edições posteriores, visto que o novo material às vezes implicava um conhecimento de modificações dos pontos de vista de Freud que datam de épocas muito posteriores ao período em que o livro foi originalmente escrito. Numa tentativa de superar essa dificuldade, os editores da primeira edição das obras completas de Freud (as *Gesammelte Schriften*) reimprimiram a primeira edição de *A Interpretação dos Sonhos* em sua forma original num só volume, e enfeixaram num segundo volume todo o material que fora acrescentado depois. Infelizmente, contudo, o trabalho não foi efetuado de modo muito sistemático, pois os próprios acréscimos não foram datados e, com isso, grande parte da vantagem do plano foi sacrificada. Nas edições subsequentes, voltou-se ao antigo volume único e não diferenciado.

O maior número de acréscimos versando sobre qualquer assunto isolado é constituído, sem dúvida, pelos que dizem respeito ao simbolismo nos sonhos. Freud explica, em sua “História do Movimento Psicanalítico” (1914d), bem como no início do Capítulo VI, Seção E (pág. [1]) desta obra, que chegou tardiamente a uma compreensão plena da

importância dessa faceta do assunto. Na primeira edição, o exame do simbolismo limitou-se a algumas páginas e a um único sonho modelo (dando exemplos de simbolismo sexual) no final da seção sobre as “Considerações sobre a Representabilidade”, no Capítulo VI. Na segunda edição (1909), nada foi acrescentado a essa seção; mas, por outro lado, várias páginas sobre o simbolismo sexual foram inseridas no fim da seção sobre “Sonhos Típicos”, no Capítulo V. Estas foram consideravelmente ampliadas na terceira edição (1911), enquanto o trecho original do Capítulo VI continuou ainda inalterado. Era evidente que uma reorganização há muito se fazia necessária, e, na quarta edição (1914), uma seção inteiramente nova sobre o Simbolismo foi introduzida no Capítulo VI, e para ela transpôs-se então o material sobre o assunto que se acumulara no Capítulo V, junto com grande quantidade de material inteiramente novo. Não se fizeram quaisquer modificações na *estrutura* do livro nas edições posteriores, embora outro grande volume de material tenha sido acrescido. Após a versão em dois volumes (1925) — isto é, na oitava edição (1930) — alguns trechos da seção sobre “Sonhos Típicos” no Capítulo V, que haviam sido totalmente abandonados numa fase anterior, foram reinseridos.

Na quarta, na quinta, na sexta e na sétima edições (isto é, de 1914 até 1922), dois ensaios de autoria do Otto Rank (sobre “Os Sonhos e a Literatura Criativa” e “Sonhos e Mitos”) foram publicados no final do Capítulo VI, mas foram posteriormente omitidos.

Restam as bibliografias. A primeira edição continha uma lista de cerca de oitenta livros, e à grande maioria deles Freud faz referências no texto. Esta lista permaneceu inalterada na segunda e na terceira edições; porém, na terceira, uma segunda relação foi acrescentada, contendo cerca de quarenta livros escritos desde 1900. Daí por diante, ambas as listas começaram a aumentar rapidamente, até que, na oitava edição, a primeira delas continha cerca de 260 obras, e a segunda, mais de 200. Nessa fase, somente uns poucos títulos da primeira lista (pré-1900) eram de livros realmente mencionados no texto de Freud, enquanto, por outro lado, a segunda lista (pós-1900, como se pode inferir das próprias observações de Freud em seus vários prefácios) não pôde realmente atualizar-se de acordo com a produção de escritos analíticos ou quase-analíticos sobre o assunto. Além disso, muitas das obras citadas por Freud no texto não eram encontradas em *nenhuma das duas* listas. Parece provável que, a partir da terceira edição, Otto Rank tenha-se tornado o principal responsável por essas bibliografias. Uma carta de Freud a André Breton, datada de

14 de dezembro de 1932 (1933e), declara explicitamente que, na quarta edição e nas que vieram a seguir, as bibliografias ficaram inteiramente a cargo de Rank.

(2) HISTÓRICO

A publicação da correspondência de Freud com Fliess permite-nos acompanhar a redação de *A Interpretação dos Sonhos* com certa riqueza de detalhes. Na “História do Movimento Psicanalítico” (1914d), Freud escreveu, rememorando seu lento ritmo de publicação nos primeiros tempos: “*A Interpretação dos Sonhos*, por exemplo, foi concluída, em todos os seus aspectos essenciais, no começo de 1896, mas só foi escrita no verão de 1899”. Da mesma forma, nas notas introdutórias a seu trabalho sobre as consequências psicológicas da distinção anatômica entre os sexos (1925j), ele escreveu: “Minha *Interpretação dos Sonhos* e meu ‘Fragmento da Análise de um Caso de Histeria’ (1905e)... foram sustados por mim — se não durante os nove anos impostos por Horácio, ao menos por quatro ou cinco anos, antes que eu permitisse que fossem publicados.” Estamos agora em condições de ampliar e, sob certos aspectos, corrigir essas rememorações, com base em provas contemporâneas do autor.

Além de várias referências dispersas ao assunto — que, em sua correspondência, remontam a pelo menos 1881 —, as primeiras importantes publicadas sobre o interesse de Freud pelos sonhos aparecem no curso de uma longa nota de rodapé ao primeiro de seus casos clínicos (o da Sra. Emmy von N., com data de 15 de maio), nos *Estudos sobre a Histeria*, de Breuer e Freud (1895). Examina ele o fato de que os pacientes neuróticos parecem ter necessidade de associar umas com as outras quaisquer idéias que porventura estejam simultaneamente presentes em suas mentes. Prossegue ele: “Não faz muito tempo, pude convencer-me da intensidade de uma compulsão dessa espécie à associação, a partir de algumas observações feitas num campo diferente. Durante várias semanas, vi-me obrigado a trocar minha cama habitual por uma mais dura, na qual tive sonhos numerosos ou mais nítidos, ou na qual talvez não tenha conseguido atingir a profundidade normal do sono. No primeiro quarto de hora depois do acordar, recordava-me de todos os sonhos que tivera durante a noite e me dei ao trabalho de anotá-los e tentar solucioná-los. Consegui relacionar todos esses sonhos com dois fatores: (1) com a necessidade de elaborar quaisquer idéias de que só tivesse tratado de modo superficial durante o dia — que tivessem sido apenas mencionados, e afinal não tivessem sido tratados; e (2) com a compulsão de vincular

quaisquer idéias que pudessem estar presentes no mesmo estado de consciência. O caráter absurdo e contraditório dos sonhos pode ser investigado até a ascendência não controlada deste segundo fator.”

Infelizmente, não se pode datar esse trecho com exatidão. O prefácio ao volume foi escrito em abril de 1895. Uma carta de 22 de junho de 1894 (Carta 19) parece implicar que os casos clínicos já estavam concluídos nessa ocasião, e isso certamente já havia ocorrido em 4 de março de 1895. A carta de Freud dessa data (Carta 22) é de particular interesse, por dar o primeiro vislumbre da teoria da realização de desejo: no decorrer dessa carta, Freud cita a história do “sonho de conveniência” do estudante de medicina que se acha incluído nas págs. [1]-[2] deste volume. Entretanto, foi somente em 24 de julho de 1895 que a análise de seu próprio sonho com a injeção de Irma — o sonho modelo do Capítulo II — estabeleceu essa teoria em definitivo na mente de Freud. (Ver Carta 137, de 12 de junho de 1900). Em setembro desse mesmo ano (1895), Freud escreveu a primeira parte de seu “Projeto para uma Psicologia Científica” (publicado como apêndice à correspondência com Fliess), e as Seções 19, 20 e 21 do “Projeto” constituem uma primeira abordagem de uma teoria coerente dos sonhos. Ele já inclui muitos elementos importantes que reaparecem na presente obra, tais como (1) o caráter de realização de desejos dos sonhos, (2) seu caráter alucinatório, (3) o funcionamento regressivo da mente nas alucinações e nos sonhos (o que já fora apontado por Breuer em sua contribuição teórica aos *Estudos sobre a Histeria*), (4) o fato de o estado do sonho envolver paralisia motora, (5) a natureza do mecanismo de deslocamento nos sonhos, e (6) a semelhança entre os mecanismos dos sonhos e dos sintomas neuróticos. Mais do que isso, contudo, o “Projeto” traz uma indicação clara do que é, provavelmente, a mais crucial das descobertas dadas ao mundo em *A Interpretação dos Sonhos* — a distinção entre os dois diferentes modos de funcionamento psíquico, os Processos Primário e Secundário.

Isso, contudo, está longe de esgotar a importância do “Projeto” e das cartas a Fliess escritas em relação a tal “Projeto” em fins de 1895. Não é exagero afirmar que grande parte do sétimo capítulo de *A Interpretação dos Sonhos* e, de fato, dos estudos “metapsicológicos” posteriores de Freud só se tornou plenamente inteligível a partir da publicação do “Projeto”.

Os estudiosos dos escritos teóricos de Freud têm estado cientes de que, até mesmo em suas especulações psicológicas mais profundas, encontra-se pouco ou nenhum debate sobre alguns dos conceitos *mais* fundamentais de que ele se vale: conceitos, por exemplo,

como os de “energia psíquica”, “somas de excitação”, “catexia”, “quantidade”, “qualidade”, “intensidade”, e assim por diante. Praticamente, a única abordagem explícita de uma discussão desses conceitos nas obras publicadas de Freud é a penúltima frase de seu primeiro trabalho sobre “As Neuropsicoses de Defesa” (1894a), no qual formula a hipótese de que “nas funções mentais, deve-se distinguir algo — uma carga de afeto ou soma de excitação — que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo”. A escassez de explicação dessas idéias tão básicas nos escritos posteriores de Freud sugere que ele presumia que elas fossem uma coisa tão natural para seus leitores quanto eram para ele mesmo; e devemos nossa gratidão à correspondência com Fliess, publicada postumamente, por lançar muita luz precisamente sobre esses pontos obscuros.

Naturalmente, é impossível entrarmos aqui em qualquer exame pormenorizado do assunto, e o leitor deve ser encaminhado ao próprio volume (Freud, 1905a) e sua elucidativa introdução feita pelo Dr. Kris. O ponto crucial da questão, entretanto, pode ser indicado de maneira bem simples. A essência do *Projeto* de Freud estava na idéia de combinar num todo único duas teorias de origem diferente. A primeira delas derivava, em última análise, da escola fisiológica de Helmholtz, da qual o professor de Freud, o fisiologista Brücke, era um membro destacado. De acordo com essa teoria, a neurofisiologia, e conseqüentemente a psicologia, eram regidas por leis puramente físico-químicas. Tal, por exemplo, era a “lei da constância”, freqüentemente mencionada por Freud e por Breuer e expressa nos seguintes termos em 1892 (num rascunho postumamente publicado, Breuer e Freud, 1940): “O sistema nervoso se esforça por manter constante em seu estado funcional algo que pode ser descrito como a ‘soma de excitação’.” A maior parte de contribuição teórica feita por Breuer (outro discípulo da escola de Helmholtz) aos *Estudos sobre a Histeria* foi uma complexa construção elaborada em harmonia com essas linhas. A segunda grande teoria evocada por Freud em seu *Projeto* foi a doutrina anatômica do neurônio, que estava obtendo a aceitação dos neuroanatomistas no fim da década de 1880. (O termo “neurônio” só foi introduzido por Waldeyer em 1891.) Essa doutrina estabelecia que a unidade funcional do sistema nervoso central era uma célula distinta, sem nenhuma continuidade anatômica direta com as células adjacentes. As frases iniciais do *Projeto* mostram claramente como sua base residia numa

combinação dessas duas teorias. Seu objetivo, escreveu Freud, era “re-presentar os processos psíquicos como estados quantitativamente definidos de partículas materiais especificáveis”. Em seguida, ele postulou que essas “partículas materiais” eram os neurônios, e que a distinção entre se acharem eles num estado de atividade ou num estado de repouso era feita por “quantidade” que estava “sujeita às leis gerais do movimento”. Assim, um neurônio poderia estar “vazio” ou “cheio de uma certa quantidade”, ou seja “catexizado”. A “excitação nervosa” deveria ser interpretada como uma “quantidade” fluindo através de um sistema de neurônios, e essa corrente poderia encontrar resistência ou ser facilitada, conforme o estado das “barreiras de contato” entre os neurônios. (Somente depois, em 1897, é que o termo “sinapse” foi introduzido por Foster e Sherrington.) O funcionamento de todo o sistema nervoso estaria sujeito a um princípio geral de “inércia”, segundo o qual os neurônios sempre tendem a se livrar de qualquer “quantidade” de que possam estar cheios — um princípio correlato ao princípio da “constância”. Utilizando como tijolos esses e outros conceitos semelhantes, Freud construiu um modelo altamente complexo e extraordinariamente engenhoso da mente como uma máquina neurológica.

Um papel preponderante foi desempenhado no esquema de Freud por uma divisão hipotética dos neurônios em três classes ou sistemas, diferenciados de acordo como seus modos de funcionamento. Desses, os dois primeiros relacionavam-se, respectivamente, aos estímulos *externos* e às excitações *internas*. Ambos funcionavam numa base apenas *quantitativa*, isto é, suas ações eram inteiramente determinadas pela magnitude das excitações nervosas que incidiam sobre eles. O terceiro sistema estava correlacionado com as diferenças *qualitativas* que distinguem as sensações e sentimentos conscientes. Essa divisão dos neurônios em três sistemas constituiu a base de complexas explicações fisiológicas de coisas como o funcionamento da memória, a percepção da realidade, o processo de pensamento, e também os fenômenos dos sonhos e dos distúrbios neuróticos.

Entretanto, as obscuridades e dificuldades começaram a se acumular, e durante os meses que se seguiram à redação do “Projeto”, Freud revisou continuamente suas teorias. Com o passar do tempo, seu interesse foi-se desviando gradualmente dos problemas neurológicos e teóricos para os problemas psicológicos e clínicos, e ele acabou por abandonar todo o esquema. E quando, alguns anos depois, no capítulo VII desta obra, Freud retomou o problema teórico — embora por certo jamais abandonasse a crença de que uma base física da psicologia seria finalmente estabelecida —, o fundamento neurofisiológico foi

aparentemente abandonado. Não obstante — e é por esse motivo que o “Projeto” é importante para os leitores de *A Interpretação dos Sonhos* — grande parte do modelo geral do esquema anterior, assim como muitos de seus elementos, foram transpostos para o novo esquema. Os sistemas de neurônios foram substituídos por sistemas ou instâncias *psíquicos*; uma “catexia” hipotética da energia psíquica tomou o lugar da “quantidade” física; o princípio da inércia tornou-se a base do princípio do prazer (ou, como Freud o denominou aqui, do princípio do desprazer). Além disso, alguns dos relatos pormenorizados dos processos psíquicos apresentados no Capítulo VII muito devem a seus precursores fisiológicos e podem ser compreendidos com mais facilidade mediante referência a eles. Isso se aplica, por exemplo, à descrição do armazenamento dos traços de memória nos “sistemas mnêmicos”, ao exame da natureza dos desejos e das diferentes formas de satisfazê-los, e à ênfase dada ao papel desempenhado pelos processos verbais de pensamento na adaptação às exigências da realidade.

Tudo isso é amplamente suficiente para justificar a asserção de Freud que a *A Interpretação dos Sonhos* “estava concluída, em todos os seus aspectos essenciais, no começo de 1896”. Não obstante, estamos agora em condições de acrescentar algumas ressalvas. Por exemplo, a existência do complexo de Édipo só foi estabelecida no verão e outono de 1897 (Cartas 64 a 71); e, embora isso não constituísse por si só uma contribuição direta à teoria dos sonhos, mesmo assim desempenhou um papel relevante ao ressaltar as raízes *infantis* dos desejos inconscientes subjacentes aos sonhos. De importância teórica mais evidente foi a descoberta da onipresença, nos sonhos, do desejo de dormir. Isso só foi anunciado por Freud em 9 de junho de 1899 (Carta 108). Além disso, a primeira insinuação do processo de “elaboração secundária” parece ter-se verificado numa carta de 7 de julho de 1897 (Carta 66). A semelhança de estrutura entre os sonhos e os sintomas neuróticos já fora assinalada, como vimos, no “Projeto” de 1895, e houve alusões periódicas a ela até o outono de 1897. Curiosamente, contudo, daí por diante parece ter caído no esquecimento, pois é anunciada em 3 de janeiro de 1899 (Carta 101) como uma nova descoberta e como uma explicação da razão por que o livro permanecera inacabado por tanto tempo.

A correspondência com Fliess permite-nos acompanhar com alguns detalhes o processo efetivo de composição. A idéia de escrever o livro é mencionada por Freud pela primeira vez em maio de 1897, mas é rapidamente posta de lado, provavelmente porque seu interesse começara a centralizar-se, naquela época, em sua auto-análise, que iria conduzi-lo,

durante o verão, à descoberta do complexo de Édipo. No fim do ano, o livro foi retomado e, nos primeiros meses de 1898, um primeiro esboço de toda a obra parece ter sido concluído, com exceção do primeiro capítulo. O trabalho no livro foi paralisado em junho daquele ano e só foi reiniciado após as férias de verão. Em 23 de outubro de 1898 (Carta 99), Freud escreve que o livro “permanece estacionário, inalterado; não tenho nenhum motivo para prepará-lo para publicação, e a lacuna na psicologia [isto é, o Capítulo VII], bem como a lacuna deixada pela eliminação do sonho modelar completamente analisado [cf. parág. seguinte], são entraves a sua conclusão que ainda não superei”. Verificou-se uma pausa de longos meses, até que de repente, e como escreve o próprio Freud, “sem nenhum motivo particular”, o livro começou a se movimentar de novo em fins de maio de 1899. Daí por diante, continuou com rapidez. O primeiro capítulo, versando sobre a literatura, que sempre fora um bicho-papão para Freud, foi concluído em junho, sendo as primeiras páginas enviadas ao tipógrafo. A revisão dos capítulos intermediários foi completada em fins de agosto, e o último capítulo, sobre psicologia, foi inteiramente reescrito, sendo as páginas finais despachadas no início de setembro.

Tanto o manuscrito como as provas eram regularmente submetidos por Freud a Fliess para receberem sua apreciação crítica. Fliess parece ter exercido considerável influência sobre a forma final do livro e ter sido responsável pela omissão (evidentemente, por motivo de discrição) da análise de um importante sonho do próprio Freud (cf. parágr. ant.). Mas as críticas mais severas provieram do próprio autor e foram dirigidas principalmente contra o estilo e a forma literária. “Creio”, escreveu ele em 21 de setembro de 1899 (Carta 119), depois de terminado o livro, “que minha autocrítica não era de todo injustificada. Oculto em alguma parte de mim, também eu tenho senso fragmentário da forma, uma apreciação da beleza como uma espécie de perfeição; e as frases complicadas de meu livro sobre os sonhos, apoiadas em expressões indiretas e com visões oblíquas de seu conteúdo, ofenderam gravemente algum ideal dentro de mim. E é difícil que eu esteja errado em considerar essa falta de forma como sinal de um domínio incompleto do material”.

Mas, apesar dessas autocríticas, e a despeito da depressão que se seguiu ao desprezo quase total do livro pelo mundo exterior — apenas 351 exemplares foram vendidos nos seis primeiros anos após a publicação — *A Interpretação dos Sonhos* sempre foi considerada por Freud como sua obra mais importante: “Um discernimento claro como esse”, como escreveu em seu prefácio à terceira edição inglesa, “só acontece uma vez na vida.”

(3) A ATUAL EDIÇÃO INGLESA

Esta tradução se baseia na oitava edição alemã (1930), a última a ser publicada durante a vida do autor. Ao mesmo tempo, difere de todas as edições anteriores (tanto alemãs como inglesas) num aspecto importante, pois tem a natureza de uma edição “Variorum”. Envidaram-se esforços para indicar, com datas, todas as alterações substanciais introduzidas no livro, desde sua primeira edição. Sempre que se abandonou algum material ou que este foi muito modificado em edições posteriores, o trecho cancelado ou a versão mais antiga é apresentado numa nota de rodapé. A única exceção é que os dois apêndices de Rank ao Capítulo VI foram omitidos. A questão de sua inclusão foi seriamente considerada, mas resolveu-se não fazê-la. Os ensaios são inteiramente autônomos e não guardam nenhuma relação direta com o livro de Freud; teriam ocupado mais ou menos outras 50 páginas, e particularmente para os leitores de língua inglesa, não esclareceriam nada, visto tratarem principalmente da literatura e mitologia germânicas.

As bibliografias foram refundidas por completo. A primeira delas contém uma lista de todas as obras realmente citadas no texto ou nas notas de rodapé. Essa bibliografia foi também disposta para servir de Índice de Autores. A segunda bibliografia encerra todas as obras da lista alemã pré-1900 *não* efetivamente citadas por Freud. Pareceu que valia a pena imprimi-la, visto não ser acessível com facilidade nenhuma outra bibliografia comparavelmente completa da literatura mais antiga sobre os sonhos. Os textos *posteriores* a 1900, salvo pelos realmente citados e, por conseguinte, incluídos na primeira bibliografia, não foram levados em consideração. Deve-se, contudo, fazer uma advertência no tocante a ambas as minhas listas. Uma pesquisa demonstrou uma proporção muito elevada de erros nas bibliografias alemãs.

Estes foram corrigidos sempre que possível, mas um número considerável de verbetes revelou-se impossível de localizar em Londres, e estes (que são distinguidos por um asterisco) devem ser considerados suspeitos.

Os acréscimos feitos pelo editor vêm entre colchetes. Muitos leitores, sem dúvida, ficarão irritados com o número de referências e outras notas explicativas. As referências, contudo, dizem respeito essencialmente aos escritos do próprio Freud, encontrando-se um número muito reduzido em relação a outros autores (afora, naturalmente, as referências feitas pelo próprio Freud). Seja como for, deve-se encarar o fato de que *A Interpretação dos*

Sonhos constitui um dos grandes clássicos da literatura científica e de que o tempo veio considerá-la como tal. O editor espera e acredita que as referências, e mais particularmente as remissões a outras partes da própria obra, possam realmente tornar mais fácil aos verdadeiros estudiosos acompanhar os pontos intrincados do material. Os leitores em busca de mero entretenimento — se é que existem — devem revestir-se da firme determinação de desprezar esses parênteses.

Cabe acrescentar algumas palavras sobre a própria tradução. Grande atenção teve que ser dispensada, é claro, aos pormenores da redação do texto dos sonhos. Nos casos em que a tradução inglesa se afigura inusitadamente rígida ao leitor, ele pode presumir que a rigidez foi imposta por alguma exigência verbal determinada pela interpretação que virá a seguir. Quando há incoerências entre diferentes versões do texto do mesmo sonho, ele pode presumir que há incoerências paralelas no original. Essas dificuldades verbais culminam nos exemplos bastante freqüentes em que uma interpretação depende inteiramente de um trocadilho. Existem três métodos de lidar com tais situações. O tradutor pode omitir o sonho por completo, ou substituí-lo por outro sonho paralelo, quer derivado de sua própria experiência, quer inventado *ad hoc*. Esses dois métodos foram adotados em caráter predominante nas primeiras traduções do livro. Mas há sérias objeções contra eles. Devemos lembrar, mais uma vez, que estamos lidando com um clássico científico. O que queremos conhecer são os exemplos escolhidos por Freud — e não outrem. Conseqüentemente, esta tradução adotou a pedante e cansativa terceira alternativa de manter o trocadilho alemão original, explicando-o trabalhosamente entre colchetes ou numa nota de rodapé. Qualquer graça que se pudesse extrair dele se evapora por completo nesse processo. Mas esse, infelizmente, é um sacrifício que tem de ser feito.

Na cansativa tarefa de leitura das provas tipográficas recebeu-se a ajuda generosa (entre outros) da Sra. R. S. Partridge e do Dr. C. F. Rycroft. A Sra. Partridge é também em grande parte responsável pelo índice alfabético. A revisão das bibliografias esteve predominantemente a cargo do Sr. G. Talland.

Finalmente, o editor deseja expressar seus agradecimentos ao Dr. Ernest Jones por sua constante orientação e estímulo. Poder-se-á constatar que o primeiro volume de sua biografia de Freud lança inestimável luz sobre os antecedentes desta obra como um todo, bem como sobre muitos de seus pormenores.

Prefácio

Tentei neste volume fornecer uma explicação da interpretação dos sonhos e, ao fazê-lo, creio não ter ultrapassado a esfera de interesse abrangida pela neuropatologia. Pois a pesquisa psicológica mostra que o sonho é o primeiro membro de uma classe de fenômenos psíquicos anormais, da qual outros membros, como as fobias histéricas, as obsessões e os delírios, estão fadados, por motivos práticos, a constituir um tema de interesse para os médicos. Como se verá a seguir, os sonhos não podem fazer nenhuma reivindicação semelhante de importância prática, mas seu valor teórico como paradigma, é por outro lado, proporcionalmente maior. Quem quer que tenha falhado em explicar a origem das imagens oníricas dificilmente poderá esperar compreender as fobias, obsessões ou delírios, ou fazer com que uma influência terapêutica se faça sentir sobre eles.

Mas a mesma correlação que responde pela importância do assunto deve também ser responsabilizada pelas deficiências desta obra. Os encadeamentos rompidos que com tanta frequência interrompem minha apresentação nada mais são do que os numerosos pontos de contato entre o problema da formação dos sonhos e os problemas mais

abrangentes da psicopatologia. Estes não podem ser tratados aqui, mas, se o tempo e as forças o permitirem e houver mais material à disposição, eles serão objeto de comunicações posteriores.

As dificuldades de apresentação foram aumentadas ainda mais pelas peculiaridades do material que tive de utilizar para ilustrar a interpretação de sonhos. Tornar-se-á claro, no decorrer da própria obra, o motivo por que nenhum dos sonhos já relatados na literatura do assunto ou coligidos de fontes desconhecidas poderia ter qualquer serventia para meus propósitos. Os únicos sonhos dentre os quais pude escolher foram os meus e os de meus pacientes em tratamento psicanalítico. Mas fui impedido de utilizar o segundo material pelo fato de que, nesse caso, os processos oníricos estavam sujeitos a uma compilação indesejável, em vista da presença adicional de características neuróticas. Mas, se quisesse relatar meus próprios sonhos, a consequência inevitável é que eu teria de revelar ao público maior número de aspectos íntimos de minha vida mental do que gostaria, ou do que é normalmente necessário para qualquer escritor que seja um homem de ciência e não um poeta. Tal foi a penosa mas inevitável exigência, e me submeti a ela para não abandonar por completo a possibilidade de fornecer a comprovação de minhas descobertas psicológicas. Naturalmente, contudo, não pude resistir à tentação de aparar as arestas de algumas de minhas indiscrições por meio de omissões e substituições. Sempre que isso aconteceu, porém, o valor de meus exemplos se viu drasticamente reduzido. Posso apenas manifestar a esperança de que os leitores deste livro se coloquem em minha difícil posição e me tratem com indulgência, e, além disso, que qualquer um que encontre alguma espécie de referência a si próprio em meus sonhos se disponha a conceder-me o direito à liberdade de pensamento — ao menos em minha vida onírica, se não em qualquer outra área.

Capítulo I - A LITERATURA CIENTÍFICA QUE TRATA DOS PROBLEMAS DOS SONHOS

Nas páginas que seguem, apresentarei provas de que existe uma técnica psicológica que torna possível interpretar os sonhos, e que, quando esse procedimento é

empregado, todo sonho se revela como uma estrutura psíquica que tem um sentido e pode ser inserida num ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília. Esforçar-me-ei ainda por elucidar os processos a que se devem a estranheza e a obscuridade dos sonhos e por deduzir desses processos a natureza das forças psíquicas por cuja ação concomitante ou mutuamente oposta os sonhos são gerados. A essa altura, minha descrição se interromperá, pois terá atingido um ponto em que o problema dos sonhos se funde com problemas mais abrangentes cuja solução deve ser abordada com base num material de outra natureza.

Apresentarei, à guisa de prefácio, uma revisão do trabalho empreendido por autores anteriores sobre o assunto, bem como a posição atual dos problemas dos sonhos no mundo da ciência, visto que, no curso de meu exame, não terei muitas ocasiões de voltar a esses tópicos. Pois, apesar de muitos milhares de anos de esforço, a compreensão científica dos sonhos progrediu muito pouco — fato tão genericamente aceito na literatura que parece desnecessário citar exemplos para confirmá-lo. Nesses escritos, dos quais consta uma relação ao final de minha obra, encontram-se muitas observações estimulantes e uma boa quantidade de material interessante relacionado com nosso tema, porém pouco ou nada que aborde a natureza essencial dos sonhos ou ofereça uma solução final para qualquer de seus enigmas. E menos ainda, é claro, passou para o conhecimento dos leigos estudiosos.

Talvez se possa indagar qual terá sido o ponto de vista adotado em relação aos sonhos pelas raças primitivas dos homens e que efeito os sonhos teriam exercido na formação de suas concepções do mundo e da alma; e esse é um assunto de tão grande interesse que só com extrema relutância me abstenho de abordá-lo nesse sentido. Devo encaminhar meus leitores às obras-padrão de *Sir John Lubbock*, *Herbert Spencer*, *E. B. Tylor* e outros, e acrescentarei apenas que só poderemos apreciar a ampla gama desses problemas e especulações quando tivermos tratado da tarefa que aqui se coloca diante de nós — a interpretação dos sonhos.

A visão pré-histórica dos sonhos sem dúvida ecoou na atitude adotada para com os sonhos pelos povos da Antiguidade clássica. Eles aceitavam como axiomático que os sonhos estavam relacionados com o mundo dos seres sobre-humanos nos quais acreditavam, e que constituíam revelações de deuses e demônios. Não havia dúvida, além disso, de que, para aquele que sonhava, os sonhos tinham uma finalidade importante, que era, via de regra, predizer o futuro. A extraordinária variedade no conteúdo dos sonhos e na impressão que

produziam dificultava, todavia, ter deles qualquer visão uniforme, e tornava necessário classificá-los em numerosos grupos e subdivisões conforme sua importância e fidedignidade. A posição adotada perante os sonhos por filósofos isolados na Antiguidade dependia, naturalmente, até certo ponto, da atitude destes em relação à adivinhação em geral.

Nas duas obras de Aristóteles que versam sobre os sonhos, ele já se tornaram objeto de estudo psicológico. Informam-nos as referidas obras que os sonhos não são enviados pelos deuses e não são de natureza divina, mas que são “demoníacos”, visto que a natureza é “demoníaca”, e não divina. Os sonhos, em outras palavras, não decorrem de manifestações sobrenaturais, mas seguem as leis do espírito humano, embora este, é verdade, seja afim do divino. Definem-se os sonhos como a atividade mental de quem dorme, na medida em que esteja adormecido.

Aristóteles estava ciente de algumas características da vida onírica. Sabia, por exemplo, que os sonhos dão uma construção ampliada aos pequenos estímulos que surgem durante o sono. “Os homens pensam estar caminhando no meio do fogo e sentem um calor enorme, quando há apenas um pequeno aquecimento em certas partes.” E dessa circunstância infere ele a conclusão de que os sonhos podem muito bem revelar a um médico os primeiros sinais de alguma alteração corporal que não tenha sido observada na vigília.

Antes da época de Aristóteles, como sabemos, os antigos consideravam os sonho não como um produto da mente que sonhava, mas como algo introduzido por uma instância divina; e, já então, as duas correntes antagônicas que iremos encontrar influenciando as opiniões sobre a vida onírica em todos os períodos da história se faziam sentir. Traçou-se a distinção entre os sonhos verdadeiros e válidos, enviados ao indivíduo adormecido para adverti-lo ou predizer-lhe o futuro, e os sonhos vãos, falazes e destituídos de valor, cuja finalidade era desorientá-lo ou destruí-lo.

Gruppe (1906, 2, 390) cita uma classificação dos sonhos, de Macrobius e Artemidorus [de Daldil (ver em [1])], seguindo essa orientação “Os sonhos eram divididos em duas classes. Supunha-se que uma classe fosse influenciada pelo presente ou pelo passado, mas sem nenhum significado futuro. Abrangia o enunia ou *insomnia*, que reproduzia diretamente uma certa representação ou o seu oposto — por exemplo, de fome ou sua saciação —, e o jantsmata, que emprestava uma extensão fantástica à representação — por exemplo, o pesadelo ou *ephialtes*. A outra classe, ao contrário, supostamente determinava o

futuro. Abrangia (1) profecias diretas recebidas num sonho (o *crhmatismV* ou *oraculum*), (2) previsões de algum evento futuro (o *rama* ou *visio*), e (3) sonhos simbólicos, que precisavam de interpretação (o *neiroV* ou *somnium*). Essa teoria persistiu durante muitos séculos.”

Essa variação no valor que se deveria atribuir aos sonhos estava intimamente relacionada com o problema de “interpretá-los”. Em geral, esperavam-se importantes conseqüências dos sonhos. Mas nem todos eles eram imediatamente compreensíveis, e era impossível dizer se um sonho inteligível em particular não estaria fazendo alguma comunicação importante. Isso proporcionou o incentivo para que se elaborasse um método mediante o qual o conteúdo ininteligível de um sonho pudesse ser substituído por outro compreensível e significativo. Nos últimos anos da Antiguidade, Artemidorus de Daldis foi considerado a maior autoridade na interpretação dos sonhos, e a sobrevivência de sua obra exaustiva [Oneirocritica] deve compensar-nos pela perda dos outros escritos sobre o mesmo assunto.

A visão pré-científica dos sonhos adotada pelos povos da Antigüidade estava, por certo, em completa harmonia com sua visão do universo em geral, que os levou a projetar no mundo exterior, como se fossem realidades, coisas que de fato só gozavam de realidade dentro de suas próprias mentes. Além disso, seu ponto de vista sobre os sonhos levava em conta a principal impressão produzida na mente desperta, pela manhã, pelo que resta de um sonho na memória: uma impressão de algo estranho, advindo de outro mundo e contrastando com os demais conteúdos da mente. A propósito, seria um erro supor que a teoria da origem sobrenatural dos sonhos está desprovida de defensores em nossos próprios dias. Podemos deixar de lado os escritores carolas e místicos, que de fato estão perfeitamente justificados em permanecerem ocupados com o que restou do outrora amplo domínio do sobrenatural enquanto esse campo não é conquistado pela explicação científica. Mas, além deles, depara-se com homens de visão esclarecida, sem quaisquer idéias extravagantes, que procuram apoiar sua fé religiosa na existência e na atividade de forças espirituais sobre-humanas precisamente pela natureza inexplicável dos fenômenos dos sonhos. (Cf. Haffner, 1887.) A alta estima em que é tida a vida onírica por algumas escolas de filosofia (pelos seguidores de Schelling, por exemplo) é nitidamente um eco da natureza divina dos sonhos que era incontestada na Antiguidade. Tampouco chegaram ao fim os debates acerca do caráter premonitório dos sonhos e de seu poder de predizer o futuro, pois as tentativas de dar uma explicação psicológica têm sido insuficientes para cobrir o material

coletado, por mais decididamente que as simpatias dos que são dotados de espírito científico se inclinem contra a aceitação de tais crenças.

É difícil escrever uma história do estudo científico dos problemas dos sonhos porque, por mais valioso que tenha sido esse estudo em alguns pontos, não se pode traçar nenhuma linha de progresso em qualquer direção específica. Não se lançou nenhum fundamento de descobertas seguras no qual um pesquisador posterior pudesse edificar algo; ao contrário, cada novo autor examina os mesmos problemas de novo e recomeça, por assim dizer, do início. Se eu tentasse relacionar em ordem cronológica aqueles que têm escrito sobre o assunto e apresentasse um sumário de seus pontos de vista sobre os problemas dos sonhos, teria de abandonar qualquer esperança de apresentar um quadro geral abrangente do atual estado dos conhecimentos sobre o assunto. Optei, portanto, por estruturar meu relato de acordo com tópicos, e não com autores, e à medida que for levantando cada problema relacionado com o sonho, apresentarei qualquer material que a literatura contenha para sua solução.

Visto, contudo, ter-me sido impossível englobar toda a literatura sobre o tema, amplamente dispersa como é e invadindo muitos outros campos, sou compelido a pedir a meus leitores que se dêem por satisfeitos desde que nenhum fato fundamental ou ponto de vista importante seja deixado de lado em minha descrição.

Até pouco tempo atrás, a maioria dos autores que escreviam sobre o assunto sentia-se obrigada a tratar o sono e os sonhos como um tópico único, e em geral abordava, além disso, condições análogas fronteiriças à patologia e estados semelhantes aos sonhos, como as alucinações, visões etc. As últimas obras, pelo contrário, mostram preferência por um tema restrito e tomam por objeto, talvez, alguma questão isolada no campo da vida onírica. Agradar-me-ia ver nessa mudança de atitude a expressão de uma convicção de que, nessas questões obscuras, só será possível chegar a explicações e resultados sobre os quais haja acordo mediante uma série de investigações pormenorizadas. Uma pesquisa detalhada desse tipo, predominantemente psicológica por natureza, é tudo o que tenho a oferecer nestas páginas. Tive poucas oportunidades de lidar com o problema do sono, posto que esse é essencialmente um problema da fisiologia, muito embora uma das características do estado de sono deva ser a de promover modificações nas condições de funcionamento do aparelho mental. A literatura sobre o tema do sono, conseqüentemente, não é considerada adiante.

As questões levantadas por uma indagação científica sobre os fenômenos dos sonhos como tais podem ser agrupadas sob as epígrafes que se seguem, embora não se possa evitar certa dose de superposição.

(A) A RELAÇÃO DOS SONHOS COM A VIDA DE VIGÍLIA

O julgamento simplista de vigília feito por alguém que tenha acabado de acordar presume que seus sonhos, mesmo que não tenham eles próprios vindo de outro mundo, ao menos o haviam transportado para outro mundo. O velho fisiólogo Burdach (1838, 499), a quem devemos um relato cuidadoso e sagaz dos fenômenos dos sonhos, expressou essa convicção num trecho muito citado: “Nos sonhos, a vida cotidiana, com suas dores e seus prazeres, suas alegrias e mágoas, jamais se repete. Pelo contrário, os sonhos têm como objetivo verdadeiro libertar-nos dela. Mesmo quando toda a nossa mente está repleta de algo, quando estamos dilacerados por alguma tristeza profunda, ou quando todo o nosso poder intelectual se acha absorvido por algum problema, o sonho nada mais faz do que entrar em sintonia com nosso estado de espírito e representar a realidade em símbolos.” I. H. Fichte (1864, 1, 541), no mesmo sentido, fala efetivamente em “sonhos complementares” e os descreve como um dos benefícios secretos da natureza autocurativa do espírito. Strümpell (1877, 16) escreve um sentido semelhante em seu estudo sobre a natureza e origem dos sonhos — uma obra ampla e merecidamente tida em alta estima: “O homem que sonha fica afastado do mundo da consciência de vigília.” E também (ibid., 17): “Nos sonhos, nossa recordação do conteúdo ordenado da consciência de vigília e de seu comportamento normal vale tanto como se estivesse inteiramente perdido.” E de novo (ibid., 19) escreve que “a mente é isolada, nos sonhos, quase sem memória, do conteúdo e assuntos comuns da vida de vigília”.

A grande maioria dos autores, contudo, assume um ponto de vista contrário quanto à relação entre os sonhos e a vida de vigília. Assim, diz Haffner (1887, 245): “Em primeiro lugar, os sonhos dão prosseguimento à vida de vigília. Nossos sonhos se associam regularmente às representações que estiveram em nossa consciência pouco antes. A observação acurada quase sempre encontra um fio que liga o sonho às experiências da véspera.” Weygandt (1893, 6) contradiz especificamente o enunciado de Burdach que acabo de citar: “Pois muitas vezes, e aparentemente na maioria dos sonhos, pode-se observar que

eles de fato nos levam de volta à vida comum, em vez de libertar-nos dela.” Maury (1878, 51) apresenta uma fórmula concisa: “Nous rêvons de ce que nous avons vu, dit, désiré ou fait”; enquanto Jessen, em seu livro sobre psicologia (1855, 530), observa mais extensamente: “O conteúdo de um sonho é, invariavelmente, mais ou menos determinado pela personalidade individual daquele que sonha, por sua idade, sexo, classe, padrão de educação e estilo de vida habitual, e pelos fatos e experiências de toda a sua vida pregressa.”

A atitude menos comprometedora sobre esta questão é adotada por J. G. E. Maass, o filósofo (1805, [1, 168 e 173]), citado por Winterstein (1912): “A experiência confirma nossa visão de que sonhamos com maior freqüência com as coisas em que se centralizam nossas mais vivas paixões. E isso mostra que nossas paixões devem ter influência na formação de nossos sonhos. O homem ambicioso sonha com os lauréis que conquistou (ou imagina ter conquistado) ou com aqueles que ainda tem de conquistar: já o apaixonado se ocupa, em seus sonhos, com o objeto de suas doces esperanças... Todos os desejos e aversões sensuais adormecidos no coração podem, se algo os puser em movimento, fazer com que o sonho brote das representações que estão associadas com eles, ou fazer com que essas representações intervenham num sonho já presente.”

A mesma concepção foi adotada na Antigüidade quanto à dependência do conteúdo dos sonhos em relação à vida de vigília. Radestock (1879, 134) relata-nos como, antes de iniciar sua expedição contra a Grécia, Xerxes recebeu judiciosos conselhos de natureza desencorajadora, mas foi sempre impelido por seus sonhos a prosseguir, ao que Artabanus, o velho e sensato intérprete persa dos sonhos, observou-lhe pertinentemente que, via de regra, os quadros oníricos contêm aquilo que o homem em estado de vigília já pensa.

O poema didático de Lucrécio, *De rerum natura*, encerra o seguinte trecho (IV, 962):

Et quo quisque fere studio devinctus adhaeret aut quibus in rebus multum sumus ante moratque in ea ratione fuit contenta magis mens, in somnis eadem plerumque videmur obire; causicidici causas agere et componere leges, induperatores pugnare ac proelia obire...

Cícero (*De divinatione*, II, lxvii, 140) escreve exatamente no mesmo sentido que Maury tantos anos depois: “Maximeque reliquiae rerum earum moventur in animis et agitantur de quibus vigilantes aut cogitavimus aut egimus.”

A contradição entre esses dois pontos de vista sobre a relação entre vida onírica e vida de vigília parece de fato insolúvel. É portanto relevante, nesta altura, lembrar o exame

do assunto por Hildebrandt (1875, 8 e segs.), que acredita ser completamente impossível descrever as características dos sonhos, salvo por meio de “uma série de [três] contrastes que parecem acentuar-se em contradições”. “O primeiro desses contrastes”, escreve ele, “é proporcionado, por um lado, pela completude com que os sonhos são isolados e separados da vida real e atual, e, por outro, por sua constante interpretação e por sua constante dependência mútua. O sonho é algo completamente isolado da realidade experimentada na vida de vigília, algo, como se poderia dizer, como uma existência hermeticamente fechada e toda própria, e separada da vida real por um abismo intransponível. Ele nos liberta da realidade, extingue nossa lembrança normal dela, e nos situa em outro mundo e numa história de vida inteiramente diversa, que, em essência, nada tem a ver com a nossa história real...” Hildebrandt prossegue demonstrando como, ao adormecermos, todo o nosso ser, com todas as suas formas de existência, “desaparece, por assim dizer, por um alçapão invisível”. Então, talvez o sonhador empreenda uma viagem marítima até Santa Helena para oferecer a Napoleão, que ali se encontra prisioneiro, uma barganha primorosa em vinhos da Mosela. É recebido com extrema afabilidade pelo ex-imperador e chega quase a lamentar-se quando acorda e sua curiosa ilusão é destruída. Mas, comparemos a situação do sonho, prossegue Hildebrandt, com a realidade. O sonhador nunca foi negociante de vinhos, nem jamais desejou sê-lo. Nunca fez uma viagem marítima e, se o fizesse, Santa Helena seria o último lugar do mundo que escolheria para visitar. Não nutre quaisquer sentimentos de simpatia para com Napoleão, mas, ao contrário, um violento ódio patriótico. E, além disso tudo, nem sequer era nascido quando Napoleão morreu na ilha, de modo que ter quaisquer relações pessoais com ele estaria além dos limites da possibilidade. Assim, a experiência onírica parece algo estranho, inserido entre duas partes da vida perfeitamente contínuas e compatíveis entre si.

“E contudo”, continua Hildebrandt [ibid., 10], “o que parece ser o contrário disso é igualmente verdadeiro e correto. Apesar de tudo, o mais íntimo dos relacionamentos caminha de mãos dadas, creio eu, com o isolamento e a separação. Podemos mesmo chegar a dizer que o que quer que os sonhos ofereçam, seu material é retirado da realidade e da vida intelectual que gira em torno dessa realidade... Quaisquer que sejam os estranhos resultados que atinjam, eles nunca podem de fato libertar-se do mundo real; e tanto suas estruturas mais sublimes como também as mais ridículas devem sempre tomar de empréstimo seu material básico, seja do que ocorreu perante nossos olhos no mundo dos

sentidos, seja do que já encontrou lugar em algum ponto do curso de nossos pensamentos de vigília — em outras palavras, do que já experimentamos, externa ou internamente.

(B) O MATERIAL DOS SONHOS — A MEMÓRIA NOS SONHOS

Todo o material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho — ao menos isso podemos considerar como fato indiscutível. Mas seria um erro supor que uma ligação dessa natureza entre o conteúdo de um sonho e a realidade esteja destinada a vir à luz facilmente, como resultado imediato da comparação entre ambos. A ligação exige, pelo contrário, ser diligentemente procurada, e em inúmeros casos pode permanecer oculta por muito tempo. A razão disso está em diversas peculiaridades exibidas pela faculdade da memória nos sonhos, e que, embora geralmente observadas, até hoje têm resistido à explicação. Vale a pena examinar essas características mais de perto.

É possível que surja, no conteúdo de um sonho, um material que, no estado de vigília, não reconhecamos como parte de nosso conhecimento ou nossa experiência. Lembramo-nos, naturalmente, de ter sonhado com a coisa em questão, mas não conseguimos lembrar se ou quando a experimentamos na vida real. Ficamos assim em dúvida quanto à fonte a que recorreu o sonho e sentimo-nos tentados a crer que os sonhos possuem uma capacidade de produção independente. Então, finalmente, muitas vezes após um longo intervalo, alguma nova experiência relembra a recordação perdida do outro acontecimento e, ao mesmo tempo, revela a fonte de sonho. Somos assim levados a admitir que, no sonho, sabíamos e nos recordávamos de algo que estava além do alcance de nossa memória de vigília.

Um exemplo particularmente impressionante disso é fornecido por Delboeuf [1885, [1]], extraído de sua própria experiência. Viu ele num sonho o quintal de sua casa, coberto de neve, e sob ela encontrou dois pequenos lagartos semicongelados e enterrados. Sendo muito afeiçoado aos animais, apanhou-os, aqueceu-os e os levou de volta para o pequeno buraco que ocupavam na alvenaria. Deu-lhes ainda algumas folhas de uma pequena samambaia que crescia no muro, as quais, como sabia, eles muito apreciavam. No sonho, ele conhecia o nome da planta: *Asplenium ruta muralis*. O sonho prosseguiu e, após uma

digressão, voltou aos lagartos. Deboeuf viu então, para sua surpresa, dois outros lagartos que se ocupavam dos restos da samambaia. Depois, olhou ao redor e viu um quinto e a seguir um sexto lagarto, que se dirijam para o buraco no muro, até que toda a estrada fervilhava com uma procissão de lagartos, todos se movimentando na mesma direção... e assim por diante.

Quando desperto, Delboeuf sabia os nomes em latim de pouquíssimas plantas, e *Asplenium* não estava entre eles. Para sua grande surpresa, pôde confirmar o fato de que realmente existe uma samambaia com esse nome. Sua denominação correta é *Asplenium ruta muraria*, que fora ligeiramente deturpada no sonho. Isso dificilmente poderia ser uma coincidência; e, para Delboeuf, continuou a ser um mistério o modo como viera a conhecer o nome “*Asplenium*” no sonho.

O sonho ocorreu em 1862. Dezesseis anos depois, quando o filósofo visitava um de seus amigos, viu um pequeno álbum de flores prensadas, do tipo dos que são vendidos aos estrangeiros como lembrança em algumas partes da Suíça. Começou então a recordar-se de algo — abriu o herbário, encontrou a *Asplenium* de seu sonho e viu o nome em latim, escrito por seu próprio punho, abaixo da flor. Os fatos podiam agora ser verificados. Em 1860 (dois anos antes do sonhos com os lagartos), uma irmã desse mesmo amigo, em viagem de lua-de-mel, fizera uma visita a Delboeuf. Trazia consigo o álbum, que seria um presente dela ao irmão, e Delboeuf deu-se ao trabalho de escrever sob cada planta seca o nome em latim, ditado por um botânico.

Um feliz acaso, que tornou esse exemplo tão digno de ser recordado, permitiu a Delboeuf reconstruir mais uma parte do conteúdo do sonho até sua fonte esquecida. Um belo dia, em 1877, aconteceu-lhe pegar um velho volume de um periódico ilustrado, e nele encontrar uma fotografia de toda a procissão de lagartos com que sonhara em 1862. O volume trazia a data de 1861, e Delboeuf se lembrava de ter sido assinante da publicação desde seu primeiro número.

O fato de os sonhos terem sob seu comando lembranças que são inacessíveis na vida de vigília é tão notável, e de tal importância teórica, que eu gostaria de chamar ainda mais atenção para ele, relatando mais alguns sonhos “hipermnésicos”. Maury [1878, 142] conta-nos como, por algum tempo, a palavra “Mussidan” surgia e ressurgia em sua mente durante o dia. Nada sabia a respeito dela, a não ser que era o nome de uma pequena cidade da França. Certa noite, sonhou que conversava com alguém que lhe dizia tervindo de

Mussidan, e que, ao lhe perguntarem onde ficava isso, respondia ser uma pequena cidade do Departamento de Dordogne. Ao acordar, Maury não nutria nenhuma crença na informação que lhe fora transmitida no sonho; soube por um jornaleiro, contudo, que era perfeitamente correta. Nesse caso, a realidade do conhecimento superior do sonho foi confirmada, mas não se descobriu a fonte esquecida desse conhecimento.

Jessen (1855, 551) relata um fato muito semelhante num sonho datado de época mais remota: “A essa classe pertence, entre outros, um sonho do velho Scaliger (citado por Hennings, 1874, 300), que escreveu um poema em louvor dos famosos homens de Verona. Um homem chamado Brugnolus apareceu-lhe num sonho e se queixou de ter sido desprezado. Embora Scaliger não conseguisse lembrar-se de jamais ter ouvido falar dele, escreveu alguns versos a seu respeito. Seu filho soube posteriormente, em Verona, que alguém chamado Brugnolus de fato fora ali famoso como crítico.”

O Marquês d’Hervey de St. Denys [1867, 305], citado por Vaschide (1911, 23 e seg.), descreve um sonho hipermnésico que possui uma peculiaridade especial, pois foi seguido de outro que completou o reconhecimento do que, a princípio, foi lembrança não identificada: “Certa feita, sonhei com uma jovem de cabelos dourados, a quem vi conversando com minha irmã enquanto lhe mostrava um bordado. Ela me pareceu muito familiar no sonho e pensei já tê-la visto muitas vezes. Depois que acordei, ainda tinha seu rosto muito nitidamente diante de mim, mas era totalmente incapaz de reconhecê-lo. Voltei a dormir e o quadro onírico se repetiu... Mas, nesse segundo sonho, falei com a dama de cabelos louros e perguntei-lhe se já não tivera o prazer de conhecê-la antes, em algum lugar. ‘Naturalmente’, respondeu ela, ‘não se lembra da *plage* em Pornic?’ Despertei imediatamente e pude então recordar-me com clareza de todos os pormenores associados com a atraente visão do sonho.”

O mesmo autor [ibid., 306] (também citado por Vaschide, ibid., 233-4) conta como o músico seu conhecido ouviu num sonho, certa vez, uma melodia que lhe pareceu inteiramente nova. Só muitos anos depois foi que ele encontrou a mesma melodia numa velha coleção de peças musicais, embora ainda assim não pudesse recordar-se de tê-la examinado algum dia.

Sei que Myers [1892] publicou toda uma coletânea de sonhos hipermnésicos dessa natureza nas Atas da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, mas, infelizmente, não tenho acesso a elas. Ninguém que se ocupe de sonhos pode, creio eu, deixar de descobrir que é fato muito comum um sonho dar mostras de conhecimentos e lembranças que o sujeito, em

estado de vigília, não está ciente de possuir. Em meu trabalho psicanalítico com pacientes nervosos, do qual falarei mais adiante, tenho condições, várias vezes por semana, de provar aos pacientes, com base em seus sonhos, que eles de fato estão bem familiarizados com citações, palavras obscenas etc., e que as utilizam em seus sonhos, embora tenham-nas esquecido em sua vida de vigília. Acrescentei mais um caso inocente de hipermnésia num sonho, em vista de grande facilidade com que foi possível descobrir a fonte do conhecimento acessível apenas no sonho.

Um de meus pacientes, no decurso de um sonho bastante prolongado, sonhou que pedira um “*Kontuszówka*” quando se encontrava num café. Depois de me dizer isso, perguntou-me o que era um “*Kontuszówka*”, pois nunca ouvira esse nome. Pude responder-lhe que se tratava de um licor polonês e que ele não poderia ter inventado esse nome, que há muito me era familiar pelos anúncios afixados nos tapumes. De início, ele não me quis dar crédito, mas, alguns dias depois, após concretizar seu sonho num café, notou o nome num tapume na esquina de uma rua pela qual devia ter passado pelo menos duas vezes ao dia durante vários meses.

Eu mesmo tenho observado, em relação a meu próprio sonho, o quanto é uma questão de acaso descobrir-se ou não a fonte dos elementos específicos de um sonho. Assim é que, durante anos, antes de concluir este livro, fui perseguido pela imagem de uma torre de igreja de desenho muito simples, que eu não lembrava ter visto jamais. E então, de súbito, reconheci-a com absoluta certeza numa pequena estação da linha férrea entre Salzburgo e Reichenhall. Isso ocorreu na segunda metade da década de 1890, e eu viajara naquela linha pela primeira vez em 1896. Em anos a freqüente repetição, em meus sonhos, da imagem de determinado lugar de aparência inusitada tornou-se para mim um verdadeiro incômodo. Numa relação especial específica comigo, à minha esquerda, eu via um espaço escuro onde reluziam diversas figuras grotescas de arenito. Uma vaga lembrança à qual eu não queria dar crédito dizia-me tratar-se da entrada de uma cervejaria. Mas não consegui descobrir nem o significado do quadro onírico nem sua origem. Em 1907, ocorreu-me estar em Pádua, que, lamentavelmente, eu não pudera visitar desde 1895. Minha primeira visita àquela encantadora cidade universitária fora uma decepção, pois eu não pudera ver os afrescos de Giotto na Madonna dell’Arena. Voltara a meio caminho da rua que leva até lá ao ser informado de que a capela estava fechada naquele dia. Em minha segunda visita, doze anos depois, resolvi compensar isso, e a primeira coisa que fiz foi encaminhar-me para a

capela da Arena. Na rua que conduz a ela, à minha esquerda e, com toda probabilidade, no ponto do qual retornara em 1895, deparei com o lugar que tantas vezes vira em meus sonhos, com as figuras de arenito que faziam parte dele. Era, de fato, o acesso ao jardim de um restaurante.

Uma das fontes de onde os sonhos retiram material para reprodução — material que, em parte, não é nem recordado nem utilizado nas atividades do pensamento de vigília — é a experiência da infância. Citarei apenas alguns dos autores que observaram e ressaltaram esse fato.

Hildebrandt (1875, 23): “Já admiti expressamente que os sonhos às vezes trazem de volta a nossas mentes, com um maravilhoso poder de reprodução, fatos muito remotos e até mesmo esquecidos de nossos primeiros anos de vida.”

Strümpell (1877, 40): “A posição é ainda mais notável quando observamos como os sonhos por vezes trazem à luz, por assim dizer, das mais profundas pilhas de destroços sob as quais as primeiras experiências da meninice são soterradas em épocas posteriores, imagens de localidades, coisas ou pessoas específicas, inteiramente intactas e com todo o seu viço original. Isso não se limita às experiências que criaram uma viva impressão quando ocorreram, ou que desfrutam de alto grau de importância psíquica e retornaram depois, num sonho, como autênticas lembranças com as quais a consciência de vigília se regozija. Ao contrário, as profundezas da memória, nos sonhos, também incluem imagens de pessoas, coisas, localidades e fatos que datam dos mais remotos tempos, que nunca tiveram nenhuma importância psíquica ou mais que um pálido grau de nitidez ou que há muito perderam o que teriam possuído de uma coisa ou de outra, e que, por conseguinte, parecem inteiramente estranhos e desconhecidos tanto para a mente que sonha quanto para a mente em estado de vigília, até que sua origem mais remota tenha sido descoberta.”

Volkelt (1875, 119): “É especialmente notável a facilidade com que as recordações da infância e da juventude ganham acesso aos sonhos. Os sonhos continuamente nos relembram coisas em que deixamos de pensar e que há muito deixaram de ser importantes para nós.”

Como os sonhos têm a seu dispor material oriundo da infância, e dado que, como todos sabemos, esse material se acha obliterado, em sua maior parte, por lacunas em nossa faculdade consciente da memória, essas circunstâncias dão margem a curiosos sonhos hipermnésicos, dos quais, mais uma vez, darei alguns exemplos.

Maury (1878, 92) relata como, quando criança, costumava ir freqüentemente de Meaux, que era seu torrão natal, à aldeia vizinha de Trilport, onde o pai supervisionava a construção de uma ponte. Certa noite, num sonho, ele se viu em Trilport e, mais uma vez, brincava na rua da aldeia. Um homem, envergando uma espécie de uniforme, dirigiu-se a ele. Maury perguntou-lhe como se chamava e ele respondeu que seu nome era C., e que era vigia da ponte. Maury despertou com um sentimento de ceticismo quanto à exatidão da lembrança, e perguntou a uma velha empregada, que estivera com ele desde sua infância, se ela conseguia recordar-se de um homem com aquele nome. Mas é claro”, foi a resposta, “ele era o vigia da ponte quando seu pai a estava construindo.”

Maury (ibid., 143-4) fornece outro exemplo igualmente bem corroborado da exatidão de uma lembrança da infância, surgida num sonho. O sonho ocorreu a um certo *Monsieur F.*, que, quando criança, vivera em Montbrison. Vinte e cinco anos depois de partir dali, resolveu rever a cidade natal e alguns amigos da família que não encontrara desde então. Na noite que precedeu sua partida, sonhou que já estava em Montbrison e que, perto da cidade, encontrava um cavaleiro a quem não conhecia de vista, mas que lhe dizia ser *Monsieur T.*, um amigo de seu pai. No sonho, *Monsieur F.* estava ciente de que, quando criança, conhecera alguém com aquele nome, mas, em seu estado de vigília, não se lembrava mais da aparência dele. Passados alguns dias, chegou realmente a Montbrison, achou o local que no sonho lhe parecera desconhecido, e ali encontrou um cavaleiro que reconheceu imediatamente como o *Monsieur T.* do sonho. A pessoa real, contudo, aparentava ser muito mais velha do que parecera no sonho.

Nesse ponto, posso mencionar um sonho que eu mesmo tive, no qual o que tinha de ser reconstruído não era uma impressão, mas uma ligação. Sonhei com alguém que, no sonho, eu sabia ser o médico de minha cidade natal. Seu rosto era indistinto, mas se confundia com a imagem de um dos professores da minha escola secundária, com quem ainda me encontro ocasionalmente. Quando acordei, não conseguia descobrir que ligação haveria entre esses dois homens. Entretanto, fiz a minha mãe algumas perguntas sobre esse médico que remontava aos primeiros anos de minha infância, e soube que ele tinha apenas um olho. O professor cuja fisionomia se sobrepusera à do médico no sonho também só tinha uma vista. Fazia trinta e oito anos que eu vira o médico pela última vez e, ao que eu sabia, nunca pensara nele em minha vida de vigília, embora uma cicatriz em meu queixo pudesse ter-me feito recordar suas atenções para comigo.

Diversos autores, por outro lado, asseveram que na maioria dos sonhos se encontram elementos derivados dos últimos dias antes de sua ocorrência; e isso parece ser uma tentativa de contrabalançar a excessiva ênfase dada ao papel desempenhado na vida onírica pelas experiências da infância. Assim, Robert (1886, 46) realmente declara que os sonhos normais, de modo geral, dizem respeito apenas às impressões dos últimos dias. Verificaremos, porém, que a teoria dos sonhos elaborada por Robert torna-lhe essencial destacar as impressões mais recentes, deixando fora de alcance as mais antigas. Não obstante, o fato que ele afirma permanece correto, como posso confirmar por minhas próprias pesquisas. Um autor norte-americano, Nelson [1888, 380 e seg.], é de opinião que as impressões mais freqüentemente empregadas num sonho decorrem do penúltimo ou do antepenúltimo dia antes que o sonho ocorra — como se as impressões do dia *imediatamente* anterior ao sonho não fossem suficientemente atenuadas ou remotas.

Vários autores, preocupados em não lançar dúvidas sobre a íntima relação entre o conteúdo dos sonhos e a vida de vigília, têm-se surpreendido com o fato de as impressões com que os pensamentos de vigília se acham intensamente ocupados só aparecerem nos sonhos depois de terem sido um tanto postas de lado pelas atividades do pensamento diurno. Assim, após a morte de um ente querido, as pessoas em geral não sonham com ele logo de início, enquanto se acham dominadas pela dor (Delage, 1891, [40]). Por outro lado, uma das mais recentes observadoras, a Srta. Hallam (Hallam e Weed, 1896, 410-11), coligiu exemplos em contrário, assim afirmando o direito de cada um de nós ao individualismo psicológico nesse aspecto.

A terceira, mais surpreendente e menos compreensível característica da memória nos sonhos é demonstrada na *escolha* do material reproduzido. Pois o que se considera digno de ser lembrado não é, como na vida de vigília, apenas o que é mais importante, mas, pelo contrário, também o que é mais irrelevante e insignificante. No tocante a este ponto, citarei os autores que deram expressão mais vigorosa à sua estupefação.

Hildebrandt (1875, 11): “Pois o fato notável é que os sonhos extraem seus elementos não dos fatos principais e excitantes, nem dos interesses poderosos e imperiosos do dia anterior, mas dos detalhes casuais, dos fragmentos sem valor, poder-se-ia dizer, do que se vivenciou recentemente, ou do passado mais remoto. Uma morte na família, que nos tenha comovido profundamente e sob cuja sombra imediata tenhamos adormecido tarde da noite, é apagada de nossa memória até que, com nosso primeiro momento de vigília, retorna

a ela novamente com perturbadora violência. Por outro lado, uma verruga na testa de um estranho que vimos na rua, e em quem não pensamos mais depois de passar por ele, *tem* um papel a desempenhar em nosso sonho...”

Strümpell (1877, 39): “Há casos em que a análise de um sonho demonstra que alguns de seus componentes, na realidade, provêm de experiências do dia precedente ou do dia anterior a este, mas de experiências tão sem importância e tão triviais, do ponto de vista da consciência de vigília, que foram esquecidas logo após sua ocorrência. As experiências dessa natureza incluem, por exemplo, observações acidentalmente entreouvidas, ações desatentamente observadas de outra pessoa, vislumbres passageiros de pessoas ou coisas, ou fragmentos isolados do que se leu, e assim por diante.”

Havelock Ellis (1899, 77); “As emoções profundas da vida de vigília, as questões e os problemas pelos quais difundimos nossa principal energia mental voluntária, não são os que se costumam apresentar de imediato à consciência onírica. No que diz respeito ao passado imediato, são basicamente as impressões corriqueiras, casuais e ‘esquecidas’ da vida cotidiana que reaparecem em nossos sonhos. As atividades psíquicas mais intensamente despertadas são as que dormem mais profundamente.”

Binz (1878, 44-5) efetivamente faz dessa peculiaridade específica da memória nos sonhos uma oportunidade para expressar sua satisfação com as explicações dos sonhos que ele próprio sustentou: “E os sonhos naturais levantam problemas semelhantes. Por que nem sempre sonhamos com as impressões mnêmicas do dia que acabamos de viver? Por que, muitas vezes, sem nenhum motivo aparente, mergulhamos, em vez disso, no passado remoto e quase extinto? Por que a consciência, nos sonhos, recebe com tanta freqüência a impressão de imagens mnêmicas *indiferentes*, enquanto as células cerebrais, justamente onde trazem as marcas mais sensíveis do que se experimentou, permanecem, em sua maioria, silenciosas e inertes, a menos que tenham sido incitadas a uma nova atividade pouco antes, durante a vida de vigília?”

É fácil perceber como a notável preferência demonstrada pela memória, nos sonhos, por elementos indiferentes, e conseqüentemente despercebidos da experiência de vigília está fadada a levar as pessoas a desprezarem, de modo geral, a dependência que os sonhos têm da vida de vigília, e pelo menos a dificultar, em qualquer caso específico, a comprovação dessa dependência. Assim, a Srta. Whiton Calkis (1893, 315), em seu estudo estatístico de seus próprios sonhos e dos de seu colaborador, verificou que em onze por

cento do total não havia nenhuma conexão visível com a vida de vigília. Hildebrandt (1875, [12 e seg.]) está indubitavelmente certo ao afirmar que seríamos capazes de explicar a gênese de todas as imagens oníricas se dedicássemos tempo e empenho suficientes à investigação de sua origem. Ele se refere a isso como “uma tarefa extremamente trabalhosa e ingrata. Pois, em geral, termina por desenterrar dos mais remotos pontos dos compartimentos da memória toda sorte de fatos psíquicos totalmente sem valor e por arrastar à luz, mais uma vez, do esquecimento em que fora mergulhado talvez na primeira hora após sua ocorrência, toda sorte de momento completamente irrelevante do passado.” Só posso lamentar que esse autor de aguda visão se tenha deixado impedir de seguir a trilha que teve esse começo inauspicioso; se a tivesse seguido, ela o teria levado ao próprio cerne da explicação dos sonhos.

O modo como a memória se comporta nos sonhos é, sem sombra de dúvida, da maior importância para qualquer teoria da memória em geral. Ele nos ensina que “nada que tenhamos possuído mentalmente uma vez pode se perder inteiramente” (Scholz, 1893, 59); ou, como o exprime Delboeuf [1885, 115], “que toute impression, même la plus insignifiante, laisse une trace inaltérable, indéfiniment susceptible de reparaître au jour”. Essa é uma conclusão a que também somos levados por muitos fenômenos patológicos da vida mental. Certas teorias sobre os sonhos, que mencionaremos adiante, procuram explicar seu absurdo e incoerência por meio de um esquecimento parcial do que sabemos durante o dia. Quando tivermos em mente a extraordinária eficiência que acabamos de ver exibida pela memória nos sonhos, teremos um sentimento vivo da contradição que essas teorias envolvem.

Talvez nos ocorra que o fenômeno do sonhar possa ser inteiramente reduzido ao da memória: os sonhos, poder-se-ia supor, são a manifestação de uma atividade reprodutiva que é exercida mesmo durante a noite e que constitui um fim em si mesma. Isso se coadunaria com afirmações como as que foram formuladas por Pilcz (1899), segundo as quais existe uma relação fixa observável entre o momento em que um sonho ocorre e seu conteúdo, sendo as impressões do passado mais remoto reproduzidas nos sonhos durante o sono profundo, enquanto as impressões mais recentes surgem ao amanhecer. Mas tais pontos de vista são intrinsecamente improváveis, em vista da maneira como os sonhos lidam com o material a ser lembrado. Strümpell [1877, 18] frisa, com razão, que os sonhos não reproduzem experiências. Eles dão um passo à frente, mas o próximo passo da sequência é omitido, ou aparece de forma alterada, ou é substituído por algo inteiramente estranho. Os

sonhos não produzem mais do que *fragmentos* de reproduções; e isso constitui uma regra tão geral que nela é possível basear conclusões teóricas. É verdade que existem casos excepcionais em que um sonho repete uma experiência tão completamente quanto está ao alcance de nossa memória de vigília. Delboeuf [1885, 239 e seg.] conta-nos como um de seus colegas da universidade teve um sonho que reproduzia, em todos os detalhes, um perigoso acidente de carruagem que ele sofrera, do qual escapou quase por milagre. A Srta. Calkins (1893) menciona dois sonhos cujo conteúdo foi uma reprodução exata de um acontecimento do dia anterior, e eu mesmo terei oportunidade, mais adiante, de relatar um exemplo por mim observado de uma experiência infantil que reapareceu num sonho sem qualquer modificação. [Ver em [1] [2] e [3].]

(C) OS ESTÍMULOS E AS FONTES DOS SONHOS

Há um ditado popular que diz que “os sonhos decorrem da indigestão”, e isso nos ajuda a entender o que se pretende dizer com estímulos e fontes dos sonhos. Por trás desses conceitos há uma teoria segundo a qual os sonhos são o resultado de uma perturbação do sono: não teríamos um sonho a menos que algo de perturbador acontecesse durante nosso sono, e o sonho seria uma reação a essa perturbação.

Os debates sobre as causas estimuladoras dos sonhos ocupam um espaço muito amplo na literatura sobre o assunto. Obviamente, esse problema só poderia surgir depois de os sonhos se terem tornado alvo de pesquisas biológicas. Os antigos, que acreditavam que os sonhos eram inspirados pelos deuses, não precisavam ir em busca de seu estímulo: os sonhos emanavam da vontade de poderes divinos ou demoníacos, e seu conteúdo provinha do conhecimento ou do objetivo desses poderes. A ciência foi imediatamente confrontada com a questão de determinar se o estímulo ao sonho era sempre o mesmo ou se haveria muitos desses estímulos; e isso envolvia a questão de a explicação das causas dos sonhos se enquadrar no domínio da psicologia ou, antes, no da fisiologia. A maioria das autoridades parece concordar na suposição de que as causas que perturbam o sono — isto é, as fontes dos sonhos — podem ser de muitas espécies, e que tanto os estímulos somáticos quanto as excitações mentais podem vir a atuar como instigadores dos sonhos. As opiniões diferem

amplamente, contudo, na preferência demonstrada por uma ou outra fonte dos sonhos e na ordem de importância atribuída a elas como fatores na produção dos sonhos.

Qualquer enumeração completa das fontes dos sonhos leva ao reconhecimento de quatro tipos de fonte, e estes também têm sido utilizados para a classificação dos próprios sonhos. São eles: (1) excitação sensoriais externas (objetivas); (2) excitações sensoriais internas (subjetivas); (3) estímulos somáticos internos (orgânicos); e (4) fontes de estimulação puramente psíquicas.

(C) 1. ESTÍMULOS SENSORIAIS EXTERNOS

O jovem Strümpell [1883-4; trad. ingl. (1912, 2, 160), filho do filósofo cujo livro sobre os sonhos já nos deu várias idéias acerca dos problemas oníricos, publicou um célebre relato de suas observações sobre um de seus pacientes, que sofria de anestesia geral da superfície do corpo e paralisia de vários de seus órgãos sensoriais superiores. Quando se fechava o pequeno número de canais sensoriais desse homem que permaneciam abertos ao mundo exterior, ele adormecia. Ora, quando nós mesmos desejamos dormir, temos o hábito de tentar produzir uma situação semelhante à da experiência de Strümpell. Fechamos nossos canais sensoriais mais importantes, os olhos, e tentamos proteger os outros sentidos de todos os estímulos ou de qualquer modificação dos estímulos que atuam sobre eles. Então adormecemos, muito embora nosso plano jamais se concretize inteiramente. Não podemos manter os estímulos completamente afastados de nossos órgãos sensoriais, nem podemos suspender inteiramente a excitabilidade de nossos órgãos dos sentidos. O fato de um estímulo razoavelmente poderoso nos despertar a qualquer momento é prova de que, “Mesmo no sono, a alma está em constante contato com o mundo extracorporal”. Os estímulos sensoriais que chegam até nós durante o sono podem muito bem tornar-se fontes de sonhos.

Ora, há inúmeros desses estímulos, que vão desde os inevitáveis, que o próprio estado de sono necessariamente envolve ou precisa tolerar de vez em quando, até os eventuais, que despertam estímulos que podem pôr, ou de fato põem, termo ao sono. Uma luz forte pode incidir sobre os olhos, ou um ruído pode se fazer ouvir, ou alguma substância de odor pronunciado poderá estimular a membrana mucosa do nariz. Por movimentos involuntários durante o sono, podemos descobrir alguma parte do corpo e expô-lo a

sensações de frio, ou, mediante uma mudança de posição, podemos provocar sensações de pressão ou contato. É possível que sejamos picados por um mosquito, ou algum pequeno incidente durante a noite talvez afete vários dos nossos sentidos ao mesmo tempo. Alguns observadores atentos coligiram toda uma série de sonhos em que houve uma correspondência tão grande entre um estímulo constatado ao despertar e uma parte do conteúdo do sonho que foi possível identificar o estímulo como a fonte do sonho.

Citarei, de autoria de Jessen (1855, 527 e seg.), uma série desses sonhos, que podem ser ligados a uma estimulação sensorial objetiva e mais ou menos accidental.

“Todo ruído indistintamente percebido provoca imagens oníricas correspondentes. Uma trovada nos situa em meio a uma batalha; o cantar de um galo pode transmutar-se no grito de terror de um homem; o ranger de uma porta pode produzir um sonho com ladrões. Se os lençóis da cama caírem durante a noite, talvez sonhemos que estamos andando nus de um lado para outro, ou então caindo n’água. Se estivermos atravessados na cama e com os pés para fora da beirada, talvez sonhemos que estamos à beira de um tremendo precipício ou caindo de um penhasco. Se a cabeça ficar debaixo do travesseiro, sonharemos estar debaixo de uma pedra enorme, prestes a nos soterrar sob seu peso. Os acúmulos de sêmen provocam sonhos lascivos e as dores locais produzem idéias de estarmos sendo maltratados, atacados ou feridos...”

“Meier (1758, 33) sonhou, certa feita, que era dominado por alguns homens que o estendiam de costas no chão e enfiavam uma estaca na terra entre seu dedão do pé e o dedo ao lado. Enquanto imaginava essa cena no sonho, acordou e verificou que havia um pedaço de palha entre seus dedos. Em outra ocasião, segundo Hennings (1784, 258), quando Meier apertara muito o colarinho da roupa de dormir no pescoço, sonhou que estava sendo enforcado. Hoffbaeur (1796, 146) sonhou, quando jovem, que estava caindo de um muro alto, e ao acordar, viu que a armação da cama desabara e ele realmente caíra no chão... Gregory relata que, certa vez, quando estava com os pés num saco de água quente, sonhou ter subido até o cume do Monte Etna, onde o chão esta insuportavelmente quente. Outro homem, que dormia com um cataplasma quente na cabeça, sonhou que estava sendo escalpelado por um bando de peles-vermelhas, enquanto um terceiro, que usava uma camisa de dormir úmida, imaginou que estava sendo arrastado por uma correnteza. Um ataque de gota repentinamente surgido durante o sono levou um paciente a acreditar que estava nas mãos da Inquisição e sendo torturado no cavalete (Macnisch [1835, 40]).”

O argumento baseado na semelhança entre o estímulo e o conteúdo do sonho se fortalece quando é possível transmitir deliberadamente um estímulo sensorial à pessoa adormecida e nela produzir um sonho correspondente àquele estímulo. De acordo com Macnisch (loc. cit.), citado por Jessen (1855, 529), experimentos dessa natureza já foram feitos por Girou de Buzareingues [1848, 55]. “Ele deixara o joelho descoberto e sonhou que estava viajando de noite numa diligência. A esse respeito, ele observa que os viajantes por certo estão cientes de como os joelhos ficam frios à noite num coche. Noutra ocasião, ele deixou descoberta a parte posterior da cabeça e sonhou que estava participando de uma cerimônia religiosa ao ar livre. Cabe explicar que, no país onde morava, era costume manter sempre a cabeça coberta, exceto em circunstâncias como essas.”

Maury (1878, [154-6]) apresenta algumas novas observações sobre sonhos produzidos nele mesmo. (Diversos outros experimentos foram mal-sucedidos.)

(1) Alguém fez cócegas em seus lábios e na ponta do nariz com uma pena. — Ele sonhou com uma forma medonha de tortura: uma máscara de piche ora colocada em seu rosto e depois puxada, arrancando-lhe a pele.

(2) Alguém afiou uma tesoura num alicate. — Ele ouviu o repicar de sinos, seguido por sinais de alarma, e se viu de volta aos dias de junho de 1848.

(3) Deram-lhe água-de-colônia para cheirar. — Ele se viu no Cairo, na loja de Johann Maria Farina. Seguiram-se algumas aventuras absurdas que ele não soube reproduzir.

(4) Beliscaram-lhe levemente o pescoço. — Ele sonhou que lhe aplicavam um emplastro de mostarda e pensou no médico que o tratara quando criança.

(5) Aproximaram um ferro quente de seu rosto. — Sonhou que os *“chauffeurs”* haviam penetrado na casa e forçavam seus moradores a dar-lhes dinheiro, enfiando-lhes os pés em braseiros. Apareceu então a Duquesa de Abrantes, de quem ele era secretário no sonho.

(8) Pingaram uma gota d’água em sua testa. — Ele estava na Itália, suava violentamente e bebia vinho branco de Orvieto.

(9) Fez-se com que a luz de uma vela brilhasse repetidamente sobre ele através de uma folha de papel vermelho. — Sonhou com o tempo e com o calor, e se viu novamente numa tempestade que enfrentara no Canal da Mancha.

Outras tentativas de produzir sonhos experimentalmente foram relatadas por Hervey de Saint-Denys [1867, 268 e seg. e 376 e seg.], Weygandt (1893) e outros.

Muitos autores teceram comentários sobre “a notável facilidade com que os sonhos conseguem enfrentar uma impressão súbita vinda do mundo dos sentidos em sua própria estrutura, de modo que esta surge sob a aparência de uma catástrofe previamente preparada a que se chegou gradativamente” [(Hildebrandt, 1875, [36])]. “Em minha juventude”, prossegue esse autor, “eu costumava usar um despertador para me levantar regularmente numa determinada hora. Por centenas de vezes deve ter acontecido de o ruído produzido por esse instrumento se enquadrar num sonho aparentemente único e tivesse alcançado seu fim precípua no que era clímax logicamente indispensável.” [Ibid., 37.]

Citarei três desses sonhos despertadores, agora num outro sentido. [Ver em. [1]-[2]]

Volket (1875, 108 e seg.) escreve: “Um compositor, certa feita, sonhou que estava dando uma aula e tentando esclarecer determinado ponto a seus alunos. Quando acabou de fazê-lo, voltou-se para um dos meninos e perguntou-lhe se havia entendido. Este respondeu-lhe aos gritos, como um possesso: ‘*Oh ja!*’ [Oh, sim!]. Ele começou a repreender o menino asperamente por estar gritando, mas toda a classe irrompeu em gritos, primeiro de ‘*Orja!*’, depois de ‘*Eurjo!*’ e finalmente de ‘*Feuerjo!*’ Neste ponto ele foi despertado por gritos reais de ‘*Feurjo!*’ na rua.”

Garnier (1872, [1, 476]) conta como Napoleão I foi despertado pela explosão de uma bomba enquanto dormia em sua carruagem. Sonhou que estava novamente atravessando o Tagliamento sob o bombardeio austríaco, e por fim, sobressaltado, acordou gritando: “Estamos perdidos!”

Um sonho de Maury (1878, 161) tornou-se famoso. Estava doente e de cama em seu quarto, com a mãe sentada a seu lado, e sonhou que estava no Reinado do Terror. Após testemunhar diversas cenas pavorosas de assassinato, foi finalmente levado perante o tribunal revolucionário. Lá viu Robespierre, Marat, Fouquier-Tinville e o resto dos soturnos heróis daqueles dias terríveis. Foi interrogado por eles, e depois de alguns incidentes que não guardou na memória, foi condenado e conduzido ao local de execução, cercado por uma multidão enorme. Subiu ao cadafalso e foi amarrado à prancha pelo carrasco. A guilhotina estava preparada e a lâmina desceu. Ele sentiu a cabeça sendo separada do corpo, acordou em extrema angústia — eviu que a cabeceira da cama caíra e lhe atingira as vértebras cervicais, tal como a lâmina da guilhotina as teria realmente atingido.

Esse sonho constituiu a base de um interessante debate entre Le Lorain (1894) e Egger (1895) na *Revue philosophique*. A questão levantada foi se e como era possível que alguém, ao sonhar, condensasse tal quantidade de material aparentemente superabundante, no curto período transcorrido entre a percepção do estímulo emergente e o despertar.

Os exemplos dessa natureza deixam a impressão de que, de todas as fontes dos sonhos, as mais bem confirmadas são os estímulos sensoriais objetivos durante o sono. Além disso, eles constituem rigorosamente as únicas fontes levadas em conta pelos leigos. Quando se pergunta a um homem culto, que não esteja familiarizado com a literatura dos sonhos, como é que estes surgem, ele responde infalivelmente com uma referência a algum exemplo de seu conhecimento em que um sonho tenha sido explicado por um estímulo sensorial objetivo descoberto após o despertar. A investigação científica, contudo, não pode parar aí. Ela encontra uma oportunidade de formular outras perguntas no fato observado de que o estímulo que incide sobre os sentidos durante o sono não aparece no sonho em sua forma *real*, mas é substituído por outra imagem que, de algum modo, está relacionada com ele. Todavia, a relação que liga o estímulo do sonho ao sonho que dele resulta é, para citarmos as palavras de Maury (1854, 72), “une affinité quelconque, mais qui n’est pas unique et exclusive”. Consideremos, a esse respeito, três dos sonhos de Hildebrandt com despertadores (1875, 37 e seg.). A questão que eles levantam é porque o mesmo estímulo teria provocado três sonhos tão diferentes, e porque teria provocado estes, e não outros.

“Sonhei, então, que, numa manhã de primavera, eu estava passeando e caminhando pelos campos verdejantes, quando cheguei a uma aldeia vizinha, onde vi os aldeões em seus melhores trajes, com livros de hinos debaixo do braço, afluindo para a igreja em bandos. Claro! Era domingo, e o serviço religioso matutino logo estaria começando. Resolvi participar dele, mas primeiro, como estava sentindo calor por causa da caminhada, fui até o cemitério que circundava a igreja para me refrescar. Enquanto lia algumas das inscrições das lápides, ouvi o sineiro subindo para a torre da igreja e, no alto da mesma, vi então o sino do vilarejo, que logo daria o sinal para o começo das preces. Por um bom tempo, lá ficou imóvel, e depois começou a balançar, e de repente, seu repicar passou a soar de maneira nítida e penetrante — tão nítida e penetrante que pôs termo a meu sono. Mas o que estava tocando era meu despertador.”

“Eis aqui outro exemplo. Fazia um dia claro de inverno e as ruas estavam cobertas por uma espessa camada de neve. Eu havia concordado em participar de um grupo para um

passeio de trenó, mas tive de esperar muito tempo antes de chegar a notícia de que o trenó se achava à porta. Seguiram-se então os preparativos para entrar — o tapete de pele foi estendido, ajeitou-se o agasalho para os pés — e finalmente ocupei meu lugar. Mas, ainda assim, o momento da partida foi retardado, até que um puxão nas rédeas deu aos cavalos, que esperavam, o sinal da partida. Eles partiram e, com uma violenta sacudidela, os pequenos guizos do trenó começaram a produzir seu conhecido tilintar — com tal violência, de fato, que num instante se rompeu a fina teia de meu sonho. E, mais uma vez, era apenas o som estridente do despertador.”

“E agora, um terceiro exemplo. Eu olhava para uma copeira que ia levando várias dúzias de pratos empilhados uns sobre os outros, andando pelo corredor que dava para a sala de jantar. A pilha de louça em seus braços me pareceu prestes a perder o equilíbrio. ‘Cuidado’, exclamei, (‘senão você vai deixar cair tudo!’). Seguiu-se, como de praxe, a inevitável resposta: ela estava acostumada àquele tipo de trabalho, e assim por diante. Entrementes, meu olhar ansioso seguia a figura que avançava. E então — justamente como eu esperava — ela tropeçou na soleira da porta e a frágil louça escapuliu e, numa verdadeira sinfonia de ruídos, espatifou-se em mil pedaços no chão. Mas o barulho prosseguiu sem cessar, e logo já não parecia ser estrondoso retinir da louça se quebrando; começou a se transformar no som de uma campainha — e essa campainha, como agora percebia meu eu desperto, era apenas o despertador cumprindo seu dever.”

A questão de por que a mente confunde a natureza dos estímulos sensoriais objetivos nos sonhos recebe quase a mesma resposta de Strümpell (1877, [103]) e de Wundt (1874, 659 e seg.): a mente recebe estímulos que a alcançam durante o sono sob condições favoráveis à formação de ilusões. Uma impressão sensorial é reconhecida por nós e corretamente interpretada — isto é, é situada no grupo de lembranças a que, de acordo com todas as nossas experiências, ela pertence — contanto que a impressão seja suficientemente forte, nítida e duradoura, e contanto que tenhamos tempo suficiente a nosso dispor para considerar o assunto. Se essas condições não forem satisfeitas, confundiremos o objeto que é a fonte da impressão: formaremos uma ilusão sobre ele. “Se alguém fizer uma caminhada pelo campo e tiver uma percepção indefinida de um objeto distante, poderá a princípio pensar que se trata de um cavalo.” Vendo mais de perto, poderá ser levado a interpretá-la como uma vaca deitada, e a imagem poderá finalmente transformar-se em definitivo num grupo de pessoas sentadas no chão. As impressões de estímulos exteriores

recebidas pela mente durante o sono são de natureza similarmente vaga; e com base nisso, a mente cria alusões, visto que um número maior ou menor de imagens mnêmicas é despertado pela impressão, e é através destas que ela adquire seu valor psíquico. De *qual* dos numerosos grupos de lembranças em causa as imagens correlatas serão despertadas, e *qual* das possíveis conexões associativas será por conseguinte posta em ação — também essas questões, segundo a teoria de Strümpell, são indetermináveis e ficam, por assim dizer, abertas à decisão arbitrária da mente.

Nesta altura, defronta-se-nos uma escolha entre duas alternativas. Podemos admitir como um fato que é impossível examinar ainda mais as leis que regem a formação dos sonhos; e podemos, conseqüentemente, deixar de inquirir se haverá ou não outros determinantes que regem a interpretação atribuída por aquele que sonha à ilusão evocada pela impressão sensorial. Ou, por outro lado, podemos suspeitar de que o estímulo sensorial que atinge o sujeito adormecido desempenha apenas um modesto papel na geração de seu sonho, e que outros fatores determinam a escolha das imagens mnêmicas que nele serão despertadas. De fato, se examinarmos os sonhos experimentalmente produzidos de Maury (que relatei com tal riqueza de detalhes exatamente por esse motivo), seremos tentados a dizer que o experimento, de fato, explica a origem de apenas um elemento dos sonhos; o restante de seu conteúdo parece autônomo demais e excessivamente definido em seus detalhes para ser explicável apenas pela necessidade de se ajustar ao elemento experimentalmente introduzido de fora. De fato, começa-se a ter dúvidas sobre a teoria das ilusões e o poder das impressões objetivas de darem forma aos sonhos, quando se verifica que essas impressões, por vezes, estão sujeitas, nos sonhos, às mais peculiares e exageradas interpretações. Assim, Simon (1888) relata-nos um sonho no qual via algumas figuras gigantescas sentadas à mesa, e ouvia distintamente o pavoroso som do estalido produzido pelo fechamento de suas mandíbulas ao mastigarem. Quando despertou, ouviu o barulho dos cascos de um cavalo que passava a galope por sua janela. O ruído feito pelos cascos do cavalo talvez tenha sugerido idéias provenientes de um grupo de lembranças ligadas às *Viagens de Gulliver* — os gigantes de Brobdingnag e o virtuoso Houyhnhnms — se é que posso arriscar uma interpretação sem a ajuda do autor do sonho. Não será provável, portanto, que a escolha de um grupo tão inusitado de lembranças como esse tenha sido facilitada por motivos outros que não apenas o estímulo objetivo?

(C) 2. EXCITAÇÕES SENSORIAIS INTERNAS (SUBJETIVAS)

Apesar de quaisquer objeções em contrário, é forçoso admitir que o papel desempenhado na causação dos sonhos pelas excitações sensoriais objetivas durante o sono permanece indiscutível. E se, por sua natureza e frequência, esses estímulos parecem insuficientes para explicar *todas* as imagens oníricas, somos incentivados a buscar outras fontes de sonhos análogas a eles em seu funcionamento. Não sei dizer quando despontou pela primeira vez a idéia de se levarem em conta as excitações *internas* (subjetivas) dos órgãos dos sentidos, juntamente com os estímulos sensoriais *externos*. É fato, porém, que isso é feito, mais ou menos explicitamente, em todas as discussões mais recentes da etiologia dos sonhos. “Um papel essencial é também desempenhado, creio eu”, escreve Wundt (1874, 657), “na produção das ilusões que ocorrem nos sonhos, pelas sensações visuais e auditivas subjetivas que nos são familiares, no estado de vigília, como as áreas amorfas de luminosidade que se tornam visíveis para nós quando nosso campo visual é obscurecido, como o tinido ou zumbido nos ouvidos, e assim por diante. Especialmente importante entre elas são as excitações subjetivas da retina. É dessa forma que se deve explicar a notável tendência dos sonhos a fazerem surgir diante dos olhos objetos semelhantes ou idênticos, em grande número. Vemos diante de nós inúmeros pássaros, borboletas, peixes, contas coloridas, flores, etc. Aqui, a poeira luminosa no campo obscurecido da visão assume uma forma fantástica, e os numerosos pontos de que ela se compõe são incorporados ao sonho como um número equivalente de imagens separadas; e estas, em vista de sua mobilidade, são consideradas como objetos *móveis*. — Isso também constitui, sem dúvida, a base da grande predileção demonstrada pelos sonhos por toda sorte de figuras de animais, pois a imensavariada de tais formas pode se ajustar facilmente à forma específica assumida pelas imagens luminosas subjetivas.”

Como fontes de imagens oníricas, as excitações sensoriais subjetivas possuem a vantagem óbvia de não dependerem, como as objetivas, de circunstâncias fortuitas externas. Estão à mão, como se poderia dizer, sempre que delas se necessita como explicação. Mas estão em desvantagem, comparadas aos estímulos sensoriais objetivos, no sentido de que seu papel na instigação de um sonho é pouco ou nada acessível à confirmação e a experimentação. A principal prova em favor do poder de instigação de sonhos das excitações sensoriais subjetivas é fornecida pelo que se conhece como “alucinações hipnagógicas”, ou,

para empregar a expressão de Johannes Müller (1826), “fenômenos visuais imaginativos”. Estes consistem em imagens, com frequência muito nítidas e rapidamente mutáveis, que tendem a surgir — de forma bastante habitual em algumas pessoas — durante o período do adormecimento; e também podem persistir por algum tempo depois de os olhos se abrirem. Maury, que era altamente sujeito a elas, procedeu a seu exame exaustivo e sustenta (como fez Müller [ibid., 49 e seg.] antes dele) a ligação e mesmo a identidade delas com as imagens oníricas. Para produzi-las, diz ele (Maury, 1878, 59 e seg.), faz-se necessária uma certa dose de passividade mental, um relaxamento do esforço de atenção. No entanto, basta cair num estado letárgico desse tipo por apenas um segundo (contanto que se tenha a necessária predisposição) para que se experimente uma alucinação hipnagógica. Depois disso, pode-se acordar novamente, e é possível que o processo se repita várias vezes até que afinal se adormeça. Maury verificou que, quando lhe acontecia acordar mais uma vez após um intervalo muito prolongado, ele conseguia detectar em seu sonho as mesmas imagens que lhe haviam flutuado diante dos olhos como alucinações hipnagógicas antes de adormecer. (Ibid., 134 e seg.). Foi o que ocorreu, em certa ocasião, com diversas figuras grotescas, de feições contorcidas e estranhas *coiffures*, que o importunaram com extrema persistência enquanto ele adormecia, e com as quais se lembrou de ter sonhado depois de acordar. De outra feita, quando sentia fome, por ter entrado num regime frugal, teve uma visão hipnagógica de um prato e de uma mão a segurar um garfo, que se servia da comida do prato. No sonho seguinte, estava sentado a uma mesa farta e ouvia o barulho feito com os garfos pelas pessoas que jantavam. Ainda numa outra ocasião, quando foi dormir com os olhos irritados e doloridos, teve uma alucinação hipnagógica com alguns sinais microscopicamente pequenos, que só pôde decifrar um a um, com extrema dificuldade; despertou uma hora depois e se lembrou de um sonho em que havia um livro impresso com tipos muito pequenos, que ele lia com grande esforço.

Alucinações auditivas de palavras, nomes e assim por diante também podem ocorrer hipnagógicamente, da mesma forma que as imagens visuais, e ser então repetidas num sonho — tal como uma *ouverture* anuncia os temas principais que se irão ouvir uma ópera.

Um observador mais recente das alucinações hipnagógicas, G. Trumbull Ladd (1892), seguiu a mesma orientação de Müller e Maury. Depois de praticar um pouco, tornou-se capaz de se acordar repentinamente, sem abrir os olhos, dois a cinco minutos após haver adormecido gradualmente. Assim, teve oportunidade de comparar as sensações retinianas

que acabavam de desaparecer com as imagens oníricas que lhe persistiam na memória. Declara ele que foi possível, em todos os casos, reconhecer uma relação interna entre as duas, pois os pontos e as linhas luminosos da luz idiorretínica proporcionavam, por assim dizer, um contorno ou diagrama das figuras mentalmente percebidas no sonho. Por exemplo, uma disposição dos pontos luminosos da retina em linhas paralelas correspondeu a um sonho em que ele vira, claramente dispostas diante de si, algumas linhas de matéria impressa que estava lendo. Ou, para empregar suas próprias palavras, “a página nitidamente impressa que eu estava lendo no sonho evaneceu-se num objeto que se afigurou, perante minha consciência de vigília, como um trecho de uma página impressa real, vista através de um orifício oval num pedaço de papel, a uma distância grande demais para que se pudesse distinguir mais do que um fragmento ocasional de uma palavra, e, mesmo assim, indistintamente”. Ladd é de opinião (embora não subestime o papel desempenhado nesse fenômeno pelos fatores centrais [cerebrais]) que é difícil ocorrer um único sonho visual sem que haja participação de material fornecido pela excitação retiniana intra-ocular. Isso se aplica especialmente aos sonhos que ocorrem logo depois de alguém adormecer num quarto escuro, ao passo que a fonte de estímulo para os sonhos que ocorrem de manhã, pouco antes do despertar, é a luz objetiva que penetra nos olhos num quarto que se vai clareando. A natureza mutável, e perpetuamente alternante, da excitação da luz idiorretínica corresponde precisamente à sucessão de imagens em constante movimento que nos é mostrada por nossos sonhos. Ninguém que dê importância a essas observações de Ladd há de subestimar o papel desempenhado nos sonhos por essas fontes subjetivas de estimulação, pois, como sabemos, as imagens visuais constituem o principal componente de nossos sonhos. As contribuições dos outros sentidos, salvo o da audição, são intermitentes e de menor importância. lembrou de um sonho em que havia um livro impresso com tipos muito pequenos, que ele lia com grande esforço.

Alucinações auditivas de palavras, nomes e assim por diante também podem ocorrer hipnagógicamente, da mesma forma que as imagens visuais, e ser então repetidas num sonho — tal como uma ouverture anuncia os temas principais que se irão ouvir uma ópera.

Um observador mais recente das alucinações hipnagógicas, G. Trumbull Ladd (1892), seguiu a mesma orientação de Müller e Maury. Depois de praticar um pouco, tornou-se capaz de se acordar repentinamente, sem abrir os olhos, dois a cinco minutos após haver adormecido gradualmente. Assim, teve oportunidade de comparar as sensações retinianas

que acabavam de desaparecer com as imagens oníricas que lhe persistiam na memória. Declara ele que foi possível, em todos os casos, reconhecer uma relação interna entre as duas, pois os pontos e as linhas luminosos da luz idiorretínica proporcionavam, por assim dizer, um contorno ou diagrama das figuras mentalmente percebidas no sonho. Por exemplo, uma disposição dos pontos luminosos da retina em linhas paralelas correspondeu a um sonho em que ele vira, claramente dispostas diante de si, algumas linhas de matéria impressa que estava lendo. Ou, para empregar suas próprias palavras, “a página nitidamente impressa que eu estava lendo no sonho evaneceu-se num objeto que se afigurou, perante minha consciência de vigília, como um trecho de uma página impressa real, vista através de um orifício oval num pedaço de papel, a uma distância grande demais para que se pudesse distinguir mais do que um fragmento ocasional de uma palavra, e, mesmo assim, indistintamente”. Ladd é de opinião (embora não subestime o papel desempenhado nesse fenômeno pelos fatores centrais [cerebrais]) que é difícil ocorrer um único sonho visual sem que haja participação de material fornecido pela excitação retiniana intra-ocular. Isso se aplica especialmente aos sonhos que ocorrem logo depois de alguém adormecer num quarto escuro, ao passo que a fonte de estímulo para os sonhos que ocorrem de manhã, pouco antes do despertar, é a luz objetiva que penetra nos olhos num quarto que se vai clareando. A natureza mutável, e perpetuamente alternante, da excitação da luz idiorretínica corresponde precisamente à sucessão de imagens em constante movimento que nos é mostrada por nossos sonhos. Ninguém que dê importância a essas observações de Ladd há de subestimar o papel desempenhado nos sonhos por essas fontes subjetivas de estimulação, pois, como sabemos, as imagens visuais constituem o principal componente de nossos sonhos. As contribuições dos outros sentidos, salvo o da audição, são intermitentes e de menor importância.

(C) 3. ESTÍMULOS SOMÁTICOS ORGÂNICOS INTERNOS

Visto estarmos agora empenhados em buscar as fontes dos sonhos dentro do organismo, e não fora dele, devemos ter em mente que quase todos os nossos órgãos internos, embora mal nos dêem qualquer informação sobre seu funcionamento enquanto sadios, tornam-se uma fonte de sensações predominantemente penosas quando se acham no que descrevemos como estados de excitação, ou durante as doenças. Essas sensações

devem ser equiparadas aos estímulos sensoriais ou penosos que nos chegam do exterior. A experiência de séculos reflete-se — para citarmos um exemplo — nas observações de Strümpell sobre o assunto (1877, 107): “Durante o sono, a mente atinge uma consciência sensorial muito mais profunda e ampla dos eventos somáticos do que durante o estado de vigília. É obrigada a receber e a ser afetada por impressões de estímulos provenientes de partes do corpo e de modificações do corpo das quais nada sabe enquanto desperta.” Um escritor tão remoto quanto Aristóteles já considerava perfeitamente possível que os primórdios de uma doença se pudessem fazer sentir nos sonhos, antes que se pudesse observar qualquer aspecto dela na vida de vigília, graças ao efeito amplificador produzido nas impressões pelos sonhos. (Ver em [1].) Também os autores médicos, que certamente estavam longe de acreditar no poder profético dos sonhos, não contestaram seu significado como pressagiadores de doenças. (Cf. Simon, 1888, 31, e muitos outros autores mais antigos.)

Alguns exemplos do poder diagnosticador dos sonhos parecem ser invocados em épocas mais recentes. Assim, Tissié (1898, 62 e seg.) cita a história de Artigues (1884, 43) sobre uma mulher de quarenta e três anos de idade que, embora aparentemente em perfeita saúde, foi durante alguns anos atormentada por sonhos de angústia. Passando então por um exame médico, verificou-se que estava no estágio inicial de uma afecção cardíaca, da qual veio finalmente a falecer.

Os distúrbios pronunciados dos órgãos internos agem, obviamente, como instigadores de sonhos em inúmeros casos. A frequência dos sonhos de angústia nas doenças do coração e dos pulmões é geralmente admitida. Realmente, essa faceta da vida onírica é colocada em primeiro plano por tantas autoridades que me contento com uma mera referência à literatura: Radestock [1879, 70], Spitta [1882, 241 e seg.], Maury [1878, 33 e seg.], Simon (1888), Tissié [1898, 60 e segs.]. Tissié chega a ser de opinião que o órgão específico afetado dá um cunho característico ao conteúdo do sonho. Assim, os sonhos dos que sofrem doenças cardíacas costumam ser curtos e têm um fim assustador no momento do despertar; seu conteúdo quase sempre inclui uma situação que implica uma morte horrível. Os que sofrem de doenças pulmonares sonham com sufocação, grandes aglomerações e fugas, e estão notavelmente sujeitos ao conhecido pesadelo. (A propósito, pode-se observar que Boerner (1855) conseguiu provocar este último experimentalmente, deitando-se com o rosto voltado para a cama ou cobrindo as vias respiratórias.) No caso de

distúrbios digestivos, os sonhos contêm idéias relacionadas com o prazer na alimentação ou a repulsa. Finalmente, a influência da excitação sexual no conteúdo dos sonhos pode ser adequadamente apreciada por todos mediante sua própria experiência, e fornece à teoria de que os sonhos são provocados por estímulos orgânicos seu mais poderoso apoio.

Além disso, ninguém que consulte a literatura sobre o assunto poderá deixar de notar que alguns autores, como Maury [1878, 451 e seg.] e Weygandt (1893), foram levados ao estudo dos problemas oníricos pelo efeito de suas próprias doenças sobre o conteúdo dos seus sonhos.

Não obstante, embora esses fatos estejam verificados sem sombra de dúvida, sua importância para o estudo das fontes dos sonhos não é tão grande como se poderia esperar. Os sonhos são fenômenos que ocorrem em pessoas sadias — talvez em todos, talvez todas as noites — e é óbvio que a doença orgânica não pode ser incluída entre suas condições indispensáveis. E o que nos interessa não é a origem de certos sonhos especiais, mas a fonte que provoca os sonhos comuns das pessoas normais.

Basta-nos apenas dar mais um passo à frente, contudo, para encontrarmos uma fonte de sonhos mais copiosa do que qualquer outra que tenhamos considerado até agora, uma fonte que, a rigor, parece nunca poder esgotar-se. Se se verificar que o interior do corpo, quando se acha enfermo, torna-se uma fonte de estímulos para os sonhos, e se admitirmos que, durante o sono, a mente, estando desviada do mundo exterior, pode dispensar maior atenção ao interior do corpo, parecer-nos-à plausível supor que os órgãos internos não precisam estar doentes para provocar excitações que atinjam a mente adormecida — excitações que, de algum modo, transformam-se em imagens oníricas. Enquanto despertos, estamos cômicos de uma sensibilidade geral difusa, ou cenestesia, mas apenas como uma qualidade vaga de nosso estado de espírito; para essa sensação, de acordo com a opinião médica, todos os sistemas orgânicos contribuem com uma parcela. À noite, porém, parece que essa mesma sensação, ampliada numa poderosa influência e atuando através dos seus vários componentes, torna-se a fonte mais vigorosa e, ao mesmo tempo, a mais comum para instigar imagens oníricas. Se assim for, resta apenas investigar as leis segundo as quais os estímulos orgânicos se transmudam em imagens oníricas.

Chegamos aqui à teoria da origem dos sonhos preferida por todas as autoridades médicas. A obscuridade em que o centro do nosso ser (o “*moi splanchnique*”, como o chama Tissé [1898, 23]) fica vedado a nosso conhecimento e a obscuridade que cerca a origem dos

sonhos coincidem bem demais para não serem relacionadas uma com a outra. A linha de raciocínio que encara a sensação orgânica vegetativa como a formadora dos sonhos tem, além disso, uma atração particular para os médicos, por permitir uma etiologia única para os sonhos e as doenças mentais, cujas manifestações tanto têm em comum, já que as mudanças cenestésicas e os estímulos provenientes dos órgãos internos são também predominantemente responsabilizados pela origem das psicoses. Não é de surpreender, portanto, que a origem da teoria da estimulação somática remonte a mais de uma fonte independente.

A linha de argumentação desenvolvida pelo filósofo Schopenhauer, em 1851, exerceu uma influência decisiva em diversos autores. Nossa imagem do universo, na opinião dele, é alcançada pelo fato de nosso intelecto tomar as impressões que o atingem de fora e remodelá-las segundo as formas de tempo, espaço e causalidade. Durante o dia, os estímulos vindos do interior do organismo, do sistema nervoso simpático, exercem, no máximo, um efeito inconsciente sobre nosso estado de espírito. Mas, à noite, quando já não somos ensurdecidos pelas impressões do dia, as que provêm de dentro são capazes de atrair a atenção — do mesmo modo que, à noite, podemos ouvir o murmúrio de um regato que é abafado pelos ruídos diurnos. Mas, como pode o intelecto reagir a esses estímulos senão exercendo sobre eles sua própria função específica? Os estímulos por conseguinte, são remodelados como formas que ocupam espaço e tempo e obedecem às regras da causalidade, e assim surgem os sonhos [cf. Schopenhauer, 1862, 1, 249 e segs.]. Scherner (1861) e, depois dele, Volkelt (1875) esforçaram-se em seguida por pesquisar com maior riqueza de detalhes a relação entre os estímulos somáticos e as imagens oníricas, mas adiarei meu exame dessas tentativas até chegarmos à seção que versa sobre as várias teorias acerca dos sonhos. [Ver em [1]]

O psiquiatra Krauss [1859, 255], numa investigação conduzida com notável consistência, reconstrói a origem dos sonhos e delíria, de um lado, e dos delírios, de outro, até o mesmo fator, a saber, sensações organicamente determinadas. É quase impossível pensar em qualquer parte do organismo que não possa ser o ponto de partida de um sonho ou de um delírio. As sensações organicamente determinadas “podem ser divididas em duas classes: (1) as que constituem a disposição de ânimo geral (cenestesia) e (2) as sensações específicas imanentes nos principais sistemas do organismo vegetativo. Dentre estas últimas devem-se distinguir cinco grupos: (a) sensações musculares, (b) respiratórias, (c) gástricas,

(d) sexuais e (e) periféricas.” Krauss supõe que o processo pelo qual as imagens oníricas surgem com base nos estímulos somáticos é o seguinte: a sensação despertada evoca uma imagem cognata, de conformidade com alguma lei de associação. Combina-se com a imagem numa estrutura orgânica, à qual, no entanto, a consciência reage anormalmente, pois não presta nenhuma atenção à *sensação* e dirige toda ela para as *imagens* concomitantes — o que explica por que os verdadeiros fatos foram mal interpretados por tanto tempo. Krauss tem um tempo especial para descrever esse processo: a “transubstanciação” das sensações em imagens oníricas.

A influência dos estímulos somáticos orgânicos sobre a formação dos sonhos é quase universalmente aceita hoje em dia; mas a questão das leis que regem a relação entre eles é respondida das mais diversas maneiras, e muitas vezes por afirmações obscuras. Com base na teoria da estimulação somática, a interpretação dos sonhos defronta-se assim com o problema especial de atribuir o conteúdo de um sonho aos estímulos orgânicos que o causaram; e, quando as normas de interpretação formuladas por Scherner (1861) não são aceitas, muitas vezes nos vemos diante do fato desconcertante de que a única coisa que revela a existência do estímulo orgânico é precisamente o conteúdo do próprio sonho.

Há uma razoável dose de concordância, contudo, quanto à interpretação de várias formas de sonhos que são descritos como “típicos”, por ocorrerem num grande número de pessoas e com conteúdo muito semelhante. São eles os conhecidos sonhos de cair de grandes alturas, de dentes que caem, de voar e do embaraço de estar despido ou insuficientemente vestido. Este último sonho é atribuído simplesmente ao fato de a pessoa adormecida perceber que atirou longe os lençóis e está exposta ao ar. O sonho com a queda dos dentes é atribuído a um “estímulo dental”, embora isso não implique, necessariamente, que a excitação dos dentes é patológica. De acordo com Strümpell [1877, 119], sonhar que se está voando é a imagem que a mente considera apropriada como interpretação do estímulo produzido pela elevação e pelo abaixamento dos lobos pulmonares nas ocasiões em que as sensações cutâneas no tórax deixam de ser conscientes: é esta última circunstância que leva à sensação ligada à idéia de flutuar. Diz-se que o sonho com as quedas de grandes alturas se deve a um braço que passa a pender do corpo ou a um joelho flexionado que se estende de súbito, num momento em que a sensação de pressão cutânea começa a não mais ser consciente; os movimentos em questão fazem com que as sensações táteis voltem a se tornar conscientes, e a transição para a consciência é

psiquicamente representada pelo sonho de estar caindo (ibid., 118). O evidente ponto fraco dessas tentativas de explicação, por mais plausíveis que sejam, está no fato de que, sem quaisquer outras provas, elas podem produzir hipóteses bem-sucedidas de que este ou aquele grupo de sensações orgânicas entra ou desaparece da percepção mental, até se obter uma configuração que proporcione uma explicação do sonho. Mais adiante, terei oportunidade de voltar à questão dos sonhos típicos e de sua origem. [Ver em [1]-[2] e [3]]

Simon (1888, 34 e segs.) tentou deduzir algumas das normas que regem a forma pela qual os estímulos orgânicos determinam os sonhos resultantes, comparando uma série de sonhos semelhantes. Afirma ele que, quando um aparelho orgânico que normalmente desempenha um papel na expressão de uma emoção é levado, por alguma causa estranha durante o sonho, ao estado de excitação que geralmente se produz pela emoção, surge então um sonho que contém imagens adequadas à emoção em causa. Outra regra estipula que, se um órgão estiver em estado de atividade, excitação ou perturbação durante o sono, produzirá imagens relacionadas com o desempenho da função executada pelo órgão em questão.

Mourly Vold (1896) dispôs-se a provar experimentalmente, num setor específico, o efeito sobre a produção dos sonhos que é sustentado pela teoria da estimulação somática. Seus experimentos consistiram em alterar a posição dos membros de uma pessoa adormecida e comparar os sonhos resultantes com as alterações efetuadas. Eis como enuncia seus resultados:

(1) A posição de um membro no sonho corresponde aproximadamente a sua posição na realidade. Assim, sonhamos com o membro numa posição estática quando ele se acha efetivamente imóvel.

(2) Ao sonharmos com um membro em movimento, uma das posições experimentadas no processo de concluir o movimento corresponde, invariavelmente, à posição real do membro.

(3) A posição do próprio membro do sonhador pode ser atribuída, no sonho, a alguma outra pessoa.

(4) Pode-se ter um sonho de que o movimento em questão está sendo *impedido*.

(5) O membro que se encontra na posição em questão pode aparecer no sonho como um animal ou um monstro, em cujo caso se estabelece uma certa analogia entre eles.

(6) A posição de um membro pode dar margem, no sonho, a pensamentos que tenham alguma relação com o membro. Dessa forma, em se tratando dos dedos, sonhamos com números.

Estou inclinado a concluir desse tipo de resultados que nem mesmo a teoria da estimulação somática conseguiu eliminar inteiramente a visível ausência de determinação na escolha das imagens oníricas a serem produzidas.

(C) 3. FONTES PSÍQUICAS DE ESTIMULAÇÃO

Enquanto abordávamos as relações dos sonhos com a vida de vigília e o material onírico, verificamos que os mais antigos e mais recentes estudiosos dos sonhos eram unânimes na crença de que os homens sonham com aquilo que fazem durante o dia e com o que lhes interessa enquanto estão acordados [em [1]]. Tal interesse, transposto da vida de vigília para o sono, seria não somente um vínculo mental, um elo entre os sonhos e a vida, como também nos proporcionaria uma fonte adicional de sonhos, que não seria de se desprezar. De fato, tomado em um conjunto com os interesses que se desenvolvem durante o sono — os estímulos que afetam a pessoa adormecida —, talvez ele pudesse ser suficiente para explicar a origem de todas as imagens oníricas. Mas também ouvimos a afirmação oposta, ou seja, a de que os sonhos afastam o sujeito adormecido dos interesses diurnos e que, em regra geral, só começamos a sonhar com as coisas que mais nos impressionaram durante o dia depois de elas terem perdido o sabor de realidade na vida de vigília. [Ver em [1] e [2]] Assim, a cada passo que damos em nossa análise da vida onírica, sentimos que é impossível fazer generalizações sem nos resguardarmos por meio de ressalvas como “freqüentemente”, “via de regra” ou “na maioria dos casos”, e sem estarmos dispostos a admitir a validade das exceções.

Se fosse verdade que os interesses de vigília, juntamente com os estímulos internos e externos durante o sono, bastam para esgotar a etiologia dos sonhos, deveríamos estar em condições de dar uma explicação satisfatória da origem de todos os elementos de um sonho: o enigma das fontes dos sonhos estaria resolvido, e restaria apenas definir a parcela cabível, respectivamente, aos estímulos psíquicos e somáticos em qualquer sonho específico. Na realidade, tal explicação completa de um sonho jamais foi obtida, e quem quer que tenha tentado consegui-la deparou com partes (geralmente muito numerosas) do sonho sobre cuja

origem nada pôde dizer. Está claro que os interesses diurnos não são fontes psíquicas tão importantes dos sonhos quanto se poderia esperar das asserções categóricas de que todas as pessoas continuam a transpor seus assuntos diários para seus sonhos.

Não se conhecem quaisquer outras fontes psíquicas dos sonhos. Assim, ocorre que todas as explicações dos sonhos apresentadas na literatura sobre o assunto — com a possível exceção das de Scherner, que serão abordadas posteriormente [ver em [1]] — deixam uma grande lacuna quando se trata de atribuir uma origem às imagens de representação que constituem o material mais característico dos sonhos. Nessa situação embaraçosa, a maioria dos que escrevem sobre o assunto tende a reduzir ao mínimo o papel desempenhado pelos fatores psíquicos na instigação dos sonhos, visto ser tão difícil chegar a esses fatores. É verdade que esses autores dividem os sonhos em duas classes principais — as “causadas pela estimulação nervosa” e as “causadas pela associação”, das quais as últimas têm sua fonte exclusivamente na reprodução [de material já vivenciado] (cf. Wundt, 1874, 657). Não obstante, não conseguem fugir a uma dúvida: saber “se algum sonho pode ocorrer sem ser impulsionado por algum estímulo somático” (Volket, 1875, 127). É difícil até mesmo dar uma descrição dos sonhos puramente associativos. “Nos sonhos associativos propriamente ditos, não há nenhuma possibilidade de existir tal núcleo sólido [derivado da estimulação somática]. Até mesmo o próprio centro do sonho está apenas frouxamente reunido. Os processos de representação que não são regidos pela razão ou pelo bom-senso em nenhum sonho, já nem sequer se mantêm ligados aqui por quaisquer excitações somáticas ou mentais relativamente importantes, ficando assim entregues a suas próprias mudanças caleidoscópicas e a sua própria confusão embaralhada.” (ibid., 118.) Wundt (1874, 656-7) também procura minimizar o fator psíquico na provocação dos sonhos. Declara que não parece haver justificativa para se considerarem os fantasmas dos sonhos como puras alucinações; é provável que a maioria das imagens oníricas consista de fato em ilusões, uma vez que surgem de tênues impressões sensoriais que jamais cessam durante o sono. Weygandt (1893, 17) adotou esse mesmo ponto de vista e generalizou sua aplicação. Ele afirma, no tocante a *todas* as imagens oníricas, “que suas causas primárias são estímulos sensoriais e que só depois é que as associações reprodutivas ficam ligadas a eles”. Tissié (1898, 183) vai ainda mais longe, ao estabelecer um limite para as fontes psíquicas de estimulação: “Les rêves d’origine absolument psychique n’existent pas”; e (ibid., 6) “les pensées de nos rêves nous viennent du dehors...”

Os autores que, como o eminente filósofo Wundt, adotam uma posição intermediária, não deixam de observar que, na maioria dos sonhos, os estímulos somáticos e os instigadores psíquicos (sejam eles desconhecidos ou identificados como interesses diurnos) atuam em cooperação.

Verificaremos mais tarde que o enigma da formação dos sonhos pode ser solucionado pela revelação de uma insuspeitada fonte psíquica de estimulação. Entrementes, não teremos nenhuma surpresa ante a superestimação do papel desempenhado na formação dos sonhos por estímulos que não decorrem da vida mental. Não apenas eles são fáceis de descobrir e até mesmo passíveis de confirmação experimental, como também a visão somática da origem dos sonhos está em perfeita harmonia com a corrente de pensamento predominante na psiquiatria de hoje. É verdade que a predominância do cérebro sobre o organismo é sustentada com aparente confiança. Não obstante, qualquer coisa que possa indicar que a vida mental é de algum modo independente de alterações orgânicas demonstráveis, ou que suas manifestações são de algum modo espontâneas, alarma o psiquiatra moderno, como se o reconhecimento dessas coisas fosse trazer de volta, inevitavelmente, os dias da Filosofia da Natureza [ver em [1]] e de visão metafísica da natureza da mente. As suspeitas dos psiquiatras puseram a mente, por assim dizer, sob tutela, e agora eles insistem em que nenhum de seus impulsos tenha permissão de sugerir que ela dispõe de quaisquer meios próprios. Esse comportamento apenas mostra quanto pouca confiança eles realmente depositam na validade de uma relação causal entre o somático e o psíquico. Mesmo quando uma pesquisa mostra que a causa aprofundada tem de levar mais adiante a trilha e descobrir uma base orgânica para o fato mental. Mas se, no momento, não podemos enxergar além do psíquico, isso não é motivo para negar-lhe a existência.

(D) POR QUE NOS ESQUECEMOS DOS SONHOS APÓS O DESPERTAR

É fato proverbial que os sonhos se desvanecem pela manhã. Naturalmente, eles podem ser lembrados, pois só tomamos conhecimento dos sonhos por meio de nossa recordação deles depois de acordar. Com freqüência, porém, temos a sensação de nos termos lembrado apenas parcialmente de um sonho, e de que houve algo mais nele durante a noite; podemos também observar como a lembrança de um sonho, que ainda era nítida pela manhã, se dissipa, salvo por alguns pequenos fragmentos, no decorrer do dia; muitas vezes sabemos que sonhamos, sem saber *o que* sonhamos; e estamos tão familiarizados com o fato de os sonhos serem passíveis de ser esquecidos que não vemos nenhum absurdo na possibilidade de alguém ter tido um sonho à noite e, pela manhã, não saber o que sonhou, nem sequer o fato de ter sonhado. Por outro lado, ocorre às vezes que os sonhos mostram extraordinária persistência na memória. Tenho analisado sonhos de pacientes meus, ocorridos há vinte e cinco anos ou mais, e lembro-me ainda de um sonho que eu próprio tive há mais de trinta e sete anos e que, no entanto, está mais nítido que nunca em minha memória. Tudo isso é muito notável e não é inteligível de imediato.

A explicação mais detalhada do esquecimento dos sonhos é a que nos fornece Strümpell [1877, 79 e seg.]. Trata-se, evidentemente, de um fenômeno complexo, pois Strümpell o atribuiu não a uma causa única, mas a toda uma série delas.

Em primeiro lugar, todas as causas que conduzem ao esquecimento na vida de vigília operam também no tocante aos sonhos. Quando estamos acordados, normalmente nos esquecemos, de imediato, de inúmeras sensações e percepções, seja porque foram fracas demais ou porque a excitação mental ligada a elas foi excessivamente pequena. O mesmo se aplica a muitas imagens oníricas: são esquecidas por serem fracas demais, enquanto outras imagens mais fortes, adjacentes a elas, são recordadas. O fator da intensidade, contudo, decerto não é suficiente, por si só, para determinar se uma imagem onírica será lembrada. Strümpell [1877, 82] admite, assim como outros autores (p. ex. Calkin, 1893, 312), que muitas vezes nos esquecemos de imagens oníricas que sabemos terem sido muito nítidas, enquanto grande número das que são obscuras e carentes de força sensorial situam-se entre as que são retidas na memória. Além disso, quando acordados, tendemos facilmente a esquecer um fato que ocorra apenas uma vez e a reparar mais depressa naquilo que possa ser percebido repetidamente. Ora, a maioria das imagens oníricas constituem experiências únicas; e esse fato contribui imparcialmente para fazer com que esqueçamos todos os sonhos. Uma importância muito maior prende-se a uma terceira

causa do esquecimento. Para que as sensações, as representações, os pensamentos e assim por diante atinjam certo grau de suscetibilidade para serem lembrados, é essencial que não permaneçam isolados, mas que sejam dispostos em concatenações e agrupamentos apropriados. Quando um verso curto de uma composição poética é dividido nas palavras que compõem e estas são embaralhadas, torna-se muito difícil recordá-lo. “Quando as palavras são convenientemente dispostas e colocadas na ordem apropriada, uma palavra ajuda a outra, e o todo, estando carregado de sentido, é facilmente assimilado pela memória e retido por muito tempo. Em geral, é tão difícil e inusitado conservar o que é absurdo como reter o que é confuso e desordenado.” [Strümpell, 1877, 83.] Ora, na maioria dos casos, faltam aos sonhos inteligibilidade e ordem. As composições que constituem os sonhos são desprovidas das qualidades que tornariam possível recordá-las, sendo esquecidas porque, via de regra, desfazem-se em pedaços no momento seguinte. Radestock (1879, 168), contudo, alega ter observado que os sonhos mais peculiares é que são recordados com mais clareza, e isso, deve-se admitir, dificilmente se coadunaria com o que acaba de ser dito.

Strümpell [1877, 82 e seg.] acredita que alguns outros fatores oriundos da relação entre o sonhar e a vida de vigília são de importância ainda maior na causação do esquecimento dos sonhos. A tendência dos sonhos a serem esquecidos pela consciência de vigília é, evidentemente, apenas a contrapartida do fato já mencionado [em [1]] de que os sonhos quase nunca se apoderam de lembranças ordenadas da vida de vigília. Dessa forma, as composições oníricas não encontram lugar em companhia das seqüências psíquicas de que a mente se acha repleta. Nada existe que nos possa ajudar a nos lembrarmos delas. “Desse modo, as estruturas oníricas estão, por assim dizer, alçadas acima do piso de nossa vida mental, e flutuam no espaço psíquico como as nuvens no firmamento, dispersas pelo primeiro sopro de vento.” (Strümpell, 1877, 87.) Além disso, após o despertar, o mundo dos sentidos exerce pressão e se apossa imediatamente da atenção com uma força à qual muito poucas imagens oníricas conseguem resistir, de modo que também nisso temos outro fator que tende na mesma direção. Os sonhos cedem ante as impressões de um novo dia, da mesma forma que o brilho das estrelas cede à luz do sol.

Por fim, há outro fato que se deve ter em mente como passível de levar os sonhos a serem esquecidos, a saber, que a maioria das pessoas tem muito pouco interesse em seus sonhos. Qualquer pessoa, tal como um pesquisador científico, que preste atenção a seus

sonhos por certo período de tempo, terá mais sonhos do que de hábito — o que sem dúvida significa que passa a se lembrar de seus sonhos com maior facilidade e frequência.

Duas outras razões por que os sonhos são esquecidos, que Benini [1898, 155-6] cita como tendo sido propostas por Bonatelli [1880] como acréscimos às mencionadas por Strümpell, parecem de fato já estar abrangidas por estas últimas. São elas: (1) que a alteração da cenestesia entre os estados de sono e de vigília é desfavorável à reprodução recíproca entre eles; e (2) que o arranjo diferente do material ideacional nos sonhos os torna intraduzíveis, por assim dizer, para a consciência de vigília.

Em vista de todas as razões em favor do esquecimento dos sonhos, é de fato muito notável (como insiste o próprio Strümpell [1877, 6]) que tantos deles sejam retidos na memória. As repetidas tentativas dos que escrevem sobre o assunto no sentido de explicitarem as normas que regem a lembrança dos sonhos equivalem à admissão de que, também aqui, estamos diante de algo enigmático e inexplicado. Certas características específicas das lembranças dos sonhos foram acertadamente ressaltadas em época recente (cf. Radestock, 1879, [169], e Tissié, 1898, [148 e seg.]), como o fato de que, quando um sonho parece, pela manhã, ter sido esquecido, ainda assim pode ser recordado no decorrer do dia, caso seu conteúdo, embora esquecido, seja evocado por alguma percepção casual.

Mas a lembrança dos sonhos, em geral, é passível de uma objeção que está fadada a reduzir radicalmente o valor de tais sonhos na opinião crítica. Visto que uma proporção tão grande dos sonhos se perde por completo, podemos muito bem duvidar se nossa lembrança do que resta deles não será falseada.

Essas dúvidas quanto à exatidão da reprodução dos sonhos também são expressas por Strümpell (1877, [119]): “Assim, pode facilmente acontecer que a consciência de vigília, inadvertidamente, faça interpolações na lembrança de um sonho: persuadimo-nos de ter sonhado com toda sorte de coisas que não estavam contidas nos sonhos efetivamente ocorridos.”

Jessen (1855, 547) escreve com especial ênfase sobre esse ponto: “Além disso, ao se investigar e interpretar sonhos coerentes e consistentes, deve-seter em mente uma circunstância particular que, ao que me parece, até agora recebeu muito pouca atenção. Nesses casos, a verdade é quase sempre obscurecida pelo fato de que, ao recordarmos tal tipo de sonhos, quase sempre — não intencionalmente e sem notarmos esse fato — preenchemos as lacunas nas imagens oníricas. Raramente ou nunca um sonho coerente foi

de fato tão coerente quanto nos parece na lembrança. Mesmo o maior amante da verdade dificilmente consegue relatar um sonho digno de nota sem alguns acréscimos ou retoques. É tão acentuada a tendência da mente humana a ver tudo de maneira concatenada que, na memória, ela preenche, sem querer, qualquer falta de coerência que possa haver num sonho incoerente.”

Algumas observações feitas por Egger [1895, 41], embora sem dúvida tenham sido alcançadas independentemente, soam quase como uma tradução desse trecho de Jessen: “...L’observation des rêves a ses difficultés spéciales et le seul moyen d’éviter tout erreur en pareille matière est de confier au papier sans le moindre retard ce que l’on vient d’éprouver et de remarquer; sinon, l’oubli vient vite ou total ou partiel; l’oubli total est sans gravité; mais l’oubli partiel est perfide; car si l’on se met ensuite à raconter ce que l’on n’a pas oublié, on est exposé à compléter par imagination les fragments incohérents et disjoints fournis par la mémoire (...); on devient artiste à son insu, et le récit périodiquement répété s’impose à la créance de son auteur, qui, de bonne foi, le présente comme un fait authentique, dûment établi selon les bonnes méthodes...”

Idéias muito semelhantes são expressas por Spitta (1882, 338), que parece crer que é somente quando tentamos reproduzir um sonho que introduzimos algum tipo de ordem em seus elementos frouxamente associados: “modificamos coisas que se acham meramente justapostas, transformando-as em seqüências ou cadeias causais, isto é, introduzimos um processo de conexão lógica que falta ao sonho.”

Visto que a única verificação que temos da validade de nossa memória é a confirmação objetiva, e visto que ela não é obténível no tocante aos sonhos, que são nossa experiência pessoal e cuja única fonte de que dispomos é nossa rememoração, que valor podemos ainda atribuir a nossa lembrança dos sonhos?”

(E) AS CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DISTINTIVAS DOS SONHOS

Nosso exame científico dos sonhos parte do pressuposto de que eles são produtos de nossas próprias atividades mentais. Não obstante, o sonho acabado nos deixa a impressão de algo estranho a nós. Estamos tão pouco obrigados a reconhecer nossa responsabilidade por ele que [em alemão] somos tão aptos a dizer “*mir hat geträumt*” [“tive

um sonho”, literalmente “um sonho veio a mim”] quanto “*ich habe geträumt*” [“sonhei”]. Qual a origem desse sentimento de que os sonhos são estranhos a nossa mente? Em vista de nossa discussão das fontes dos sonhos, devemos concluir que a estranheza não pode ser causada pelo material que penetra o conteúdo deles, uma vez que esse material, em sua maior parte, é comum aos sonhos e à vida de vigília. Surge a questão de determinar se, nos sonhos, não haverá modificações nos processos da mente que produzam a impressão ora examinada; por isso, faremos uma tentativa de traçar um quadro dos atributos psicológicos dos sonhos.

Ninguém ressaltou com maior precisão a diferença essencial entre o sonhar e a vida de vigília, ou tirou dela conclusões de maior alcance, do que G. T. Fechner, num trecho de sua obra *Elemente der Psychophysik* (1889, 2, 520-1). Em sua opinião, “nem o mero rebaixamento da vida mental consciente a um nível inferior ao do limiar principal, nem o desvio da atenção das influências do mundo externo são suficientes para explicar as características da vida onírica quando contrastadas com a vida de vigília. Ele suspeita, antes, de que a *cena de ação dos sonhos [seja] diferente da cena da vida de representações de vigília*. “Se a cena de ação da atividade psicofísica fosse a mesma no sono e no estado de vigília, os sonhos só poderiam ser, segundo meu ponto de vista, um prolongamento, num grau inferior de intensidade, da vida de representações de vigília, e além disso, seriam necessariamente do mesmo material e forma. Mas os fatos são bem diferentes disso.”

Não está claro o que Fechner tinha em mente ao se referir a essa mudança de localização da atividade mental, nem tampouco, ao que eu saiba, qualquer outra pessoa seguiu a trilha indicada por suas palavras. Podemos, penso eu, descartar a possibilidade de dar à frase uma interpretação anatômica e supor que ela se refere à localização cerebral fisiológica, ou mesmo às camadas histológicas do córtex cerebral. É possível, porém, que a sugestão venha finalmente a se revelar sagaz e fértil, se puder ser aplicada a um aparelho *mental* composto por várias instâncias dispostas seqüencialmente, uma após outra.

Outros autores se contentaram em chamar a atenção para as características distintivas mais tangíveis da vida onírica e em adotá-las como ponto de partida para tentativas que visavam a explicações de maior alcance.

Observou-se, justificadamente, que uma das principais peculiaridades da vida onírica surge durante o próprio processo de adormecimento, podendo ser descrita como um fenômeno anunciador do sonho. De acordo com Scheiermacher (1862, 351), o que

caracteriza o estado de vigília é o fato de que a atividade do pensar ocorre em *conceitos*, e não em *imagens*. Já os sonhos pensam essencialmente por meio de imagens e, com a aproximação do sono, é possível observar como, à medida que as atividades voluntárias se tornam mais difíceis, surgem representações involuntárias, todas elas se enquadrando na categoria de imagens. A incapacidade para o trabalho de representações do tipo que vivenciamos como intencionalmente desejado e o surgimento (habitualmente associado a tais estados de abstração) de imagens — estas são duas características perseverantes nos sonhos, que a análise psicológica dos sonhos nos força a reconhecer como características essenciais da vida onírica. Já tivemos ocasião de ver [pág. 69 e segs.] que essas imagens — alucinações hipnagógicas — são, elas próprias, idênticas em seu conteúdo às imagens oníricas.

Os sonhos, portanto, pensam predominantemente em imagens visuais — mas não exclusivamente. Utilizam também imagens auditivas e, em menor grau, impressões que pertencem aos outros sentidos. Além disso, muitas coisas ocorrem nos sonhos (tal como fazem normalmente na vida de vigília) simplesmente como pensamentos ou representações — provavelmente, bem entendido, sob a forma de resíduos de representações verbais. Não obstante, o que é verdadeiramente característico dos sonhos são apenas os elementos de seu conteúdo que se comportam como imagens, que se assemelham mais às percepções, isto é, que são como representações mnêmicas. Deixando de lado todos os argumentos, tão familiares aos psiquiatras, sobre a natureza das alucinações, estaremos concordando com todas as autoridades no assunto ao afirmar que os sonhos *alucinam* — que substituem os pensamentos por alucinações. Nesse sentido, não há distinção entre as representações visuais e acústicas: tem-se observado que, quando se adormece com a lembrança de uma seqüência de notas musicais na mente, a lembrança se transforma numa alucinação da mesma melodia; ao passo que, quando se volta a acordar — e os dois estados podem alternar-se mais de uma vez durante o processo do adormecimento — a alucinação cede lugar, por sua vez, à representação mnêmica, que é, ao mesmo tempo, mais fraca e qualitativamente diferente dela.

A transformação de representações em alucinações não é o único aspecto em que os sonhos diferem de pensamentos correspondentes na vida de vigília. Os sonhos constroem uma *situação* a partir dessas imagens; representam um fato que está realmente acontecendo; como diz Spitta (1882, 145), eles “dramatizam” uma idéia. Mas essa faceta da

vida onírica só pode ser plenamente compreendida se reconhecermos, além disso, que nos sonhos — via de regra, pois há exceções que exigem um exame especial — parecemos não *pensar*, mas ter uma *experiência*: em outras palavras, atribuímos completa crença às alucinações. Somente ao despertarmos é que surge o comentário crítico de que não tivemos nenhuma experiência, mas estivemos apenas pensando de uma forma peculiar, ou, dito de outra maneira, sonhando. É essa característica que distingue os verdadeiros sonhos do devaneio, que nunca se confunde com a realidade.

Burdach (1838, 502 e seg.) resume com as seguintes palavras as características da vida onírica que examinamos até agora: “Figuram entre as características essenciais dos sonhos: (a) Nos sonhos, a atividade subjetiva de nossa mente aparece de forma objetiva, pois nossas faculdades perceptivas encaram os produtos de nossa imaginação como se fossem impressões sensoriais. (...) (b) O sono significa um fim da autoridade do eu. Daí o adormecimento trazer consigo certo grau de passividade (...) As imagens que acompanham o sono só podem ocorrer sob a condição de que a autoridade do eu seja reduzida.”

O passo seguinte consiste em tentar explicar a crença que a mente deposita nas alucinações oníricas, crença esta que só pode surgir depois de ter cessado uma espécie de atividade “autoritária” do eu. Strümpell (1877) argumenta que, neste sentido, a mente executa sua função corretamente e de conformidade com seu próprio mecanismo. Longe de serem meras representações, os elementos dos sonhos são experiências mentais verdadeiras e reais do mesmo tipo das que surgem no estado de vigília através dos sentidos.(ibid., 34.) A mente em estado de vigília produz representações e pensamentos em imagens verbais e na fala; nos sonhos, porém, ela o faz em verdadeiras imagens sensoriais. (Ibid., 35.) Além disso, existe uma consciência espacial nos sonhos, visto que sensações e imagens são atribuídas a um espaço externo, tal como o são na vigília. (Ibid., 43.) Se, não obstante, ela comete um erro ao proceder assim, é porque no estado do sono lhe falta o único critério que torna possível estabelecer uma distinção entre as percepções sensoriais provenientes de fora e de dentro. Ela está impossibilitada de submeter suas imagens oníricas aos únicos testes que poderiam provar sua realidade objetiva. Além disso, despreza a distinção entre as imagens que só são *arbitrariamente* intercambiáveis e os casos em que o elemento do arbítrio se acha ausente. Ela comete um erro por estar impossibilitada de aplicar a lei da causalidade ao conteúdo de seus sonhos. (Ibid., 50-1.) Em suma, o fato de ter-se afastado do mundo externo é também a razão de sua crença no mundo subjetivo dos sonhos.

Delboeuf (1885, 84) chega à mesma conclusão após argumentos psicológicos um pouco diferentes. Acreditamos na realidade das imagens oníricas, diz ele, porque em nosso sono não dispomos de outras impressões com as quais compará-las, por estarmos desligados do mundo exterior. Mas a razão pela qual acreditamos na veracidade dessas alucinações não é por ser impossível submetê-las a um teste *dentro* do sonho. O sonho pode parecer oferecer-nos esses testes: pode deixar-nos tocar a rosa que vemos — e, ainda assim, estaremos sonhando. Na opinião de Delboeuf, existe apenas um critério válido para determinar se estamos sonhando ou acordados, e esse é o critério puramente empírico do fato de acordarmos. Concluo que tudo o que experimentei entre adormecer e acordar foi ilusório quando, ao despertar, verifico que estou deitado e despido na cama. Durante o sono, tomei as imagens oníricas por imagens reais graças a meu hábito mental (que não pode ser adormecido) de supor a existência de um modo externo com o qual estabeleço um contraste com meu próprio ego.

Assim, o desligamento do mundo externo parece ser considerado como o fator que determina as características mais marcantes da vida onírica. Vale a pena, portanto, citar algumas observações perspicazes feitas há muito tempo por Burdach, que lançam a luz sobre as relações entre a mente adormecida e o mundo externo, e que são a conta certa para nos impedir de dar grande valor às conclusões tiradas nas páginas anteriores. “O sono”, escreve ele, “só pode ocorrer sob a condição de que a mente não seja irritada por estímulos sensoriais. (...) Mas a precondition real do sono não é tanto a ausência de estímulos sensoriais, mas antes a falta de interesse neles. Algumas impressões sensoriais, a rigor, podem ser necessária para acalmar a mente. Assim, o moleiro só consegue dormir se estiver ouvindo o estalido de seu moinho, e quem quer que encare como precaução necessária manter uma lamparina acesa durante a noite acha impossível dormir no escuro.” (Burdach, 1838, 482.)

“No sono, a mente se isola do mundo externo e se retrai de sua própria periferia. (...) Não obstante, a conexão não se interrompe inteiramente. Se não pudéssemos ouvir nem sentir enquanto estamos efetivamente adormecidos, mas só depois de acordarmos, seria inteiramente impossível despertarmos (...) A persistência da sensação é comprovada com mais clareza ainda pelo fato de que o que nos desperta não é sempre a mera força sensorial de uma impressão, mas seu contexto psíquico: um homem adormecido não é despertado por uma palavra qualquer mas, se for chamado pelo nome, acorda... Assim, a mente adormecida

distingue diferentes sensações (...) É por essa razão que a falta de um estímulo sensorial pode despertar um homem, caso esteja relacionada com algo de importância representativa para ele; assim é que o homem com a lamparina acesa acorda se ela se apagar, e o mesmo acontece com o moleiro, se seu moinho parar. Em outras palavras, ele é despertado pela cessação de uma atividade sensorial; e isso implica que tal atividade era percebida por ele, mas, como era indiferente, ou antes, satisfatória, não lhe perturbava a mente.” (Ibid., 485-6.)

Mesmo que desprezemos essas objeções — e de modo algum elas são insignificantes —, teremos de confessar que as características da vida onírica que consideramos até agora, e que foram atribuídas a seu desligamento do mundo externo, não explicam inteiramente seu estranho caráter. Pois, de outro modo, deveria ser possível retransformar as alucinações de um sonho em representações, e suas situações em pensamentos, e assim solucionar o problema da interpretação dos sonhos. E isso é realmente o que fazemos quando, depois de acordar, reproduzimos de memória um sonho; mas, quer consigamos efetuar essa retradução inteiramente ou apenas em parte, o sonho continuará tão enigmático quanto antes.

E, com efeito, todas as autoridades presumem, sem hesitar, que ainda outras e mais profundas modificações do material de representações da vida de vigília têm lugar nos sonhos. Strümpell (1877, 27-8) esforçou-se por apontar uma dessas modificações no seguinte trecho: “Com a cessação do funcionamento sensorial e da consciência vital normal, a mente perde o solo onde se enraízam seus sentimentos, desejos, interesses e atividades. Também os estados psíquicos — sentimentos, interesses, juízos de valor —, que estão ligados a imagens mnêmicas na vida de vigília, ficam sujeitos a (...) uma pressão obscurecedora, como resultado da qual sua ligação com tais imagens se rompe; as imagens perceptuais das coisas, pessoas, lugares, acontecimentos e ações na vida de vigília são reproduzidas separadamente em grande número, mas nenhuma delas leva consigo seu *valor psíquico*. Esse valor é desligado delas e, assim, elas flutuam na mente a seu bel-prazer...” De acordo com Strümpell, o fato de as imagens serem despojadas de seu valor psíquico (fato este que, por sua vez, remonta ao desligamento do mundo externo) desempenha um papel preponderante na criação da impressão de estranheza que distingue os sonhos da vida real em nossa memória.

Já vimos [em [1]] que o adormecimento envolve, de imediato, a perda de uma de nossas atividades mentais, qual seja, nosso poder de imprimir uma orientação intencional à

seqüência de nossas representações. Vemo-nos agora diante da sugestão, que afinal é plausível, de que os efeitos do estado de sono podem estender-se a *todas* as faculdades da mente. Algumas destas parecem ficar inteiramente suspensas, mas surge então a questão de saber se as demais continuam a funcionar normalmente e se, nessas condições, são *capazes* de trabalho normal. E aqui se pode perguntar se as características distintivas dos sonhos não podem ser explicadas pela redução da eficiência psíquica no estado do sono — uma idéia que encontra apoio na impressão causada pelos sonhos em nosso julgamento de vigília. Os sonhos são desconexos, aceitam as mais violentas contradições sem a mínima objeção, admitem impossibilidades, desprezam conhecimentos que têm grande importância para nós na vida diurna e nos revelam como imbecis éticos e morais. Quem quer que se comportasse, quando acordado, da maneira peculiar às situações dos sonhos, seria considerado louco. Quem quer que falasse, quando acordado, da maneira como as pessoas falam nos sonhos, ou descrevesse o tipo de coisas que acontecem nos sonhos, dar-nos-ia a impressão de ser apalermado ou débil mental. Parecemos não fazer mais do que pôr a verdade em palavras quando expressamos nossa opinião extremamente desfavorável sobre a atividade mental nos sonhos e asseveramos que, neles, as faculdades intelectuais superiores, em particular, ficam suspensas ou, pelo menos, gravemente prejudicadas.

As autoridades exibem uma inusitada unanimidade — as exceções serão tratadas adiante [em [1]] — ao expressarem opiniões dessa natureza sobre os sonhos; e esses julgamentos levam diretamente a uma teoria ou explicação específica da vida onírica. Mas é chegado o momento de eu deixar as generalidades e apresentar, em seu lugar, uma série de citações de vários autores — filósofos e médicos — sobre as características psicológicas dos sonhos.

Segundo Lemoine (1855), a “incoerência” das imagens oníricas constitui a característica essencial dos sonhos.

Maury (1878, 163) concorda com ele: “Il n’y a pas de rêves absolument raisonnables et qui ne contiennent quelque incohérence, quelque anachronisme, quelque absurdité.”

Spitta [1882, 193] cita Hegel como afirmando que os sonhos são destituídos de qualquer coerência objetiva e razoável.

Dugas [1897a, 417] escreve: “Le rêve c’est l’anarchie psychique affective et mentale, c’est le jeu des fonctions livrées à elles-mêmes e s’exerçant sans contrôle et sans but; dans le rêve l’esprit est un automate spirituel”.

Mesmo Volkelt (1875, 14), cuja teoria está longe de considerar a atividade psíquica durante o sono como destituída de propósito, fala no “relaxamento na desconexão e na confusão da vida ideativa, que no estado de vigília se mantém unida pela força lógica do ego central.”

O *absurdo* das associações de representações que ocorrem nos sonhos dificilmente poderia ser criticado com mais agudeza do que por Cícero. (*De divinatione*, II, [LXXI, 146]): “Nihil tam praepostere, tam incondite, tam monstruose cogitari potest, quod non possimus somniare.”

Fechner (1889, 2, 522) escreve: “É como se a atividade psicológica tivesse sido transportada do cérebro de um homem sensato para o de um idiota.”

Radestock (1879, 145): “De fato, parece impossível descobrir quaisquer leis fixas nessa atividade louca. Depois de se furtarem ao rigoroso policiamento exercido sobre o curso das representações de vigília pela vontade racional e pela atenção, os sonhos se dissolvem num louco redemoinho de confusão caleidoscópica.”

Hildebrandt (1875, 45): “Que saltos surpreendentes o sonhador é capaz de dar, por exemplo, ao extrair inferências! Com que calma se dispõe a ver as mais familiares lições da experiência viradas pelo avesso! Que contradições risíveis está pronto a aceitar nas leis da natureza e da sociedade antes que, como se costuma dizer, as coisas vão além de um chiste e a tensão excessiva do contra-senso o desperte. Calculamos, sem nenhum escrúpulo, que três vezes três são vinte; não ficamos nem um pouco surpresos quando um cão cita um verso de um poema, ou quando um morto anda até seu túmulo com as próprias pernas, ou quando vemos uma pedra flutuando na água; dirigimo-nos solenemente, numa importante missão, até o Ducado de Bernburg ou Principado de Liechtenstein para inspecionarmos suas forças navais; ou somos persuadidos a nos alistar nos exércitos de Carlos XII pouco antes da batalha de Poltava.”

Binz (1878, 33), tendo em mente a teoria dos sonhos que se baseia em impressões como essas, escreve: “O conteúdo de pelo menos nove dentre dez sonhos é absurdo. Neles reunimos pessoas e coisas que não têm a menor relação entre si. No momento seguinte, há uma mudança no caleidoscópio e somos confrontados com um novo agrupamento, ainda mais sem nexos e louco, se é que isso é possível, do que o anterior. E assim prossegue o jogo mutável do cérebro incompletamente adormecido, até que despertamos, levamos a mão

à testa e ficamos imaginando se ainda possuímos a capacidade para idéias e pensamentos racionais.”

Maury (1878, 50) encontra um paralelo para a relação entre as imagens oníricas e os pensamentos de vigília que há de ser altamente significativo para os médicos. “La production de ces images que chez l’homme éveillé fait le plus souvent naître la volonté, correspond, pour l’intelligence, à ce que sont pour la motilité certains mouvements que nous offre la chorée et las affections paralytiques...” E considera os sonhos, além disso, como “toute une série de dégradations de la faculté pensante et raisonnante.” (Ibid., 27.)

Quase não chega a ser necessário citar os autores que repetem a opinião de Maury em relação às várias funções mentais superiores. Strümpell (1877, 26), por exemplo, observa que nos sonhos — mesmo, é claro, onde não há contra-senso evidente — há um eclipse de todas as operações lógicas da mente que se baseiam em relações e conexões. Spitta (1882, 148) declara que as representações que ocorrem nos sonhos parecem estar inteiramente afastadas da lei de causalidade. Radestock (1879 [153-4]) e outros autores insistem na fraqueza de julgamento e de inferência característica dos sonhos. Segundo Jodl (1896, 123), não existe faculdade crítica nos sonhos, nenhum poder de corrigir um grupo de percepções mediante referência ao conteúdo geral da consciência. Observa o mesmo autor que “toda sorte de atividade consciente ocorre nos sonhos, mas apenas de forma incompleta, inibida e isolada”. As contradições em que os sonhos se envolvem com nosso conhecimento de vigília são explicadas por Stricker (1879, 98) e muitos outros como causadas por fatos que são esquecidos nos sonhos ou pelo desaparecimento de relações lógicas entre as representações. E assim por diante.

Não obstante, os autores que costumam adotar uma visão tão desfavorável do funcionamento psíquico nos sonhos admitem que ainda resta neles um certo resíduo de atividade mental. Isso é explicitamente admitido por Wundt, cujas teorias têm exercido uma influência significativa em muitos outros pesquisadores neste campo. Qual é, poder-se-ia perguntar, a natureza do resíduo de atividade mental normal que persiste nos sonhos? Há um consenso mais ou menos geral de que a faculdade reprodutiva, a memória, parece ser a que menos sofre, e até mesmo de que mostra certa superioridade a essa mesma função na vida de vigília (ver Seção B), embora parte dos absurdos dos sonhos pareça explicável pela propensão da memória a esquecer. Na opinião de Spitta (1882, 84 e seg.), a parte da mente que não é afetada pelo sono é a vida dos ânimos, e é esta que dirige os sonhos. Por “ânimo”

[“*Gemüt*”] ele quer dizer “o conjunto estável de sentimentos que constitui a mais íntima essência de um ser humano”.

Scholz (1893, 64) acredita que uma das atividades mentais que atua nos sonhos é a tendência a submeter o material onírico a uma “reinterpretação em termos alegóricos”. Também Siebeck (1877, 11) vê nos sonhos uma faculdade mental de “interpretação mais ampla”, que é exercida sobre todas as sensações e percepções. Há uma dificuldade específica para avaliar a posição que ocupa, nos sonhos, o que constitui, evidentemente, a mais elevada das funções psíquicas: a consciência. Visto que tudo o que sabemos dos sonhos provém da consciência, não pode haver dúvida de que ela persiste neles; contudo, Spitta (1882, 84-5) acredita que o que persiste nos sonhos é apenas a consciência, e não a *autoconsciência*. Delboeuf (1885, 19), no entanto, se confessa incapaz de perceber essa distinção.

As leis de associação que regem a seqüência de representações são válidas para as imagens oníricas e, a rigor, sua predominância é ainda mais nítida e acentuadamente expressa nos sonhos. “Os sonhos”, afirma Strümpell (1877, 70), “seguem seu curso, ao que parece, segundo as leis quer das representações simples, quer dos estímulos orgânicos que acompanham tais representações — isto é, sem serem de forma alguma afetados pela reflexão, pelo bom-senso, ou pelo gosto estético, ou pelo julgamento moral.” [Ver em [1] e [2] [3].]

Os autores cujos pontos de vista estou agora apresentando retratam o processo da formação dos sonhos mais ou menos da seguinte maneira. A totalidade dos estímulos sensoriais gerados durante o sono, a partir das várias fontes que já enumerei [ver Seção C], despertam na mente, em primeiro lugar, diversas representações que aparecem sob a forma de alucinações, ou, mais propriamente, segundo Wundt [ver em [1]], de ilusões, em vista de sua derivação de estímulos externos e internos. Essas representações vinculam-se de acordo com as conhecidas leis da associação e, de conformidade com as mesmas leis, convocam uma outra série de representações (ou imagens). Todo esse material é então trabalhado, na medida em que o permita, pelo que ainda resta das faculdades mentais de organização e pensamento em ação. (Ver, por exemplo, Wundt [1874, 658] e Weygandt [1893].) Tudo o que permanece irrevelado são os motivos que decidem se a convocação das imagens decorrentes de fontes não externas se processará por uma cadeia de associações ou por outra.

Já se observou muitas vezes, no entanto, que as associações que ligam as imagens oníricas entre si são de natureza muito especial e diferem das que funcionam no pensamento de vigília. Assim, Volkelt (1875, 15) escreve: “Nos sonhos, as associações parecem travar uma luta livre, de acordo com semelhanças e conexões fortuitas que mal são perceptíveis. Todos os sonhos estão repletos desse tipo de associações desalinhadas e superficiais.” Maury (1878, 126) atribui enorme importância a essa característica da maneira como as representações se vinculam nos sonhos, uma vez que ela lhe permite traçar uma analogia muito estreita entre a vida onírica e certos distúrbios mentais. Ele especifica duas características básicas de um *“délire”*: “(1) une action spontanée et comme automatique de l’esprit; (2) une association vicieuse et irrégulière des idées.” O próprio Maury apresenta dois excelentes exemplos de sonhos que ele mesmo teve, nos quais as imagens oníricas se ligavam meramente por meio de uma semelhança no som das palavras. Certa vez, ele sonhou que estava numa peregrinação (*pèlerinage*) a Jerusalém ou Meca; após muitas aventuras, viu-se visitando o químico *Pelletier*, que, depois de conversar um pouco, deu-lhe uma pá (*pelle*) de zinco; na parte seguinte do sonho, esta se transformou numa espada de lâmina larga. (Ibid., 137.) Em outro sonho, estava andando por uma estrada e lendo o número de *quilômetros* nos marcos; a seguir, encontrava-se numa mercearia onde havia uma grande balança, e um homem punha nela pesos de *quilogramas* para pesar Maury; disse-lhe então o merceeiro: “O senhor não está em Paris, mas na ilha de *Gilolo*.” Seguiram-se várias outras cenas, nas quais ele viu uma *Lobélia*, e depois o General *Lopes*, sobre cuja morte lera pouco antes. Finalmente, enquanto jogava *loto*, acordou. (Ibid., 126.)

Sem dúvida, porém, estaremos aptos a constatar que não se deixou passar em contradição essa baixa estimativa do funcionamento psíquico nos sonhos — embora a contradição quanto a esse ponto não pareça nada fácil. Por exemplo, Spitta (1882, 118), um dos depreciadores da vida onírica, insiste em que as mesmas leis psicológicas que regem a vida de vigília também se aplicam aos sonhos; e outro, Dugas (1897a), declara que *“le rêve n’est pas déraison ni même irraison pure”*. Mas tais afirmações têm pouco valor, na medida em que seus autores não fazem nenhuma tentativa de conciliá-las com suas próprias descrições da anarquia psíquica e da ruptura de todas as funções que predominam nos sonhos. Parece, contudo, ter ocorrido a alguns outros autores que a loucura dos sonhos talvez não seja desprovida de método e possa até ser simulada, como a do príncipe dinamarquês sobre o qual se fez esse arguto julgamento. Estes últimos autores não podem

ter julgado pelas aparências, ou então a aparência a eles apresentada pelos sonhos deve ter sido diferente.

Assim, Havelock Ellis (1899, 721), sem se deter no aparente absurdo dos sonhos, refere-se a eles como “um mundo arcaico de vastas emoções e pensamentos imperfeitos” cujo estudo talvez nos revele estágios primitivos da evolução da vida mental.

O mesmo ponto de vista é expresso por James Sully (1893, 362), numa forma que é, ao mesmo tempo, mais abrangente e mais perspicaz. Suas palavras merecem ainda mais atenção tendo em mente que ele talvez estivesse mais firmemente convencido do que qualquer outro psicólogo de que os sonhos têm um significado disfarçado. “Ora, nossos sonhos constituem um meio de conservar essas personalidades sucessivas [anteriores]. *Quando adormecidos, retornamos às antigas formas de encarar as coisas e de senti-las, a impulsos e atividades que nos dominavam muito tempo atrás.*”

O sagaz Delboeuf (1885, 222) declara (embora cometa o erro de não apresentar qualquer refutação do material que contradiz sua tese): “Dans le sommeil, hormis la perception, toutes les facultés de l’esprit, intelligence, imagination, mémoire, volonté, moralité, restent intactes dans leur essence; seulement elles s’appliquent à des objets imaginaires et mobiles. Le songeur est un acteur qui joue à volonté les fous et les sages, les bourreaux et les victimes, les nains et les géants, les démons et les anges.”

O mais ferrenho oponente dos que procuram depreciar o funcionamento psíquico nos sonhos parece ser o Marquês d’Hervey de Saint-Denys [1867], com quem Maury travou viva controvérsia, e cujo livro, apesar de todos os meus esforços, não consegui obter. Maury (1878, 19) escreve a respeito dele: “M. le Marquis d’Hervey prête à l’intelligence durant le sommeil, toute sa liberté d’action et d’attention et il ne semble faire consister le sommeil que dans l’occlusion des sens, dans leur fermeture au monde extérieur; en sorte que l’homme qui dort ne se distingue guère, selon sa manière de voir, de l’homme qui laisse vaguer sa pensée en se bouchant les sens; toute la différence qui sépare alors la pensée ordinaire de celle du dormeur c’est que, chez celui-ci, l’idée prend une forme visible, objective et ressemble, à s’y méprendre, à la sensation déterminée par les objets extérieurs; le souvenir revêt l’apparence du fait présent.” A isso Maury acrescenta “qu’il y a une différence de plus et capitale à savoir que les facultés intellectuelles de l’homme endormi n’offrent pas l’équilibre qu’elles gardent chez l’homme éveillé.”

Vaschide (1911, 146 e seq.) nos fornece uma exposição mais clara do livro de Hervey de Saint-Denys e cita dele um trecho [1867, 35] sobre a aparente incoerência dos sonhos: “L’image du rêve est la copie de l’idée. Le principal est l’idée; la vision n’est qu’accessoire. Ceci établi, il faut savior suivre la marche des idées, il faut savoir analyser le tissu des rêves; l’incohérence devientes... alors compréhensible, les conceptions les plus fantasques deviennent des faits simples et parfaitement logiques— Les rêves les plus bizarres trouvent même une explication des plus logiques quand on sait les analyser.”

Johan Stärcke (1913, 243) salientou que uma explicação semelhante da incoerência dos sonhos fora proposta por um autor mais antigo, Wolf Davidson (1799, 136), cuja obra me era desconhecida; “Todos os notáveis saltos dados por nossas representações nos sonhos têm sua base na lei da associação; às vezes, contudo, essas conexões ocorrem na mente de maneira muito obscura, de modo que muitas vezes nossas representações parecem ter dado um salto, quando, de fato, não houve salto algum.”

A literatura sobre o assunto mostra, assim, uma gama muito ampla de variação quanto ao valor que ela atribui aos sonhos como produtos psíquicos. Essa amplitude se estende desde o mais profundo menosprezo, do tipo com que nos familiarizamos, passando por indícios de uma valorização ainda não revelada, até uma supervalorização que coloca os sonhos numa posição muito mais elevada do que qualquer das funções da vida de vigília. Hildebrandt (1875, 19 e seq.), que, como já soubemos [ver em [1]], enfeixou todas as características psicológicas da vida onírica em três antinomias, vale-se dos dois pontos extremos dessa faixa de valores para compor seu terceiro paradoxo: “trata-se de um contraste entre uma intensificação da vida mental, um realce dela que não raro corresponde ao virtuosismo e, por outro lado, uma deterioração e um enfraquecimento que muitas vezes submergem abaixo do nível da humanidade. No tocante à primeira, poucos há dentre nós que não possam afirmar, por nossa própria experiência, que vez por outra surge, nas criações e tramas do gênio dos sonos, uma tal profundidade e intimidade da emoção, uma delicadeza do sentimento, uma clareza de visão, uma sutileza de observação e um tal brilho do espírito que jamais alegaríamos ter permanentemente a nosso dispor em nossa vida de vigília. Há nos sonhos uma encantadora poesia, uma alegoria arguta, um humor incomparável, uma rara ironia. O sonho contempla o mundo à luz de um estranho idealismo e, muitas vezes, realça os efeitos do que vê pela profunda compreensão de sua natureza essencial. Retrata a beleza terrena ante nossos olhos num esplendor verdadeiramente

celestial e reveste a dignidade com a mais alta majestade; mostra-nos nossos temores cotidianos da mais aterradora forma e converte nosso divertimento em chistes de uma pungência indescritível. E algumas vezes, quando estamos acordados e ainda sob o pleno impacto de uma experiência como essa, não podemos deixar de sentir que jamais em nossa vida o mundo real nos ofereceu algo que lhe fosse equivalente.”

Podemos muito bem perguntar se os comentários depreciativos citados nas páginas anteriores e esse entusiástico elogio têm alguma possibilidade de estar relacionados com a mesma coisa. Será que algumas de nossas autoridades desprezaram os sonhos disparatados, e outras, os profundos e sutis? E, se ocorrerem sonhos de ambas as espécies, sonhos que justificam ambos os julgamentos, não seria um desperdício de tempo buscar qualquer característica psicológica distintiva dos sonhos? Não será bastante dizer que nos sonhos *tudo* é possível — desde a mais profunda degradação da vida mental até uma exaltação dela que é rara nas horas de vigília? Por mais conveniente que fosse uma solução desse tipo, o que se opõe a ela é o fato de que todos os esforços para pesquisar o problema dos sonhos parecem basear-se na convicção de que *realmente* existe uma característica distintiva, que é universalmente válida em seus contornos essenciais e que limparia do caminho essas aparentes contradições.

Não há dúvida de que as realizações psíquicas dos sonhos receberam um reconhecimento mais rápido e mais caloroso durante o período intelectual que agora ficou para trás, quando a mente humana era dominada pela filosofia, e não pelas ciências naturais exatas. Pronunciamentos como o de Schubert (1814, 20 e seg.), de que os sonhos constituem uma libertação do espírito em relação ao poder da natureza externa, uma liberação da alma entre os grilhões dos sentidos, e outros comentários semelhantes do jovem Fichte (1864, 1, 143 e seg.) e de outros, todos os quais retratam os sonhos como uma elevação da vida mental a um nível superior, parecem-nos agora quase ininteligíveis; hoje em dia, são repetidos apenas pelos místicos e pelos carolas. A introdução do modelo de pensamento científico trouxe consigo uma reação na apreciação dos sonhos. Os autores médicos, em especial, tendem a considerar a atividade psíquica nos sonhos como trivial e desprovida de valor, enquanto os filósofos e os observadores não profissionais — os psicólogos amadores — cujas contribuições para esse assunto específico não devem ser desprezadas — têm conservado (numa afinidade mais estreita com o sentimento popular) a crença no valor psíquico dos sonhos. Quem quer que se incline a adotar uma visão

depreciativa do funcionamento psíquico nos sonhos preferirá, naturalmente, atribuir a fonte deles à estimulação somática; ao passo que os que acreditam que a mente preserva, ao sonhar, a maior parte de suas capacidades de vigília não têm nenhuma razão, é claro, para negar que o estímulo ao sonho pode surgir dentro da própria mente que sonha.

Dentre as faculdades superiores que até uma sóbria comparação pode inclinar-se a atribuir à vida onírica, a mais acentuada é a da memória; já examinamos longamente [na Seção B] as provas nada incomuns em defesa desse ponto de vista. Outro ponto de superioridade da vida onírica, muitas vezes louvado pelos autores mais antigos — o de que ela se eleva acima da distância no tempo e no espaço —, pode ser facilmente comprovado como não tendo base nos fatos. Como frisa Hildebrandt (1875, [25]), essa vantagem é ilusória, pois o sonhar se eleva acima do tempo e do espaço precisamente da mesma forma que o pensamento de vigília, e pela simples razão de que ele é apenas uma forma de pensamento. Tem-se alegado, em defesa dos sonhos, que eles desfrutam ainda de outra vantagem sobre a vida de vigília em relação ao tempo — que são independentes da passagem do tempo ainda sob outro aspecto. Sonhos como o que teve Maury com seu próprio guilhotinamento (ver pág. [1]) parecem indicar que um sonho é capaz de comprimir um espaço muito maior do que a quantidade de material de representações com que pode lidar nossa mente em estado de vigília. Essa conclusão, no entanto, tem sido contestada por vários argumentos; desde o trabalho de Le Lorrain (1894) e Egger (1895) sobre a duração aparente dos sonhos, desenvolveu-se um longo e interessante debate sobre o assunto, mas parece improvável que a última palavra já tenha sido dita acerca dessa questão sutil e das profundas implicações que ela envolve.

Relatos de numerosos casos, bem como a coletânea de exemplos feitos por Chabaneix (1897), parecem tornar indiscutível o fato de que os sonhos são capazes de dar prosseguimento ao trabalho intelectual diurno e levá-lo a conclusões que não foram alcançadas durante o dia, e que podem resolver dúvidas e problemas e constituir a fonte de uma nova inspiração para os poetas e compositores musicais. Mas, embora o fato seja indiscutível, suas implicações estão abertas a muitas dúvidas, que levantam questões de princípio.

Por fim, considera-se que os sonhos têm o poder de adivinhar o futuro. Temos aqui um conflito em que um ceticismo quase insuperável se defronta com asserções obstinadamente repetidas. Sem dúvida alguma, estaremos agindo com acerto não insistindo

em que esse ponto de vista não tem nenhum fundamento nos fatos, pois é possível que, dentro em breve, muitos dos exemplos citados venham a encontrar explicação no âmbito da psicologia natural.

(F) O SENTIDO MORAL NOS SONHOS

Por motivos que só se tornarão evidentes depois que minhas pesquisas sobre os sonhos forem levadas em conta, isolei do assunto da psicologia dos sonhos o problema especial de determinar se e até que ponto as inclinações e sentimentos morais se estendem até a vida onírica. Também aqui nos vemos diante dos mesmos pontos de vista contraditórios que, curiosamente, vimos adotados por diferentes autores no tocante a todas as outras funções da mente durante os sonhos. Alguns asseveram que os ditames da moralidade não têm lugar nos sonhos, enquanto outros sustentam não menos categoricamente que o caráter moral do homem persiste em sua vida onírica.

O recurso à experiência comum dos sonhos parece estabelecer, sem sombra de dúvida, a correção do primeiro desses pontos de vista. Jessen (1855, 553) escreve: “Tampouco nos tornamos melhores nem mais virtuosos no sono. Pelo contrário, a consciência parece ficar silenciosa nos sonhos, pois neles não sentimos nenhuma piedade e podemos cometer os piores crimes — roubo, violência e assassinato — com completa indiferença e sem quaisquer sentimentos posteriores de remorso.”

Radestock (1879, 164): “Deve-se ter em mente que ocorrem associações e vinculam-se representações nos sonhos sem nenhum respeito pela reflexão, bom-senso, gosto estético ou julgamento moral. O julgamento extremamente fraco e a indiferença ética reina, suprema.”

Volkelt (1875, 23): “Nos sonhos, como todos sabemos, os procedimentos são particularmente irrefreados nos assuntos sexuais. O próprio indivíduo que sonha fica inteiramente despudorado e destituído de qualquer sentimento ou julgamento moral; além disso, vê todos os demais, inclusive aqueles por quem nutre o mais profundo respeito, entregues a atos com os quais ficaria horrorizado em associá-los quando acordado, até mesmo em seus pensamentos.”

Em oposição diametral a estas, encontramos declarações como a de Schopenhauer [1862, 1, 245], no sentido de que qualquer pessoa que apareça num sonho age e fala em

completo acordo com seu caráter. K. P. Fischer (1850, 72 e seg.), citado por Spitta (1882, 188), declara que os sentimentos e anseios subjetivos, ou os afetos e as paixões, revelam-se na liberdade da vida onírica, e que as características morais das pessoas se refletem em seus sonhos.

Haffner (1887, 251): “Com raras exceções (...) o homem virtuoso é virtuoso também em seus sonhos; resiste às tentações e se mantém afastado do ódio, da inveja, da cólera e de todos os outros vícios. Mas o pecador, em geral, encontra em seus sonhos as mesmas imagens que tinha ante seus olhos quando acordado.”

Scholz [1893, 62]: “Nos sonhos está a verdade: nos sonhos aprendemos a conhecer-nos tal como somos, a despeito de todos os disfarces que usamos perante o mundo [sejam eles enobrecedores ou humilhantes] (...) O homem honrado não pode cometer um crime nos sonhos, ou, se o fizer, ficará tão horrorizado com isso como com algo contrário à sua natureza. O imperador romano que condenou à morte um homem que sonhara ter assassinado o governante estaria justificado em fazê-lo, se raciocinasse que os pensamentos que se têm nos sonhos também se têm quando em estado de vigília. A expressão corriqueira ‘eu nem sonharia em fazer tal coisa’ tem um significado duplamente correto, quando se refere a algo que não pode encontrar guarida em nosso coração nem em nossa mente.” (Platão, ao contrário, considerava que os melhores homens são aqueles que apenas *sonham* com o que os outros *fazem* em sua vida de vigília.)

Pfaff (1868, [9]), citado por Spitta (1882, 192), altera a formulação de um ditado familiar: “Diz-me alguns de teus sonhos e te direi quem é teu eu interior.”

O problema da moral nos sonhos é tomado como o centro do interesse por Hildebrandt, de cujo pequeno volume já fiz tantas citações — pois, de todas as contribuições ao estudo dos sonhos com que deparei, ele é o mais perfeito quanto à forma e o mais rico de idéias. Também Hildebrandt [1875, 54] formula como norma que, quanto mais pura a vida, mais puro o sonho, e quanto mais impura aquela, mais impuro este. Ele crê que a natureza moral do homem persiste nos sonhos. “Enquanto”, escreve ele, “até o mais grosseiro erro de aritmética, até a mais romântica inversão das leis científicas, até o mais ridículo anacronismo deixa de nos perturbar, ou mesmo de despertar nossas suspeitas, nunca perdemos de vista a distinção entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, ou entre a virtude e o vício. Não importa quanto do que nos acompanha durante o dia desapareça em nossas horas de sono, o imperativo categórico de Kant é um companheiro que nos segue tão de perto em nossos

calcanhares que não nos podemos ver livres dele nem quando adormecidos, (...) Mas isso só pode ser explicado pelo fato de que o que é fundamental na natureza do homem, seu ser moral, está fixado com firmeza demais para ser afetado pelo embaralhamento caleidoscópico ao qual a imaginação, a razão, a memória e outras dessas faculdades têm de se submeter nos sonhos.” (Ibid., 45 e seg.)

À medida que prossegue o debate sobre esse assunto, contudo, ambos os grupos de autores começam a exibir notáveis mudanças e incoerências em suas opiniões. Os que sustentam que a personalidade moral do homem deixa de funcionar nos sonhos deveriam, pelo rigor da lógica, perder todo o interesse nos sonhos imorais. Poderiam rejeitar qualquer tentativa de responsabilizar o sonhador por seus sonhos, ou de deduzir da maldade de seus sonhos que haveria um traço maligno em seu caráter, com a mesma confiança com que rejeitariam uma tentativa semelhante de deduzir do absurdo de seus sonhos que as atividades intelectuais dele, na vida de vigília, seriam destituídas de valor. O outro grupo, que acredita que o “imperativo categórico” se estende aos sonhos, deveria logicamente aceitar uma responsabilidade irrestrita pelos sonhos imorais. Só nos restaria esperar, pelo bem deles, que eles mesmos não tivessem tais sonhos repreensíveis, capazes de perturbar sua sólida crença em seu próprio caráter moral.

Parece, no entanto, que ninguém é tão confiante assim quanto a até que ponto é bom ou mau, e que ninguém pode negar a lembrança de ter tido seus próprios sonhos imorais. Pois os autores de ambos os grupos, independentemente da oposição entre suas opiniões sobre a moralidade onírica, fazem esforços para explicar a origem dos sonhos imorais; e surge uma nova diferença de opinião, conforme a origem deles seja baseada nas funções da mente ou nos efeitos perniciosos produzidos na mente por causas somáticas. Assim, a lógica imperativa dos fatos compele tanto os defensores da responsabilidade como da irresponsabilidade da vida onírica a se aliarem no reconhecimento de que a imoralidade dos sonhos tem uma fonte psíquica específica.

Os que crêem que a moral se estende aos sonhos, porém, mostram-se cautelosos para evitar assumir *completa* responsabilidade por seus sonhos. Assim, escreve Haffner (1887, 250): “Não somos responsáveis por nossos sonhos, visto que neles nosso pensamento e nossa vontade são privados do único fundamento com base no qual nossa vida possui verdade e realidade. (...) Por essa razão, nenhum desejo onírico ou ação onírica pode ser virtuoso ou pecaminoso.” Não obstante, prossegue ele, os homens são

responsáveis por seus sonhos pecaminosos na medida em que os provocam indiretamente. Eles têm o dever de limpar moralmente suas mentes, não só na vida de vigília como também, mas especialmente, antes de irem dormir.

Hildebrandt [1875, 48 e seg.] nos fornece uma análise muito mais profunda dessa mescla de rejeição e aceitação da responsabilidade pelo conteúdo moral dos sonhos. Argumenta que, ao considerar a aparência imoral dos sonhos, deve-se fazer uma concessão à forma dramática em que eles se expressam, à compressão que fazem dos mais complicados processos de reflexão nos mais curtos períodos de tempo, e também à forma pela qual, como até ele admite, os elementos de representação se tornam confusos e privados de sua significância. Ainda assim, Hildebrandt confessa que sente enorme hesitação, em pensar que toda a responsabilidade pelos pecados e erros dos sonhos pode ser repudiada.

“Quando estamos ansiosos por negar alguma acusação injusta, especialmente uma acusação que se relacione com nossos objetivos e intenções, muitas vezes usamos a frase ‘eu nunca sonharia com tal coisa’. Desse modo expressamos, por um lado, nosso sentimento de que a região dos sonhos é a mais remota e distante das áreas em que somos responsáveis por nossos pensamentos, já que os pensamentos nessa região acham-se tão frouxamente ligados com nosso eu essencial que mal podem ser considerados como nossos; mas, ainda assim, visto nos sentirmos expressamente obrigados a negar a existência desses pensamentos nessa região, admitimos indiretamente, ao mesmo tempo, que nossa autojustificação não seria completa caso não se estendesse até esse ponto. E penso que nisso falamos, embora inconscientemente, a linguagem da verdade.” (Ibid., 49.)

“É impossível pensar em qualquer ato de um sonho cuja motivação original não tenha passado, de um modo ou de outro — fosse como desejo, anseio ou impulso —, através da mente desperta.” Devemos admitir, prossegue Hildebrandt, que esse impulso original não foi inventado pelo sonho; o sonho simplesmente o copiou e desdobrou, meramente elaborou de forma dramática um fragmento de material histórico que encontrou em nós; meramente dramatizou as palavras do Apóstolo: “Todo aquele que odeia seu irmão é assassino.” [1 João 3, 15.] E embora, depois de acordarmos, conscientes da nossa força moral, possamos sorrir de toda a elaborada estrutura do sonho pecaminoso, mesmo assim o material original de que derivou a estrutura não conseguirá despertar um sorriso. Sentimo-nos responsáveis pelos erros do sonhador — não por sua totalidade, mas por uma certa

percentagem. “Em suma, se compreendemos, nesse sentido quase incontestável, as palavras de Cristo, de que ‘do coração procedem os maus pensamentos’ [Mateus 15, 19], dificilmente escaparemos à convicção de que um pecado cometido num sonho traz em si pelo menos um mínimo obscuro de culpa.” (Hildebrandt, 1875, 51 e segs.)

Assim, Hildebrandt encontra a fonte da imoralidade dos sonhos nos germes e indícios de impulsos maléficos que, sob a forma de tentações, atravessam nossa mente durante o dia; e ele não hesita em incluir esses elementos imorais em sua estimativa do valor moral de uma pessoa. Esses mesmos pensamentos, como sabemos, e essa mesma avaliação deles, é que conduziram os devotos e santos de todas as épocas a se confessarem míseros pecadores.

Naturalmente, não há dúvida quanto à existência geral de tais representações incompatíveis; elas ocorrem na maioria das pessoas e em outras esferas que não a da ética. Por vezes, entretanto, têm sido julgadas com menos seriedade. Spitta (1882, 194) cita algumas observações de Zeller [1818, 120-1] que são relevantes a esse respeito: “É raro uma mente ser tão bem organizada a ponto de possuir completo poder em todos os momentos e de não ter o curso regular e livre de seus pensamentos constantemente interrompido, não só por representações não essenciais como também por representações decididamente grotescas e disparatadas. Com efeito, os maiores pensadores viram-se obrigados a se queixar dessa confusão oníróide, incômoda e torturante de representações que perturbava suas reflexões mais profundas e seus mais solenes e sinceros pensamentos.”

Uma luz mais reveladora é lançada sobre a posição psicológica dessas idéias incompatíveis por meio de outra observação de Hildebrandt (1875, 55), no sentido de que os sonhos nos proporcionam um vislumbre ocasional de profundezas e recessos de nossa natureza a que em geral não temos acesso em nosso estado de vigília. Kant expressa a mesma idéia num trecho de sua *Anthropologie* [1798], onde declara que os sonhos parecem existir para nos mostrar nossas naturezas ocultas e nos revelar não o que somos, mas o que poderíamos ter sido se tivéssemos sido criados de maneira diferente. Radestock (1879, 84) afirma igualmente que, com freqüência, os sonhos não fazem mais do que nos revelar o que não admitiríamos para nós mesmos, e que, portanto, é injusto de nossa parte estigmatizá-los como mentirosos e impostores. Erdmann [1852, 115] escreve: “Os sonhos nunca me mostraram o que devo pensar de um homem; mas, ocasionalmente, tenho descoberto por

meio de um sonho, para meu próprio grande assombro, o que realmente penso de um homem e como me sinto em relação a ele.” De modo semelhante, I. H. Fichte (1864, 1, 539) observa: “A natureza de nossos sonhos proporciona um reflexo muito mais verdadeiro de toda a nossa inclinação do que somos capazes de descobrir sobre ela por meio da auto-observação na vida de vigília.”

Observa-se que o surgimento de impulsos alheios a nossa consciência moral é meramente análogo ao que já aprendemos — ao fato de os sonhos terem acesso a um material ideativo que está ausente em nosso estado de vigília ou desempenha nele apenas um pequeno papel. Assim, escreve Benini (1898, 149): “Certe nostre inclinazioni che si credevano soffocate e spente da un pezzo, si ridestano; passioni vecchie e sepolte rivivono: cose e persone a cui non pensiamo mai, ci vengono dinanzi.” E Volkelt (1875, 105): “Também algumas representações que penetraram na consciência de vigília quase despercebidas, e que talvez nunca tenham sido re-evocadas pela memória, com muita freqüência anunciam sua presença na mente através de sonhos.” A esta altura, finalmente, podemos relembrar a asserção de Schleiermacher [ver em [1]] de que o ato de adormecer é acompanhado pelo aparecimento de “representações involuntárias” ou imagens involuntárias.

Podemos, portanto, classificar em conjunto, sob a epígrafe de “representações involuntárias”, todo o material de representações cujo surgimento, tanto nos sonhos imorais quanto nos sonhos absurdos, nos causa tanto espanto. Há, porém, um importante ponto de diferenciação: as representações involuntárias na esfera moral contradizem nossa atitude mental costumeira, ao passo que as outras simplesmente nos causam uma impressão de estranheza. Ainda não se tomou nenhuma providência no sentido de um conhecimento mais profundo que pudesse solucionar essa distinção.

Surge em seguida a questão da *importância* do aparecimento de representações involuntárias nos sonhos, da luz que pode ser lançada pelo surgimento noturno desses impulsos moralmente incompatíveis na psicologia da mente desperta e da que sonha. E aqui encontramos uma nova divisão de opiniões e mais um agrupamento diferente das autoridades. A linha de pensamento adotada por Hildebrandt e outros que partilham de sua posição fundamental conduz, inevitavelmente, à visão de que os impulsos morais possuem certo grau de poder até mesmo na vida de vigília, embora seja um poder inibido, incapaz de se impor à ação, e que, no sono, desativa-se algo que atua como uma inibição durante o dia e nos impede de nos conscientizarmos da existência de tais impulsos. Assim, os sonhos

revelariam a verdadeira natureza do homem, embora não *toda* a sua natureza, e constituiriam um meio de tornar o interior oculto da mente acessível a nosso conhecimento. É somente em premissas como essas que Hildebrandt [1875, 56] pode basear sua atribuição aos sonhos de poderes de advertência, que atraem nossa atenção para as fraquezas morais de nossa mente, da mesma forma que os médicos admitem que os sonhos podem trazer males físicos não observados a nossa atenção consciente. Do mesmo modo, Spitta deve estar adotando esse ponto de vista quando, ao falar [1882, 193 e seg.] nas fontes de excitação que afetam a mente (na puberdade, por exemplo), consola o sonhador com a certeza de que ele terá feito tudo o que está em seu poder se levar uma vida rigorosamente virtuosa em suas horas de vigília, e se tomar o cuidado de suprimir os pensamentos pecaminosos sempre que eles surgirem, e de impedir sua maturação e transformação em atos. Segundo essa visão, poderíamos definir as “representações involuntárias” como “representações que foram “suprimidas” durante o dia, e teríamos de encarar seu surgimento como um fenômeno mental autêntico.

Outros autores, porém, consideram injustificável esta última conclusão. Assim, Jessen (1855, 360) acredita que as representações involuntárias, tanto nos sonhos como no estado de vigília, e também nos estados febris e outras situações de delírio, “têm o caráter de uma atividade volitiva que foi posta em repouso e de uma sucessão mais ou menos mecânica de imagens e representações provocadas por impulsos internos”. Tudo o que um sonho imoral prova quanto à vida mental do sonhador é que, segundo a visão de Jessen, em alguma ocasião ele teve conhecimento do conteúdo de representações em questão; certamente não constitui evidência de um impulso mental próprio do sonhador.

No tocante a outro autor, Maury, chega quase a parecer que também ele atribui ao estado onírico uma capacidade não de destruição arbitrária da atividade mental, mas de decomposição dela em seus elementos constitutivos. Assim escreve ele sobre os sonhos que transgridem os ditames da moral: “Ce sont nos penchants qui parlent et qui nous font agir, sans que la conscience nous retienne, bien que parfois elle nous avertisse. J'ai mes défauts et mes penchants vicieux; à l'état de veille je tâche de lutter contre eux, et il m'arrive assez souvent de n'y pas succomber. Mais dans mes songes j'y succombe toujours ou pour mieux dire j'agis par leur impulsion, sans crainte et sans remords. (...) Evidemment les visions qui se déroulent devant ma pensée et qui constituent le rêve, me sont suggérées par

les incitations que je ressens et que ma volonté absente ne cherche pas à refouler.” (Maury, 1878, 113.)

Ninguém que acredite na capacidade dos sonhos de revelar uma tendência imoral do sonhador, a qual esteja realmente presente, embora suprimida ou oculta, poderia expressar seu ponto de vista mais precisamente do que nas palavras de Maury: “En rêve l’homme se révèle donc tout entier à soi-même dans sa nudité et sa misère natives. Dès qu’il suspend l’exercice de sa volonté, il devient le jouet de toutes les passions contres lesquelles, à l’état de veille, la conscience, le sentiment de l’honneur, la crainte nous défendent.” (Ibid., 165.) Num outro trecho encontramos as seguintes frases pertinentes: “Dans le songe, c’est surtout l’homme instinctif qui se révèle. (...) L’homme revient pour ainsi dire à l’état de nature quand il rêve; mais moins les idées acquises ont pénétré dans encore sur lui l’influence dans le rêve.” (Ibid., 462.) E Maury prossegue relatando, à guisa de exemplo, como, em seus sonhos, ele é, não raro, vítima da própria superstição que combate em seus textos com particular veemência.

Essas reflexões penetrantes de Maury, contudo, perdem seu valor na investigação da vida onírica, pelo fato de ele considerar os fenômenos que observou com tanta exatidão como não passando de provas de um *“automatisme psychologique”* que, em sua opinião, domina os sonhos, e que ele encara como o oposto exato da atividade mental.

Stricker (1879, [51]) escreve: “Os sonhos não consistem unicamente em ilusões. Quando, por exemplo, num sonho alguém tem medo de ladrões, os ladrões, é verdade, são imaginários — mas o medo é real.” Isso nos chama a atenção para o fato de os afetos nos sonhos não poderem ser julgados da mesma forma que o restante de seu conteúdo; e nos confrontamos com o problema de determinar que parte dos processos psíquicos que ocorrem nos sonhos deve ser tomada como real, isto é, que parte tem o direito de figurar entre os processos psíquicos da vida de vigília.

(G) TEORIAS DO SONHAR E DE SUA FUNÇÃO

Qualquer investigação sobre os sonhos que procure explicar o maior número possível de suas características observadas de um ponto de vista particular, e que, ao mesmo tempo, defina a posição ocupada pelos sonhos numa esfera mais ampla de fenômenos merece ser chamada de teoria dos sonhos. Verificaremos que as várias teorias

diferem no sentido de selecionarem uma ou outra característica dos sonhos como sendo a essencial e de tornarem-na como ponto de partida para suas explicações e correlações. Não precisa ser necessariamente possível inferir uma *função* do sonhar (seja ela utilitária ou não) a partir da teoria. Não obstante, visto termos o hábito de buscar explicações teleológicas, estaremos mais propensos a aceitar teorias que estejam ligadas com a atribuição de uma função ao sonhar.

Já travamos conhecimento com vários grupos de pontos de vista que merecem ser mais ou menos intitulados de teorias dos sonhos neste sentido do termo. A crença sustentada na Antiguidade de que os sonhos eram enviados pelos deuses para orientar as ações dos homens constituía uma teoria completa dos sonhos, proporcionando informações sobre tudo o que valia a pena saber a respeito deles. Desde que os sonhos passaram a ser objeto da pesquisa científica, desenvolveu-se um número considerável de teorias, inclusive algumas que são extremamente incompletas.

Sem a intenção de fazer qualquer enumeração exaustiva, podemos tentar dividir as teorias dos sonhos, *grosso modo*, nos três seguintes grupos, conforme seus pressupostos subjacentes quanto ao volume e à natureza da atividade psíquica nos sonhos.

(1) Existem teorias, como a de Delboeuf [1885, 221 e seg.], segundo as quais a totalidade psíquica continua nos sonhos. A mente, presumem elas, não dorme, e seu aparelho permanece intacto; como se enquadra nas condições do estado de sono, que diferem das da vida de vigília, seu funcionamento normal necessariamente produz resultados diferentes durante o sono. Surge, no tocante a essas teorias, a questão de saber se elas são capazes de extrair todas as distinções do estado de sono. Além disso, não há nenhuma possibilidade de elas poderem sugerir qualquer *função* para o sonhar; elas não fornecem nenhuma razão pela qual devamos sonhar, pela qual o complexo mecanismo do aparelho psíquico deva continuar a funcionar mesmo quando colocado em circunstâncias para as quais não parece destinar-se. As únicas reações adequadas pareceriam ser ou o sono sem sonhos, ou, havendo interferência de estímulos perturbadores, o despertar — e não a terceira alternativa, a de sonhar.

(2) Existem as teorias que, pelo contrário, pressupõem que os sonhos implicam um rebaixamento da atividade psíquica, um afrouxamento das conexões e um empobrecimento do material acessível. Essas teorias implicam atribuírem-se ao sono características inteiramente diferentes das sugeridas, por exemplo, por Delboeuf. O sono, segundo essas

teorias, exerce vasta influência sobre a mente; não consiste apenas no isolamento da mente em relação ao mundo externo; em vez disso, ele se impõe ao mecanismo mental e o deixa temporariamente fora de uso. Se é que posso arriscar uma analogia extraída da esfera da psiquiatria, direi que o primeiro grupo de teorias interpreta os sonhos segundo o modelo da paranóia, enquanto o segundo grupo faz com que eles assemelhem à deficiência mental ou aos estados confusionais.

A teoria segundo a qual apenas um fragmento da atividade psíquica encontra expressão nos sonhos, por ter sido paralisada pelo sono, é de longe a mais popular entre os autores médicos e no mundo científico em geral. Tanto quanto se possa presumir que haja um interesse geral na explicação dos sonhos, esta pode ser descrita como a teoria dominante. Convém notar com que facilidade essa teoria evita o pior obstáculo no caminho de qualquer explicação dos sonhos — a dificuldade de lidar com as contradições envolvidas neles. Ela encara os sonhos como o resultado de um despertar parcial — “um despertar gradativo, parcial e, ao mesmo tempo, altamente anormal”, para citar um comentário de Herbart sobre os sonhos (1892, 307). Assim, essa teoria pode valer-se de uma série de condições de um crescente estado de vigília, culminando no estado completamente desperto, a fim de explicar a série de variações na eficiência do funcionamento mental nos sonhos, indo desde a ineficiência revelada por seu absurdo ocasional até o funcionamento intelectual plenamente concentrado. [Ver em [1].]

Os que julgam não poder dispensar uma colocação em termos da fisiologia, ou para os quais uma afirmação nesses termos parece mais científica, encontrarão o que procuram na explicação dada por Binz (1878, 43): “Esse estado” (de torpor) “chega ao fim nas primeiras horas da manhã, mas apenas gradativamente. Os produtos da fadiga que se acumularam na albumina do cérebro diminuem gradualmente; uma quantidade cada vez maior deles é decomposta ou eliminada pelo fluxo incessante da corrente sanguínea. Aqui e ali, grupos isolados de células começam a despontar no estado de vigília enquanto o estado de torpor ainda persiste em torno delas. O trabalho isolado desses grupos separados surge então diante de nossa consciência obscurecido de associação. Por esse motivo, as imagens produzidas, que correspondem, em sua maior parte, a impressões materiais do passado mais recente, são concatenadas de maneira tumultuada e irregular. O número das células cerebrais liberadas cresce continuamente, enquanto a insensatez dos sonhos vai tendo uma redução proporcional.”

Essa visão do sonhar como um estado de vigília incompleto e parcial se encontra, sem dúvida, nos textos de todos os fisiologistas e filósofos modernos. Sua exposição mais elaborada é dada por Maury (1878, 6 e seg.). Muitas vezes, é como se esse autor imaginasse que o estado de vigília ou de sono poderia mudar-se de uma região anatômica para outra, estando cada região anatômica específica ligada a uma função psíquica particular. Neste ponto, teço apenas o comentário de que, mesmo que se confirmasse a teoria da vigília parcial, seus detalhes ainda permaneceriam extremamente discutíveis.

Essa visão, naturalmente, não deixa margem para se atribuir qualquer função ao sonhar. A conclusão lógica que dela se infere quanto à posição e ao significado dos sonhos é corretamente enunciada por Binz (1878, 35): “Todos os fatos observados forçam-nos a concluir que os sonhos devem ser caracterizados como processos *somáticos* que, na totalidade dos casos, são inúteis, e em muitos deles decididamente patológicos. (...)”

A aplicação do termo “somático” aos sonhos, grifado pelo próprio Binz, tem mais de um sentido. Alude, em primeiro lugar, à *etiologia* dos sonhos que pareceu particularmente plausível a Binz quando ele estudou a produção experimental de sonhos mediante o emprego de substâncias tóxicas. Isso porque as teorias dessa natureza envolvem uma tendência a limitar a instigação dos sonhos, tanto quanto possível, às causas somáticas. Colocada em sua forma mais extrema, a visão é a seguinte: Uma vez que adormecemos pela exclusão de todos os estímulos, não há necessidade nem ocasião para sonhar senão com a chegada da manhã, quando o processo de ser gradualmente acordado pelo impacto dos novos estímulos poderia refletir-se no fenômeno do sonhar. É impraticável, contudo, manter nosso sono livre dos estímulos; eles incidem na pessoa adormecida vindos de todos os lados — como os germes de vida de que se queixava Mefistófeles —, vindo de fora e de dentro, e até de partes do corpo que passam inteiramente despercebidas na vida de vigília. Assim, o sono é perturbado; primeiro uma parte da mente é abalada e despertada, e depois, outra; a mente funciona por um breve momento com sua parte desperta e, então, alegra-se em adormecer de novo. Os sonhos são uma reação à perturbação do sono provocada por estímulo — uma reação, aliás, bastante supérflua.

Mas a descrição do sonhar — que, afinal de contas, continua a ser uma função da mente — como um processo somático implica também outro sentido. Destina-se a demonstrar que os sonhos não merecem ser classificados como processos psíquicos. O sonhar tem sido muitas vezes comparado com “os dez dedos de um homem que nada sabe

de música, deslocando-se ao acaso sobre as teclas de um piano” [Strümpell, 1877, 84; ver em [1], adiante]; e esse símile mostra, melhor do que qualquer outra coisa, o tipo de opinião que geralmente fazem do sonhar os representantes das ciências exatas. Sob esse prisma, o sonho é algo total e completamente impossível de interpretar, pois como poderiam os dez dedos de alguém que não soubesse música produzir uma peça musical?

Mesmo no passado distante não faltaram críticos à teoria do estado de vigília parcial. Assim, Burdach (1838, 508 e seg.) escreveu: “Quando se diz que os sonhos são um despertar parcial, em primeiro lugar isso não lança nenhuma luz sobre a vigília ou o sono, e, em segundo, nada faz além de afirmar que, nos sonhos, algumas forças mentais ficam ativas enquanto outras se acham em repouso. Mas esse tipo de variabilidade ocorre ao longo de toda a vida.”

Essa teoria dominante, que considera os sonhos como um processo somático, está subjacente a uma interessantíssima hipótese, formulada pela primeira vez por Robert, em 1886. Ela é particularmente atraente, pois consegue sugerir uma função, uma finalidade utilitária, para o sonhar. Robert toma como base para sua teoria dois fatos observáveis que já consideramos no decurso de nosso exame do material dos sonhos (ver em [1]), a saber, que é muito freqüente sonharmos com as impressões diurnas mais triviais e que é muito raro transpormos para nossos sonhos os interesses cotidianos importantes. Robert (1866, 10) assevera ser universalmente verdadeiro que as coisas que foram minuciosamente elaboradas pelo pensamento nunca se tornam instigadoras de sonhos, mas apenas as que estão em nossa mente numa forma incompleta, ou que foram simplesmente tocadas de passagem por nossos pensamentos: “A razão por que costuma ser impossível explicar os sonhos é, precisamente, eles serem causados por impressões sensoriais do dia anterior que deixaram de atrair atenção suficiente do sonhador.” [Ibid., 19-20.] Portanto, a condição que determina se uma impressão penetrará num sonho é ter havido uma interrupção no processo de elaborar essa impressão, ou ter ela sido excessivamente sem importância para ter o direito de ser elaborada.

Robert descreve os sonhos como “um processo somático de excreção do qual nos tornamos cômicos em nossa reação mental a ele”. [Ibid., 9.] Os sonhos são excreções de pensamentos que foram sufocados na origem. “Um homem privado da capacidade de sonhar ficaria, com o correr do tempo, mentalmente transtornado, pois uma grande massa de pensamentos incompletos e não elaborados e de impressões superficiais se acumularia em

seu cérebro e, por seu grande volume, estaria fadada a sufocar os pensamentos que deveriam ser assimilados em sua memória como conjuntos completos.” [Ibid., 10.] Os sonhos servem de válvula de escape para o cérebro sobrecarregado. Possuem o poder de curar e aliviar. (Ibid., 32.)

Faríamos uma interpretação errônea de Robert se lhe perguntássemos como pode a mente ser aliviada pela representação nos sonhos. O que Robert faz, evidentemente, é inferir dessas duas características do material onírico que, de um modo ou de outro, uma expulsão de impressões sem valor se realiza durante o sono como um processo *somático*, e que o sonhar não constitui uma modalidade especial de processo psíquico, mas apenas a informação que recebemos sobre essa expulsão. Além disso, a excreção não é o único evento que ocorre na mente à noite. O próprio Robert acrescenta que, além dela, as sugestões surgidas na véspera são trabalhadas e que “todas as partes dos pensamentos indigeridos que não são expelidas são reunidas num todo integrado por fios de pensamento tomados de empréstimo à imaginação, e assim inseridas na memória como um inofensivo quadro imaginatório.” (Ibid., 23.)

Mas a teoria de Robert é diametralmente oposta à teoria dominante em sua avaliação da natureza das *fontes* dos sonhos. Segundo esta última, não haveria sonho algum se a mente não fosse despertada de maneira constante por estímulos sensoriais externos e internos. Na visão de Robert, porém, o impulso para o sonhar surge na própria mente — no fato de ela ficar sobrecarregada e precisar de alívio; e ele conclui com perfeita lógica que as causas derivadas das condições somáticas desempenham um papel secundário como determinantes dos sonhos, e que tais causas seriam inteiramente incapazes de provocar sonhos numa mente em que não houvesse material para a construção de sonhos oriundo da consciência de vigília. A única ressalva que ele faz é admitir que as imagens fantasiosas que surgem nos sonhos, vindas das profundezas da mente, podem ser afetadas por estímulos nervosos. (Ibid., 48.) Afinal, portanto, Robert não encara os sonhos como sendo tão inteiramente dependentes dos eventos somáticos. Não obstante, em sua opinião, os sonhos não são processos psíquicos, não têm lugar entre os processos psíquicos da vida de vigília; são processos somáticos que ocorrem todas as noites no aparelho relacionado com a atividade mental, e têm como função a tarefa de proteger esse aparelho da tensão excessiva — ou, modificando a metáfora, de agir como “garis” da mente.

Outro autor, Yves Delage, baseia sua teoria nas mesmas características dos sonhos, tais como reveladas na escolha de seu material; e é instrutivo notar como uma ligeira variação em seu ponto de vista acerca das mesmas coisas o leva a conclusões de sentido muito diferente.

Diz-nos Delage (1891, 41) ter experimentado em sua própria pessoa, por ocasião da morte de alguém que lhe era querido, o fato de *não* sonharmos com o que ocupou todos os nossos pensamentos durante o dia, ou não até que isso tenha começado a dar lugar a outros interesses cotidianos. Suas pesquisas em meio a outras pessoas confirmaram-lhe a verdade geral desse fato. Ele faz o que seria uma observação interessante dessa natureza, se provasse ter validade geral, a respeito dos sonhos dos jovens casais: “S’ils ont été fortement épris, presque jamais ils n’ont rêvé l’un de l’autre avant le mariage ou pendant la lune de miel; et s’ils ont rêvé d’amour c’est pour être infidèles avec quelque personne indifférente ou odieuse.” [Ibid., 41.] Como que é, então, que sonhamos? Delage identifica o material de nossos sonhos como consistindo em fragmentos e resíduos dos dias precedentes e de épocas anteriores. Tudo o que aparece em nossos sonhos, ainda que a princípio nos inclinemos a considerá-lo como uma criação de nossa vida onírica, revela-se, quando o examinamos mais de perto, como a reprodução não reconhecida [de material já vivenciado] — “souvenir inconscient”. Mas esse material de representações possui uma característica comum: provém de impressões que provavelmente afetaram nossos sentidos com mais intensidade do que nossa inteligência, ou das quais nossa atenção foi desviada logo depois que surgiram. Quanto menos consciente e, ao mesmo tempo, mais poderosa tenha sido uma impressão, mais possibilidade tem ela de desempenhar um papel no sonho seguinte.

Temos aqui o que são, essencialmente, as duas mesmas categorias de impressões enfatizadas por Robert: as triviais e as que não foram trabalhadas. Delage, contudo, dá à situação uma interpretação diferente, pois sustenta que é por não terem sido trabalhadas que essas impressões são passíveis de produzir sonhos, e não por serem triviais. É verdade, num certo sentido, que também as impressões triviais não foram completamente trabalhadas; sendo da ordem das impressões novas, elas são “autant de ressorts tendus” que se soltam durante o sono. Uma impressão poderosa que tenha esbarrado casualmente em algum obstáculo no processo de ser trabalhada, ou que tenha sido deliberadamente refreada, tem mais justificativa para desempenhar algum papel nos sonhos do que a impressão que seja fraca e quase despercebida. A energia psíquica armazenada durante o dia mediante inibição

e supressão torna-se a força motriz dos sonhos durante a noite. O material psíquico que foi suprimido vem à luz nos sonhos. [Ibid., 1891, 43.]

Nessa altura, infelizmente, Delage interrompe sua seqüência de idéias. Nos sonhos, só consegue atribuir a mais ínfima parcela a qualquer atividade psíquica independente; e assim alinha sua teoria com a teoria dominante do despertar parcial do cérebro: “En somme le rêve est le produit de la pensée errante, sans but et sans direction, se fixant successivement sur les souvenirs, qui ont gardé assez d'intensité pour se placer sur sa route et l'arrêter au passage, établissant entre eux un lien tantôt faible et indécis, tantôt plus fort et plus serré, selon que l'activité actuelle du cerveau est plus ou moins abolie par le sommeil.” [Ibid., 46.]

(3) Podemos situar num terceiro grupo as teorias que atribuem à mente no sonho uma capacidade de inclinação para desenvolver atividades psíquicas especiais de que, na vida de vigília, ela é total ou basicamente incapaz. A ativação dessas faculdades costuma conferir aos sonhos uma função utilitária. A maioria das opiniões do sonhar dadas pelos autores antigos no campo da psicologia enquadra-se nessa classe. Basta-me, porém, citar uma frase de Burdach (1838, 512). O sonhar, escreve ele, “é uma atividade natural da mente que não é limitada pelo poder da individualidade, não é interrompida pela consciência de si mesma e não é dirigida pela autodeterminação, mas que é a vitalidade dos centros sensoriais atuando livremente.”

Esse deleite da psique no livre emprego de suas próprias forças é evidentemente encarado por Burdach e pelos demais como uma condição em que a mente se revigora e reúne novas forças para o trabalho diurno, — na qual, de fato, ela desfruta de uma espécie de feriado. Assim, Burdach [ibid., 514] cita com aprovação as encantadoras palavras com que o poeta Novalis louva o reino dos sonhos: “Os sonhos são um escudo contra a enfadonha monotonia da vida: libertam a imaginação de seus grilhões, para que ela possa confundir todos os quadros da existência cotidiana e irromper na permanente gravidade dos adultos com o brinquedo alegre da criança. Sem sonhos, por certo envelheceríamos mais cedo; assim, podemos contemplá-los, não, talvez, como uma dádiva do céu, mas como uma recreação preciosa, como companheiros amáveis em nossa peregrinação para o túmulo.” [Heinrich von Ofterdingen (1802), Parte I, Cap. 1.]

A função curativa e revigorante dos sonhos é descrita com insistência ainda maior por Purkinje (1846, 456): “Essas funções são executadas especialmente pelos sonhos

produtivos. Eles são o livre curso da imaginação e não têm ligação alguma com os assuntos do dia. A mente não tem nenhum desejo de prolongar as tensões da vida de vigília; procura relaxá-las e recuperar-se delas. Produz, acima de tudo, condições contrárias às da vigília. Cura o pesar com a alegria, as preocupações com esperanças e imagens de amena descontração, o ódio com o amor e a amizade, o medo com a coragem e a previdência; mitiga a dúvida com a convicção e confiança sólida, e a vãesperança com a realização. Muitas das feridas do espírito, que são constantemente reabertas durante o dia, são curadas pelo sono, que as cobre e resguarda de novos danos. A ação curativa do tempo baseia-se parcialmente nisso.” Todos temos a sensação de que o sono exerce um efeito benéfico sobre as atividades mentais, e o obscuro funcionamento da mentalidade popular se recusa a abrir mão de sua crença de que sonhar é uma das maneiras pelas quais o sono proporciona seus benefícios.

A tentativa mais original e ampla de explicar os sonhos como uma atividade especial da mente, capaz de livre expansão apenas durante o estado de sono, foi a que empreendeu Scherner em 1861. Seu livro é escrito num estilo bombástico e extravagante e se inspira num entusiasmo quase extasiado por seu assunto, fadado a repelir quem quer que não consiga partilhar de seu fervor. Cria tantas dificuldades à análise de seu conteúdo que passamos com alívio à exposição mais clara e mais sucinta das doutrinas de Scherner fornecida pelo filósofo Volkelt. “Lampejos sugestivos de sentido emanam como relâmpagos dessas aglomerações místicas, dessas nuvens de glória e de esplendor — mas não iluminam a trilha de um filósofo.” É nesses termos que os escritos de Scherner são julgados até mesmo por seu discípulo. [Volkelt, 1875, 29.]

Scherner não é dos que acreditam que as capacidades da mente continuem irreduzidas na vida onírica. Ele próprio [nas palavras de Volkelt (ibid., 30)] mostra como o núcleo central do ego — sua energia espontânea — fica privado de sua força nervosa nos sonhos; como, em decorrência dessa descentralização, os processos de cognição, sensação, vontade e representação se vêem modificados e, como os remanescentes dessas funções psíquicas deixam de possuir um caráter verdadeiramente mental, tornando-se nada além de mecanismos. Contudo, à guisa de contraste, a atividade mental que se pode descrever como “imaginação”, liberta do domínio da razão e de qualquer controle moderador, salta para uma posição de soberania ilimitada. Embora a imaginação onírica lance mão das lembranças recentes da vigília como o material de que é construída, ela as erige como estruturas que

não guardam a mais remota semelhança com as da vida de vigília; revela-se nos sonhos como possuindo não só poderes reprodutivos, mas também poderes *produtivos*. [Ibid., 31.] Suas características são o que empresta aos sonhos seus traços peculiares. Ela mostra preferência pelo que é imoderado, exagerado e monstruoso. Mas, ao mesmo tempo, liberta dos entraves das categorias de pensamento, ela adquire maleabilidade, agilidade e versatilidade. É suscetível, da maneira mais sutil, às nuances dos sentimentos de ternura e às emoções apaixonadas, e logo incorpora nossa vida interior em imagens plásticas externas. Nos sonhos, a imaginação se vê destituída do poder da linguagem conceitual. É obrigada a retratar o que tem a dizer de forma pictórica e, como não há conceitos que exerçam uma influência atenuante, faz pleno e poderoso uso da forma pictórica. Assim, por mais clara que seja sua linguagem, ela é difusa, desajeitada e canhestra. A clareza de sua linguagem sofre, particularmente, pelo fato de ela se mostrar avessa a representar um objeto por sua imagem própria, preferindo alguma imagem estranha que expresse apenas a imagem específica dos atributos do objeto que ela busca representar. Temos aqui a “atividade simbolizadora” da imaginação (...) [Ibid., 32.] Outro ponto importantíssimo é que a imaginação onírica jamais retrata as coisas por completo, mas apenas esquematicamente e, mesmo assim, da forma mais rústica. Por essa razão, suas pinturas parecem esboços inspirados. Não se detém, contudo, ante a mera representação de um objeto, mas atende a uma exigência interna de envolver o ego onírico, em maior ou menor grau, com o objeto, assim produzindo um *evento*. Por exemplo, um sonho provocado por um estímulo visual pode representar moedas de ouro na rua; o sonhador as apanhará com prazer e as levará consigo. [Ibid., 33.]

O material com que a imaginação onírica realiza seu trabalho artístico é principalmente, de acordo com Scherner, fornecido por aqueles estímulos somáticos orgânicos que são tão obscuros durante o dia. (Ver em [1]) Assim, a hipótese extremamente fantástica formulada por Scherner e as doutrinas talvez indevidamente sóbrias de Wundt e outros fisiologistas, que são diametralmente opostas em outros aspectos, concordam inteiramente em suas teorias acerca das fontes e dos instigadores dos sonhos. Segundo a visão fisiológica, porém, a reação mental aos estímulos somáticos internos esgotasse na provocação de certas representações apropriadas aos estímulos; essas representações dão lugar a outras por vias associativas e, nesse ponto, o curso dos eventos psíquicos nos sonhos parece chegar ao fim. Segundo Scherner, por outro lado, os estímulos somáticos não fazem mais do que fornecer à mente material que ela possa utilizar para suas finalidades

imaginativas. A formação dos sonhos só começa, aos olhos de Scherner, no ponto que os outros autores encaram como seu fim.

O que a imaginação onírica faz aos estímulos somáticos não pode, naturalmente, ser considerado como servindo a alguma finalidade útil. Ela os desloca de um lado para outro e retrata as fontes orgânicas de que surgiram os estímulos do sonho em causa numa espécie de simbolismo plástico. Scherner é de opinião — embora, nisso Volkelt [1875, 37] e outros se recusem a segui-lo — que a imaginação onírica tem uma forma predileta e específica de representar o organismo como um todo: a saber, como uma casa. Felizmente, porém, não parece restringir-se a esse método único de representação. Por outro lado, pode valer-se de toda uma fileira de casas para indicar um único órgão; por exemplo, uma rua muito longa, repleta de casas, pode representar um estímulo proveniente dos intestinos. Além disso, partes isoladas de uma casa podem representar partes separadas do corpo; assim, num sonho causado por uma dor de cabeça, a cabeça pode ser representada pelo teto de um quarto, coberto de aranhas repelentes e semelhantes a sapos. [Ibid., 33 e seg.]

Deixando de lado esse simbolismo da casa, inúmeros outros tipos de coisas podem ser empregados para representar as partes do corpo de que surgiu o estímulo para o sonho. “Assim, o pulmão que respira será simbolicamente representado por uma fornalha flamejante, com chamas a crepitar com um som semelhante ao da passagem de ar; o coração será representado por caixas ou cestas ocas, a bexiga por objetos redondos em forma de sacos ou, mais genericamente, por objetos ocos. Um sonho causado por estímulos provenientes dos órgãos sexuais masculinos poderá fazer com que o sonhador encontre na rua a parte superior de um clarinete ou a boquilha de um cachimbo, ou ainda um pedaço de pele de animal. Aqui, o clarinete e o cachimbo representam a forma aproximada do órgão masculino, enquanto a pele representa os pêlos pubianos. No caso de um sonho sexual numa mulher, o espaço estreito em que as coxas se unem poderá ser representado por um pátio estreito cercado de casas, enquanto a vagina será simbolizada por uma trilha lisa, escorregadia e muito estreita, que atravesse o pátio, por onde a sonhadora terá que passar, talvez, para levar uma carta a um cavalheiro.” (Ibid., 34.) É de especial importância que, ao final de sonhos como esses, com um estímulo somático, a imaginação onírica muitas vezes ponha de lado seu véu, por assim dizer, revelando abertamente o órgão em causa a sua função. Assim, um sonho “com um estímulo dental” costuma terminar com a imagem do sonhador arrancando um dente de sua boca. [Ibid., 35.]

A imaginação onírica pode não apenas dirigir sua atenção para a *forma* do órgão estimulante, mas igualmente simbolizar a substância contida nesse órgão. Dessa maneira, um sonho com um estímulo intestinal pode levar o sonhador a percorrer ruas lamacentas, enquanto um sonho com um estímulo urinário talvez o conduza a um curso d'água espumante. Ou então o estímulo com tal, a natureza da excitação que ele produz, ou o objeto que ele deseja podem ser simbolicamente representados. Ou talvez o ego onírico entre as relações concretas com os símbolos de seu próprio estado; porexemplo, no caso de estímulos dolorosos, o sonhador poderá empenhar-se numa luta desesperada com cães ferozes ou touros selvagens, ou uma mulher que tenha um sonho sexual poderá ver-se perseguida por um homem nu. [Ibid., 35 e seg.] Independentemente da riqueza dos meios que emprega, a atividade simbolizadora da imaginação permanece como a força central em todos os sonhos. [Ibid., 36.] A tarefa de penetrar mais a fundo na natureza dessa imaginação e de encontrar um lugar para ela num sistema de pensamento filosófico é tentada por Volkelt nas páginas de seu livro. Mas, embora este seja bem escrito e dotado de sensibilidade, continua a ser extremamente difícil de compreender por qualquer um cuja formação anterior não o tenha preparado para uma apreensão benevolente dos construtos conceituais da filosofia.

Nenhuma função utilitária se liga à imaginação simbolizadora de Scherner. A mente se entretém, no sono, com os estímulos que incidem sobre ela. Poder-se-ia quase suspeitar que lida com eles maliciosamente. Mas também me poderiam perguntar se meu exame pormenorizado da teoria de Scherner sobre os sonhos atende a alguma finalidade útil, já que seu caráter arbitrário e sua desobediência a todas as regras da pesquisa parecem óbvios demais. À guisa de resposta, eu poderia registrar um protesto contra a arrogância que descartaria a teoria de Scherner sem examiná-la. Sua teoria se fundamenta na impressão causada pelos sonhos num homem que os considerou com extrema atenção e que parece ter tido um grande talento pessoal para pesquisar as coisas obscuras da mente. Além disso, ela versa sobre um assunto que, por milhares de anos, tem sido considerado pela humanidade como enigmático, sem dúvida, mas também como importante em si mesmo e em suas implicações — um assunto para cuja elucidação a ciência exata, segundo ela própria admite, pouco tem contribuído, salvo por uma tentativa (em oposição direta ao sentimento popular) de negar-lhe qualquer sentido ou importância. E por fim, pode-se afirmar honestamente que, na tentativa de explicar os sonhos, não é fácil evitar ser fantasioso. As

células ganglionares também podem ser fantasiosas. O trecho que citei em [1], de um pesquisador sóbrio e rigoroso como Binz, e que descreve o modo como o alvorecer do estado de vigília penetra furtivamente na massa de células adormecidas do córtex cerebral, não é menos fantasioso — nem menos improvável — do que as tentativas de Scherner de chegar a uma interpretação. Espero poder demonstrar que há por trás destas últimas um elemento de realidade, embora tenha sido apenas vagamente percebido e lhe falte o atributo de universalidade que deve caracterizar uma teoria dos sonhos. Entrementes, o contraste entre a teoria de Scherner e a teoria médica nos mostrará os extremos entre os quais as explicações da vida onírica oscilam dubiamente até os dias de hoje.

(H) AS RELAÇÕES ENTRE OS SONHOS E AS DOENÇAS MENTAIS

Ao falarmos na relação entre os sonhos e os distúrbios mentais, podemos ter três coisas em mente: (1) as conexões etiológicas e clínicas, como quando um sonho representa um estado psicótico, ou o introduz, ou é um remanescente dele; (2) as modificações a que está sujeita a vida onírica nos casos de doença mental; e (3) as ligações intrínsecas entre os sonhos e as psicoses, apontando as analogias para o fato de eles serem essencialmente afins. Essas numerosas relações entre os dois grupos de fenômenos constituíram um tema favorito entre os autores médicos de épocas anteriores e voltaram a sê-lo nos dias atuais, como demonstrado pelas bibliografias sobre o assunto coligidas por Spitta [1882, 196 e seg. e 319 e seg.], Radestock [1879, 217], Maury [1878, 124 e seg.] e Tissié [1898, 77 e seg.]. Bem recentemente, Sante de Sanctis voltou sua atenção para esse assunto.

Será suficiente, para fins de minha tese, que eu me limite apenas a tocar nesta importante questão.

Com respeito às ligações clínicas e etiológicas entre os sonhos e as psicoses, as seguintes observações podem ser representadas como amostras. Hohnbaum [1830, 124], citado por Krauss [1858, 619], relata que uma primeira irrupção de insanidade delirante muitas vezes se origina num sonho de angústia ou de terror, e que a idéia dominante está ligada ao sonho. Sante de Sanctis apresenta observações semelhantes em casos de paranóia e declara que, em algumas delas, o sonho foi a “vraie cause déterminante de la folie”. A psicose, diz de Sanctis, pode surgir de um só golpe com o aparecimento do sonho operativo que traz à luz o material delirante; ou pode desenvolver-se lentamente numa série

de outros sonhos, que têm ainda de superar certa dose de dúvida. Em um de seus casos, o sonho relevante foi seguido de ataques histéricos brandos e, posteriormente, de um estado de melancolia de angústia. Féré [1886] (citado por Tissié, 1898, [78]) relata um sonho que resultou numa paralisia histérica. Nesses exemplos, os sonhos são representados como a etiologia do distúrbio mental; mas faríamos igual justiça aos fatos se disséssemos que o distúrbio mental apareceu pela primeira vez na vida onírica, tendo irrompido primeiro num sonho. Em alguns outros exemplos, os sintomas patológicos estão contidos na vida onírica, ou a psicose se limita a esta. Assim, Thomayer (1897) chama a atenção para certos sonhos de angústia que ele julga deverem ser considerados como equivalentes a ataques epiléticos. Allison [1868] (citado por Radestock, 1879 [225]) descreveu uma “insanidade noturna” na qual o paciente parece inteiramente sadio durante o dia, mas, à noite, fica regularmente sujeito a alucinações, crises de excitação etc. Observações semelhantes são relatadas por de Sanctis [1899, 226] (um sonho de um paciente alcoólatra que era equivalente a uma paranóia, e que representava vozes que acusavam sua mulher de infidelidade) e por Tissié. Este (1898, [147 e segs.]) fornece copiosos exemplos recentes em que atos de natureza patológica, tais como conduta baseada em premissas delirantes e impulsos obsessivos, derivam de sonhos. Guislain [1833] descreve um caso em que o sono foi substituído por uma loucura intermitente.

Não há dúvida de que, juntamente com a psicologia dos sonhos, os médicos terão, algum dia, de voltar sua atenção para uma *psicopatologia* dos sonhos.

Nos casos de recuperação de doenças mentais, observa-se muitas vezes com bastante clareza que, embora o funcionamento seja normal durante o dia, a vida onírica ainda se acha sob a influência da psicose. Segundo Krauss (1859, 270), Gregory foi o primeiro a chamar a atenção para esse fato. Macario [1847], citado por Tissié [1898, 89], descreve como um paciente maníaco, uma semana após sua completa recuperação, ainda estava sujeito, em seus sonhos, à fuga de idéias e às paixões violentas que eram características de sua doença.

Fizeram-se até agora muito poucas pesquisas sobre as modificações que ocorrem na vida onírica durante as psicoses crônicas. Por outro lado, há muito tempo se dirigiu a atenção para o parentesco subjacente entre os sonhos e os distúrbios mentais, exibido na ampla medida de concordância entre suas manifestações. Maury (1854, 124) conta-nos que Cabanis (1802) foi o primeiro a comentá-las e, depois dele, Lélut [1852], J. Moreau (1855) e,

em particular, o filósofo Maine de Biran [1834, 111 e segs.]. Sem dúvida a comparação remonta a épocas ainda mais distantes. Radestock (1879, 217) introduz o capítulo em que trata do assunto mediante várias citações que traçam uma analogia entre os sonhos e a loucura. Kant escreve em algum ponto de sua obra [1764]: “O louco é um sonhador acordado.” Krauss (1859, 270) declara que “a insanidade é um sonho sonhado enquanto os sentidos estão despertos”. Schopenhauer [1862, 1, 246] chama os sonhos de loucura breve e a loucura de sonho longo. Hagen [1846, 812] descreve o delírio como uma vida onírica que é induzida não pelo sono, mas pela doença. Wundt [1878, 662] escreve: “Nós mesmos, de fato, podemos experimentar nos sonhos quase todos os fenômenos encontrados nos manicômios.”

Spitta (1882, 199), da mesma forma que Maury (1854), assim enumera os diferentes pontos de concordância que constituem a base dessa comparação: “(1) A autoconsciência fica suspensa ou, pelo menos, retardada, o que resulta numa falta de compreensão da natureza do estado, com a conseqüente incapacidade de sentir surpresa e com perda da consciência moral. (2) A percepção por meio dos órgãos dos sentidos se modifica, reduzindo-se nos sonhos, mas sendo, em geral, grandemente aumentada na loucura. (3) A interligação de representações ocorre exclusivamente segundo as leis de associação e reprodução; assim, as representações se enquadram automaticamente em seqüências e há uma conseqüente desproporção na relação entre as representações (exageros e ilusões). Tudo isso leva a (4) uma alteração ou, em alguns casos, uma reversão de personalidade, e, ocasionalmente, dos traços de caráter (conduta perversa).”

Radestock (1879, 219) acrescenta mais algumas características — analogias entre o *material* nos dois casos: “A maioria das alucinações e ilusões ocorre na região dos sentidos da visão e da audição, e da cenestesia. Como no caso dos sonhos, os sentidos do olfato e do paladar são os que fornecem menos elementos. — Tanto nos pacientes que sofrem de febre como nas pessoas que sonham, surgem lembranças do passado remoto; tanto as pessoas adormecidas quanto os doentes se lembram de coisas que os indivíduos despertos e sadios parecem ter esquecido.” A analogia entre os sonhos e as psicoses só é plenamente apreciada quando se constata que ela se estende aos detalhes da movimentação expressiva e às características da expressão facial.

“O homem atormentado pelo sofrimento físico e mental obtém dos sonhos o que a realidade lhe nega: saúde e felicidade. Do mesmo modo, há na doença mental imagens

brilhantes de felicidade, grandiosidade, eminência e riqueza. A suposta posse de bens e a realização imaginária de desejos — cujo refreamento ou destruição realmente fornece uma base psicológica para a loucura — constituem muitas vezes o conteúdo principal do delírio. Uma mulher que tenha perdido um filho amado experimenta as alegrias da maternidade em seu delírio; um homem que tenha perdido seu dinheiro julga-se imensamente rico; uma moça que tenha sido enganada sente que é ternamente amada.”

(Esse trecho de Radestock é, na verdade, um resumo de uma aguda observação feita por Griesinger (1861, 106), que mostra com bastante clareza que as representações nos sonhos e nas psicoses têm em comum a característica de serem *realizações de desejos*. Minhas próprias pesquisas ensinaram-me que neste fato se encontra a chave de uma teoria psicológica tanto dos sonhos quanto das psicoses.)

“A principal característica dos sonhos e da loucura reside em suas excêntricas seqüências de pensamento e sua fraqueza de julgamento.” Em ambos os estados [prossegue Radestock], encontramos uma supervalorização das realizações mentais do próprio sujeito que parece destituída de sentido ante uma visão sensata: a rápida seqüência de representações nos sonhos encontra paralelo na fuga de idéias nas psicoses. Há em ambos uma completa falta de sentido do tempo. Nos sonhos, a personalidade pode ser cindida — quando, por exemplo, os conhecimentos do próprio sonhador se dividem entre duas pessoas e quando, no sonho, o ego externo corrige o ego real. Isso corresponde precisamente à cisão da personalidade que nos é familiar na paranóia alucinatória; também o sonhador ouve seus próprios pensamentos pronunciados por vozes externas. Mesmo as idéias delirantes crônicas têm sua analogia nos sonhos patológicos estereotipados recorrentes (*le rêve obsédant*). — Não raro, depois de se recuperarem de um delírio, os pacientes dizem que todo o período de sua doença lhes parece um sonho que não foi desagradável: a rigor, às vezes nos dizem que, mesmo durante a doença, tiveram ocasionalmente a sensação de estarem apenas aprisionados num sonho — como acontece com muita freqüência nos sonhos que ocorrem durante o sono.

Depois de tudo isso, não surpreende que Radestock resuma seus pontos de vista, e os de muitos outros autores, declarando que “a loucura, um fenômeno patológico anormal, deve ser encarada como uma intensificação do estado normal periodicamente recorrente do sonhar”. (Ibid., 228.)

Krauss (1859, 270 e seg.) procurou estabelecer o que talvez seja uma ligação ainda mais íntima entre os sonhos e a loucura do que a que pode ser demonstrada por uma analogia entre essas manifestações externas. Ele vê essa ligação em sua etiologia, ou melhor, nas fontes de sua excitação. O elemento fundamental comum aos dois estados reside, segundo ele, como já vimos [em [1]], nas sensações organicamente determinadas, nas sensações derivadas de estímulos somáticos e na cenestesia que se baseia nas contribuições provenientes de todos os órgãos. (Cf. Peisse, 1857, 2, 21, citado por Maury, 1878, 52.)

A indiscutível analogia entre os sonhos e a loucura, que se estende até seus detalhes característicos, é um dos mais poderosos suportes da teoria médica da vida onírica, que considera o sonhar como um processo inútil e perturbador e como a expressão de uma atividade reduzida da mente. Não obstante, não se deve esperar que encontremos a explicação final dos sonhos na linha dos distúrbios mentais, pois o estado insatisfatório de nossos conhecimentos acerca da origem destes últimos é genericamente reconhecido. É bem provável, pelo contrário, que uma modificação de nossa atitude perante os sonhos, ao mesmo tempo, afete nossos pontos de vista sobre o mecanismo interno dos distúrbios mentais e nos aproxime de uma explicação das psicoses enquanto nos esforçamos por lançar alguma luz sobre o mistério dos sonhos.

PÓS-ESCRITO, 1909

O fato de eu não haver estendido minha exposição sobre a literatura que trata dos problemas dos sonhos a ponto de abranger o período entre a primeira e a segunda edições deste livro exige uma justificativa. Talvez ela pareça insatisfatória ao leitor, mas, assim mesmo, foi decisiva para mim. Os motivos que me levaram a apresentar qualquer relato da forma pela qual os autores mais antigos lidaram com os sonhos esgotaram-se com a conclusão deste capítulo introdutório; prosseguir nessa tarefa ter-me-ia custado um esforço extraordinário — e o resultado teria sido muito pouco útil ou instrutivo, pois os nove anos intermediários nada trouxeram de novo ou valioso, quer em material factual, quer em opiniões que pudessem lançar luz sobre o assunto. Na maioria das publicações surgidas durante esse intervalo, meu trabalho não foi objeto de menção nem de exame. Recebeu, naturalmente, um mínimo de atenção dos que se empenham no que é descrito como “pesquisa” dos sonhos, e que assim forneceram brilhante exemplo da repugnância por

aprender qualquer coisa nova que é característica dos homens de ciência. Nas irônicas palavras de Anatole France, “*les savants ne sont pas curieux*”. Se houvesse na ciência algo como o direito à retaliação, por certo eu estaria justificado, por minha parte, em desprezar a literatura editada desde a publicação deste livro. As poucas notas que apareceram sobre ele nos periódicos científicos demonstram tal *falta* de compreensão e tais *erros* na compreensão, que minha única resposta aos críticos seria sugerir que relesem o livro — ou talvez, a rigor, apenas sugerir que o lessem.

Grande número de sonhos foi publicado e analisado segundo minha orientação em trabalhos da autoria de médicos que resolveram adotar o método terapêutico psicanalítico, bem como de outros autores. Na medida em que esses textos foram além de uma simples confirmação de meus pontos de vista, incluí seus resultados no corpo de minha exposição. Acrescentei uma segunda bibliografia no fim do volume, contendo uma relação das obras mais importantes surgidas desde a primeira edição deste livro. A extensa monografia sobre os sonhos, da autoria de Sante de Sanctis (1899), cuja tradução alemã surgiu logo após seu lançamento, foi publicada quase simultaneamente a minha *Interpretação dos Sonhos*, de modo que nem eu nem o autor italiano pudemos tecer comentários sobre as obras um do outro. Infelizmente, não pude fugir à conclusão de que seu trabalhoso volume é totalmente deficiente de idéias — tanto, de fato, que nem sequer levaria alguém a suspeitar da existência dos problemas sobre os quais discorri.

Exigem menção apenas duas publicações que se aproximam de minha própria abordagem dos problemas dos sonhos. Hermann Swoboda (1904), um jovem filósofo, empreendeu a tarefa de estender aos eventos psíquicos a descoberta de uma periodicidade biológica (em períodos de 23 e 28 dias) feita por Wilhelm Fliess [1906]. No decurso de seu trabalho altamente imaginativo, ele se esforçou por utilizar essa chave para a solução, entre outros problemas, do enigma dos sonhos. Seus resultados parecem subestimar a importância dos sonhos; o tema de um sonho, segundo seu ponto de vista, deve ser explicado como uma montagem de todas as lembranças que, na noite em que ocorre o sonho, completem um dos períodos biológicos, seja pela primeira ou pela enésima vez. Uma comunicação pessoal do autor levou-me a supor, a princípio, que ele próprio já não levava essa teoria a sério, mas essa parece ter sido uma conclusão errônea de minha parte. Numa fase posterior [ver mais adiante, em [1] e segs.], relatarei algumas observações que fiz em relação à sugestão de Swoboda, mas que não me conduziram a qualquer conclusão

convincente. Fiquei mais satisfeito quando, num setor inesperado, descobri casualmente uma visão dos sonhos que coincide na íntegra com o cerne de minha própria teoria. É impossível, por motivos cronológicos, que a formulação em pauta possa ter sido influenciada por meu livro. Devo, portanto, saudá-la como o único exemplo, encontrável na literatura sobre o assunto, de um pensador independente que concorda com a essência da minha teoria dos sonhos. O livro que contém o trecho que tenho em mente sobre os sonhos surgiu em sua segunda edição, em 1900, sob o título de *Phantasien eines Realisten*, de “Lynkeus”. [Primeira edição, 1899.]

PÓS-ESCRITO, 1914

A nota justificatória precedente foi escrita em 1909. Sou forçado a admitir que, desde então, a situação se modificou; minha contribuição para a interpretação dos sonhos já não é desprezada pelos autores que escrevem sobre o assunto. O novo estado de coisas, entretanto, fez com que ficasse inteiramente fora de cogitação a idéia de ampliar meu relato anterior sobre a literatura. *A Interpretação dos Sonhos* levantou toda uma série de novas considerações e problemas que têm sido discutidos de inúmeras maneiras. Não posso apresentar uma exposição dessas obras, no entanto, antes de expor os pontos de vista de minha própria autoria em que elas se baseiam. Assim sendo, abordei tudo o que me pareceu valioso na literatura mais recente, no lugar apropriado, ao longo da discussão que se segue.

Capítulo II - O MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: ANÁLISE DE UM SONHO MODELO

O título que escolhi para minha obra deixa claro quais das abordagens tradicionais do problema dos sonhos estou inclinado a seguir. O objetivo que estabeleci perante mim mesmo é demonstrar que os sonhos são passíveis de ser interpretados; e quaisquer contribuições que eu possa fazer para a solução dos problemas tratados no último capítulo só surgirão como subprodutos no decorrer da execução de minha tarefa propriamente dita. Meu pressuposto de que os sonhos podem ser interpretados coloca-me, de imediato, em oposição à teoria dominante sobre os sonhos e, de fato, a todas as teorias dos sonhos, com a única exceção da de Scherner [em [1]]; pois “interpretar” um sonho implica atribuir a ele um

“sentido” — isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante. Como vimos, as teorias científicas dos sonhos não dão margem a nenhum problema com a interpretação dos mesmos, visto que, segundo o seu ponto de vista dessas teorias, o sonho não é absolutamente um ato mental, mas um processo somático que assinala sua ocorrência por indicações registradas no aparelho mental. A opinião leiga tem assumido uma atitude diferente ao longo dos tempos. Tem exercido seu direito inalienável de se comportar de forma incoerente; e, embora admitindo que os sonhos são ininteligíveis e absurdos, não consegue convencer-se a declarar que eles não têm importância alguma. Levada por algum sentimento obscuro, parece assumir que, a despeito de tudo, todo sonho tem um significado, embora oculto, que os sonhos se destinam a ocupar o lugar de algum outro processo de pensamento, e que para chegar a esse sentido oculto temos apenas de desfazer corretamente a substituição.

Assim, o mundo leigo se interessa, desde os tempos mais remotos, pela “interpretação” dos sonhos e, em suas tentativas de fazê-la, tem-se servido de dois métodos essencialmente diferentes.

O primeiro desses métodos considera o conteúdo do sonho como um todo e procura substituí-lo por outro conteúdo que seja inteligível e, em certos aspectos, análogo ao original. Essa é a interpretação “*simbólica*” dos sonhos, e cai inevitavelmente por terra quando se defronta com sonhos que são não apenas inteligíveis, mas também confusos. Um exemplo desse método pode ser observado na explicação do sonho do Faraó, proposta por José na Bíblia. As sete vacas gordas seguidas pelas sete vacas magras que devoraram as gordas — tudo isso era o substituto simbólico para uma profecia de sete anos de fome nas terras do Egito, que deveriam consumir tudo o que fosse produzido nos sete anos de abundância. A maioria dos sonhos artificiais criados pelos escritores de ficção destinam-se a esse tipo de interpretação simbólica; reproduzem os pensamentos do escritor sob um disfarce que se considera como estando em harmonia com as características reconhecidas dos sonhos. A idéia de os sonhos se relacionarem principalmente com o futuro e poderem predizê-lo — um vestígio da antiga importância profética dos sonhos — fornece uma razão para se transpor o sentido do sonho, quando se chega a tal sentido por meio da interpretação simbólica, para o tempo futuro. É obviamente impossível dar instruções sobre o *método* de se chegar a uma interpretação simbólica. O êxito deve ser uma questão de se esbarrar numa idéia inteligente,

uma questão de intuição direta, e por esse motivo foi possível à interpretação dos sonhos por meio do simbolismo ser exaltada numa atividade artística que depende da posse de dons peculiares.

O segundo dos dois métodos populares de interpretação dos sonhos está longe de fazer tais afirmações. Poderia ser descrito como o método da “*decifração*”, pois trata os sonhos como uma espécie de criptografia em que cada signo pode ser traduzido por outro signo de significado conhecido, de acordo com o código fixo. Suponhamos, por exemplo, que eu tenha sonhado com uma carta e também com um funeral. Se consultar um “livro dos sonhos”, verificarei que “carta” deve traduzir-se por “transtorno”, e “funeral”, por “noivado”. Resta-me então vincular as palavras-chave que assim decifrei e, mais uma vez, transpor o resultado para o tempo futuro. Uma modificação interessante do processo de decifração, que até certo ponto corrige o caráter puramente mecânico de seu método de transposição, encontra-se no livro escrito sobre a interpretação dos sonhos [*Oneirocritica*] de Artemidoro de Daldis. Esse método leva em conta não apenas o conteúdo do sonho, mas também o caráter e situação do sonhador, de modo que um mesmo elemento onírico terá, para um homem rico, um homem casado ou, digamos, um orador, um sentido diferente do que tem para um homem pobre, um homem solteiro ou um negociante. A essência do método de decifração reside, contudo, no fato de o trabalho de interpretação não ser aplicado ao sonho como um todo, mas a cada parcela independente do conteúdo do sonho, como se o sonho fosse um conglomerado geológico em que cada fragmento de rocha exigisse uma análise isolada. Não há dúvida de que a invenção do método interpretativo de decifração foi sugerida por sonhos desconexos e confusos.

Não se pode imaginar nem por um momento que qualquer dos dois métodos populares de interpretação dos sonhos possa ser empregado numa abordagem científica do assunto. O método simbólico é restrito em sua aplicação e impossível de formular em linhas gerais. No caso do método de decifração, tudo depende da confiabilidade do “código” — o livro dos sonhos —, e quanto a isso não temos nenhuma garantia. Assim, poderíamos sentir-nos tentados a concordar com os filósofos e psiquiatras e, à semelhança deles, descartar o problema da interpretação dos sonhos como uma tarefa puramente fantasiosa.

Mas descobri que não é bem assim. Fui levado a compreender que temos aqui, mais uma vez, um daqueles casos nada incomuns em que uma antiga crença popular, ciosamente guardada, parece estar mais próxima da verdade que o julgamento da ciência vigente em

nossos dias. Devo afirmar que os sonhos realmente têm um sentido e que é possível ter-se um método científico para interpretá-los.

Meu conhecimento desse método foi obtido da seguinte maneira. Tenho-me empenhado há muitos anos (com um objetivo terapêutico em vista) em deslindar certas estruturas psicopatológicas — fobias histéricas, idéias obsessivas, e assim por diante. Com efeito, tenho-o feito desde que soube, por meio de uma importante comunicação de Josef Breuer, que, no tocante a essas estruturas (que são consideradas como sintomas patológicos), sua decomposição coincide com sua solução. (Cf. Breuer e Freud, 1895.) Quando esse tipo de representação patológica pode ser rastreado até os elementos da vida mental do paciente dos quais se originou, a representação ao mesmo tempo se desarticula, e o paciente fica livre dela. Considerando a impotência de nossos outros esforços terapêuticos e a natureza enigmática desses distúrbios, senti-me tentado a seguir a trilha apontada por Breuer, apesar de todas as dificuldades, até que se chegasse a uma explicação completa. Em outra ocasião, terei de discorrer longamente sobre a forma que esse procedimento acabou por assumir e sobre os resultados de meus esforços. Foi no decorrer desses estudos psicanalíticos que me deparei com a interpretação dos sonhos. Meus pacientes assumiam o compromisso de me comunicar todas as idéias ou pensamentos que lhes ocorressem em relação a um assunto específico; entre outras coisas, narravam-me seus sonhos, e assim me ensinaram que o sonho pode ser inserido na cadeia psíquica a ser retrospectivamente rastreada na memória a partir de uma idéia patológica. Faltava então apenas um pequeno passo para se tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar aos sonhos o método de interpretação que fora elaborado para os sintomas. Devemos ter em mira a promoção de duas mudanças nele: um aumento da atenção que ele dispensa a suas próprias percepções psíquicas e a eliminação da crítica pela qual ele normalmente filtra os pensamentos que lhe ocorrem. Para que ele possa concentrar sua atenção na observação de si mesmo, é conveniente que ele se coloque numa atitude repousante e feche os olhos. É necessário insistir explicitamente para que renuncie a qualquer crítica aos pensamentos que perceber. Dizemos-lhe, portanto, que o êxito da psicanálise depende de ele notar e relatar o que quer que lhe venha à cabeça, e de não cair no erro, por exemplo, de suprimir uma idéia por parecer-lhe sem importância ou irrelevante, ou por lhe parecer destituída de sentido. Ele deve adotar uma atitude inteiramente imparcial perante o que lhe ocorrer, pois é precisamente sua atitude crítica que é responsável por ele não conseguir, no curso habitual

das coisas, chegar ao desejado deslindamento de seu sonho, ou de sua idéia obsessiva, ou seja lá o que for.

Tenho observado, em meu trabalho psicanalítico, que todo o estado de espírito de um homem que esteja refletindo é inteiramente diferente do de um homem que esteja observando seus próprios processos psíquicos. Na reflexão, há em funcionamento uma atividade psíquica a mais do que na mais atenta auto-observação, e isso é demonstrado, entre outras coisas, pelos olhares tensos e o cenho franzido da pessoa que esteja acompanhando suas reflexões, em contraste com a expressão repousada de um auto-observador. Em ambos os casos, a atenção deve ser concentrada, mas o homem que está refletindo exerce também sua faculdade *crítica*; isso o leva a rejeitar algumas das idéias que lhe ocorrem após percebê-las, a interromper outras abruptamente, sem seguir os fluxos de pensamento que elas lhe desvendariam, e a se comportar de tal forma em relação a mais outras que elas nunca chegam a se tornar conscientes e, por conseguinte, são suprimidas antes de serem percebidas. O auto-observador, por outro lado, só precisa dar-se o trabalho de suprimir sua faculdade crítica. Se tiver êxito nisso, virão a sua consciência inúmeras idéias que, de outro modo, ele jamais conseguiria captar. O material inédito assim obtido para sua autopercepção possibilita interpretar tanto suas idéias patológicas como suas estruturas oníricas. O que está em questão, evidentemente, é o estabelecimento de um estado psíquico que, em sua distribuição da energia psíquica (isto é, da atenção móvel), tem alguma analogia com o estado que precede o adormecimento — e, sem dúvida, também com a hipnose. Ao adormecermos, surgem “representações involuntárias”, graças ao relaxamento de certa atividade deliberada (e, sem dúvida também crítica) a que permitimos influenciar o curso de nossas representações enquanto estamos acordados. (Costumamos atribuir esse relaxamento à “fadiga”.) À medida que emergem, as representações involuntárias transformam-se em imagens visuais e acústicas. (Cf. as observações de Schleiermacher e outros, citados em [1] e [2].) No estado utilizado para a análise dos sonhos e das idéias patológicas, o paciente, de forma intencional e deliberada, abandona essa atividade e emprega a energia psíquica assim poupada (ou parte dela) para acompanhar com atenção os pensamentos involuntários que então emergem, e que — e nisso a situação difere da situação do adormecimento — retêm o caráter de representações. *Dessa forma, as representações “involuntárias” são transformadas em “voluntárias”.*

A adoção da atitude de espírito necessária perante idéias que parecem surgir “por livre e espontânea vontade”, bem como o abandono da função crítica que normalmente atua contra elas parecem ser difíceis de conseguir para algumas pessoas. Os “pensamentos involuntários” estão aptos a liberar uma resistência muito violenta, que procura impedir seu surgimento. A confiar no grande poeta e filósofo Friedrich Schiller, contudo, a criação poética deve exigir uma atitude exatamente semelhante. Num trecho de sua correspondência com Körner — temos que agradecer a Otto Rank por tê-la descoberto — Schiller (escrevendo em 1º de dezembro de 1788) responde à queixa que lhe faz o amigo a respeito da produtividade insuficiente: “O fundamento de sua queixa parece-me residir na restrição imposta por sua razão a sua imaginação. Tornarei minha idéia mais concreta por meio de um símile. Parece ruim e prejudicial para o trabalho criativo da mente que a Razão proceda a um exame muito rigoroso das idéias à medida que elas vão brotando — na própria entrada, por assim dizer. Encarado isoladamente, um pensamento pode parecer muito trivial ou muito absurdo, mas pode tornar-se importante em função de outro pensamento que suceda a ele, e, em conjunto com outros pensamentos que talvez pareçam igualmente absurdos, poderá vir a formar um elo muito eficaz. A Razão não pode formar qualquer opinião sobre tudo isso, a menos que retenha o pensamento por tempo suficiente para examiná-lo em conjunto com os outros. Por outro lado, onde existe uma mente criativa, a Razão — ao que me parece — relaxa sua vigilância sobre os portais, e as idéias entram precipitadamente, e só então ela as inspeciona e examina como um grupo. — Vocês, críticos, ou como quer que se denominem, ficam envergonhados ou assustados com as mentes verdadeiramente criativas, e cuja duração maior ou menor distingue o artista pensante do sonhador. Vocês se queixam de sua improdutividade porque rejeitam cedo demais e discriminam com excessivo rigor.”

Não obstante, o que Schiller descreve como o relaxamento da vigilância nos portais da Razão, a adoção de uma atitude de auto-observação acrítica, de modo algum é difícil. A maioria de meus pacientes a consegue após as primeiras instruções. Eu mesmo o faço de forma bem completa, ajudado pela anotação de minhas idéias à medida que elas me ocorrem. O volume de energia psíquica em que é possível reduzir a atividade crítica e aumentar a intensidade de auto-observação varia de modo considerável, conforme o assunto em que se esteja tentando fixar a atenção.

Nosso primeiro passo no emprego desse método nos ensina que o que devemos tomar como objeto de nossa atenção não é o sonho como um todo, mas partes separadas de

seu conteúdo. Quando digo ao paciente ainda novato: “Que é que lhe ocorre em relação a esse sonho?”, seu horizonte mental costuma transformar-se num vazio. No entanto, se colocar diante dele o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração, que poderiam ser descritas como os “pensamentos de fundo” dessa parte específica do sonho. Assim, o método de interpretação dos sonhos que pratico já difere, nesse primeiro aspecto importante, do popular, histórico e legendário método de interpretação por meio do simbolismo, aproximando-se do segundo método, ou método de “decifração”. Como este, ele emprega a interpretação *en détail* e não *en masse*; como este, considera os sonhos, desde o início, como tendo um caráter múltiplo, como sendo conglomerados de formações psíquicas. [Ver em [1] e [2].]

No decorrer de minhas psicanálises de neuróticos já devo ter analisado mais de mil sonhos; mas não me proponho utilizar esse material nesta introdução à técnica e à teoria da interpretação do sonho. Além do fato de que essa alternativa estaria sujeita à objeção de que esses são sonhos de neuropatas, dos quais não se poderia extrair nenhuma inferência válida quanto aos sonhos das pessoas normais, há um outro motivo bem diferente que me impõe essa decisão. O assunto a que levam esses sonhos de meus pacientes e sempre, por certo, a história clínica subjacente a suas neuroses. Cada sonho exigiria portanto, uma longa introdução e uma investigação da natureza e dos determinantes etiológicos das psiconeuroses. Mas essas questões constituem novidades em si mesmas e são altamente desconcertantes, e desviaram a atenção do problema dos sonhos. Ao contrário, é minha intenção utilizar minha atual elucidação dos sonhos como um passo preliminar no sentido de resolver os problemas mais difíceis da psicologia das neuroses. Todavia, ao abrir mão de meu material principal, os sonhos de meus pacientes neuróticos, não devo ser muito exigente quanto ao que me resta. Tudo o que resta são tais sonhos que me foram relatados de tempos em tempos por pessoas normais de minhas relações, e outros como os que foram citados como exemplos na literatura que trata da vida onírica. Infelizmente, porém, nenhum desses sonhos é acompanhado pela análise, sem a qual não posso descobrir o sentido de um sonho. Meu método não é tão cômodo quanto o método popular de decifração, que traduz qualquer parte isolada do conteúdo do sonho por meio de um código fixo. Pelo contrário, estou pronto a constatar que o mesmo fragmento de um conteúdo pode ocultar um sentido diferente quando ocorre em várias pessoas ou em vários contextos. Assim, dá-se que sou levado aos meus próprios sonhos, que oferecem um material abundante e

conveniente, oriundo de uma pessoa mais ou menos normal e relacionado com múltiplas circunstâncias da vida cotidiana. É certo que depararei com dúvidas quanto à confiabilidade desse tipo de “auto-análises”, e não de me dizer que elas deixam a porta aberta a conclusões arbitrárias. Em meu julgamento, a situação é de fato mais favorável no caso da *auto-observação* do que na observação de outras pessoas; seja como for, podemos fazer a experiência e verificar até que ponto a auto-análise nos leva na interpretação dos sonhos. Mas tenho outras dificuldades a superar, que estão dentro de mim mesmo. Há uma certa hesitação natural em revelar tantos fatos íntimos sobre nossa própria vida mental, e não pode haver qualquer garantia contra a interpretação errônea por parte dos estranhos. Mas deve ser possível vencê-las hesitações. “Tout psychologue”, escreve Delboeuf [1885], “est obligé de faire l’aveu même de ses faiblesses s’il croit par là jeter du jour sur quelque problème obscur.” E é correto presumir que também meus leitores logo verão seu interesse inicial nas indiscrições que estou fadado a cometer transformado num interessante mergulho nos problemas psicológicos sobre os quais elas lançam luz.

Por conseguinte, passarei a escolher um de meus próprios sonhos e, com base nele, demonstrarei meu método de interpretação. No caso de cada um desses sonhos, far-se-ão necessárias algumas observações à guisa de preâmbulo. — E agora devo pedir ao leitor que faça dos meus interesses os seus próprios por um período bastante longo, e que mergulhe comigo nos menores detalhes de minha vida, pois esse tipo de transferência é obrigatoriamente exigido por nosso interesse no sentido oculto dos sonhos.

PREÂMBULO

No verão de 1895, eu vinha prestando tratamento psicanalítico a uma jovem senhora que mantinha laços muito cordiais de amizade comigo e com minha família. É fácil compreender que uma relação mista como essa pode constituir uma fonte de muitos sentimentos conturbados no médico, em particular no psicoterapeuta. Embora o interesse pessoal do médico seja maior, sua autoridade é menor; qualquer fracasso traz uma ameaça à amizade há muito estabelecida com a família do paciente. Esse tratamento terminara com êxito parcial; a paciente ficara livre de sua angústia histérica, mas não perdera todos os sintomas somáticos. Nessa ocasião, eu ainda não discernia com muita clareza quais eram os critérios indicativos de que um caso clínico de histeria estava afinal encerrado, e havia proposto à paciente uma solução que ela não parecia disposta a aceitar. Enquanto

estávamos nessa discordância, interrompemos o tratamento durante as férias de verão. — Certo dia, recebi a visita de um colega mais novo na profissão, um de meus mais velhos amigos, que estivera com minha paciente, Irma, e sua família, em sua casa de campo. Perguntei-lhe como a achara e ele me respondeu: “Está melhor, mas não inteiramente boa.” Tive consciência de que as palavras de meu amigo Otto, ou o tom em que as proferiu, me aborreceram. Imaginei ter identificado nelas uma recriminação como no sentido de que eu teria prometido demais à paciente; e, com ou sem razão, atribui o suposto fato de Otto estar tomando partido contra mim à influência dos parentes de minha paciente, que, como me parecia, nunca haviam olhado o tratamento com bons olhos. Entretanto, minha impressão desagradável não me ficou clara e não externei nenhum sinal dela. Na mesma noite, redigi o caso clínico de Irma, com a idéia de entregá-lo ao Dr. M. (um amigo comum que, na época, era a principal figura de nosso círculo), a fim de me justificar. Naquela noite (ou na manhã seguinte, como é mais provável), tive o seguinte sonho, que anotei logo ao acordar.

SONHO DE 23-24 DE JULHO DE 1895

Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. — Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.” — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. — Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. — Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.” Indicou também que parte da pele do ombro

esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apenas do vestido.)... M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.”... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa.

Esse sonho tem uma vantagem sobre muitos outros. Ficou logo claro quais os fatos do dia anterior que haviam fornecido seu ponto de partida. Meu preâmbulo torna isso evidente. A notícia que Otto me dera sobre o estado de Irma e o caso clínico que eu me empenhara em redigir até altas horas da noite haviam continuado a ocupar minha atividade mental mesmo depois de eu adormecer. Não obstante, ninguém que tivesse apenas lido o preâmbulo e o próprio conteúdo do sonho poderia ter a menor idéia do que este significava. Eu mesmo não fazia nenhuma idéia. Fiquei atônito com os sintomas de que Irma se queixou comigo no sonho, já que não eram os mesmos pelos quais eu a havia tratado. Sorri ante a idéia absurda de uma injeção de ácido propiônico e ante as reflexões consoladoras do Dr. M. Em sua parte final, o sonho me pareceu mais obscuro e condensado do que no início. Para descobrir o sentido de tudo isso, foi necessário proceder a uma análise detalhada.

ANÁLISE

O salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. Passávamos aquele verão em Bellevue, numa casa que se erguia sozinha numa das colinas contíguas a Kahlenberg. A casa fora anteriormente projetada como um local de entretenimento e, por conseguinte, suas salas de recepção eram inusitadamente altas e semelhantes a grandes salões. Foi em Bellevue que tive o sonho, poucos dias antes do aniversário de minha mulher. Na véspera, ela me dissera que esperava que alguns amigos, inclusive Irma, viessem visitar-nos no dia de seu aniversário. Assim, meu sonho estava prevendo essa ocasião: era aniversário de minha mulher, e diversos convidados, inclusive Irma, estavam sendo recebidos por nós no grande salão de Bellevue.

Repreendi Irma por não haver aceito minha solução; disse: “Se você ainda sente dores, a culpa é sua.” Poderia ter-lhe dito isso na vida de vigília, e talvez o tenha realmente

feito. Era minha opinião, na época (embora desde então a tenha reconhecido como errada), que minha tarefa estava cumprida no momento em que eu informava ao paciente o sentido oculto de seus sintomas: não me considerava responsável por ele aceitar ou não a solução — embora fosse disso que dependia o sucesso. Devo a esse erro, que agora felizmente corrigi, o fato de minha vida ter-se tornado mais fácil numa ocasião em que, apesar de toda a minha inevitável ignorância, esperava-se que eu produzisse sucessos terapêuticos. — Notei, contudo, que as palavras que dirigi a Irma no sonho indicavam que eu estava especialmente aflito por não ser responsável pelas dores que ela ainda sentia. Se fossem culpa dela, não poderiam ser minha culpa. Seria possível que a finalidade do sonho tivesse esse sentido.

Queixa de Irma: dores na garganta, abdômen e estômago; isso a estava sufocando. As dores de estômago estavam entre os sintomas de minha paciente, mas não tinham muito destaque; ela se queixava mais de sensações de náusea e repulsa. As dores na garganta e no abdômen, assim como a constrição da garganta, quase não participavam de sua doença. Fiquei sem saber porque teria optado pela escolha desses sintomas no sonho, mas não pude pensar numa explicação no momento.

Ela parecia pálida e inchada. Minha paciente sempre tivera uma aparência corada. Comecei a desconfiar que ela estivesse substituindo outra pessoa.

Fiquei alarmado com a idéia de não haver percebido alguma doença orgânica. Isso, como bem se pode acreditar, constitui uma fonte perene de angústia para um especialista cuja clínica é quase que limitada a pacientes neuróticos e que tem o hábito de atribuir à histeria um grande número de sintomas que outros médicos tratam como orgânicos. Por outro lado, uma ligeira dúvida infiltrou-se em minha mente — vinda não sei de onde — no sentido de que meu receio não era inteiramente autêntico. Se as dores de Irma tivessem uma base orgânica, também nesse aspecto eu não poderia ser responsabilizado por sua cura; meu tratamento visava apenas a eliminar as dores *hísticas*. Ocorreu-me, de fato, que eu estava realmente *desejando* que tivesse havido um diagnóstico errado, pois, se assim fosse, a culpa por minha falta de êxito também estaria eliminada.

Levei-a até à janela para examinar-lhe a garganta. Ela mostrou alguma resistência, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. Eu nunca tivera nenhuma oportunidade de examinar a cavidade bucal de Irma. O que ocorreu no sonho fez-me lembrar um exame que

eu efetuara algum tempo antes numa governanta: à primeira vista, ela parecera a imagem da beleza juvenil, mas, quando chegou o momento de abrir a boca, ela tomou providências para ocultar suas chapas. Isso levou a lembranças de outros médicos e de pequenos segredos revelados no decurso dos mesmos — sem que isso satisfizesse a nenhuma das partes. “*Não havia realmente necessidade de ela fazer aquilo*” tencionava, sem dúvida, em primeiro lugar, ser um cumprimento a Irma; mas desconfiei de que teria outro sentido além desse. (Quando se procede atentamente a uma análise, tem-se a sensação de haver ou não esgotado todos os pensamentos antecedentes esperáveis.) A forma pela qual Irma postou-se à janela me fez de repente recordar outra experiência. Irma tinha uma amiga íntima de quem eu fazia uma opinião muito elevada. Quando visitei essa senhora certa noite, encontrei-a perto de uma janela na situação reproduzida no sonho, e seu médico, o mesmo Dr. M., dissera que ela apresentava uma membrana diftérica. A figura do Dr. M. e a membrana reaparecem posteriormente no sonho. Ocorreu-me então que, nos últimos meses, eu tivera todos os motivos para supor que essa outra senhora também fosse histérica. Na verdade, a própria Irma me revelara involuntariamente esse fato. Que sabia eu de seu estado? Uma coisa, precisamente: que, tal como a Irma de meu sonho, ela sofria de sufocação histérica. Assim, no sonho, eu substituíra minha paciente por sua amiga. Recordei-me, então, de que muitas vezes me entretivera com a idéia de que também ela pudesse pedir-me que a aliviasse de seus sintomas. Eu próprio, contudo, julgara isso improvável, visto que ela era de natureza muito reservada. Era *resistente*, como apareceu no sonho. Outra razão era *que não havia necessidade de ela fazer aquilo*: até então, mostrara-se forte o bastante para manejar seu estado sem nenhuma ajuda externa. Restavam ainda algumas características que eu não podia atribuir nem a Irma, nem a sua amiga: *pálida; inchada; dentes postiços*. Os dentes postiços levaram-me à governanta que já mencionei; sentia-me agora inclinado a me contentar com dentes *estragados*. Pensei então numa outra pessoa à qual essas características poderiam estar aludindo. Mais uma vez, não se tratava de uma das minhas pacientes, nem eu gostaria de tê-la como tal, pois havia observado que ela ficava acanhada em minha presença e não achava que pudesse vir a ser uma paciente acessível. Era geralmente pálida, e certa vez, quando estava gozando de ótima saúde, parecera inchada. Portanto, eu estivera comparando minha paciente Irma com duas outras pessoas que também teriam sido resistentes ao tratamento. Qual poderia ter sido a razão de eu a haver trocado, no sonho, por sua amiga? Talvez fosse porque eu teria *gostado* de trocá-la: talvez

sentisse mais simpatia por sua amiga, ou tivesse uma opinião mais elevada sobre a inteligência dela, pois Irma me parecera tola por não haver aceito minha solução. Sua amiga teria sido mais sensata, isto é, teria cedido mais depressa. Assim, teria aberto a boca como devia e me dito mais coisas do que Irma.

O que vi em sua garganta: uma placa branca e os ossos turbinados recobertos de crostas. A placa branca fez-me recordar a difterite e tudo mais da amiga de Irma, mas também uma doença grave de minha filha mais velha, quase dois anos antes, e o susto por que passei naqueles dias aflitivos. As crostas nos ossos turbinados fizeram-me recordar uma preocupação sobre meu próprio estado de saúde. Nessa época, eu vinha fazendo uso freqüente da cocaína para reduzir algumas incômodas inchações nasais, e ficara sabendo alguns dias antes que uma de minhas pacientes, que seguira meu exemplo, desenvolvera uma extensa necrose da membrana mucosa nasal. Eu fora o primeiro a recomendar o emprego da cocaína, em 1885, e essa recomendação trouxera sérias recriminações contra mim. O uso indevido dessa droga havia apressado a morte de um grande amigo meu. Isso ocorrera antes de 1895 [a data do sonho].

Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame. Isso correspondia simplesmente à posição ocupada por M. em nosso círculo. Mas o “imediatamente” foi curioso o bastante para exigir uma explicação especial. Fez-me lembrar um evento trágico em minha clínica. Certa feita, eu havia provocado um grave estado tóxico numa paciente, receitando repetidamente o que, na época, era considerado um remédio inofensivo (sulfonal), e recorrera às pressas à assistência e ao apoio de meu colega mais experiente. Havia um detalhe adicional que confirmou a idéia de que eu tinha esse incidente em mente. Minha paciente — que sucumbiu ao veneno — tinha o mesmo nome que minha filha mais velha. Isso nunca me ocorrera antes, mas me pareceu agora quase que um ato de retaliação do destino. Era como se a substituição de uma pessoa por outra devesse prosseguir noutro sentido: esta Mathilde por aquela Mathilde, olho por olho e dente por dente. Era como se eu viesse coligindo todas as ocasiões de que podia me acusar como prova de falta de conscienciosidade médica.

O Dr. M. estava pálido, tinha o queixo bem escanhado e claudicava ao andar. Isso era verdade apenas na medida em que sua aparência doentia costumava deixar aflitos os seus amigos. As duas outras características só podiam aplicar-se a outra pessoa. Pensei em meu irmão mais velho, que mora no exterior, tem o rosto escanhado e com quem, se bem

me recordo, o M. do sonho se parecia muito. Tínhamos recebido notícias, alguns dias antes, de que ele estava puxando de uma perna em virtude de uma infecção artrítica no quadril. Devia ter havido alguma razão, refleti, para que eu fundisse essas duas figuras numa só no sonho. Lembrei-me então de que tinha uma razão semelhante para estar mal-humorado com cada um deles: ambos haviam rejeitado certa sugestão que eu lhes fizera havia pouco tempo.

Meu amigo Otto estava agora de pé ao lado da paciente, e meu amigo Leopold a examinava e indicava que havia uma área surda bem abaixo, à esquerda. Meu amigo Leopold era também médico e parente de Otto. Como ambos se haviam especializado no mesmo ramo da medicina, era seu destino competirem um com o outro, e freqüentemente se traçavam comparações entre eles. Ambos haviam trabalhado como meus assistentes durante anos, quando eu ainda chefiava o departamento de neurologia para pacientes externos de um hospital infantil. Cenas como a representada no sonho muitas vezes ocorreram ali. Enquanto eu discutia o diagnóstico de um caso com Otto, Leopold examinava a criança mais uma vez e fazia alguma contribuição inesperada para nossa decisão. A diferença entre o caráter de ambos era como a existente entre o meirinho Bräsig e seu amigo Karl: um se destacava por sua rapidez, ao passo que o outro era lento, porém seguro. Se no sonho eu estabelecia um contraste entre Otto e o prudente Leopold, evidentemente o fazia em favor do segundo. A comparação era semelhante à que eu fazia entre minha desobediente paciente Irma e sua amiga, que eu considerava mais sensata do que ela. Percebia então outra das linhas ao longo das quais se ramificava a cadeia de pensamentos no sonho: da criança doente para o hospital infantil. — *A área surda bem abaixo, à esquerda* parecia-me coincidir em todos os detalhes com um caso específico em que Leopold me impressionara por sua meticulosidade. Tive também uma idéia vaga sobre algo da ordem de uma afecção metastática, mas isso também pode ter sido uma referência à paciente que eu gostaria de ter em lugar de Irma. Até onde eu pudera julgar, ela havia produzido uma imitação de tuberculose.

Uma parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. Vi imediatamente que isso era o reumatismo em meu próprio ombro, que observo invariavelmente quando fico acordado até altas horas da noite. Além disso, as palavras do sonho eram muito ambíguas: “*Notei isso, tal como ele...*” Ou seja, notei-o em meu próprio corpo. Impressionou-me também o enunciado incomum: “uma parte da pele estava infiltrada”. Estamos habituados a falar em

“infiltração póstero-superior esquerda”, o que se referia ao pulmão e, portanto, mais uma vez, à tuberculose.

Apesar de seu vestido. Isso, de qualquer modo, fora apenas uma interpolação. Naturalmente, costumávamos examinar as crianças no hospital despidas: e isso seria um contraste com a maneira como as pacientes adultas têm de ser examinadas. Lembrei que se dizia de um famoso clínico que ele jamais fizera um exame físico de seus pacientes a não ser através das roupas. Não consegui ver nada além disso. E francamente, não senti nenhum desejo de penetrar mais a fundo nesse ponto.

O Dr. M. disse: “*É um infecção, mas não tem importância. Sobrevirá uma disenteria e a toxina será eliminada.*” A princípio, isso me pareceu ridículo. Não obstante, como todo o resto, tinha de ser analisado com cuidado. Quando passei a investigar mais de perto, pareceu-me ter uma espécie de sentido, apesar de tudo. O que descobri na paciente foi uma difterite local. Lembrei-me de uma discussão, na época da doença de minha filha, sobre difterite e difteria, sendo esta a infecção geral que decorre da difterite local. Leopold indicara a presença de uma infecção geral dessa natureza a partir da existência de uma área surda, que assim poderia ser considerada como um foco metastático. Eu parecia pensar, é verdade, que essas metástases de fato não ocorrem com a difteria: aquilo me fazia pensar, ante, em piemia.

Não tem importância. Isso foi dito como consolo. Parecia ajustar-se da seguinte forma no contexto: o conteúdo da parte procedente do sonho fora que as dores de minha paciente eram decorrentes de uma grava infecção orgânica. Tive a sensação de que, dessa maneira, eu estava apenas tentando desviar a culpa de mim mesmo. O tratamento psicológico não podia ser responsabilizado pela persistência de dores diftélicas. Não obstante, experimentei uma sensação de constrangimento por ter inventado uma moléstia tão grave para Irma, apenas para me inocentar. Parecia cruel demais. Assim, precisava de uma certeza de que no fim tudo ficaria bem, e me pareceu que colocar as palavras de consolo precisamente na boca do Dr. M. não fora má escolha. Assim sendo, porém, eu estava adotando uma atitude superior em relação ao sonho, e isso, por si só exigia explicação.

E por que o consolo era tão disparatado?

Disenteria. Parecia haver alguma idéia teórica remota de que o material mórbido pode ser eliminado pelos intestinos. Seria possível que eu estivesse tentando zombar do

espírito fértil do Dr. M. na produção de explicações artificiais e no estabelecimento de ligações patológicas inesperadas? Ocorreu-me então outra coisa relacionada com a disenteria. Alguns meses antes, eu aceitara o caso de um rapaz com extremas dificuldades associadas à defecação, que fora tratado por outros médicos como um caso de “anemia acompanhada de desnutrição”. Eu havia identificado o caso como histeria, mas não me sentira disposto a tentar nele meu tratamento psicoterápico e o mandara fazer uma viagem marítima. Alguns dias antes, recebera dele uma carta desesperadora, enviada do Egito, dizendo que ali tivera um novo ataque e que um médico declarara tratar-se de disenteria. Suspeitei que o diagnóstico fosse um erro, por parte de um clínico inexperiente que se deixara enganar pela histeria. Mas não pude deixar de me recriminar por haver colocado meu paciente numa situação em que poderia ter contraído algum mal orgânico além de seu distúrbio intestinal histérico. Além disso, “disenteria” não soa muito diferente de “difteria” — palavra de mau agouro que não ocorreu no sonho.

Sim, pensei comigo mesmo, devo ter zombado do Dr. M. por meio do prognóstico consolador: “Sobreviverá uma disenteria etc.”, pois voltou a me ocorrer que, anos antes, ele próprio me contara uma história divertida de natureza semelhante sobre outro médico. O Dr. M. fora convocado por ele para dar um parecer sobre um paciente gravemente enfermo, e se sentira obrigado a salientar, em virtude da visão muito otimista assumida por seu colega, que encontrara albumina na urina do paciente. O outro, porém, não se dera absolutamente por achado: “*Não tem importância*”, dissera, “a albumina logo será eliminada!” — Não pude mais sentir nenhuma dúvida, portanto, de que essa parte do sonho expressava desprezo pelos médicos que não conhecem a histeria. E, como que para confirmar isso, outra idéia cruzou-me a mente: “Será que o Dr. M. se apercebe de que os sintomas de sua paciente (a amiga de Irma) que dão margem ao fervor da tuberculose também têm uma base histérica? Terá ele identificado essa histeria? Ou será que se deixou levar por ela?”

Mas qual poderia ser minha motivação para tratar tão mal esse meu amigo? A questão era muito simples. O Dr. M. concordava tão pouco com minha “solução” quanto a própria Irma. Assim, nesse sonho eu já me havia vingado de duas pessoas: de Irma, com as palavras “Se você ainda sente dores, a culpa é toda sua”, e do Dr. M., com o enunciado do consolo absurdo que pus em sua boca.

Tivemos pronta consciência da origem da infecção. Esse conhecimento instantâneo no sonho foi notável. Só que, pouco antes, não tínhamos tido nenhum conhecimento disso, pois a infecção só foi revelada por Leopold.

Quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção. Otto efetivamente me contara que, durante sua curta estada com a família de Irma, fora chamado a um hotel das imediações para aplicar uma injeção em alguém que de repente se sentira mal. Essas injeções me fizeram recordar mais uma vez meu infeliz amigo que se envenenara com cocaína [ver em [1]]. Eu o havia aconselhado a só usar a droga internamente [isto é, por via oral], enquanto a morfina era retirada; mas ele de imediato se aplicara *injeções* de cocaína.

Um preparado de propil... propilos... ácido propiônico. Como teria eu chegado a pensar nisso? Na noite anterior, antes de eu redigir o caso clínico e ter o sonho, minha mulher abrira uma garrafa de licor na qual aparecia a palavra “Ananas” e que fora um presente de nosso amigo Otto, pois ele tem o hábito de dar presentes em todas as ocasiões possíveis. Seria de esperar, pensei comigo mesmo, que ele algum dia encontrasse uma esposa para curá-lo desse hábito. O licor exalava um cheiro tão acentuado de álcool amílico que me recusei a tocá-lo. Minha mulher sugeriu que déssemos a garrafa aos criados, mas eu — com prudência ainda maior — vetei a sugestão, acrescentando, com espírito filantrópico, que não havia necessidade de *eles* serem envenenados tampouco. O cheiro do álcool amílico (amil...) evidentemente avivou em minha mente a lembrança de toda a seqüência — propil, metil, e assim por diante — e isso explicava o preparado propílico no sonho. É verdade que efetuei uma substituição no processo: sonhei com propilo depois de ter cheirado amila. Mas as substituições dessa natureza talvez sejam válidas na química orgânica.

Trimetilamina. Vi a fórmula química dessa substância em meu sonho, o que testemunha um grande esforço por parte de minha memória. Além disso, a fórmula estava impressa em negrito, como se tivesse havido um desejo de dar ênfase a alguma parte do contexto como algo de importância muito especial. Para que era, então, que minha atenção deveria ser assim dirigida pela trimetilamina? Para uma conversa com um outro amigo, que há muitos anos se familiarizara com todos os meus escritos, durante a fase em que eram gerados, tal como eu me familiarizara com os dele. Na época, ele me havia confiado algumas idéias sobre a questão da química dos processos sexuais e mencionara, entre outras coisas, acreditar que um dos produtos do metabolismo sexual era a trimetilamina. Assim, essa

substância me levava à sexualidade, fator ao qual eu atribuía máxima importância na origem dos distúrbios nervosos cuja cura era o meu objetivo. Minha paciente, Irma, era uma jovem viúva; se eu quisesse encontrar uma desculpa para o fracasso de meu tratamento em seu caso, aquilo a que melhor poderia recorrer era, sem dúvida, o fato de sua viuvez, que os amigos dela ficariam tão contentes em ver modificado. E de que modo quão estranho, pensei comigo, um sonho como esse se concatena! A outra mulher que eu tinha como paciente no sonho em lugar de Irma, era também uma jovem viúva.

Comecei a imaginar por que a fórmula de trimetilamina teria sido tão destacada no sonho. Numerosos assuntos importantes convergiam para aquela única palavra. A trimetilamina era uma alusão não só ao fator imensamente poderoso da sexualidade, como também a uma pessoa cuja concordância eu recordava com prazer sempre que me sentia isolado em minhas opiniões. Com certeza esse amigo, que desempenhou papel tão relevante em minha vida, deveria reaparecer em outros pontos desses fluxos de pensamentos. Sim, pois ele tinha um conhecimento especial das conseqüências das afecções do nariz e de suas cavidades acessórias, e chamara a atenção do mundo científico para algumas notáveis relações entre os ossos tribunais e os órgãos sexuais femininos. (Cf. as três estruturas recurvadas na garganta de Irma.) Eu tomara providências para que Irma fosse examinada por ele, para ver se suas dores gástricas poderiam ser de origem nasal. Mas ele próprio sofria de rinite supurativa, o que me causava angústia; e houve sem dúvida uma alusão a isso na piemia que me ocorreu vagamente em relação às metástases do sonho.

Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada. Aqui, uma acusação de irreflexão era feita diretamente contra meu amigo Otto. Pareceu-me recordar ter pensado em qualquer coisa da mesma natureza naquela tarde, quando as palavras e a expressão dele pareceram demonstrar que estava tomando partido contra mim. Fora uma idéia mais ou menos assim: “Com que facilidade os pensamentos dele são influenciados! Com que descaso ele tira conclusões apressadas!” — Independentemente disso, essa frase no sonho lembrou-me mais uma vez meu amigo morto, que com tanta pressa recorrera a injeções de cocaína. Como já tive ocasião de dizer, eu nunca havia considerado a idéia de que a droga fosse ministrada por injeções. Notei também que, ao acusar Otto de irreflexão no manuseio de substâncias químicas, eu estava mais uma vez aludindo a história da infeliz Mathilde, que dera margem à mesma acusação contra mim.

Aqui, eu estava evidentemente reunindo exemplos de minha conscienciosidade, mas também do inverso.

E, provavelmente, a seringa não estava limpa. Essa era mais uma acusação contra Otto, porém derivada de uma fonte diferente. Ocorre que, na véspera, eu encontrara por acaso o filho de uma velhinha de oitenta e dois anos em que eu tinha de aplicar uma injeção de morfina duas vezes ao dia. No momento, ela se encontrava no campo e, disse-me o filho, estava sofrendo de flebite. Eu logo pensara que deveria ser uma infiltração provocada por uma seringa suja. Orgulhava-me do fato de, em dois anos, não haver causado uma única infiltração; empenhava-me constantemente em me certificar de que a seringa estava limpa. Em suma, eu era consciencioso. A flebite remeteu-me mais uma vez a minha mulher, que sofrera de trombose durante uma das vezes em que estava grávida, e então me vieram à lembrança três situações semelhantes, envolvendo minha esposa, Irma e a falecida Mathilde. A identidade dessas situações evidentemente me permitira, no sonho, substituir as três figuras entre si.

Acabo de concluir a interpretação do sonho. Enquanto a efetuava, tive certa dificuldade em manter à distância todas as idéias que estavam fadadas a ser provocadas pela comparação entre o conteúdo do sonho e os pensamentos ocultos por trás dele. Entrementes, compreendi o “sentido” do sonho. Tomei consciência de uma intenção posta em prática pelo sonho e que deveria ter sido meu motivo para sonhá-lo. O sonho realizou certos desejos provocados em mim pelos fatos da noite anterior (a notícia que me foi dada por Otto e minha redação do caso clínico.) Em outras palavras, a conclusão do sonho foi que eu não era responsável pela persistência das dores de Irma, mas sim Otto. De fato, Otto me aborrecera com suas observações sobre a cura incompleta de Irma, e o sonho me proporcionou minha vingança, devolvendo a reprimenda a ele. O sonho me eximiu da responsabilidade pelo estado de Irma, mostrando que este se devia a outros fatores — e produziu toda uma série de razões. O sonho representou um estado de coisas específico, tal como eu desejaria que fosse. *Assim, seu conteúdo foi a realização de um desejo, e seu motivo foi um desejo.*

Tudo isso saltou aos olhos. Mas, muitos dos detalhes do sonho também se tornaram inteligíveis para mim do ponto de vista da realização de desejos. Não só me vinguei de Otto por se apressar demais em seu tratamento médico (ao aplicar a injeção), como também me vinguei dele por ter-me dado o licor que tinha cheiro de álcool amílico. E, no sonho, encontrei

uma expressão que ligava as duas reprimendas: a injeção era um preparado de propil. Isso não me satisfaz, e levei minha vingança mais longe, estabelecendo um contraste entre ele e seu concorrente mais digno de confiança. Eu parecia estar dizendo: “Gosto mais *dele* que de você.” Mas Otto não foi a única pessoa a sofrer os efeitos da minha ira. Vinguei-me também de minha paciente desobediente, trocando-a por outra mais sensata e menos resistente. Também não permiti que o Dr. M. escapasse às conseqüências de sua contradição, mas lhe mostrei, por meio de uma alusão clara, que ele era um ignorante no assunto (“*Sobrevirá uma disenteria*, etc.”). Com efeito, eu parecia estar lhe voltando as costas para recorrer a alguém dotado de maiores conhecimentos (a meu amigo que me falara de trimetilamina), tal como me voltara de Irma para sua amiga e de Otto para Leopold. “Levem essa gente daqui! Em vez deles dêem-me três outros de minha escolha! Então ficarei livre dessas recriminações imerecidas!” A falta de fundamento das recriminações me foi provada no sonho de maneira extremamente complexa. *Eu* não merecia a culpa pelas dores de Irma, já que ela própria era culpada, por se recusar a aceitar minha solução. *Eu* não tinha nada a ver com as dores de Irma, já que eram de natureza orgânica e totalmente incuráveis pelo tratamento psicológico. As dores de Irma podiam ser satisfatoriamente explicadas por sua viuvez (cf. a trimetilamina), que *eu* não tinha meios de alterar. As dores de Irma tinham sido provocadas pelo fato de Otto ter-lhe aplicado, sem a devida cautela, uma injeção de uma droga inadequada — coisa que *eu* nunca teria feito. As dores de Irma eram o resultado de uma injeção com agulha suja, tal como a flebite da velhinha de quem eu cuidava — ao passo que *eu* nunca provoquei nenhum dano com minhas injeções. Notei, é verdade, que essas explicações das dores de Irma (que contribuíam para me isentar de culpa) não eram inteiramente compatíveis entre si e, a rigor, eram mutuamente excludentes. Toda a apelação — pois o sonho não passara disso — lembrava com nitidez a defesa apresentada pelo homem acusado por um de seus vizinhos de lhe haver devolvido danificada uma chaleira tomada de empréstimo. O acusado asseverou, em primeiro lugar, ter devolvido a chaleira em perfeitas condições; em segundo, que a chaleira tinha um buraco quando a tomara emprestada; e, em terceiro, que jamais pedira emprestada a chaleira a seu vizinho. Tanto melhor: se apenas uma dessas três linhas de defesa fosse aceita como válida, o homem teria de ser absolvido.

Alguns outros temas, que não estavam ligados de forma tão evidente a minha absolvição pela doença de Irma, desempenharam seu papel no sonho: a doença de minha filha e a da minha paciente do mesmo nome, o efeito prejudicial da cocaína, o distúrbio de

meu paciente que se encontrava em viagem pelo Egito, minha preocupação com a saúde de minha mulher e de meu irmão e do Dr. M., meus próprios males físicos, e minha aflição por meu amigo ausente que sofria de rinite supurativa. Mas, ao considerar todas essas coisas, vi que podiam ser todas enfeixadas num único grupo de idéias e rotuladas, por assim dizer, como “interesse por minha própria saúde e pela saúde de outras pessoas — conscienciosidade profissional.” Veio-me à mente a obscura impressão desagradável que experimentara quando Otto me trouxe a notícia do estado de Irma. Esse grupo de idéias que haviam desempenhado um papel no sonho permitiu-me, retrospectivamente, traduzir em palavras aquela impressão passageira. Era como se ele me houvesse dito: “Você não leva seus deveres médicos com a devida seriedade. Você não é consciencioso; não cumpre o que se comprometeu a fazer.” A partir daí, foi como se esse grupo de idéias se tivesse colocado a minha disposição, para que eu pudesse apresentar provas de como eu era extremamente consciencioso, da profundidade com que me interessava pela saúde de meus parentes, amigos e pacientes. Foi um fato digno de nota que esse material tenha também incluído algumas lembranças desagradáveis, que mais davam apoio à acusação de meu amigo Otto do que a minha própria defesa. O material era, como se poderia dizer, imparcial; mas, não obstante, havia uma ligação inconfundível entre esse grupo mais amplo de pensamentos subjacentes ao sonho e o tema mais restrito do sonho, que me deu margem ao desejo de ser inocentado da doença de Irma.

Não tenho a pretensão de haver desvendado por completo o sentido desse sonho, nem de que sua interpretação esteja sem lacunas. Poderia dedicar muito mais tempo a ele, tirar dele outras informações e examinar novos problemas por ele levantados. Eu próprio conheço os pontos a partir dos quais outras linhas de raciocínio poderiam ser seguidas. Mas as considerações que surgem no caso de cada um de meus próprios sonhos me impedem de prosseguir em meu trabalho interpretativo. Se alguém se vir tentado a expressar uma condenação apressada de minha reticência, recomendo-lhe que faça a experiência de ser mais franco do que eu. No momento, estou satisfeito com a obtenção dessa parcela de novos conhecimentos. Se adotarmos o método de interpretação de sonhos que aqui indiquei, verificaremos que os sonhos têm mesmo um sentido e estão longe de constituir a expressão de uma atividade fragmentária do cérebro, como têm alegado as autoridades. Quando o trabalho de interpretação se conclui, percebemos que o sonho é a realização de um desejo.

Capítulo III - O SONHO É A REALIZAÇÃO DE UM DESEJO

Quando, após passarmos por um estreito desfiladeiro, de repente emergimos num trecho de terreno elevado, onde o caminho se divide e as mais belas vistas se desdobram por todos os lados, podemos parar por um momento e considerar em que direção deveremos começar a orientar nossos passos. É esse o nosso caso, agora que ultrapassamos a primeira interpretação de um sonho. Encontramo-nos em plena luz de uma súbita descoberta. Não se devem assemelhar os sonhos aos sons desregulados que saem de um instrumento musical atingido pelo golpe de alguma força externa, e não tocado pela mão de um instrumentista (ver em [1] [2]); eles não são destituídos de sentido, não são absurdos; não implicam que uma parcela de nossa reserva de representações esteja adormecida enquanto outra começa a despertar. Pelo contrário, são fenômenos psíquicos de inteira validade — realizações de desejos; podem ser inseridos na cadeia dos atos mentais inteligíveis de vigília; são produzidos por uma atividade mental altamente complexa.

Contudo, mal começamos a nos alegrar com essa descoberta, e já somos assaltados por uma torrente de questões. Se, como nos diz a interpretação dos sonhos, um sonho representa um desejo realizado, qual a origem da notável e enigmática forma em que se expressa a realização de um desejo? Por que alteração passaram os pensamentos oníricos antes de se transformarem no sonho manifesto que recordamos ao despertar? Como se dá essa alteração? Qual a fonte do material que se modificou, transformando-se em sonho? Qual a fonte das numerosas peculiaridades que se devem observar nos pensamentos oníricos — tais como, por exemplo, o fato de poderem ser mutuamente contraditórios? (Cf. a analogia da chaleira emprestada, em [1]). Pode um sonho dizer-nos algo de novo sobre nossos processos psíquicos internos? Pode seu conteúdo corrigir opiniões que sustentamos durante o dia?

Proponho que, por ora, deixemos de lado todas essas questões e sigamos mais adiante, ao longo de um trilha específica. Aprendemos que um sonho pode representar um desejo como realizado. Nossa primeira preocupação deve ser indagar se esta é uma característica universal dos sonhos, ou se, por acaso, terá sido meramente o conteúdo do sonho específico (o sonho da injeção de Irma) que foi o primeiro a ser por nós analisado. Pois, mesmo que estejamos dispostos a constatar que todo sonho tem um sentido e um valor

psíquico, deve permanecer em aberto a possibilidade de que esse sentido não seja o mesmo em todos os sonhos. Nosso primeiro sonho foi a realização de um desejo; um segundo poderia revelar-se como um temor realizado; o conteúdo de um terceiro talvez fosse uma reflexão, ao passo que um quarto poderia apenas reproduzir uma lembrança. Encontramos outros sonhos impregnados de desejo, além desse? Ou será, talvez, que não há outros sonhos senão os sonhos relativos a desejo?

É fácil provar que os sonhos muitas vezes se revelam, sem qualquer disfarce, como realizações de desejos, de modo que talvez pareça surpreendente que a linguagem dos sonhos não tenha sido compreendida há muito tempo. Por exemplo, há um sonho que posso produzir em mim mesmo quantas vezes quiser — experimentalmente, por assim dizer. Se à noite eu comer anchovas ou azeitonas, ou qualquer outro alimento muito salgado, ficarei com sede de madrugada, e a sede me acordará. Mas meu despertar será precedido por um sonho, sempre com o mesmo conteúdo, ou seja, o de que estou bebendo. Sonho estar engolindo água em grandes goles, e ela tem delicioso sabor que nada senão uma bebida fresca pode igualar quando se está queimando de sede. Então acordo e tenho que tomar uma bebida de verdade. Esse sonho simples é ocasionado pela sede da qual me conscientizo ao acordar. A sede dá origem a um desejo de beber, e o sonho me mostra esse desejo realizado. Ao fazê-lo, ele executa uma função — que seria fácil adivinhar. Durmo bem e não costumo ser acordado por nenhuma necessidade física. Quando consigo aplacar minha sede *sonhando* que estou bebendo, não preciso despertar para saciá-la. Esse é, portanto, um sonho de conveniência. O sonhar toma o lugar da ação, como o faz muitas vezes em outras situações da vida. Infelizmente, minha necessidade de água para aplacar a sede não pode satisfazer-se num sonho da mesma forma que se satisfaz minha sede de vingança contra meu amigo Otto e o Dr. M.; mas a boa intenção está presente em ambos os casos. Não faz muito tempo, esse mesmo sonho meu exibiu algumas modificações. Eu já sentira sede antes mesmo de adormecer e esvaziara um copo d'água que estava na mesa ao lado da cama. Algumas horas depois, durante a madrugada, tive um novo ataque de sede, e isso teve resultados inconvenientes. Para me servir de água, eu teria de me levantar e apanhar o copo que estava na mesa ao lado da cama de minha esposa. Assim, tive um sonho apropriado, em que minha mulher me dava de beber de um vaso; esse vaso era uma urna cinerária etrusca que eu trouxera de uma viagem à Itália e da qual mais tarde me desfizera. Mas sua água tinha um sabor tão salgado (evidentemente por causa das cinzas da

urna) que acordei. É de se notar a forma conveniente como tudo se organizava nesse sonhos. Visto que sua única finalidade era realizar um desejo, o sonho poderia ser completamente egoísta. O amor ao comodismo e à conveniência não é realmente compatível com a consideração pelas outras pessoas. A introdução da urna cinerária foi, provavelmente, outra realização de desejo. Eu lamentava que o vaso já não estivesse em meu poder — tal como o copo d'água na mesa de cabeceira de minha mulher estava fora de meu alcance. Também a urna, como suas cinzas, ajustava-se ao sabor salgado em minha boca, que já então se tornara mais forte e que eu sabia estar fadado a me acordar.

Esses sonhos de conveniência eram muito freqüentes em minha juventude. Tendo adquirido, desde quando consigo recordar, o hábito de trabalhar até altas horas da noite, sempre tive dificuldade de acordar cedo. Costumava então sonhar que me havia levantado e estava de pé ao lado do lavatório; passado algum tempo, já não conseguia disfarçar de mim mesmo o fato de que realmente ainda estava na cama, só que, nesse meio tempo, dormira um pouco mais. Um desses sonhos indolentes, expresso numa forma particularmente divertida e refinada, foi-me relatado por um jovem colega médico que parece partilhar de meu gosto pelo sono. A hospedeira de sua pensão, nas proximidades do hospital, tinha instruções rigorosas de acordá-lo na hora todas as manhãs, mas não era nada fácil cumpri-las. Certa manhã, o sonho parecia especialmente doce. A senhoria gritou através da porta: “Acorde, *Herr Pepi*! São horas de ir para o hospital!” Em resposta a isso, ele sonhou que estava deitado numa cama num quarto de hospital, e que havia um cartão acima do leito onde estava escrito: “Pepi H., estudante de medicina, idade: 22 anos.” Enquanto sonhava, ele dizia a si mesmo: “Como já *estou* no hospital, não há necessidade de ir até lá” — e, virando-se para o outro lado, continuou a dormir. Desse modo, ele confessou abertamente o motivo de seu sonho.

Eis aqui outro sonho em que, mais uma vez, o estímulo produziu seu efeito durante o sono efetivo. Uma das minhas pacientes, que fora obrigada a se submeter a uma operação no maxilar, operação essa que tomara um rumo desfavorável, recebeu ordens dos médicos para usar um aparelho de resfriamento no lado do rosto, dia e noite. Logo que adormecia, porém, costumava pô-lo de lado. Um dia, depois de ela ter mais uma vez jogado o aparelho no chão, pediram-me que falasse sério com ela a esse respeito. “Dessa vez, realmente não pude evitar”, respondeu. “Foi por causa de um sonho que tive à noite. Sonhei que estava num camarote na ópera, e que estava apreciando muitíssimo o espetáculo. Mas *Herr Karls*

Meyer estava na casa de saúde e se queixava amargamente de dores no maxilar. Assim, eu disse a mim mesma que, como não estava sentindo nenhuma dor, não precisava do aparelho; e joguei-o fora.” O sonho dessa pobre sofredora parece quase uma representação concreta de uma frase que às vezes se impõe às pessoas nas situações desagradáveis: “Devo dizer que eu poderia pensar em algo mais agradável do que isso.” O sonho dá uma imagem dessa coisa mais agradável. O *Herr* Karl Meyer para quem a autora do sonho transplantou suas dores era, dentre seus conhecidos, o rapaz mais insignificante que ela pôde lembrar.

A realização de desejos pode ser detectada com igual facilidade em alguns outros sonhos que colhi de pessoas normais. Um amigo meu, que conhece minha teoria dos sonhos e falou dela com sua mulher, disse-me certo dia: “Minha mulher pediu que eu lhe dissesse que ontem sonhou que estava menstruada. Você pode imaginar o que isso significa.” E eu realmente podia. O fato de essa jovem senhora ter sonhado que estava menstruada significava que suas regras não tinham vindo. Eu bem podia acreditar que ela ficaria satisfeita em continuar desfrutando um pouco mais de sua liberdade, antes de arcar com o fardo da maternidade. Foi uma maneira delicada de anunciar sua primeira gravidez. Outro amigo meu escreveu-me dizendo que, não muito tempo antes, sua mulher sonhara ter observados algumas manchas de leite na frente de seu vestido. Também esse foi um aviso de gravidez, mas não da primeira. A jovem mãe estava desejando que pudesse ter mais alimento para dar a seu segundo filho do que tivera para o primeiro.

Uma jovem mulher ficara isolada da sociedade por semanas a fio enquanto cuidava do filho durante uma doença infecciosa. Após a recuperação da criança, sonhou que estava numa festa onde, entre outros, conheceu Alphonse Daudet, Paul Bourget e Marcel Prévost; todos foram afabilíssimos com ela e muito divertidos. Todos esses autores se pareciam com seus retratos, exceto Marcel Prévost, cuja fotografia ela jamais vira; e ele se parecia com... o funcionário da desinfecção que fumigara o quarto do doente na véspera e que fora seu primeiro visitante após tanto tempo. Assim, parece possível fornecer uma tradução completa do sonho: “Já é hora de fazer alguma coisa mais divertida do que essa perpétua assistência a doentes.”

Esses exemplos talvez bastem para mostrar que os sonhos que só podem ser compreendidos como realizações de desejos e que trazem seu sentido estampado no rosto, sem nenhum disfarce, encontram-se sob as mais freqüentes e variadas condições. Em sua

maioria, são sonhos simples e curtos, que apresentam um agradável contraste com as composições confusas e exuberantes que têm predominantemente atraído a atenção das autoridades. Não obstante, será compensador determo-nos por um momento nesse sonhos simples. É de esperar que encontremos as mais simples formas de sonhos nas *crianças*, já que não há dúvida alguma que suas produções psíquicas são menos complicadas que as dos adultos. A psicologia infantil, em minha opinião, está destinada a prestar à psicologia do adulto serviços tão úteis quanto os que a investigação da estrutura ou do desenvolvimento dos animais inferiores para a pesquisa da estrutura das classes superiores de animais. Poucos esforços deliberados foram feitos até agora para se utilizar a psicologia infantil com essa finalidade.

Os sonhos das crianças pequenas são freqüentemente pura realização de desejos e são, nesse caso, muito desinteressantes se comparados com os sonhos dos adultos. Não levantam problemas para serem solucionados, mas, por outro lado, são de inestimável importância para provar que, em sua natureza essencial, os sonhos representam realizações de desejos. Pude reunir alguns exemplos desses sonhos a partir de material fornecido por meus próprio filhos.

Tenho que agradecer a uma excursão que fizemos de Ausee à encantadora aldeia de Hallstatt, no verão de 1896, por dois sonhos: um deles foi de minha filha, que contava então oito anos e meio, e o outro, de seu irmão, de cinco anos e três meses. Devo explicar, à guisa de preâmbulo, que estávamos passando o verão na encosta de uma colina perto de Ausee, de onde, quando fazia bom tempo, descortinávamos uma esplêndida vista do Dachstein. A Cabana Simony era claramente visível por telescópio. As crianças fizeram repetidas tentativas de vê-la por meio desse instrumento — não sei dizer com que grau de sucesso. Antes de nossa excursão, eu dissera às crianças que Hallstatt ficava no sopé do Dachstein. Elas aguardaram o dia com grande expectativa. De Hallstatt caminhamos até o Echerntal, que deliciou as crianças com sua sucessão de paisagens cambiantes. Uma das crianças porém, o menino de cinco anos, foi aos poucos ficando inquieto. Toda vez que divisávamos uma nova montanha, ele perguntava se era o Dachstein, e eu tinha de dizer “Não, é apenas um dos contrafortes.” Depois de ter formulado a pergunta várias vezes, ele caiu em completo silêncio, recusando-se categoricamente a subir conosco a encosta íngreme que leva à cascata. Achei que estava cansado. Mas, na manhã seguinte, ele veio a mim com uma expressão radiante e disse: “Ontem à noite sonhei que estávamos na Cabana

Simony.” Então eu o compreendi. Quando eu falara sobre o Dachstein, ele tinha esperado subir a montanha durante nossa excursão a Hallstatt e encontrar-se perto da cabana sobre a qual tanto se falara em relação ao telescópio. Mas, ao descobrir que estava sendo ludibriado com contrafortes e uma queda d’água, sentiu-se decepcionado e abatido. O sonho foi uma compensação. Tentei descobrir seus detalhes, mas eles eram escassos: “Você precisa galgar degraus durante seis horas” — o que correspondia ao que lhe haviam dito.

A mesma excursão despertou desejos também na menina de oito anos e meio — desejos que tiveram de ser satisfeitos num sonho. Tínhamos levado conosco para Hallstatt o filho de doze anos de nosso vizinho. Ele já era um galanteador de mão cheia, e havia sinais de ter granjeado a afeição da juvenzinha. Na manhã seguinte, ela me contou o seguinte sonho: “Imagine só! Sonhei que Emil fazia parte da família e chamava vocês de ‘Papai’ e ‘Mamãe’, e dormia conosco no quarto grande como os meninos. Aí, mamãe entrou e jogou um punhado de barras grandes de chocolate, embrulhadas em papel azul e verde, embaixo de nossas camas.” Os irmãos dela, que evidentemente não haviam herdado a faculdade de entender os sonhos, seguiram a orientação das autoridades e declararam que o sonho era absurdo. A própria menina defendeu pelo menos uma parte do sonho; e saber *qual* parte lança luz sobre a teoria das neuroses. “É claro que é absurdo Emil fazer parte da família; mas a parte sobre as barras de chocolate não é.” Era precisamente quanto a esse ponto que eu estava em dúvida, mas a mãe da menina deu-me então a explicação. No caminho da estação para casa, as crianças haviam parado em frente a uma máquina automática, da qual estavam habituadas a obter justamente aquele tipo de barras de chocolate, embrulhadas em brilhante papel metálico. Quiseram algumas, mas a mãe, com razão, decidira que o dia já havia realizado um número suficiente de desejos e deixara a realização desse a cargo do sonho. Eu não havia observado esse incidente. Mas a parte do sonho que fora censurada por minha filha imediatamente se tornou mais clara para mim. Eu mesmo ouvira meu bem-comportado hóspede dizer às crianças, no passeio, que esperassem até que Papai e Mamãe os alcançassem. O sonho da menina transformara esse parentesco temporário numa adoção permanente. Sua afeição ainda não podia visualizar quaisquer outras modalidades de companheirismo senão as que foram representadas no sonho, e que se baseavam em sua relação com os irmãos. Naturalmente, era impossível descobrir, sem lhe perguntar, por que as barras de chocolate foram atiradas embaixo da cama.

Um de meus amigos relatou-me um sonho muito semelhante ao do meu filho. Quem o teve foi uma menina de oito anos. O pai dessa menina saíra para uma caminhada com várias crianças até Dornbach, com a idéia de visitar a Cabana Rohrer. Como estivesse ficando tarde, porém, tinha voltado, prometendo às crianças compensar-lhes a decepção noutra oportunidade. A caminho de casa, passaram pelo marco que assinala a trilha que sobe até o Hameau. As crianças pediram então que as levassem até o Hameau; porém, mais uma vez, pela mesma razão, tiveram de ser consoladas com a promessa de outro dia. Na manhã seguinte, a menina de oito anos dirigiu-se ao pai e disse, com expressão satisfeita: “Papai, ontem à noite sonhei que o senhor foi com a gente à Cabana Rohrer e ao Hameau.” Em sua impaciência, ela previra a realização das promessas do pai.

Eis aqui um sonho igualmente direto, provocado pela beleza dos panoramas de Ausee em outra de minhas filhas, que contava então três anos e três meses. Ela atravessara o lago pela primeira vez e, para ela, a travessia fora curta demais: quando alcançamos o ponto de desembarque, não quis sair do barco e chorou amargamente. Na manhã seguinte, disse: “Ontem de noite fui para o lago.” Esperemos que sua travessia no sonho tenha sido de uma duração mais satisfatória.

Meu filho mais velho, então com oito anos, já tinha sonhos de ver suas fantasias realizadas: sonhou que estava andando de carruagem com Aquiles e que Diomedes era o condutor. Como se pode imaginar, ele ficara excitado, na véspera, com um livro sobre as lendas da Grécia, dado a sua irmã mais velha.

Caso me seja facultado incluir na categoria dos sonhos as palavras ditas pelas crianças durante o sono, posso citar, a esta altura, um dos sonhos mais infantis de toda a minha coleção. Minha filha mais nova, então com dezenove meses de idade, tivera um ataque de vômitos certa manhã e, como consequência, ficara sem alimento o dia inteiro. Na madrugada seguinte a esse dia de fome, nós a ouvimos exclamar excitadamente enquanto dormia: “Anna Freud, molangos, molangos silvestes, omelete pudim!” Naquela época, Anna tinha o hábito de usar seu próprio nome para expressar a idéia de se apossar de algo. O menu incluía perfeitamente tudo o que lhe devia parecer constituir uma refeição desejável. O fato de os morangos aparecerem nele em duas variedades era uma manifestação contra os regulamentos domésticos de saúde. Baseava-se no fato, que ela sem dúvida havia observado, de sua ama ter atribuído sua indisposição a uma indigestão de morangos. Assim, ela retaliou no sonho contra esse veredicto indesejável.

Embora tenhamos em alta conta a felicidade da infância, por ser ela ainda inocente de desejos sexuais, não nos devemos esquecer da fonte fértil de decepção e renúncia, e conseqüentemente de estímulo ao sonho, que pode ser proporcionada pelas duas outras grandes pulsões vitais. Eis aqui outro exemplo disso. Meu sobrinho, com um ano e dez meses, fora encarregado de me cumprimentar por meu aniversário e de me presentear com uma cesta de cerejas, que ainda estavam fora de estação nessa época do ano. Ele parece ter achado a tarefa difícil, pois ficava repetindo “Celejas nela”, mas era impossível induzi-lo a entregar o presente. Contudo, ele encontrou um meio de compensação. Estava habituado, todas as manhãs, a contar à mãe que tinha tido um sonho com o “soldado branco” — um oficial da guarda envergando sua túnica branca, que ele um dia ficara na rua a contemplar com admiração. No dia seguinte ao sacrifício do aniversário, ele acordou com uma notícia animadora, que só poderia ter-se originado num sonho: “Hermann comeu todas as celejas!”

Eu mesmo não sei com que sonham os animais. Mas um provérbio, para o qual minha atenção foi despertada por um de meus alunos, alega realmente saber. “Com que”, pergunta o provérbio, “sonham os gansos?” E responde: “Com milho”. Toda a teoria de que os sonhos são realizações de desejos se acha contida nessas duas frases.

Como se vê, poderíamos ter chegado mais depressa a nossa teoria do sentido oculto dos sonhos simplesmente observando o uso lingüístico. É verdade que a linguagem comum às vezes se refere aos sonhos com desprezo. (A frase “*Träume sind Schäume*” [Os sonhos são espuma] parece destinada a apoiar a apreciação científica dos sonhos.) Grosso modo, porém, o uso comum trata os sonhos, acima de tudo, como abençoados realizadores de desejos. Sempre que vemos nossas expectativas ultrapassadas por um acontecimento, exclamamos em nossa alegria: “Eu nunca teria imaginado tal coisa, nem mesmo em meus sonhos mais fantásticos!”

Capítulo IV - A DISTORÇÃO NOS SONHOS

Se eu passar a afirmar que o sentido de *todos* os sonhos é a realização de um desejo, isto é, que não pode haver nenhum sonho senão os sonhos desejantes, desde já estou certo de que depararei com a mais categórica refutação a tal afirmativa.

“Não há nada de novo”, dirão, “na idéia de que *alguns* sonhos devam ser encarados como realizações de desejos; as autoridades assinalaram esse fato há muito tempo. Cf. Radestock (1879, 137 e seq.), Volkelt (1875, 110 e seq.), Purkinje (1846, 456), Tissié (1898, 70), Simon (1888, 42, a propósito dos sonhos de fome do Barão Trenck quando prisioneiro), e um trecho em Griesinger (1845, 89). Mas afirmar que não há outros sonhos senão os de realização de desejos constitui apenas mais uma generalização injustificável, embora felizmente fácil de refutar. Afinal de contas, ocorrem numerosos sonhos que contêm os mais

penosos temas, mas nenhum sinal de qualquer realização de desejo. Eduard von Hartmann, o filósofo do pessimismo, é provavelmente quem mais se afasta da teoria da realização de desejos. Em sua *Philosophie des Unbewussten* (1890, 2, 344), escreve: ‘Quando se trata de sonhos, vemos todas as contrariedades da vida de vigília transportadas para o estado de sono; a única coisa que *não* encontramos é aquilo que pode, até certo ponto, reconciliar um homem culto com a vida — o prazer científico e artístico...’ Mas até mesmo observadores menos descontentes têm insistido em que a dor e o desprazer são mais comuns nos sonhos do que o prazer: por exemplo, Scholz (1893, 57), Volkelt (1875, 80) e outros. Com efeito, duas senhoras, Florence Hallam e Sarah Weed (1896, 499), chegaram realmente a dar expressão estatística, baseada num estudo de seus próprios sonhos, à preponderância do desprazer no sonho. Verificaram que 57,2% dos sonhos são ‘desagradáveis’ e apenas 28,6% decididamente ‘agradáveis’. E, afora esses sonhos, que levam para o sono as várias emoções penosas da vida, existem sonhos de angústia, em que o mais terrível de todos os sentimentos desprazerosos nos retém em suas garras até despertarmos. E as vítimas mais comuns desses sonhos de angústia são precisamente as crianças, cujos sonhos o senhor descreveu como indisfarçáveis realizações de desejos.”

De fato, parece que os sonhos de angústia tornam possível asseverar como proposição geral (baseada nos exemplos citados em meu último capítulo) que os sonhos são realizações de desejos; na verdade, eles parecem caracterizar tal proposição como um absurdo.

Não obstante, não há grande dificuldade em enfrentar essas objeções aparentemente irrefutáveis. É necessário apenas observar o fato de que minha teoria não se baseia numa consideração do conteúdo manifesto dos sonhos, mas se refere aos pensamentos que o trabalho de interpretação mostra estarem por trás dos sonhos. Devemos estabelecer um contraste entre os conteúdos *manifesto* e *latente* dos sonhos. Não há dúvida de que existem sonhos cujo conteúdo manifesto é de natureza extremamente aflitiva. Mas terá alguém tentado interpretar esses sonhos? Revelar os pensamentos latentes que se encontram por trás deles? Se não for assim, as duas objeções levantadas contra minha teoria são inconsistentes: é ainda possível que os sonhos aflitivos e os sonhos de angústia, uma vez interpretados, revelem-se como realizações de desejos.

Quando, no decorrer de um trabalho científico, deparamos com um problema de difícil solução, muitas vezes constitui uma boa medida tomar um segundo problema

juntamente com o original — da mesma forma que é mais fácil quebrar duas nozes juntas do que cada uma em separado. Assim, não só nos defrontamos com a pergunta “Como podem os sonhos aflitivos e os sonhos de angústia ser realizações de desejos?”, como também nossas reflexões permitem-nos acrescentar uma segunda pergunta: “Por que é que os sonhos de conteúdo irrelevante, que mostram ser realizações de desejos, não expressam seu sentido sem disfarces?” Tomemos, por exemplo, o sonho da injeção de Irma, que abordei exaustivamente. Não foi, de modo algum, de natureza aflitiva, e a interpretação mostrou-o como exemplo marcante da realização de um desejo. Mas por que deveria ele precisar de qualquer interpretação? Por que não expressou diretamente o que queria dizer? À primeira vista, o sonho da injeção de Irma não dava nenhuma impressão de representar como realizado um desejo do sonhador. Meus leitores não terão tido tal impressão; mas nem eu a tive antes de haver efetuado a análise. Descrevamos esse comportamento dos sonhos, que tanto carece de explicação, como “o fenômeno da distorção dos sonhos”. Assim, nosso segundo problema é: qual a origem da distorção onírica?

É possível que nos ocorram de imediato diversas soluções possíveis para o problema, como por exemplo, que existe alguma incapacidade, durante o sono, para darmos expressão direta a nossos pensamentos oníricos. Mas a análise de certos sonhos nos força a adotar outra explicação para a distorção neles existente. Exemplificarei esse ponto por meio de outro sonho que tive. Mais uma vez, esse procedimento me envolverá numa multiplicidade de indiscrições, mas a elucidação minuciosa do problema compensará meu sacrifício pessoal.

PREÂMBULO. — Na primavera de 1897, soube que dois professores de nossa universidade me haviam recomendado para nomeação como professor extraordinarius. A notícia me surpreendeu e muito me alegrou, pois implicava o reconhecimento por dois homens eminentes, que não poderia ser atribuído a quaisquer considerações de ordem pessoal. Mas logo me preveni para não ligar ao fato nenhuma expectativa. Nos últimos anos, o Ministério desconsiderara esse tipo de recomendações, e vários de meus colegas, que eram mais velhos do que e pelo menos se igualavam a mim em termos de mérito, em vão vinham esperando por uma nomeação. Eu não tinha motivos para crer que viesse a ter melhor sorte. Determinei-me, portanto, a encarar o futuro como resignação. Até onde eu me conhecia, não era um homem ambicioso; vinha seguindo minha profissão com êxito gratificante, mesmo sem as vantagens proporcionadas por um título. Além disso, não havia

meios de eu dizer que as uvas estavam verdes ou maduras: elas pendiam alto demais sobre minha cabeça.

Certa noite, recebi a visita de um amigo — um dos homens cujo exemplo eu tomara como advertência para mim. Por um tempo considerável, ele fora candidato à promoção ao cargo de professor, categoria que, em nossa sociedade, transforma o médico num semideus para seus pacientes. Menos resignado que eu, porém, ele tinha o hábito de ir de vez em quando cumprimentar o pessoal das repartições do Ministério, com vistas a promover seus interesses. Estivera fazendo uma dessas visitas pouco antes de vir ver-me. Contou-me que, nessa ocasião, pressionara o exaltado funcionário e lhe perguntara à queima-roupa se a demora de sua nomeação não se prendia, de fato, a considerações sectárias. A resposta fora que, em vista do atual estado de coisas, sem dúvida era verdade que, no momento, Sua Excelência não estava em condições, etc. etc. “Pelo menos sei onde estou agora”, concluía meu amigo. Isso não foi novidade para mim, embora estivesse fadado a fortalecer seu sentimento de resignação, pois as mesmas considerações sectárias se aplicavam ao meu próprio caso.

Na manhã seguinte a essa visita, tive o seguinte sonho, que foi notável, entre outras coisas, por sua forma. Consistiu em dois pensamentos e duas imagens — sendo cada pensamento seguido por uma imagem. Entretanto, exporei aqui apenas a primeira metade do sonho, visto que a outra metade não tem nenhuma relação com a finalidade para a qual descrevo o sonho.

I... *Meu amigo R. era meu tio. — Eu tinha por ele um grande sentimento de afeição.*

II. *Vi seu rosto diante de mim, um tanto modificado. Era como se tivesse sido repuxado no sentido do comprimento. Uma barba amarela que o circundava destacava-se de maneira especialmente nítida.*

Seguiam-se as duas outras partes que omitirei — mais uma vez, uma idéia seguida de uma imagem.

A interpretação do sonho ocorreu da seguinte forma.

Quando, no decorrer da manhã, o sonho me veio à cabeça, ri alto e disse: “O sonho é absurdo!” Mas ele se recusava a ir embora e me seguiu o dia inteiro, até que finalmente, à noite, comecei a me repreender: “Se um de seus pacientes que estivesse interpretando um sonho não encontrasse nada melhor para dizer do que afirmar que ela era um absurdo, você o questionaria sobre isso e suspeitaria de que o sonho tinha por trás alguma história

desagradável, da qual o paciente queria evitar conscientizar-se. Pois trate-se da mesma maneira. Sua opinião de que o sonho é absurdo significa apenas que você tem uma resistência interna contra a interpretação dele. Não se deixe despistar dessa maneira.” Assim, dei início à interpretação.

“R. era meu tio.” Que poderia significar isso? Nunca tive mais do que um tio — o Tio Josef. Havia um história triste ligada a ele. Certa vez — há mais de trinta anos —, em sua ansiedade de ganhar dinheiro, ele se deixou envolver num tipo de transação que é severamente punido pela lei, e foi efetivamente castigado por isso. Meu pai, cujo cabelos se embranqueceram de tristeza em poucos dias, costumava sempre dizer que tio Josef não era um mau homem, mas apenas um tolo; essas eram suas palavras. De modo que, se meu amigo R. era meu Tio Josef, o que eu estava querendo dizer era que R. era um tolo. Difícil de acreditar e extremamente desagradável! — Mas havia o rosto que eu via no sonho, com suas feições alongadas e a barba amarela. Meu tio, de fato, tinha um rosto como aquele, alongado e emoldurado por uma bela barba loura. Meu amigo R. fora, a princípio, extremamente moreno; mas quando as pessoas de cabelos pretos começam a ficar grisalhas, elas pagam um tributo pelo esplendor de sua juventude. Fio por fio, sua barba negra começa a passar por uma desagradável mudança de cor: primeiro, para um castanho avermelhado, depois, para um castanho amarelado, e só então para um grisalho definitivo. A barba de meu amigo R. estava, naquela ocasião, passando por essa fase — e também, por coincidência, a minha própria, como eu havia observado com insatisfação. O rosto que vi no sonho era, ao mesmo tempo, o de meu amigo R. e o de meu tio. Era como uma das fotografias compostas por Galton. (Para ressaltar as semelhanças familiares, Galton costumava fotografar vários rostos na mesma chapa [1907, 6 e segs. e 221 e segs.]). Assim, não havia dúvida de que eu realmente queria dizer que meu amigo R. era um tolo — como meu Tio Josef.

Eu ainda não tinha nenhuma idéia sobre qual poderia ser a finalidade dessa comparação, contra a qual continuava a lutar. Ela não ia muito longe, afinal, já que meu tio era um criminoso, ao passo que meu amigo R. tinha um caráter sem mácula... salvo por uma multa que lhe fora imposta por ter derrubado um menino com sua bicicleta. Poderia eu ter tido esse crime em mente? Isso teria sido ridicularizar a comparação. Nesse ponto, lembrei-me de outra conversa que tivera alguns dias antes com outro colega, N., e agora que pensava nela, lembrei que fora o mesmo assunto. Eu havia encontrado N. na rua. Ele também fora recomendado para o cargo de professor. Ouvira falar da homenagem que me

fora prestada e me deu seus parabéns por isso, mas eu, sem hesitar, recusei-me a aceitá-los. “Você é a última pessoa”, disse-lhe, “a fazer essa espécie de brincadeira; você sabe o quanto vale essa recomendação por sua própria experiência.” “Quem é que pode dizer?” respondeu ele — gracejando, ao que me pareceu; “havia uma coisa clara contra *mim*. Você não sabe que certa vez uma mulher abriu um processo judicial contra mim? Nem é preciso dizer que o caso foi arquivado. Foi uma tentativa ignominiosa de chantagem, e tive a maior dificuldade em evitar que a acusadora deixasse de ser punida. Mas talvez eles estejam usando isso no Ministério como desculpa para não me nomearem. Mas *você* tem um caráter impecável.” Isso me disse quem era o criminoso e, ao mesmo tempo, mostrou-me como o sonho devia ser interpretado e qual era sua finalidade. Meu Tio Josef representava meus dois colegas que não tinham sido nomeados para o cargo de professor — um como tolo, e o outro, como criminoso. Agora, eu também compreendia por que tinham sido representados sob esse aspecto. Se a nomeação de meus amigos R. e N. tinha sido adiada por motivos “sectários”, minha própria nomeação também era duvidosa; no entanto, se eu pudesse atribuir a rejeição de meus dois amigos a outras razões, que não se aplicavam a mim, minhas esperanças permaneceriam intocadas. Fora esse o método adotado por meu sonho: ele transformara um deles, R., num tolo, e o outro, N., num criminoso, ao passo que *eu* não era uma coisa nem outra; assim, já não tínhamos mais nada em comum; eu podia me regozijar com minha nomeação para o cargo de professor e podia evitar a penosa conclusão de que o relato de R. sobre o que lhe dissera o alto funcionário devia aplicar-se igualmente a mim.

Mas senti-me obrigado a levar ainda mais longe minha interpretação do sonho; senti que ainda não havia terminado de lidar satisfatoriamente com ele. Ainda estava inquieto com a despreocupação com que degradara dois respeitados colegas para manter aberto meu próprio acesso ao cargo de professor. No entanto, a insatisfação com minha conduta havia diminuído desde que eu me apercebera do valor que se deve atribuir às expressões nos sonhos. Eu estava pronto a negar com toda veemência que realmente considerasse R. um tolo e que de fato desacreditasse da história de N. sobre a chantagem. Tampouco acreditava que Irma tivesse de fato ficado gravemente enferma por haver recebido uma injeção do preparado de propil de Otto. Em ambos os casos, o que meus sonhos haviam expressado era apenas *meu desejo de que fosse assim*. A afirmação na qual meu desejo se materializara soava menos absurda no segundo sonho do que no primeiro; este usou mais

habilmente os fatos reais em sua construção, tal como uma calúnia bem engendrada do tipo que faz com que as pessoas sintam que “há qualquer coisa nisso”. Afinal, um dos professores da própria faculdade de meu amigo R. votara contra ele, e meu amigo N. me fornecera inocentemente, ele próprio, o material para minhas difamações. Não obstante, devo repetir, o sonho me parecia requerer maior elucidação.

Recordei então que havia outra parte do sonho intocada pela interpretação. Depois de me ocorrer a idéia de que R. era meu tio, eu havia experimentado um caloroso sentimento de afeição por ele no sonho. De onde vinha esse sentimento? Naturalmente, eu nunca sentira nenhuma afeição por Tio Josef. Apreciava meu amigo R. e o estimara durante muitos anos, mas, se me dirigisse a ele e expressasse meus sentimentos em termos que se aproximassem do grau de afeto que sentira no sonho, não há nenhuma dúvida de que ele teria ficado perplexo. Minha afeição por ele pareceu-me artificial e exagerada — tal como o julgamento de suas qualidades intelectuais, que eu expressara ao fundir sua personalidade com a de meu tio, embora, *nesse caso*, o exagero tivesse corrido no sentido oposto. Mas uma nova percepção começou a despontar em mim. A afeição, no sonho, não dizia respeito ao conteúdo latente, aos pensamentos que estavam por trás do sonho; estava em contradição com eles e tinha o propósito de ocultar a verdadeira interpretação do sonho. E é provável que essa fosse precisamente sua *raison d'être*. Lembrei-me de minha resistência em proceder à interpretação, de quanto a havia odiado, e de como declarara que o sonho era puro absurdo. Meus tratamentos psicanalíticos ensinaram-me como se deve interpretar um repúdio dessa natureza: ele não tinha nenhum valor como julgamento, mas era simplesmente uma expressão de emoção. Quando minha filhinha não queria uma maçã que lhe era oferecida, afirmava que a maçã estava azeda sem havê-la provado. E, quando meus pacientes se comportavam como a menina, eu sabia que estavam preocupados com uma representação que desejavam recalcar. O mesmo se aplicava a meu sonho. Eu não queria interpretá-lo porque a interpretação encerrava algo que eu estava combatendo. Quando concluí a interpretação, entendi contra que estivera lutando — isto é, a afirmação de que R. era um tolo. A afeição que eu sentia por R. não podia provir dos pensamentos oníricos latentes, mas se originara, sem dúvida, dessa luta que eu travava. Se meu sonho estava distorcido nesse aspecto em relação a seu conteúdo latente — e distorcido pareceu oposto —, então a afeição manifesta no sonho atendera ao propósito dessa distorção. Em outras palavras, a distorção, nesse caso, mostrou ser deliberada e constituiu um meio de

dissimulação. Meus pensamentos oníricos tinham incluído uma calúnia contra R. e, para que eu não pudesse notá-la, o que apareceu no sonho foi o oposto: um sentimento de afeição por ele.

Pareceu-me que essa seria uma descoberta de validade geral. É verdade que, como ficou demonstrado nos exemplos citados no Capítulo III, há alguns sonhos que são realizações indisfarçadas de desejos. Mas, nos casos em que a realização de desejo é irreconhecível, em que é disfarçada, deve ter havido alguma inclinação para se erguer uma defesa contra o desejo; e, graças a essa defesa, o desejo é incapaz de se expressar, a não ser de forma distorcida. Tentarei encontrar uma distorção semelhante de um ato psíquico na vida social. Onde podemos encontrar uma distorção semelhante de um ato físico na vida social? Somente quando há duas pessoas envolvidas, e uma das quais possui certo grau de poder que a segunda é obrigada a levar em consideração. Nesse caso, a segunda pessoa distorce seus atos psíquicos, ou, como se poderia dizer, dissimula. A polidez que pratico todos os dias é, numa grande medida, uma dissimulação desse tipo; e quando interpreto meus sonhos para meus leitores, sou obrigado a adotar distorções semelhantes. O poeta se queixa da necessidade dessas distorções, com as palavras:

Das Beste, was du wissen kannst, Darfst du den Buben doch nicht sagen.

Dificuldade semelhante enfrenta o autor político que tem verdades desagradáveis a dizer aos que estão no poder. Se as apresentar sem disfarces, as autoridades reprimirão suas palavras — depois de proferidas, no caso de um pronunciamento oral, mas de antemão, caso ele pretenda fazê-lo num texto impresso. O escritor tem de estar precavido contra a censura e, por causa dela, precisa atenuar e distorcer a expressão de sua opinião. Conforme o rigor e a sensibilidade da censura, ele se vê compelido a simplesmente abster-se de certas formas de ataque ou a falar por meio de alusões em vez de referências diretas, ou tem que ocultar seu pronunciamento objetável sob algum disfarce aparentemente inocente: por exemplo, pode descrever uma contenda entre dois mandarins do Império do Meio [na China], quando as pessoas que de fato tem em mente são autoridades de seu próprio país. Quanto mais rigorosa a censura, mais amplo será o disfarce e mais engenhoso também será o meio empregado para pôr o leitor no rastro do verdadeiro sentido.

O fato de os fenômenos da censura e da distorção onírica corresponderem uns aos outros nos mínimos detalhes justifica nossa pressuposição de que sejam similarmente

determinados. Podemos, portanto, supor que os sonhos recebem sua forma em cada ser humano mediante a ação de duas forças psíquicas (ou podemos descrevê-las como correntes ou sistemas) e que uma dessas forças constrói o desejo que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico e, pelo emprego dessa censura, acarreta forçosamente uma distorção na expressão do desejo. Resta indagar sobre a natureza do poder desfrutado por sua segunda instância, que lhe permite exercer sua censura. Quando temos em mente que os pensamentos oníricos latentes não são conscientes antes de se proceder a uma análise, ao passo que o conteúdo manifesto do sonho é conscientemente lembrado, parece plausível supor que o privilégio fruído pela segunda instância seja o de permitir que os pensamentos penetrem na consciência. Nada, ao que parece, pode atingir a consciência a partir do primeiro sistema sem passar pela segunda instância; e a segunda instância não permite que passe coisa alguma sem exercer seus direitos e fazer as modificações que julgue adequadas no pensamento que busca acesso à consciência. A propósito, isso nos permite formar um quadro bem definido da “natureza essencial” da consciência: vemos o processo de conscientização de algo como um ato psíquico específico, distinto e independente do processo de formação de uma representação ou idéia; e encaramos a consciência como um órgão sensorial que percebe dados surgidos em outros lugares. É possível demonstrar que esses pressupostos básicos são absolutamente indispensáveis à psicopatologia. Devemos, porém, adiar nossas maiores considerações sobre eles para um estágio posterior. [Ver Capítulo VII, particularmente a Seção F, em [1]]

Aceitando-se esse quadro das duas instâncias psíquicas e de sua relação com a consciência, há uma completa analogia, na vida política, com a extraordinária afeição que senti em meu sonho por meu amigo R., que foi tratado com tanto desprezo durante a interpretação do sonho. Imaginemos uma sociedade em que esteja havendo uma luta entre um governante cioso de seu poder e uma opinião pública alerta. O povo está revoltado contra uma autoridade impopular e exige sua demissão. Mas o autocrata, para mostrar que não precisa levar em conta o desejo popular, escolhe esse momento para conferir uma alta honraria à citada autoridade, embora não haja nenhuma outra razão para fazê-lo. De maneira idêntica, minha segunda instância, que domina o acesso à consciência, distinguiu meu amigo R. com uma exibição de afeição excessiva, simplesmente porque os impulsos de

desejo pertencentes ao primeiro sistema, por suas próprias razões particulares, para as quais estavam voltados naquele momento, resolveram condená-lo como um tolo.

Essas considerações talvez nos levem a achar que a interpretação dos sonhos poderá permitir-nos tirar, em relação à estrutura de nosso aparelho psíquico, as conclusões que em vão temos esperado da filosofia. Não pretendo, contudo, seguir essa linha de pensamento [adotada no Capítulo VII]; mas, tendo esclarecido a questão da distorção dos sonhos, voltarei ao problema de onde partimos. A questão levantada foi de que modo os sonhos com um conteúdo aflitivo podem decompor-se em realizações de desejos. Vemos agora que isso é possível, se a distorção do sonho tiver ocorrido e se o conteúdo penoso servir apenas para disfarçar algo que se deseja. Tendo em mente nosso pressuposto da existência de duas instâncias psíquicas, podemos ainda dizer que os sonhos aflitivos de fato encerram alguma coisa que é penosa para a *segunda* instância, mas que, ao mesmo tempo, realiza um desejo por parte da *primeira* instância. São sonhos de desejos, na medida em que todo sonho decorre da primeira instância: a relação da segunda instância com os sonhos é de natureza *defensiva*, e não *criativa*. Se nos limitássemos a considerar em que a segunda instância contribui para os sonhos, jamais conseguiríamos chegar a um entendimento deles: todas as charadas que as autoridades têm observado nos sonhos permaneceriam insolúveis.

O fato de os sonhos realmente terem um significado secreto que representa a realização de um desejo tem de ser provado novamente pela análise em cada caso específico. Escolherei, portanto, alguns sonhos com um conteúdo aflitivo e tentarei analisá-los. Alguns deles são sonhos de pacientes histéricos, que exigem extensos preâmbulos e uma incursão ocasional nos processos psíquicos característicos da histeria. Mas não posso escapar a esse agravamento das dificuldades de apresentar minha tese. [Ver em [1].]

Como já expliquei [em [1]], quando empreendo o tratamento analítico de um paciente psiconeurótico, seus sonhos são invariavelmente discutidos entre nós. No decurso dessas discussões, sou obrigado a dar-lhe todas as explicações psicológicas que permitiram a mim mesmo chegar a uma compreensão de seus sintomas. A partir daí, fico sujeito a uma crítica implacável, por certo não menos severa do que a que tenho de esperar dos membros de minha própria profissão. E meus pacientes invariavelmente contradizem minha asserção de que todos os sonhos são realizações de desejos. Eis aqui, portanto, alguns exemplos do material de sonhos apresentados contra mim como provas em contrário.

“O senhor sempre me diz”, começou uma inteligente paciente minha, “que o sonho é um desejo realizado.” Pois bem, vou lhe contar um sonho cujo tema foi exatamente o oposto — um sonho em que um de meus desejos *não* foi realizado. Como o senhor enquadra isso em sua teoria? Foi este o sonho:

“Eu queria oferecer uma ceia, mas não tinha nada em casa além de um pequeno salmão defumado. Pensei em sair e comprar alguma coisa, mas então me lembrei que era domingo à tarde e que todas as lojas estariam fechadas. Em seguida, tentei telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava com defeito. Assim, tive de abandonar meu desejo de oferecer uma ceia.”

Respondi, naturalmente, que a análise era a única forma de decidir quanto ao sentido do sonho, embora admitisse que, à primeira vista, ele se afigurava sensato e coerente e parecia ser o inverso da realização de um desejo. “Mas de que material decorreu o sonho? Como sabe, a instigação de um sonho é sempre encontrada nos acontecimentos da véspera.”

ANÁLISE. — O marido de minha paciente, um açougueiro atacadista, honesto e competente, comentara com ela, na véspera, que estava ficando muito gordo e que, por isso, pretendia começar um regime de emagrecimento. Propunha-se levantar cedo, fazer exercícios físicos, ater-se a uma dieta rigorosa e, acima de tudo, não aceitar mais convites para cear. — Ela acrescentou, rindo, que o marido, no lugar onde almoçava regularmente, tratava conhecimento com um pintor que o pressionara a lhe permitir que pintasse seu retrato, pois nunca vira feições tão expressivas. O marido, contudo, replicara, à sua maneira rude, que ficava muito agradecido, mas tinha a certeza de que o pintor preferiria parte do traseiro de uma bonita garota a todo o seu rosto. Ela estava muito apaixonada pelo marido e caçoava muito dele. Ela também implorara a ele que não lhe desse nenhum caviar.

Perguntei-lhe o que significava isso, e ela explicou que há muito tempo desejava comer um sanduíche de caviar todas as manhãs, mas relutava em fazer essa despesa. Naturalmente, o marido a deixara obtê-lo imediatamente, se ela lhe tivesse pedido. Mas, ao contrário, ela lhe pedira que *não* lhe desse caviar, para poder continuar a mexer com ele por causa disso.

Essa explicação me pareceu pouco convincente. Em geral, essas razões insuficientes ocultam motivos inconfessáveis. Fazem-nos lembrar os pacientes hipnotizados

de Bernheim. Quando um deles executa uma sugestão pós-hipnótica e lhe perguntam por que está agindo daquela maneira, em vez de dizer que não tem a menor idéia, ele se sente compelido a inventar alguma razão obviamente insatisfatória. O mesmo, sem dúvida, se aplicava a minha paciente e ao caviar. Vi que ela fora obrigada a criar para si mesma um desejo não realizado na vida real, e o sonho representava essa renúncia posta em prática. Mas por que precisaria ela de um desejo não realizado?

As associações que ela apresentara até então não tinham sido suficientes para interpretar o sonho. Pressionei-a para que apresentasse outras. Após uma pausa curta, como a que corresponderia à superação de uma resistência, ela prosseguiu dizendo que, na véspera, visitara uma amiga de quem confessava ter ciúmes porque seu marido (de minha paciente) estava constantemente a elogiá-la. Felizmente, essa sua amiga é muito ossuda e magra, e o marido de minha paciente admira figuras mais cheinhas. Perguntei-lhe o que havia conversado com sua amiga magra. Naturalmente, respondeu, sobre o desejo dela de engordar um pouco. A amiga também lhe perguntara: “Quando é que você vai nos convidar para outro jantar? Os que você oferece são sempre ótimos.”

Agora o sentido do sonho estava claro, e pude dizer a minha paciente: “É como se, quando ela fez essa sugestão, a senhora tivesse dito a si mesma: ‘Pois sim! Vou convidá-la para comer em minha casa só para que você possa engordar e atrair meu marido ainda mais! Prefiro nunca mais oferecer um jantar.’ O que o sonho lhe disse foi que a senhora não podia oferecer nenhuma ceia, e assim estava realizando seu desejo de não ajudar sua amiga a ficar mais cheinha. O fato de que o que as pessoas comem nas festas as engorda lhe fora lembrado pela decisão de seu marido de não mais aceitar convites para jantar, em benefício de seu plano de emagrecer.” Só faltava agora alguma coincidência que confirmasse a solução. O salmão defumado do sonho ainda não fora explicado. “Como foi”, perguntei, “que a senhora chegou ao salmão que apareceu em seu sonho?” “Oh”, exclamou ela, “salmão defumado é o prato predileto de minha amiga!” Acontece que eu mesmo conheço a senhora em questão e posso afirmar o fato de que ela se ressentia tanto de não comer salmão quanto minha paciente de não comer caviar.

O mesmo sonho admite uma outra interpretação, mais sutil, que de fato se torna inevitável se levarmos em conta um detalhe adicional. (As duas interpretações não são mutuamente contraditórias, mas ambas cobrem o mesmo terreno; constituem um bom exemplo do fato de que os sonhos, como todas as outras estruturas psicopatológicas, têm

regularmente mais de um sentido.) Minha paciente, como se pode lembrar, ao mesmo tempo que estava ocupada com seu sonho de renúncia a um desejo, também tentava efetivar um desejo renunciado (pelo sanduíche de caviar) na vida real. Sua amiga também dera expressão a um desejo — de engordar —, e não seria de surpreender que minha paciente tivesse sonhado que o desejo de sua amiga não fora realizado, pois o próprio desejo de minha paciente era que o de sua amiga (engordar) não se realizasse. Mas, em vez disso, ela sonhou que um de seus *próprios* desejos não era realizado. Portanto, o sonho adquirirá nova interpretação se supusermos que a pessoa nele indicada não era ela mesma, e sim a amiga: que ela se colocara no lugar da amiga, ou, como poderíamos dizer, que se “identificara” com a amiga. Creio que ela de fato fizera isso, e a circunstância de ter efetivado um desejo renunciado na vida real foi prova dessa identificação.

Qual é o sentido da identificação histérica? Isso exige uma explicação um tanto extensa. A identificação é um fator altamente importante no mecanismo dos sintomas histéricos. Ela permite aos pacientes expressarem em seus sintomas não apenas suas próprias experiências, como também as de um grande número de outras pessoas: permite-lhes, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar sozinhas todos os papéis de uma peça. Dirão que isso não passa da conhecida imitação histérica, da capacidade dos histéricos de imitarem quaisquer sintomas de outras pessoas que possam ter despertado sua atenção — solidariedade, por assim dizer, intensificada até o ponto da reprodução. Isso, porém, não faz mais do que indicar-nos a trilha percorrida pelo processo psíquico na imitação histérica. Essa trilha é diferente do ato mental que se processa ao longo dela. Este é um pouco mais complicado do que o quadro comum da imitação histérica; consiste na feitura inconsciente de uma inferência, como um exemplo deixará claro. Suponhamos que um médico esteja tratando de uma paciente sujeita a um tipo específico de espasmo numa enfermaria hospitalar, em meio a muitos outros pacientes. Ele não mostrará nenhuma surpresa se constatar, numa manhã, que essa forma específica de ataque histérico encontrou imitadores. Dirá apenas: “Os outros pacientes viram isso e o copiaram; é um caso de contágio psíquico.” Isso é verdade; mas o contágio psíquico ocorreu mais ou menos nos seguintes moldes: em geral, os pacientes sabem mais a respeito uns dos outros do que o médico sobre qualquer um deles; e uma vez terminada a visita do médico, eles voltam sua atenção para os companheiros. Imaginemos que essa paciente tenha tido seu ataque num determinado dia; ora, os outros descobrirão rapidamente que ele foi

causado por uma carta recebida de casa, pelo reflorescimento de um romance infeliz, ou coisa semelhante. Sua solidariedade é despertada e eles fazem a seguinte inferência, embora ela não consiga penetrar na consciência: “Se uma causa como esta pode produzir um ataque assim, posso ter o mesmo tipo de ataque, já que tenho as mesmas razões para isso.” Se essa inferência fosse capaz de penetrar na consciência, é possível que desse margem a um *medo* de ter a mesma espécie de ataque. Mas, de fato, a inferência se processa numa região psíquica diferente e conseqüentemente resulta na concretização real do temido sintoma. Assim, a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma *assimilação* baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente.

A identificação é empregada com mais freqüência na histeria para expressar um elemento *sexual* comum. Uma mulher histérica se identifica mais rapidamente — embora não exclusivamente — em seus sintomas com as pessoas com quem tenha tido relações sexuais, ou com as pessoas que tenham tido relações sexuais com as mesmas pessoas que ela. O uso da língua leva isso em conta, pois fala-se em duas pessoas apaixonadas como sendo “uma só”. Nas fantasias históricas, tal como nos sonhos, é suficiente, para fins de identificação, que o sujeito tenha *pensamentos* sobre relações sexuais, sem que estas tenham necessariamente ocorrido na realidade. Assim, a paciente cujo sonho venho discutindo estava simplesmente seguindo as normas dos processos históricos de pensamento ao expressar ciúme da amiga (que, aliás, ela própria sabia ser injustificado), ocupar seu lugar no sonho e identificar-se como ela por meio da criação de um sintoma — o desejo renunciado. O processo poderia expressar-se verbalmente da seguinte maneira: minha paciente colocou-se no lugar da amiga, no sonho, porque esta estava ocupando o lugar de minha paciente junto ao marido e porque ela (minha paciente) queria tomar o lugar da amiga no alto conceito em que o marido a tinha.

Uma contradição a minha teoria dos sonhos, produzida por outra de minhas pacientes (a mais sagaz de todas as que relatam seus sonhos), resolveu-se de maneira mais simples, porém com base no mesmo padrão, a saber, que a não-realização de um desejo significava a realização de outro. Certo dia, eu lhe estivera explicando que os sonhos são realizações de desejos. No dia seguinte, ela me trouxe um sonho em que estava viajando com a sogra até o lugar no campo onde iriam passar juntas as férias. Ora, eu sabia que ela se rebelara violentamente contra a idéia de passar o verão perto da sogra e que, poucos dias

antes, conseguira evitar a temida proximidade reservando aposentos numa estação de veraneio muito distante. E agora, seu sonho desfizera a solução que ela havia desejado: não seria isso a mais contundente contradição possível de minha teoria de que, nos sonhos, os desejos são realizados? Sem dúvida; e bastou seguir a consequência lógica do sonho para chegar a sua interpretação. O sonho mostrou que eu estava errado. *Logo, era seu desejo que eu estivesse errado, e seu sonho mostrou esse desejo realizado.* Mas seu desejo de que eu estivesse errado, que se realizou em relação a suas férias de verão, dizia respeito, de fato, a um outro assunto mais sério. Pois, mais ou menos nessa época, eu havia inferido do material produzido em sua análise que, num período específico de sua vida, deveria ter ocorrido algo que foi relevante na determinação de sua doença. Ela contestara isso, visto não ter nenhuma lembrança de tal coisa, mas, logo depois, ficou provado que eu estava certo. Assim, seu desejo de que eu estivesse errado, que se transformou em seu sonho de passar as férias com a sogra, correspondia a um desejo bastante justificado de que os fatos de que ela não vinha conscientizando pela primeira vez nunca tivessem ocorrido.

Aventurei-me a interpretar — sem nenhuma análise, mas apenas por meio de um palpite — um pequeno episódio ocorrido com um amigo meu que freqüentara a mesma classe que eu durante todo o nosso curso secundário. Um dia, ele ouviu uma palestra que proferi perante um pequeno auditório sobre a idéia inédita de que os sonhos eram realizações de desejos. Foi para casa e sonhou que *perdera todos os seus casos* (ele era advogado), e depois me contestou nesse assunto. Fugi à questão, dizendo-lhe que, afinal de contas, não se podem ganhar *todos* os casos. Mas pensei comigo mesmo: “Considerando que, por oito anos a fio, sentei-me no banco da frente como primeiro da classe, enquanto ele ficava ali pelo meio, ele dificilmente pode deixar de alimentar um desejo, remanescente de seus tempos de escola, de que mais dia menos dia, *eu* venha a me tornar um completo fracasso.”

Um sonho de natureza mais sombria foi também apresentado contra mim por uma paciente como objeção à teoria dos sonhos de desejo.

A paciente, um moça de pouca idade, assim começou: “Como o senhor deve estar lembrado, minha irmã só tem agora um menino — Karl; ela perdeu o filho mais velho, Otto, quando eu ainda morava com ela. Otto era meu favorito; de certa forma, eu o criei. Também gosto do menorzinho, mas, é claro, nem de longe tanto quanto gostava do que morreu. Então, ontem à noite, sonhei que *via Karl morto diante de mim. Estava deitado em seu caixãozinho,*

com as mãos postas e velas a seu redor — de fato, exatamente como o pequeno Otto, cuja morte foi um golpe tão forte para mim. Agora me diga: que pode significar isso? O senhor me conhece. Será que sou uma pessoa tão má a ponto de desejar que minha irmã perca o único filho que ainda tem? Ou será que o sonho significa que eu preferiria que Karl estivesse morto, em vez de Otto, de quem eu gostava muito mais?”

Assegurei-lhe que esta última interpretação estava fora de cogitação. E, depois de refletir um pouco, pude dar-lhe a interpretação correta do sonho, posteriormente confirmada por ela. Pude fazê-lo porque estava familiarizado com toda a história prévia da autora do sonho.

Essa moça ficara órfã em tenra idade e fora criada na casa de uma irmã muito mais velha. Entre os amigos que freqüentavam a casa, havia um homem que deixou uma impressão duradoura em seu coração. Por algum tempo, pareceu que suas relações mal admitidas com ele levariam ao casamento, mas esse desenlace feliz foi reduzido a cinzas pela irmã, cujos motivos jamais foram plenamente explicados. Depois do rompimento, esse homem deixou de freqüentar a casa e, pouco depois da morte do pequeno Otto, para quem ela voltara sua afeição neste ínterim, minha paciente fixou residência própria sozinha. Não conseguiu, contudo, libertar-se de seu apego pelo amigo da irmã. Seu orgulho ordenava que o evitasse, mas ela não conseguiu transferir seu amor para nenhum dos outros admiradores que se apresentaram posteriormente. Sempre que se anunciava que o objeto de suas afeições, que era por profissão um homem de letras, ia proferir uma palestra em algum lugar, ela estava invariavelmente na platéia; e aproveitava todas as oportunidades possíveis de contemplá-lo à distância em campo neutro. Lembrei-me de que ela me dissera, na véspera, que o Professor iria a um certo concerto, e que ela pretendia ir também para ter o prazer de dar uma olhadela nele mais uma vez. Isso ocorrera na véspera do sonho, e o concerto iria realizar-se no dia em que ela o relatou a mim. Foi-me portanto fácil construir a interpretação correta, e perguntei-lhe se podia pensar em alguma coisa que tivesse acontecido após a morte do pequeno Otto. Ela respondeu de pronto: “Naturalmente; o Professor veio visitar-nos de novo depois de uma longa ausência e eu o vi mais uma vez ao lado do caixão do pequeno Otto.” Isso era exatamente o que eu esperava, e interpretei o sonho desta forma: “Se o outro menino morresse agora, aconteceria a mesma coisa. Você passaria o dia com sua irmã, e o Professor certamente viria apresentar seus pêsames, de modo que você o veria mais uma vez nas mesmas condições que na outra ocasião. O sonho significa apenas

seu desejo de vê-lo mais uma vez, um desejo contra o qual você vem lutando internamente. Sei que você tem na bolsa uma entrada para o concerto de hoje. Seu sonho foi um sonho de impaciência: antecipou em algumas horas a visão que você vai ter dele hoje.”

A fim de ocultar seu desejo, ela evidentemente escolhera uma situação em que tais desejos costumam ser suprimidos, na situação em que se está tão repleto de tristeza que não se tem nenhum pensamento amoroso. Contudo, é bem possível que, mesmo na situação real da qual o sonho foi uma réplica exata, junto ao caixão do menino mais velho a quem ela amara ainda mais, talvez ela não tenha podido suprimir seus ternos sentimentos pelo visitante que estivera ausente por tanto tempo.

Um sonho semelhante de outra paciente recebeu uma explicação diferente. Quando jovem ela se destacara por sua inteligência viva e sua disposição alegre; e essas características ainda podiam ser observadas, pelo menos nas idéias que lhe ocorriam durante o tratamento. No decorrer de um sonho um tanto longo, essa senhora imaginou ver sua única filha, de quinze anos de idade, morta “numa caixa”. Estava parcialmente inclinada a utilizar essa cena como uma objeção à teoria da realização dos desejos, embora ela própria suspeitasse de que o detalhe da “caixa” devia estar apontando para outra visão do sonho. No decorrer da análise, ela lembrou que, numa reunião na noite anterior, falara-se um pouco sobre a palavra inglesa “box” e as várias formas pelas quais se poderia traduzi-la em alemão — tais como “*Schachte*” [“caixa”] “*Loge*” [“camarote de teatro”], *Kasten* [arca], “*Ohrfeige*” [“murro no ouvido”], e assim por diante. Outras partes do mesmo sonho nos permitiram descobrir ainda que ela havia pensado que “box”, em inglês, se relacionava mesmo com o “*Büchse*” [“receptáculo”] em alemão, e que depois fora atormentada pela lembrança de que “*Büchse*” é empregado como termo vulgar para designar os órgãos genitais femininos. Fazendo uma certa concessão aos limites de seus conhecimentos de anatomia topográfica, poder-se-ia presumir, portanto, que a criança que jazia na caixa significava um embrião no útero. Após ter sido esclarecida quanto a esse ponto, ela não mais negou que a imagem onírica correspondesse a um desejo seu. Como tantas jovens casadas, ela não ficara nada satisfeita ao engravidar, e, mais de uma vez, tinha-se permitido desejar que a criança que trazia no ventre morresse. De fato, num acesso de cólera após uma cena violenta com o marido, ela batera com os punhos cerrados no próprio corpo para atingir a criança lá dentro. Dessa forma, a criança morta era de fato a realização de um desejo, mas de um desejo que fora posto de lado quinze anos antes. Dificilmente se pode ficar admirado

com o fato de um desejo realizado após uma demora tão prolongada não ser reconhecido. Muitas coisas haviam mudado nesse intervalo. [1]

Terei de voltar ao grupo de sonhos a que pertencem os dois últimos exemplos (sonhos que tratam da morte de parentes a quem o sonhador é afeiçoado) quando vier a considerar os sonhos “típicos” [em [1]]. Poderei então mostrar, mediante outros exemplos, que, apesar de seu conteúdo não desejado, todos esses sonhos devem ser interpretados como realizações de desejos.

Devo o sonho seguinte não a um paciente, mas a um inteligente jurista de minhas relações. Ele o narrou a mim, mais uma vez, para me impedir de fazer uma generalização apressada da teoria dos sonhos de desejos. “*Sonhei*”, disse meu informante, “*que chegava a minha casa de braço dado com uma senhora. Havia uma carruagem fechada em frente à casa e um homem dirigiu-se a mim, mostrou-me suas credenciais de policial e me solicitou que o acompanhasse. Pedi-lhe que me concedesse algum tempo para pôr meus negócios em ordem. Será que o senhor acha que eu tenho um desejo de ser preso?*” — Naturalmente que não, não pude deixar de concordar. O senhor sabe por acaso sob que acusação foi preso? — “Sim, por infanticídio, creio eu.” — Infanticídio? Mas por certo o senhor sabe que esse é um crime que só pode ser praticado por uma mãe contra um recém-nascido, não sabe? — “É verdade.”² — E em que circunstâncias o senhor teve o sonho? Que aconteceu na noite anterior? — “Preferiria não lhe dizer. É um assunto delicado.” — Mesmo assim, terei de ouvi-lo; caso contrário, teremos de desistir da idéia de interpretar o sonho. — “Muito bem; então, escute. Ontem não passei a noite em casa, e sim com uma dama que significa muito para mim. Ao acordarmos pela manhã, houve outro contato entre nós, depois do qual dormi novamente e tive o sonho que lhe descrevi.” — Ela é casada? — “É.” — E o senhor não quer ter um filho com ela, não é verdade? “Ah, não; isso poderia nos denunciar.” — Então o senhor não pratica o coito normal? — “Tomo a precaução de retirar antes da ejaculação.” — Acho que posso presumir que o senhor usou esse expediente várias vezes durante a noite, e que depois de repeti-lo pela manhã sentiu-se um pouco inseguro sobre tê-lo executado com êxito. — “É possível, sem dúvida.” — Nesse caso, seu sonho foi a realização de um desejo. Tranqüilizou-o com a idéia de que o senhor não havia gerado uma criança, ou, o que dá no mesmo, que matara uma criança. Os elos intermediários são fáceis de apontar. O senhor deve estar lembrado de que, alguns dias atrás, falávamos das dificuldades do casamento, e de como é incoerente que não haja nenhuma objeção a que se pratique o coito de modo a

não permitir que ocorra a fertilização, ao passo que qualquer interferência depois que o óvulo e o sêmen se unem e um feto é formado é punida como crime. Depois disso, lembramos a controvérsia medieval sobre o momento exato em que a alma penetra no feto, já que é apenas depois disso que o conceito de assassinato se torna aplicável. Sem dúvida, o senhor também conhece o tétrico poema de Lenau [“Das tote Glück”] em que o assassinato de crianças e a prevenção da natalidade são igualados. — “O curioso é que pensei em Lenau esta manhã, por mero acaso, ao que me pareceu.” — Um eco posterior de seu sonho. E agora posso mostrar-lhe outra realização incidental de desejo contida em seu sonho. O senhor chegou em casa de braços dados com a dama. Logo, estava levando-a para casa, em vez de passar a noite na casa dela, como fez na realidade. É possível que haja mais de uma razão para que a realização do desejo que constitui o cerne do sonho tenha-se disfarçado de forma tão desagradável. Talvez o senhor tenha ficado sabendo, por meu artigo sobre a etiologia da neurose de angústia [Freud, 1895b], que considero o *coitus interruptus* como um dos fatores etiológicos no desenvolvimento da angústia neurótica, não é? Seria condizente com isso que, depois de praticar o ato sexual várias vezes dessa maneira, o senhor ficasse com um mal-estar que depois se transformaria num elemento da construção de seu sonho. Além disso, o senhor utilizou esse mal-estar para ajudar a disfarçar a realização do desejo. [Ver em [1].] A propósito, sua referência ao infanticídio não foi explicada. Como é que o senhor foi dar com esse crime especificamente feminino? — “Tenho de admitir que, alguns anos atrás, vi-me envolvido numa ocorrência desse tipo. Fui responsável pela tentativa de uma moça de evitar a consequência de uma ligação amorosa comigo por meio de um aborto. Nada tive a ver com o fato de ela pôr em prática sua intenção, mas, por muito tempo, senti-me naturalmente muito nervoso com a idéia de que a história viesse a público.” — Compreendo perfeitamente. Essa lembrança fornece uma segunda razão pela qual o senhor deve ter-se preocupado com a suspeita de que seu expediente pudesse não ter funcionado. [1]

Um jovem médico que me ouviu descrever esse sonho durante um ciclo de palestras deve ter ficado muito impressionado com ele, pois imediatamente o reproduziu, aplicando o mesmo padrão de pensamento a outro tema. Um dia antes, ele entregara sua declaração de imposto de renda, que havia preenchido com perfeita honestidade, pois tinha muito pouco a declarar. Então, sonhou que *um conhecido seu foi procurá-lo após sair de uma reunião de membros da comissão de impostos e informou-o de que, embora não se tivesse levantado*

qualquer objeção a nenhuma das outras declarações, a dele provocara suspeitas generalizadas e uma pesada multa lhe fora imposta. O sonho foi uma realização precariamente disfarçada de seu desejo de ser conhecido como um médico possuidor de grande renda. Isso faz lembrar a célebre história da moça que foi aconselhada a não aceitar um certo pretendente, porque ele tinha um gênio violento e por certo iria espancá-la se se casassem. “Ah, se ele já tivesse começado a me espancar!”, respondeu ela. Seu desejo de se casar era tão intenso que estava disposta a aceitar, de quebra, essa ameaça de aborrecimento, chegando mesmo a transformá-la num desejo.

Os sonhos muito frequentes, que parecem contradizer minha teoria, por terem como tema a frustração de um desejo ou a ocorrência de algo claramente indesejado, podem ser reunidos sob o título de “sonhos com o oposto do desejo”. Se esses sonhos forem considerados como um todo, parece-me possível buscar sua origem em dois princípios; ainda não mencionei um deles, embora desempenhe um papel relevante não apenas nos sonhos das pessoas, como também em suas vidas. Uma das duas forças propulsoras que levam a esses sonhos é o desejo de que eu esteja errado. Tais sonhos aparecem regularmente no curso de meus tratamentos, quando um paciente se encontra num estado de resistência a mim; e posso contar como quase certo provocar um deles depois de explicar a um paciente, pela primeira vez, minha teoria de que os sonhos são realizações de desejos. A rigor, é de se esperar que a mesma coisa aconteça com alguns dos leitores frustrados num sonho, caso seu desejo de que eu esteja errado possa se realizar.

Esse mesmo ponto é ilustrado por um último sonho dessa natureza que citarei aqui, obtido de uma paciente em tratamento. Foi o sonho de uma moça que tivera êxito em sua luta para continuar seu tratamento comigo, contrariando a vontade dos parentes e dos especialistas cujas opiniões tinham sido consultadas. *Sonhou que seus familiares a haviam proibido de continuar a me consultar. Lembrou-me então a promessa que eu lhe fizera de, se necessário, continuar o tratamento sem honorários. A isso, respondi: “Não posso fazer nenhuma concessão em questões de dinheiro.”* É preciso admitir que não foi fácil identificar a realização de desejo nesse exemplo. Mas, em todos esses casos, descobre-se um segundo enigma cuja solução ajuda a desvendar o primeiro. Qual a origem das palavras que ela pôs em minha boca? Naturalmente, eu não lhe dissera nada semelhante, mas um de seus irmãos — o que maior influência exercia sobre ela — tivera a gentileza de me atribuir esse sentimento. O sonho, portanto, pretendia provar que o irmão dela estava certo. E não era

apenas em seus sonhos que ela insistia em que ele tinha razão; a mesma idéia dominava toda a sua vida e era o motivo de sua doença.

Um sonho que parece à primeira vista trazer dificuldades especiais para a teoria da realização de desejos foi sonhado e interpretado por um médico, e relatado por August Stärcke (1911): “*Vi em meu dedo indicador esquerdo o primeiro indício [Primäraffekt] de sífilis na falange terminal.*” A consideração de que, independentemente do conteúdo indesejado do sonho, ele parece claro e coerente, poderia dissuadir-nos de analisá-lo. No entanto, se estivermos dispostos a enfrentar o trabalho envolvido, descobriremos que “*Primäraffekt*” era equivalente a uma “*prima affectio*” (um primeiro amor), e que a úlcera repelente veio a representar, para citar as palavras de Stärcke, “realizações de desejos com uma alta carga emocional”.

O segundo motivo para os sonhos com o oposto do desejo é tão óbvio que é fácil deixá-lo passar despercebido, como eu mesmo fiz por tempo considerável. Há um componente masoquista na constituição sexual de muitas pessoas, que decorre da inversão de um componente agressivo e sádico em seu oposto. Aqueles que encontram prazer não na infligência de dor *física* a eles, mas na humilhação e na tortura mental, podem ser descritos como “masoquistas mentais”. Percebe-se de imediato que essas pessoas podem ter sonhos com o oposto do desejo e sonhos desprazerosos que são, ainda assim, realizações de desejos, pois satisfazem suas inclinações masoquistas. Citarei um desses sonhos, produzido por um rapaz que, em sua meninice, havia atormentado imensamente seu irmão mais velho, por quem tinha um apego homossexual. Tendo seu caráter passado por uma modificação fundamental, ele teve o seguinte sonho, dividido em três partes: *I. Seu irmão mais velho estava mexendo com ele. II. Dois homens se acariciavam com um objetivo homossexual. III. Seu irmão vendera o negócio cujo diretor ele próprio aspirava tornar-se.* Ele despertou deste último sonho com sentimentos extremamente aflitivos. Não obstante, tratava-se de um sonho masoquista de desejo e poderia ser traduzido assim: “Seria bem feito para mim se meu irmão me confrontasse com essa venda, como punição por todos os tormentos que ele teve de aturar de mim.”

Espero que os exemplos anteriores sejam suficientes (até que se levante a próxima objeção) para fazer com que pareça plausível que mesmo os sonhos de conteúdo aflitivo devem ser interpretados como realizações de desejos. Ninguém, tampouco, há de considerar mera coincidência que a interpretação desses sonhos nos tenha feito deparar, todas as

vezes, com tópicos sobre os quais as pessoas relutam em falar ou pensar. Os sentimento aflitivo provocado por esses sonhos é idêntico à repugnância que tende (em geral com êxito) a nos impedir de discutir ou mencionar tais tópicos, e que cada um de nós tem de superar quando, apesar disso, sente-se compelido a penetrar neles. Mas o sentimento de desprazer que assim se repete nos sonhos não nega a existência de um desejo. Todos têm desejos que prefeririam não revelar a outras pessoas, e desejos que não admitem nem sequer perante si mesmos. Por outro lado, é justificável ligarmos o caráter desprazeroso de todos esses sonhos com o fato da distorção onírica. E é justificável concluirmos que esses sonhos são distorcidos, e que a realização de desejo neles contida é disfarçada a ponto de se tornar irreconhecível, precisamente em vista da repugnância que se sente pelo tema do sonho ou pelo desejo dele derivado, bem como da intenção de recalá-los. Demonstra-se, assim, que a distorção do sonho é de fato um ato da censura. Estaremos levando em conta tudo o que foi trazido à luz por nossa análise dos sonhos desprazerosos se fizermos a seguinte modificação na fórmula com que procuramos expressar a natureza dos sonhos: o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalçado.)

Resta examinar os sonhos de angústia como uma subespécie particular dos sonhos de conteúdo aflitivo. A idéia de considerá-los como sonhos impregna dos de desejo encontrará muito pouca receptividade por parte dos não esclarecidos. Não obstante, posso abordar os sonhos de angústia muito sucintamente neste ponto. Eles não nos apresentam um novo aspecto do problema dos sonhos; aquilo com que nos confrontam é toda a questão da angústia neurótica. A angústia que sentimos num sonho é apenas *aparentemente* explicada pelo conteúdo do sonho. Se submetermos o conteúdo do sonho à análise, verificaremos que a angústia do sonho não se justifica melhor pelo conteúdo do sonho do que, digamos, a angústia de uma fobia se justifica pela representação com que se relaciona a fobia. Sem dúvida é verdade, por exemplo, que é possível cair de uma janela, e portanto há razão para se exercer certo grau de cautela nas proximidades de uma janela; mas não vemos por que a angústia sentida a esse respeito numa fobia deva ser tão grande e persiga o paciente muito além da oportunidade de sua ocorrência. Assim, constatamos que a mesma coisa pode ser validamente afirmada em relação à fobia e aos sonhos de angústia: em ambos os casos, a angústia está apenas superficialmente ligada à representação que a acompanha; ela se origina em outra fonte.

Já que existe estreita ligação entre a angústia nos sonhos e nas neuroses, ao examinar a primeira precisarei referir-me à última. Num trabalho sucinto sobre a neurose de angústia (Freud, 1895b), argumentei há algum tempo que a angústia neurótica se origina da vida sexual e corresponde à libido que se desviou de sua finalidade e não encontrou aplicação. Desde então, essa fórmula tem resistido à prova do tempo, permitindo-nos agora inferir dela que os sonhos de angústia são sonhos de conteúdo sexual cuja respectiva libido se transformou em angústia. Haverá oportunidade, mais adiante, de fundamentar essa assertiva na análise dos sonhos de alguns pacientes neuróticos. Também no decurso de mais uma tentativa de chegar a uma teoria dos sonhos, terei oportunidades de examinar mais uma vez os determinantes dos sonhos de angústia e sua compatibilidade com a teoria de realização de desejos.

Capítulo V - O MATERIAL E AS FONTES DOS SONHOS

Quando a análise do sonho da injeção de Irma nos mostrou que um sonho poderia ser a realização de um desejo, nosso interesse foi a princípio inteiramente absorvido pela questão de saber se teríamos chegado a uma característica universal dos sonhos e sufocamos temporariamente nossa curiosidade sobre quaisquer outros problemas científicos que pudessem surgir durante o trabalho de interpretação. Tendo seguido um caminho até o fim, podemos agora voltar sobre nossos passos e escolher outro ponto de partida para nossas incursões através dos problemas da vida onírica: por ora, podemos deixar de lado o tópico da realização de desejos, embora ainda estejamos longe de tê-lo esgotado.

Agora que a aplicação de nosso método para a interpretação dos sonhos nos permite descobrir neles um conteúdo *latente*, que é muito mais significativo do que seu conteúdo *manifesto*, surge de imediato a tarefa premente de reexaminar um por um os vários problemas levantados pelos sonhos, para ver se não estaremos agora em condições que pareçam inabordáveis enquanto só tínhamos conhecimento do conteúdo manifesto.

No primeiro capítulo, apresentei um relato pormenorizado dos pontos de vista das autoridades sobre a relação dos sonhos com a vida de vigília [Seção A] sobre a origem do material dos sonhos [Seção C]. Sem dúvida, meus leitores se recordarão também das três características da memória nos sonhos [Seção B], tão freqüentemente comentadas, porém nunca explicadas:

(1) Os sonhos mostram uma clara preferência pelas impressões dos dias imediatamente anteriores [em [1] e seg.]. Cf. Robert [1886, 46], Strümpell [1877, 39], Hildebrandt [1875, 11] e Hallam e Weed [1896, 410 e seg.].

(2) Fazem sua escolha com base em diferentes princípios de nossa memória de vigília, já que não relembram o que é essencial e importante, mas o que é acessório e despercebido. [Ver em [1]]

(3) Têm à sua disposição as impressões mais primitivas da nossa infância e até fazem surgir detalhes desse período de nossa vida que, mais uma vez, parecem-nos triviais e que, em nosso estado de vigília, acreditamos terem caído no esquecimento há muito tempo. [Ver em [1]]

(A) MATERIAL RECENTE E IRRELEVANTE NOS SONHOS

Se examinar minha própria experiência com a questão da origem dos elementos incluídos no conteúdo dos sonhos, deverei começar pela afirmação de que, em todo sonho, é possível encontrar um ponto de contato com as experiências do dia anterior. Essa visão é confirmada por cada um dos sonhos que investigo, sejam eles meus ou de qualquer outra pessoa. Tendo em mente esse fato, posso, ocasionalmente, começar a interpretação de um sonho procurando o acontecimento da véspera que o acionou; em muitos casos, de fato, isso constitui o método mais fácil.

Nos dois sonhos que analisei pormenorizadamente em meus últimos capítulos (o sonho da injeção de Irma e o de meu tio de barba amarela, a relação com o dia anterior é tão evidente que não exige nenhum outro comentário. Mas, para mostrar a regularidade com que se pode identificar essa ligação, percorrerei os registros de meus próprios sonhos e darei alguns exemplos. Citarei apenas o suficiente do sonho para indicar a fonte que estamos procurando:

(1) *Eu estava visitando uma casa à qual tinha dificuldade em ter acesso...; nesse ínterim, deixava uma senhora ESPERANDO.*

Fonte: Eu tivera uma conversa com uma parenta na noite anterior, na qual lhe dissera que ela teria que esperar por uma compra que desejava fazer até... etc.

(2) *Eu tinha escrito uma MONOGRAFIA sobre uma certa espécie (indistinta) de planta.*

Fonte: Naquela manhã eu vi uma *monografia* sobre o gênero *Ciclâmen* na vitrina de uma livraria. [Ver em [1]]

(3) *Eu via duas mulheres na rua, MÃE E FILHA, sendo a segunda uma paciente minha.*

Fonte: Uma de minhas pacientes me explicara, na noite anterior, as dificuldades que sua *mãe* vinha antepondo à continuação de seu tratamento.

(4) *Fiz na livraria de S. e R. a assinatura de um periódico que custava VINTE FLORINS por ano.*

Fonte: Minha mulher me lembrara na véspera que eu ainda lhe devia *vinete florins* para as despesas semanais da casa.

(5) *Recebi UMA COMUNICAÇÃO do COMITÊ Social Democrata, tratando-me como se eu fosse um MEMBRO.*

Fonte: Eu havia recebido *comunicações*, simultaneamente, do *Comitê* de Eleições Liberais e do Conselho da Liga Humanitária, sendo que deste último órgão eu era de fato *um membro*.

(6) *Um homem de pé em UM PENHASCO NO MEIO DO MAR, À MANEIRA DE BÖCKLIN.*

Fonte: *Dreyfus na Île du Diable*; eu recebera notícias, ao mesmo tempo, de meus parentes na *Inglaterra*, etc.

Pode-se levantar a questão de determinar se o ponto de contato com o sonho são invariavelmente os acontecimentos do dia *imediatamente* anterior, ou se ele pode remontar a impressões oriundas de um período bem mais extenso do passado mais recente. É improvável que essa questão envolva qualquer assunto de importância teórica; não obstante, estou inclinado a decidir em prol da exclusividade das solicitações do dia imediatamente anterior ao sonho — ao qual me referirei como o “dia do sonho”. Sempre que se afigura, a princípio, que a fonte de um sonho foi uma impressão de dois ou três dias antes, a pesquisa mais detida tem-me convencido de que a impressão foi lembrada na véspera, e assim tem sido possível demonstrar que uma reprodução da impressão, ocorrida no dia precedente, poderia ser inserida entre o dia do acontecimento original e o momento do sonho; além disso, tem sido possível indicar a eventualidade do dia anterior que teria levado à lembrança da impressão mais antiga.

Por outro lado, não me sinto convencido de que haja qualquer intervalo regular de importância biológica entre a impressão diurna instigadora e seu ressurgimento no sonho (Swoboda, 1904, mencionou um intervalo inicial de dezoito horas a esse respeito.)

Havelock Ellis [1911, 224], que também dispensou certa atenção a esse ponto, declara ter sido incapaz de encontrar qualquer periodicidade dessa ordem em seus sonhos, apesar de tê-la procurado. Ele registra um sonho em que estava na Espanha e desejava ir a um lugar chamado Daraus, Varaus ou Zaraus. Ao acordar, não pôde lembrar-se de nenhum topônimo semelhante e pôs o sonho de lado. Alguns meses depois, descobriu que Zaraus era, na verdade, o nome de uma estação na linha entre San Sebastian e Bilbao, pela qual seu trem havia passado 250 dias antes de ele ter o sonho.

Creio, portanto, que o agente instigador de todo sonho encontra-se entre as experiências sobre as quais ainda não se “consultou o travesseiro”. Assim, as relações entre o conteúdo de um sonho e as impressões do passado mais recente (com a única exceção do dia imediatamente anterior à noite do sonho) não diferem sob nenhum aspecto de suas relações com as impressões que datam de qualquer período mais remoto. Os sonhos podem selecionar seu material de qualquer parte da vida do sonhador, contanto que haja uma linha de pensamento ligando a experiência do dia do sonho (as impressões “recentes”) com as mais antigas.

Mas por que essa preferência pelas impressões recentes? Teremos alguma idéia sobre esse ponto, se submetermos um dos sonhos da série que acabo de citar [em [1]] a uma análise mais completa. Para essa finalidade, escolherei o

SONHO DA MONOGRAFIA DE BOTÂNICA

Eu escrevera uma monografia sobre certa planta. O livro estava diante de mim e, no momento, eu virava uma página dobrada que continha uma prancha colorida. Encadernado com cada exemplar havia um espécime seco de planta, como se tivesse sido retirado de um herbário.

ANÁLISE

Naquela manhã, eu vi um novo livro na vitrina de uma livraria, trazendo o título *O Gênero Ciclâmen* — evidentemente uma *monografia* sobre essa planta.

Os ciclâmens, refleti, eram as *flores prediletas* de minha mulher e me repreendi por lembrar-me tão raramente de *levar flores* para ela, que era o que lhe agradava. — A questão de “levar flores” lembrou-me um episódio que eu repetira recentemente para um círculo de amigos e que havia usado como prova em favor de minha teoria de que o esquecimento é, com muita freqüência, determinado por um objetivo inconsciente, e que sempre permite que se deduzam as intenções secretas da pessoa que esquece. Uma jovem estava habituada a receber um buquê de flores do marido em seu aniversário. Certo ano, esse símbolo da afeição dele deixou de se manifestar e ela irrompeu em pranto. O marido chegou em casa e não teve nenhuma idéia da razão por que ela estava chorando, até que ela lhe disse que era o dia de seu aniversário. Ele levou a mão à cabeça e exclamou: “Sinto muito, mas eu havia esquecido por completo! Vou sair agora mesmo para buscar suas *flores*”. Mas não houve meio de consolá-la, pois ela reconheceu que o esquecimento do marido era uma prova de que ela já não ocupava o mesmo lugar de antes em seus pensamentos. — Essa senhora, Sra. L., encontrara minha mulher dois dias antes de eu ter o sonho, dissera-lhe que estava se sentindo muito bem e perguntara por mim. Alguns anos antes, ela me procurara para tratamento.

Comecei então outra vez. Certa feita, recordei-me, eu realmente *havia* escrito algo da natureza de uma *monografia sobre uma planta*, a saber, uma dissertação sobre a *planta da coca* [Freud, 1884e], que atraíra atenção de Karl Koller para as propriedades anestésicas da cocaína. Eu mesmo havia indicado essa aplicação do alcalóide em meu artigo publicado, mas não fora suficientemente rigoroso para levar o assunto adiante. Isso me fez lembrar que, na manhã do dia após o sonho — não tivera tempo de interpretá-lo senão à noite — eu havia pensado na cocaína, numa espécie de devaneio. Se algum dia tivesse glaucoma, pensei, iria até Berlim e me faria operar, incógnito, na casa de meu amigo [Fliess], por um cirurgião recomendado por ele. O cirurgião que me operasse, que não teria nenhuma idéia de minha identidade, vangloriar-se-ia mais uma vez das facilidades com que essas operações podiam ser realizadas desde a introdução da cocaína, e eu não daria a menor indicação de que eu próprio tivera participação na descoberta. Essa fantasia me levava a reflexões de como é difícil para um médico, no final das contas, procurar tratamento para si próprio com seus colegas de profissão. O cirurgião oftalmologista de Berlim não me conheceria, e eu poderia pagar seus honorários como qualquer outra pessoa. Só depois de me haver lembrado desse devaneio foi que compreendi que a lembrança de um evento específico jaz por trás do

mesmo. Logo após a descoberta de Koller, meu pai fora na verdade atacado de glaucoma; um amigo meu, o Dr. Königstein, cirurgião oftalmologista, o havia operado, enquanto o Dr. Koller se encarregara da anestesia de cocaína e comentara o fato de que esse caso reunira todos os três homens que haviam participado da introdução da cocaína.

Meus pensamentos prosseguiram então até o momento em que eu me lembrara pela última vez dessa questão da cocaína. Fora alguns dias antes, quando eu examinava um exemplar de um *Festschrift* em que alunos reconhecidos tinham celebrado o jubileu de seu professor e diretor do laboratório. Entre as pretensões de distinção do laboratório enumeradas nesse livro vira uma menção do fato de que Koller ali fizera sua descoberta das propriedades anestésicas da cocaína. Percebi então, subitamente, que meu sonho estava ligado a um acontecimento da noite anterior. Eu voltara para casa a pé justamente com o Dr. Königstein e conversara com ele sobre um assunto que nunca deixa de provocar minhas emoções sempre que é levantado. Enquanto conversava com ele no saguão de entrada, o Professor Gartner [Jardineiro] e a esposa vieram juntar-se a nós, e não pude deixar de felicitar ambos por sua aparência *flourescente*. Mas o Professor Gartner era um dos autores do *Festschrift* que acabo de mencionar, e é bem possível que me tenha feito lembrar dele. Além disso, a Sra. L., cujo desapontamento no aniversário descrevi anteriormente, foi mencionada — embora, é verdade, apenas em relação a outro assunto — em minha conversa com o Dr. Königstein.

Faria uma tentativa de interpretar também os outros determinantes do conteúdo do sonho. Havia um *espécime seco da planta* incluído na monografia, como se ela fosse um *herbário*. Isso me levou a uma recordação de minha escola secundária. Nosso diretor, certa vez, reuniu os meninos das classes mais adiantadas e confiou-lhes o herbário da escola para ser examinado e limpo. Alguns *vermezinhas* — traças de livros — tinham penetrado nele. Parece que o diretor não confiava muito em minha ajuda, pois entregou-me apenas algumas folhas. Estas, como ainda me lembro, compreendiam algumas Crucíferas. Eu nunca tivera o contato especialmente íntimo com a botânica. Em meu exame preliminar de botânica, também recebi uma Crucífera para identificar — e não consegui fazê-lo. Minhas perspectivas não teriam sido muito brilhantes, se eu não tivesse podido contar com meus conhecimentos teóricos. Passei das Crucíferas para as Compostas. Ocorreu-me que as alcachofras eram Compostas e que, na verdade, eu poderia com justiça chamá-las de minhas *flores favoritas*.

Sendo mais generosa do que eu, minha mulher muitas vezes me trazia do mercado essas minhas flores favoritas.

Vi *diante de mim* a monografia que eu esperava. Também isso me remeteu a alguma coisa. Eu recebera na véspera uma carta de meu amigo [Fliess] de Berlim em que ele demonstrara sua capacidade de visualização: “Estou extremamente ocupado com seu livro dos sonhos. Vejo-o concluído diante de mim e vejo a mim mesmo virando-lhe as páginas”. Como invejei nele esse dom de vidente! Se ao menos eu pudesse vê-lo concluído diante de mim!

A prancha colorida dobrada. Quando estudante de medicina, eu era vítima constante de um impulso de só aprender as coisas em *monografias*. Apesar de meus recursos limitados, consegui adquirir muitos volumes das atas de sociedades médicas e ficava fascinado com suas *pranchas coloridas*. Orgulhava-me de minha ânsia de perfeição. Ao começar eu mesmo a publicar trabalhos, vira-me obrigado a fazer meus próprios desenhos para ilustrá-los, e lembrei-me que um deles tinha saído tão ruim que um colega, brincalhão, zombara de mim por causa disso. Seguiu-se então — e não pude compreender bem como — uma lembrança da minha meninice. Certa vez, meu pai se divertira ao entregar um livro com *pranchas coloridas* (um relato de uma viagem pela Pérsia) a mim e a minha irmã mais velha para que o destruíssemos. Nada fácil de justificar do ponto de vista educativo! Nessa época, eu tinha cinco anos de idade e minha irmã ainda não fizera três, e a imagem de nós dois, jubilosamente reduzindo o livro a frangalhos (folha por folha, como uma *alcachofra*, percebi-me dizendo), foi quase a única lembrança plástica que guardei desse período de minha vida. Depois, quando me tornei estudante, desenvolvi a paixão de colecionar e possuir livros, que era análoga a minha predileção por estudar em monografias: um *passatempo favorito*. (A idéia de “*favorito*” já surgira em relação aos ciclâmens e às alcachofras.) Eu me tornara uma traça de livros (cf. herbário). Desde que me entendo por gente, sempre liguei essa minha primeira paixão à lembrança infantil que mencionei aqui. Ou melhor, eu tinha reconhecido que a cena infantil era uma “lembrança encobridora” para minhas posteriores propensões bibliófilas. E cedo descobri, é claro, que as paixões muitas vezes levam à dor. Quando tinha dezessete anos, contrai uma dívida um tanto vultosa com meu livreiro e não tinha nada com que fazer face a ela; e meu pai teve dificuldade em aceitar como desculpa que minhas inclinações poderiam ter tomado um rumo pior. A recordação dessa experiência dos anos posteriores de minha juventude me fez lembrar imediatamente a conversa com meu amigo, o

Dr. Königstein, pois no decurso dela havíamos discutido a mesma questão de eu ser criticado por ficar absorto demais em meus *passatempos favoritos*.

Por motivos que não nos interessam, não prosseguirei na interpretação desse sonho, indicando simplesmente a direção por ela tomada. No decorrer do trabalho de análise, lembrei-me de minha conversa com o Dr. Königstein e fui conduzido a ela a partir de mais de uma direção. Quando levo em conta os assuntos abordados nessa conversa, o sentido do sonho se me torna inteligível. Todos os fluxos de pensamento que partem do sonho — as idéias sobre as flores favoritas de minha esposa e minhas, sobre a cocaína, sobre a dificuldade do tratamento médico entre colegas, sobre minha preferência por estudar monografias e sobre minha negligência para com certos ramos da ciência, como a botânica —, todos esses fluxos de pensamento, quando levados adiante, acabavam por conduzir a uma ou outra das numerosas ramificações de minha conversa com o Dr. Königstein. Mais uma vez, o sonho, como o que analisamos primeiro — o sonho da injeção de Irma —, revela ser da natureza de uma autojustificação, uma defesa em favor de meus próprios direitos. Na verdade, ele levou o assunto levantando no primeiro sonho um estágio adiante e o examinou com referência ao material novo que surgira no intervalo entre os dois sonhos. Mesmo a forma aparentemente irrelevante de que se revestiu o sonho mostra ter tido importância. O que ela quis dizer foi: “Afinal de contas, sou o homem que escreveu o valioso e memorável trabalho (sobre a cocaína)”, tal como eu dissera a meu favor no primeiro sonho: “Sou um estudioso esforçado e consciencioso.” Em ambos os casos, aquilo em que eu insistia era: “Posso permitir-me fazer isto.” Não há necessidade, porém, de eu levar a interpretação do sonho mais adiante, já que meu único objetivo ao relatá-lo foi ilustrar, por meio de um exemplo, a relação entre o conteúdo de um sonho e a experiência da véspera que o provocou. Enquanto eu me apercebia apenas do conteúdo *manifesto* do sonho, ele pareceu estar relacionado somente com o *único* evento do dia do sonho. Mas, uma vez efetuada a análise, surgiu uma *segunda* fonte do sonho em outra experiência do mesmo dia. A primeira dessas duas impressões com que o sonho se ligou era irrelevante, um fato secundário: eu vira um livro numa vitrina cujo título atraía por um momento minha atenção, mas cujo assunto dificilmente me interessaria. A segunda experiência tivera um alto grau de importância psíquica: eu mantivera uma boa hora de conversa animada com meu amigo oftalmologista, no decorrer da qual lhe dera algumas informações que estavam fadadas a afetar de perto a nós dois, e tinham-se avivado em mim algumas lembranças que me haviam

despertado a atenção para uma grande variedade de tensões internas em minha própria mente. Além disso, a conversa fora interrompida antes de sua conclusão por causa dos conhecidos que se juntaram a nós.

Devemos agora perguntar qual foi a relação das duas impressões do dia do sonho entre si e com o sonho da noite subsequente. No conteúdo manifesto do sonho, só se fez alusão à impressão *irrelevante*, o que parece confirmar a idéia de que os sonhos têm uma preferência por captar detalhes sem importância da vida de vigília. Todas as correntes da interpretação, por outro lado, levaram à impressão *importante*, àquela que justificadamente agitaria meus sentimentos. Se o sentido do sonho for julgado, como certamente só pode ser, por seu conteúdo latente, tal como relevado pela análise, um fato novo e significativo é inesperadamente trazido à luz. O enigma de por que os sonhos se interessam apenas por fragmentos sem valor da vida de vigília parece haver perdido todo o seu significado; tampouco é possível continuar a sustentar que a vida de vigília não é levada adiante dos sonhos e que estes são, portanto, uma atividade psíquica desperdiçada num material descabido. O inverso é verdadeiro: nossos pensamentos oníricos são dominados pelo mesmo material que nos ocupou durante o dia e só nos damos o trabalho de sonhar com as coisas que nos deram motivo para reflexão durante o dia.

Por que é então que, embora a causa de meu sonho tenha sido uma impressão diurna pela qual eu fora justificadamente agitado, sonhei, na realidade, com uma coisa irrelevante? A explicação mais óbvia, sem dúvida, é que, mais uma vez, estamos diante de um dos fenômenos da distorção onírica, que em meu último capítulo liguei a uma força psíquica atuando como censura. Minha lembrança da monografia sobre o gênero *Clicâmen* serviria, assim, à finalidade de constituir uma *alusão* à conversa com meu amigo, tal como o “salmão defumado” do sonho com a ceia abandonada [em [1]] servira de *alusão* à idéia da sonhadora sobre sua amiga. A única questão prende-se aos elos intermediários que permitiram à impressão da monografia servir de alusão à conversa com o oftalmologista, considerando que, à primeira vista, não há nenhuma ligação óbvia entre elas. No exemplo da ceia que não se concretizou, a ligação foi dada imediatamente: sendo o prato predileto da amiga, o “salmão defumado” constituiu um integrante imediato do grupo de representações que tinham probabilidade de ser despertadas na mente da sonhadora pela personalidade de sua amiga. Neste último exemplo, houve duas impressões soltas que, à primeira vista, só tinham em comum o fato de terem ocorrido no mesmo dia: eu vira a monografia pela manhã

e tivera a conversa na mesma noite. A análise permitiu-nos solucionar o problema da seguinte maneira: tais ligações, quando não estão presentes em primeiro lugar, são retrospectivamente urdidas entre o conteúdo de representações de uma impressão e o de outra. Já chamei atenção para os elos intermediários no presente caso através das palavras que grifei em meu relatório da análise. Se não tivesse havido quaisquer influências de outro setor, a representação da monografia sobre a *Ciclâmen* teria apenas conduzido, imagino eu, à idéia de ele ser a flor favorita de minha mulher e, possivelmente, também ao buquê ausente da Sra. L. É-me difícil imaginar que esses pensamentos de fundo teriam sido suficientes para evocar um sonho. Como nos diz o texto de *Hamlet*:

“Senhor, para dizer-nos isso era supérfluo Que algum fantasma deixasse a sepultura.”

Mas, vejam bem, foi-me lembrado na análise que o homem que interrompeu nossa conversa se chamava Gärtner [Jardineiro] e que eu havia pensado que sua mulher tinha uma aparência *florescente*. E mesmo ao escrever estas palavras, recordo-me que uma de minhas pacientes, que tinha o encantador nome de *Flora*, foi por algum tempo o pivô de nossa discussão. Esses devem ter sido os elos intermediários, decorrentes do grupo de experiências daquele dia, a irrelevante e a estimulante. Estabeleceu-se a seguir um outro conjunto de ligações — as que cercam a idéia da cocaína, que tinha todo o direito de servir como elo entre a figura do Dr. Königstein e uma monografia sobre botânica que eu havia escrito; e essas ligações fortaleceram a fusão entre os dois grupos de representações, de modo que se tornou possível a parte de uma experiência servir de alusão à outra.

Estou preparado para ver essa explicação ser alvo de ataques, sob a alegação de ser arbitrária ou artificial. O que, poderão perguntar, teria acontecido se o Professor Gärtner e sua esposa de aparência florescente não tivessem vindo ao nosso encontro, ou se a paciente sobre a qual falávamos se chamasse Anna em vez de Flora? A resposta é simples. Se essas cadeias de pensamento tivessem estado ausentes, outras, sem dúvida, teriam sido escolhidas. É bastante fácil construir tais cadeias, como demonstram os trocadilhos e as charadas que as pessoas fazem todos os dias para seu divertimento. O reino dos chistes não conhece fronteiras. Ou, indo um passo além, se não tivesse havido nenhuma possibilidade de forjar elos intermediários suficientes entre as duas impressões, o sonho simplesmente teria sido diferente. Outra impressão irrelevante do mesmo dia — pois torrentes dessas impressões penetram em nossa mente e são depois esquecidas — teria tomado o lugar da

“monografia” no sonho, estabelecido um elo com o assunto da conversa e servido para representá-lo no conteúdo do sonho. Visto que a monografia, e não qualquer outra idéia, foi na verdade escolhida para servir a essa função, devemos supor que ela era a mais adequada à ligação. Não é necessário seguirmos o exemplo de Hänschen Schläu, de Lessing, e nos surpreendermos ante o fato de que “somente os ricos são os que têm mais dinheiro.”

Um processo biológico pelo qual, segundo nossa exposição, as experiências irrelevantes tomam o lugar das psiquicamente significativas, não pode deixar de despertar suspeita e espanto. Será nossa tarefa, num capítulo posterior [Capítulo VI, Seção B, em [1] e segs.] tornar mais inteligíveis as peculiaridades dessa operação aparentemente irracional. Nesse momento, estamos apenas interessados nos *efeitos* de um processo cuja realidade vi-me compelido a presumir mediante observações inumeráveis e regularmente recorrentes feitas na análise dos sonhos. O que ocorre seria algo da natureza de um “deslocamento” — de ênfase psíquica, talvez? — por meio de elos intermediários; desse modo, representações que originalmente só tinham uma carga *fraca* de intensidade recebem a carga de representações que eram originalmente mais *intensamente* “catexizadas”, e acabam por adquirir força suficiente para lhes permitir forçar entrada na consciência. Tais deslocamentos não constituem nenhuma surpresa para nós quando se trata de lidar com quantidades de *afeto* ou com as atividades motoras em geral. Quando uma solteirona solitária transfere sua afeição para os animais, ou um solteirão se torna um entusiástico colecionador, quando um soldado defende um pedaço se torna um entusiástico colecionador, quando um soldado defende um pedaço de pano colorido — uma bandeira — com o sangue de suas veias, quando alguns segundos de pressão extra num aperto de mão significam a bem-aventurança para o enamorado, ou quando, em *Otelo*, um lenço perdido desencadeia uma explosão de cólera — todos esses são exemplos de deslocamento psíquicos aos quais não fazemos nenhuma objeção. Mas, quando ouvimos dizer que uma decisão quanto ao que alcançará nossa consciência e ao que será mantido fora dela — o que *pensaremos*, em suma — foi tomada da mesma forma e com base nos mesmo princípios, ficamos com a impressão de um evento patológico; e quando essas coisas acontecem na vida de vigília, nós as classificamos de erros de pensamento. Anteciparei as conclusões a que seremos posteriormente conduzidos para sugerir que o processo psíquico que vimos em ação no deslocamento onírico, muito embora não possa ser classificado de perturbação patológica, difere do normal

e deve ser considerado um processo de natureza mais *primária*. [Ver mais adiante, Capítulo VII, Seção E, em [1]]

Assim, o fato de o conteúdo dos sonhos incluir restos de experiências triviais deve ser explicado como uma manifestação da distorção onírica (por deslocamento); e cabe lembrar que chegamos à conclusão de que a distorção onírica seria o produto de uma censura que opera na passagem entre duas atividades físicas. É de se esperar que a análise de um sonho revele regularmente sua fonte de verdadeira e psiquicamente significativa na vida de vigília, embora a ênfase se tenha deslocado da lembrança dessa fonte para a de uma fonte irrelevante. Essa explicação nos coloca em completo conflito com a teoria de Robert [em [1]], que deixa de ter qualquer serventia para nós. Pois o fato que Robert se propõe explicar é um fato inexistente. Sua aceitação dele repousa num mal-entendido, em sua não-substituição do conteúdo *aparente* dos sonhos por seu significado *real*. E existe ainda outra objeção que se pode levantar contra a teoria de Robert. Se fosse realmente da alçada dos sonhos aliviar nossa memória das “sobras” das lembranças diurnas através de uma atividade psíquica especial, nosso sono seria mais atormentado e mais trabalhoso do que nossa vida mental quando estamos acordados. E isso porque o número de impressões irrelevantes contra as quais nossa memória precisaria ser protegida é, sem sombra de dúvida, imensamente grande: a noite não seria longa o bastante para lidar com tal massa. É muito mais provável que o processo de esquecimento das impressões irrelevantes prossiga sem a intervenção ativa de nossas forças psíquicas.

Não obstante, não nos devemos apressar em deixar de lado as idéias de Robert sem maior consideração. [Ver em [1]] Ainda não explicamos o fato de uma das impressões irrelevantes da vida de vigília, uma impressão que data, além disso, do dia precedente ao sonho, contribuir invariavelmente para o conteúdo do sonho. As ligações entre essa impressão e a verdadeira fonte do sonho no inconsciente nem sempre estão prontas para uso; como vimos, elas só podem ser estabelecidas retrospectivamente, no decurso do trabalho do sonho, com vistas, por assim dizer, a tornar viável o deslocamento pretendido. Portanto, deve haver alguma força imperativa no sentido de se estabelecerem ligações precisamente com uma impressão recente, embora irrelevante, e esta deve possuir algum atributo que a torne especialmente adequada para esse fim. Se assim não fosse, seria igualmente fácil para os pensamentos oníricos deslocar sua ênfase para algum componente sem importância em seu *próprio* círculo de representações.

As seguintes observações poderão ajudar-nos a elucidar esse ponto. Se no decorrer de um único dia tivermos duas ou mais experiências adequadas à provocação de um sonho, este fará uma referência conjunta a elas como um todo único; *ele é forçado a combiná-las numa unidade*. Eis aqui um exemplo. Numa tarde de verão, entrei num compartimento de um vagão de trem onde encontrei dois conhecidos que eram estranhos um ao outro. Um deles era um eminente colega médico, e outro era membro de uma família ilustre com a qual eu mantinha relações profissionais. Apresentei os dois cavalheiros um ao outro, mas, durante toda a longa viagem, eles conduziram sua conversa tomando-me como intermediário, do modo que logo me vi discutindo vários assuntos alternadamente, primeiro com um e depois com o outro. Pedi a meu amigo médico que usasse sua influência em prol de um nosso conhecido comum que estava iniciando sua clínica. O médico respondeu que estava convencido da capacidade do rapaz, mas que sua aparência provinciana lhe dificultaria o acesso às famílias da classe alta, ao qual retruquei que essa era exatamente a razão pela qual ele necessitava de uma ajuda influente. Voltando-me para meu outro companheiro de viagem, perguntei pela saúde de sua tia — mãe de um de meus pacientes —, que na ocasião estava gravemente enferma. Na noite seguinte, sonhei que o jovem em cujo benefício eu intercedera estava sentado numa elegante sala de estar, em meio a um grupo seletivo, composto de todas as pessoas ilustres e ricas que eu conhecia, e que, com a desenvoltura de um homem de sociedade, proferia uma oração fúnebre pela velha senhora (que, no meu sonho, já havia falecido), tia de meu segundo companheiro de viagem. (Devo confessar que não me dava muito bem com essa senhora.) Assim, meu sonho, mais uma vez, elaborava ligações entre os dois conjuntos de impressões do dia anterior e os combinara numa única situação.

Muitas experiências como essas levam-me a afirmar que o trabalho do sonho está sujeito a uma espécie de exigência de combinar todas as fontes que agiram como estímulos ao sonho numa única unidade no próprio sonho.

Passarei agora à questão de investigar se a fonte investigadora de um sonho, revelada pela análise, tem de ser, invariavelmente, um fato recente (e significativo), ou se uma experiência interna, isto é, a *lembrança* de um fato psiquicamente importante — um fluxo de pensamentos —, pode assumir o papel de instigadora do sonho. A resposta, baseada num grande número de análises, é decididamente favorável à segunda alternativa.

O sonho pode ser instigado por um processo interno que se tornou, por assim dizer, um fato recente, graças à atividade do pensamento durante o dia anterior.

Este parece ser o momento apropriado para enumerar as diferentes condições às quais constatamos que as fontes dos sonhos estão sujeitas. A fonte de um sonho pode ser:

(a) uma experiência recente e psiquicamente significativa, que é diretamente representada no sonho, ou

(b) várias experiências recentes e significativas, combinadas numa única unidade pelo sonho, ou

(c) uma ou mais experiências recentes e significativas, representadas no conteúdo do sonho pela menção a uma experiência contemporânea, mas irrelevante, ou

(d) uma experiência significativa interna (por exemplo, um lembrança ou um fluxo de idéias), que é, nesse caso, *invariavelmente* representada no sonho por uma menção a uma impressão recente, irrelevante.

Veremos que, na interpretação dos sonhos, uma condição é sempre atendida: um componente do conteúdo do sonho é a repetição de uma impressão recente do dia anterior. Essa impressão a ser representada no sonho pode pertencer, ela própria, ao círculo de representações que cercam o verdadeiro instigador do sonho — quer como parte essencial ou insignificante dele — ou pode provir do campo de uma impressão irrelevante vinculada às idéias que cercam o instigador do sonho por elos mais ou menos numerosos. A aparente multiplicidade das condições dominantes é, na verdade, apenas dependente das alternativas entre um deslocamento ter ou não ocorrido; e vale a pena ressaltar que nos é facultado, por essas alternativas, explicar a gama contrastes entre os diferentes sonhos, com a mesma facilidade com que a teoria médica encontra uma possibilidade de fazê-lo através de sua hipótese de células cerebrais que vão do estado parcial ao estado total de vigília (Ver em [1])

Convém ainda observar, se considerarmos esses quatro casos possíveis, que um elemento psíquico que seja significativo, mas não recente (por exemplo, uma seqüência de idéias ou uma lembrança), pode ser substituído, para fins de formação de um sonho, por um elemento que seja recente mas irrelevante, bastando para isso que duas condições sejam satisfeitas: (1) o conteúdo do sonho deve estar ligado a uma experiência recente, e (2) o instigador do sonho deve permanecer como um processo psiquicamente significativo. Apenas num único caso — o caso (a) — essas duas condições são satisfeitas por uma mesma e única impressão. Deve-se notar, além disso, que as impressões irrelevantes que

são passíveis de ser utilizadas para a construção de um sonho, enquanto recentes, perdem essa capacidade tão logo ficam um dia (ou, no máximo, alguns dias) mais velhas. Disso devemos concluir que o caráter recente de uma impressão lhe confere uma espécie de valor psíquico para fins de construção do sonho, que equivale, de certo modo, ao valor das lembranças ou seqüências de idéias emocionalmente carregadas. A base do valor assim conferido às impressões recentes no tocante à construção dos sonhos só se tornará clara no decurso de nossas discussões psicológicas subseqüentes.

Quanto a isso, aliás, notaremos que podem ocorrer modificações em nosso material mnêmico de representações durante a noite, sem que sejam observadas por nossa consciência. Somos freqüentemente aconselhados, antes de tomarmos uma decisão final sobre algum assunto, a “consultar o travesseiro”, e esse conselho é obviamente justificado. Mas aqui, passamos da psicologia dos sonhos para a do sono, e esta não é a última ocasião em que seremos tentados a fazê-lo.

Entretanto, é possível levantar uma objeção que ameaça perturbar estas últimas conclusões. Se as impressões irrelevantes só podem penetrar num sonho desde que sejam recentes, como é o que o conteúdo dos sonhos abrange também elementos de um período mais antigo da vida, os quais, na época em que eram recentes, não possuíam, para empregar as palavras de Strümpell [1877, 40 e seg.], nenhum valor psíquico, e portanto deveriam ter sido esquecidos há muito tempo — em outras palavras, elementos que não são nem novos nem psiquicamente significativos?

Pode-se tratar plenamente dessa objeção mediante uma referência às descobertas da psicanálise dos neuróticos. A explicação é que o deslocamento que substitui o material psiquicamente importante por material irrelevante (tanto nos sonhos como no pensamento) já ocorreu, nesses casos, no período primitivo de vida em questão, e desde então se fixou na memória. Esses elementos específicos, que eram originalmente irrelevantes, já não o são agora, a partir do momento em que assumiram (por meio do deslocamento) o valor do material psiquicamente significativo. Nada que tenha *realmente* continuado a ser irrelevante pode ser reproduzido num sonho.

O leitor concluirá acertadamente, com base nos argumentos anteriores, que estou afirmando não existirem instigadores oníricos irrelevantes — e, por conseguinte, que não há sonhos “inocentes”. São essas, no sentido mais estrito e mais absoluto, minhas opiniões —

se deixar de lado os sonhos das crianças e, talvez, breves reações, nos sonhos, a sensações experimentadas durante a noite. Afora isso, o que sonhamos é manifestamente reconhecível como psiquicamente significativo, ou é distorcido e não pode ser julgado até que o sonho tenha sido interpretado, depois do que se verificará mais uma vez ser ele significativo. Os sonhos nunca dizem respeito a trivialidades: não permitimos que nosso sono seja perturbado por tolices. Os sonhos aparentemente inocentes revelam ser justamente o inverso quando nos damos ao trabalho de analisá-los. São, se é que posso dizê-lo, lobos na pele do cordeiro. Dado que esse é outro ponto em que posso esperar que me contradigam, e já que me apraz contar com uma oportunidade de mostrar a distorção onírica em ação, selecionarei alguns sonhos “inocentes” de meu registros e os submeterei à análise.

I

Uma jovem inteligente e culta, reservada e retraída em seu comportamento, relatou o seguinte: *Sonhei que chegava tarde demais ao mercado e não conseguia nada nem do açougueiro, nem da mulher que vende legumes.* Um sonho inocente, sem dúvida; mas os sonhos não são tão simples assim, de modo que pedi que ela o narrasse com maiores detalhes. Imediatamente, fez-me o seguinte relato: *Sonhou que estava indo ao mercado com a cozinheira, que carregava a cesta. Depois de ter pedido algo, o açougueiro lhe disse: “Isso também é bom”. Ela rejeitou a oferta e se dirigiu à vendedora de legumes, que tentou fazê-la comprar um legume estranho que estava atado em molhos; mas era de cor negra. Disse ela: “Não reconheço isso; não vou levá-lo.”*

A ligação do sonho com o dia anterior era bem direta. Ela realmente fora ao mercado tarde demais e nada conseguira. A situação pareceu amoldar-se à frase “Die Fleischbank war schon geschlossen” [“o açougue estava fechado”]. Fiquei alerta: não era essa, ou antes, seu oposto, uma descrição vulgar de certa espécie de descuido nos trajes de um homem? Mas a própria sonhadora não empregou a frase; talvez tivesse evitado empregá-la. Esforcemo-nos, então, por chegar a uma interpretação dos detalhes do sonho.

Quando alguma coisa num sonho tem o caráter de discurso direto, isto é, quando é dita ou ouvida e não simplesmente pensada (e é fácil, em geral, estabelecer a distinção com segurança), então isso provém de algo realmente falado na vida de vigília — embora, por certo, esse algo seja meramente alterado e, mais especialmente, desligado de seu contexto.

Ao fazer uma interpretação, um dos métodos consiste em partir desse tipo de expressões orais. Qual seria, então, a origem da observação do açougueiro “*Isso não se consegue mais*”? A resposta é que ela proviera de mim mesmo. Alguns dias antes, eu havia explicado à paciente que as primeiras lembranças da infância “não se conseguiam mais como tais”, mas eram substituídas, na análise, por “transferências” e sonhos. Portanto, *eu* era o açougueiro, e ela estava rejeitando essas transferências de velhos hábitos de pensar e sentir para o presente. — Novamente, qual seria a origem de sua própria observação no sonho: “*Não reconheço isso; não vou levá-lo*”? Para fins da análise, isso teve de ser fracionado. “*Não reconheço isso*” era algo que ela dissera na véspera à cozinheira, com quem tivera uma alteração; mas naquele momento, ela prosseguira: “*Comporte-se direito!*” Nesse ponto ocorrera claramente um deslocamento. Dentre as duas frases que empregara com a cozinheira, ela havia escolhido a que era insignificante para inclusão no sonho. Mas somente a frase suprimida, “*Comporte-se direito!*”, é que se enquadrava no restante do conteúdo do sonho: essas teriam sido as palavras adequadas para se usar se alguém se aventurasse a fazer sugestões impróprias e se esquecesse de “fechar seu açougue”. As alusões subjacentes ao incidente com a vendedora de legumes foram mais uma confirmação de que nossa interpretação estava na pista certa. Um legume vendido em molho (atado no sentido do comprimento, como a paciente acrescentou depois), e também negro, só poderia ser uma combinação onírica de aspargo e rabanetes (espanhóis) negros. Nenhuma pessoa sagaz de qualquer dos sexos pedirá uma interpretação sobre os aspargos. Mas o outro legume — “*Schwarzer Rettig*” [“rabanete negro”] — pode ser entendido como uma exclamação — “*Schwarzer, rett’ dich!*” [“Negrinho! Dê o fora!”] —; por conseguinte, também ela parece sugerir o mesmo tema sexual de que suspeitáramos desde o início, quando nos sentimos inclinados a introduzir a expressão sobre o açougue estar fechado no relato original do sonho. Não precisamos investigar agora o sentido integral do sonho. Isso, pelo menos, está bem claro: ele *tinha* um sentido, e este estava longe de ser inocente.

II

Eis aqui outro sonho inocente, tido pela mesma paciente, e que em certo sentido se correlaciona com o anterior. *O marido perguntou-lhe: “Você não acha que devemos mandar*

afinar o piano?” E ela respondeu: “Não vale a pena; de qualquer maneira, os martelos precisam de restauração.”

Mais uma vez, isso foi a repetição de um fato real do dia anterior. O marido lhe fizera essa pergunta e ela dera uma resposta dessa ordem. Mas qual seria a explicação para ela ter sonhado com isso? Ela me disse que o piano era um *caixa* velha e *repulsiva*, que fazia um *barulho* horroroso, que pertencia ao marido desde antes do casamento e assim por diante. Mas a chave da solução só foi dada por estas palavras suas: “Não vale a pena.” Estas derivavam de uma visita que ela fizera na véspera a uma amiga. Haviam-lhe sugerido que tirasse o casaco, mas ela recusara com as seguintes palavras: “Muito obrigada, mas *não vale a pena*;, só posso ficar por alguns minutos.” Enquanto ela me dizia isso, lembrei-me de que, durante a análise do dia anterior, ela de repente segurara o casaco, do qual um dos botões se desabotoara. Era como estivesse dizendo: “Por favor, não olhe; *não vale a pena*.” Da mesma forma, a “caixa” [*Kasten*] era um substituto de “peito”, “caixa torácica” [*Brustkasten*]; e a interpretação do sonho nos levou de volta, imediatamente, à época de seu desenvolvimento físico na puberdade, quando ela começara a ficar insatisfeita com seu corpo. Dificilmente podemos duvidar de que tenha reconduzido a tempos ainda mais remotos, se levarmos em conta o termo “*repulsivo*” e o “*barulho horroroso*”, e se nos lembrarmos de quantas vezes — tanto nos *doubles entendres* como nos sonhos — os hemisférios menores do corpo da mulher são usados, quer como contrastes, quer como substitutos, em lugar dos maiores.

III

Interromperei esta série por um momento para inserir um breve sonho inocente produzido por um rapaz. Ele sonhou que *estava novamente vestindo seu sobretudo de inverno, o que era uma coisa terrível*. A razão aparente desse sonho fora um súbito retorno do tempo frio. Se examinarmos mais de perto, porém, observaremos que as duas pequenas partes que compõem o sonho não estão em completa harmonia, pois o que poderia haver de “terrível” em vestir um sobretudo pesado ou grosso no frio? Além disso, a inocência do sonho foi decisivamente abalada pela primeira associação que ocorreu ao sonhado na análise. Lembrou-se de que uma dama lhe confiara, na véspera, que seu filho mais novo devia sua existência a um preservativo rasgado. Com base nisso, ele pôde reconstruir seus

pensamentos. Um preservativo fino era perigoso, mas um preservativo grosso era ruim. O preservativo foi adequadamente representado como um sobretudo, visto que nos enfiamos em ambos. Mas uma eventualidade como a que a dama lhe descrevera certamente seria “terrível” para um homem solteiro.

E agora voltemos a nossa inocente sonhadora.

IV

Ela estava colocando uma vela num castiçal, mas a vela se quebrou de modo que não ficava de pé adequadamente. As colegas de sua escola disseram que ela era desajeitada, mas a diretora disse que não era culpa dela.

Mais uma vez, a causa do sonho fora um fato real. No dia anterior, ela realmente pusera uma vela num castiçal, embora esta não se quebrasse. Certo simbolismo transparente estava sendo utilizado nesse sonho. Uma vela é um objeto que pode excitar os órgãos genitais femininos e, quando está quebrada, de modo que não possa ficar de pé adequadamente, significa que o homem é impotente. (“Não era culpa dela.”) Mas poderia uma jovem cuidadosamente educada, que fora poupada do impacto de tudo o que fosse feio, ter sabido que uma vela podia ser usada para esse fim? Casualmente, ela pôde indicar como foi que obteve essa informação. Certa feita, quando estavam num barco a remo no Reno, outra embarcação com alguns estudantes passaram por eles. Estavam muito animados e cantavam, ou antes, gritavam, uma canção:

Wenn die Königin von Schweden, Bei geschlossenen Fensterläden Mit Apollokerzen...

Ou ela não conseguiu ouvir ou não entendeu a última palavra, e teve de pedir ao marido que lhe desse a explicação necessária. O verso foi substituído no conteúdo do sonho por uma recordação inocente de alguma tarefa que ela executara desajeitadamente quando estava na escola, e a substituição foi possibilitada graças ao elemento comum *postigos fechados*. A ligação entre os temas masturbação e impotência é bastante óbvia. O “Apolo” do conteúdo latente desse sonho ligava-o a um sonho anterior em que aparecia a virgem Palas. Nada inocente, portanto.

V

Para que não fiquemos tentados, com demasiada facilidade, a tirar dos sonhos conclusões sobre a vida real do sonhador, acrescentarei mais um sonho da mesma paciente, que de novo tem uma aparência inocente. “*Sonhei,*” disse ela, “*com o que realmente fiz ontem: enchi tanto uma maleta de livros que tive dificuldade em fechá-la, e sonhei exatamente com o que aconteceu mesmo.*” Nesse exemplo, a própria narradora colocou a ênfase principal na consonância entre o sonho e a realidade. [Ver em [1] e [2]-[3].] Todas essas opiniões e comentários sobre um sonho, embora consigam um lugar no pensamento de vigília, são invariavelmente, na verdade, parte do conteúdo latente do sonho, como veremos confirmado por outros exemplos mais adiante [em [1]] O que nos foi dito, portanto, é que aquilo que o sonho descrevia tinha realmente acontecido na véspera. Ocuparia muito espaço explicar como foi que me ocorreu a idéia de utilizar a língua inglesa na interpretação. Bata dizer que, mais uma vez, o que estava em questão era uma “caixinha” (cf. o sonho da criança morta na “caixa”, [em [1]]), que estava tão cheia que não se podia pôr mais nada nela. De qualquer modo, nada mau desta vez.

Em todos esses sonhos “inocentes”, o motivo da censura é, obviamente, o fator sexual. Esse, porém, é um assunto de importância primordial que tenho de deixar de lado.

(B) O MATERIAL INFANTIL COMO FONTE DOS SONHOS

Como todos os outros autores nesse assunto, com exceção de Robert, assinalei como terceira peculiaridade do conteúdo dos sonhos poder ele incluir impressões que remontam à primeira infância e que não parecem ser acessíveis à memória de vigília. Naturalmente, é difícil determinar com que raridade ou freqüência isso ocorre, visto que a origem dos elementos oníricos em questão não é reconhecida após o despertar. A prova de que aquilo com que estamos lidando são impressões da infância deve, portanto, ser estabelecida por meio de indícios externos, e é raro haver oportunidade de fazê-lo. Um exemplo particularmente convincente é o apresentado por Maury [1878, 143 e seg., citado em [1]], sobre o homem que um dia tomou a decisão de visitar sua terra natal após uma ausência de mais de vinte anos. Durante a noite que antecedeu a partida, sonhou que estava num lugar inteiramente desconhecido e que ali encontrava na rua um homem desconhecido e conversara com ele. Ao chegar a casa, verificou que o lugar desconhecido era real e ficava

bem nas imediações de sua cidade natal, e que o homem desconhecido do sonho vinha a ser um amigo de seu pai, já falecido, que ainda morava lá. Essa foi uma prova conclusiva de que, em sua infância, ele vira tanto o homem como o lugar. Esse sonho também deve ser interpretado como um sonho de impaciência, tal como da moça que tinha uma entrada de teatro na bolsa (em [1]), o da criança cujo pai lhe prometera levá-la a uma excursão até o Hameau (em [1]) e sonhos semelhantes. Os motivos que levaram os autores dos sonhos a reproduzirem uma impressão específica de sua infância, e não qualquer outra, não podem, é claro, ser descobertos sem uma análise.

Alguém que freqüentou um de meus ciclos de palestras e que se gabava de que seus sonhos muito raramente sofriam distorção relatou-me que, não fazia muito tempo, sonhara ver *seu antigo tutor na cama com a babá* que estivera com sua família até os seus onze anos de idade. No sonho, ele identificara o local onde ocorreu a cena. Seu interesse tinha sido despertado e ele contara o sonho a seu irmão mais velho, que rindo, confirmou a veracidade do que ele havia sonhado. O irmão se lembrava muito bem daquilo, pois tinha seis anos na época. Os amantes tinham o hábito de embriagar o menino mais velho com cerveja, sempre que as circunstâncias eram favoráveis às relações sexuais durante a noite. O menino mais novo —o sonhador—, que contava então três anos de idade e dormia no quarto com a ama, não era considerado um empecilho. [Ver também em [1].]

Há outra maneira de se estabelecer com certeza, sem a assistência da interpretação, que um sonho contém elementos da infância. É quando o sonho é do tipo que se chama “recorrente”, isto é, quando se teve o sonho pela primeira vez na infância e depois ele reaparece constantemente, de tempos em tempos, durante o sono adulto. Posso acrescentar aos exemplos conhecidos desses sonhos alguns de meus próprios registros, embora eu mesmo nunca tenha experimentado um deles. Um médico de trinta e poucos anos relatou-me que, desde os primórdios de sua infância até a época atual, um leão amarelo aparecia freqüentemente em seus sonhos; e pôde fornecer uma descrição minuciosa dele. Esse leão de seus sonhos surgiu um dia em forma concreta, como um enfeite de porcelana há muito desaparecido. O rapaz soube, então, por intermédio da mãe, que esse objeto fora seu brinquedo predileto durante a primeira infância, embora ele próprio houvesse esquecido desse fato.

Se passarmos agora do conteúdo manifesto dos sonhos para os pensamentos oníricos que só a análise revela, constataremos, para nosso espanto, que as experiências da

infância também desempenham seu papel em sonhos cujo conteúdo jamais levaria alguém a supô-lo. Devo um exemplo particularmente agradável e instrutivo de um sonho dessa natureza ao meu respeitado colega do leão amarelo. Após ler a narrativa de Nansen sobre sua expedição polar, ele sonhou que estava num campo de gelo e aplicava ao bravo explorador tratamento galvânico contra um ataque de ciática do qual ele estava sofrendo. No processo de análise do sonho, ele pensou numa história que datava de sua infância, a qual, aliás, foi a única coisa a tornar o sonho inteligível. Um belo dia, quando tinha três ou quatro anos, ele ouvira os mais velhos conversarem sobre viagens de descobrimento e perguntara ao pai se aquilo era uma doença grave. Evidentemente, confundira “*Reisen*” [“viagens”] com “*Reissen*” [“cólicas”], e seus irmãos e irmãs providenciaram para que ele jamais esquecesse esse erro embaraçoso.

Houve um exemplo semelhante disso quando, no transcurso de minha análise do sonho da monografia sobre o gênero *Ciclâmen* [ver em [1]], tropecei na lembrança infantil de meu pai, quando eu era um garoto de cinco anos, dando-me um livro ilustrado com pranchas coloridas para que eu o destruísse. Talvez se possa pôr em dúvida se essa lembrança realmente desempenhou algum papel na determinação da forma assumida pelo conteúdo do sonho, ou se, antes, não terá sido o processo de análise que estruturou subsequente a ligação. Mas os elos associativos abundantes e entrelaçados justificam nossa aceitação da primeira alternativa: *ciclâmen* — flor favorita — prato predileto — alcachofras; dismantelar como a uma alcachofra, folha por folha (expressão que ecoa constantemente em nossos ouvidos em relação ao desmembramento paulatino do Império Chinês) — herbário — traças de livros, cujo alimento favorito são os livros. Além disso, posso assegurar a meus leitores que o sentido último do sonho, que não revelei, está intimamente relacionado com o assunto da cena infantil.

No caso de outro grupo de sonhos, demonstra-nos a análise que o desejo real que instigou o sonho e cuja realização é representada pelo sonho provém da infância; de modo que, para nossa surpresa, *verificamos que a criança e seus impulsos continuam vivos no sonho*.

Neste ponto, retomarei mais uma vez a interpretação de um sonho que já verificamos ser instrutivo — o sonho em que meu amigo R. era meu tio. [Ver em [1]] Acompanhamos sua interpretação até o ponto de reconhecer nitidamente, como uma de suas motivações, meu desejo de ser nomeado para o cargo de professor, e explicamos a

afeição que senti no sonho por meu amigo R. como um produto de oposição e revolta contra as calúnias a meus dois colegas contidas nos pensamentos oníricos. O sonho foi meu mesmo; portanto, posso prosseguir sua análise dizendo que meus sentimentos ainda não estavam satisfeitos com a solução até então alcançada. Eu sabia que minha opinião de vigília sobre os colegas que foram tão maltratados nos pensamentos oníricos teria sido bem diferente; e a força de meu desejo de não partilhar do destino deles na questão da indicação evidenciava-se-me como insuficiente para explicar a contradição entre minhas avaliações deles no estado de vigília e no sonho. Se fosse realmente verdade que minha ânsia de que se dirigissem a mim por um título diferente era tão forte assim, isso mostrava uma ambição patológica que eu não reconhecia em mim mesmo e que acreditava ser-me estranha. Eu não saberia dizer como as outras pessoas que acreditavam conhecer-me iriam julgar-me a esse respeito. Talvez eu fosse realmente ambicioso; mas, sendo assim, minha ambição há muito se transferira para objetos bem diferentes do título e do posto de *professor extraordinarius*.

Qual, então, poderia ter sido a origem da ambição que produziu o sonho em mim? Nesse ponto, recordei-me de uma história que ouvira muitas vezes em minha infância. Na época de meu nascimento, uma velha camponesa profetizara à minha orgulhosa mãe que, com seu primeiro filho, ela havia trazido ao mundo um grande homem. Essas profecias devem ser muito comuns: existem inúmeras mães cheias de expectativas felizes e inúmeras velhas camponesas e outras do gênero que compensam a perda de seu poder de controle sobre as coisas do mundo atual concentrando-o no futuro. Nem teria a profetisa nada a perder com o que disse. Teria sido esta origem de minha sede de grandeza? Mas isso me fez recordar outra experiência, que datava dos últimos anos de minha infância, e que oferecia uma explicação ainda melhor. Meus pais tinham o hábito, quando eu era um menino de onze ou doze anos, de levar-me ao Prater. Uma noite, quando lá estávamos sentados num restaurante, nossa atenção fora atraída por um homem que ia de mesa em mesa e, mediante uma pequena esmola, improvisava uma composição poética sobre qualquer tópico que lhe fosse apresentado. Mandaram-me trazer o poeta à nossa mesa e ele mostrou sua gratidão ao mensageiro. Antes de perguntar qual seria o tema escolhido, dedicou-me algumas linhas, tendo sua inspiração declarado que, quando eu crescesse, provavelmente seria um Ministro do Gabinete. Eu ainda me lembrava muito bem da impressão que essa segunda profecia me havia causado. Aqueles eram os tempos do Ministério “Bürger”. Pouco antes, meu pai levava para casa retratos desses profissionais da classe média — Herbst,

Giskra, Unger, Berger e os demais — e nós havíamos iluminado a casa em homenagem a eles. Havia até mesmo alguns judeus entre eles. Assim, dali por diante, todo estudante judeu aplicado levava a pasta de Ministro do Gabinete em sua sacola. Os eventos daquele período sem dúvida tiveram alguma relação com o fato de que, até pouco antes de meu ingresso na Universidade, fora minha intenção estudar Direito, e só no último momento é que eu mudara de opinião. A carreira ministerial está definitivamente barrada aos médicos. Mas agora, voltemos a meu sonho. Comecei a compreender que meu sonho me conduzira do melancólico presente às animadoras esperanças dos dias do Ministério “*Bürger*”, que o desejo que ele fizera o máximo por realizar remontava àqueles tempos. Ao maltratar meus dois eminentes e eruditos colegas por serem judeus, e ao tratar um deles como simplório e o outro como criminoso, estava comportando-me como se eu fosse o Ministro, colocara-me no lugar do Ministro. Virando a mesa sobre Sua Excelência com vingança! Ele se recusara a me nomear *professor extraordinarius*, e eu me desferrara no sonho, tomando-lhe o lugar.

Em outro exemplo tornou-se evidente que, embora o desejo que instigou o sonho fosse um desejo atual, ele recebera um poderoso reforço de lembranças que se estendia a épocas muito distantes da infância. O que tenho em mente é uma série de sonhos que se baseiam num anseio de visitar Roma. Ainda por muito tempo, sem dúvida, terei de continuar a satisfazer esse anseio em meus sonhos, pois, na estação do ano em que me é possível viajar, a permanência em Roma deve ser evitada por motivos de saúde. Por exemplo, sonhei certa vez que contemplava, da janela de um vagão de trem, o Tibre e a Ponte Sant’Angelo. O trem começou a se afastar e ocorreu-me que eu mal havia posto os pés na cidade. O panorama que vi em meu sonho fora tirado de uma famosa gravura que eu vislumbrara por um momento na véspera, na sala de estar de um de meus pacientes. Noutra ocasião, alguém me levava ao alto de uma colina e me mostrava Roma meio envolta em brumas; estava tão distante que fiquei surpreso por ter dela uma visão tão clara. Havia mais coisas no conteúdo desse sonho do que me sinto disposto a descrever com pormenores, mas o tema da “terra prometida vista de longe” era óbvio nele. A cidade que assim vi pela primeira vez, imersa em brumas, era... Lübeck; e o protótipo da colina ficava em... Gleichenberg. Num terceiro sonho, eu finalmente chegara a Roma, como o próprio sonho me informou, mas fiquei desapontado ao constatar que o cenário estava longe de ter um caráter urbano. *Havia um estreito regato de águas negras; numa de suas margens havia penhascos negros e, na outra, pradarias com grandes flores brancas. Notei um certo Herr Zucker* (que eu conhecia

ligeiramente) e *decidi perguntar-lhe o caminho para a cidade*. Eu estava claramente fazendo uma vã tentativa de ver, em meu sonho, uma cidade que jamais vira na vida de vigília. Decompondo a paisagem do sonho em seus elementos, verifiquei que as flores brancas me levavam a Ravenna, que eu tinha visitado e que, pelo menos por algum tempo, suplantara Roma como capital da Itália. Nos pântanos ao redor de Ravenna encontramos belíssimos lírios que cresciam em águas negras. Como tínhamos tido grande dificuldades de retirá-los da água, o sonho os fez crescer em pradarias, como os narcisos em nossa própria Aussee. O penhasco negro, tão próximo da água, lembrou-me nitidamente o vale Tepl, perto de Karlsbad. “*Karlsbad*” permitiu-me explicar o curioso detalhe de eu haver perguntado o caminho a *Herr Zucker*. O material de que se tecia o sonho incluía, nesse ponto, duas daquelas jocosas anedotas judaicas que contêm tão profunda e por vezes amarga sabedoria mundana, e que tanto apreciamos citar em nossas conversas e cartas. Eis a primeira: a história da “*constituição*”. Um judeu sem dinheiro metera-se furtivamente, sem passagem, no expresso para *Karlsbad*. Foi apanhado, e toda vez que os bilhetes eram conferidos, ele era retirado do trem e tratado cada vez mais com maior severidade. Numa das estações de sua *via dolorosa*, encontrou-se com um conhecido que lhe perguntou para onde estava viajando. “Para *Karlsbad*”, foi sua resposta, “se minha *constituição* puder agüentar.” Minha lembrança passou então para outra história: a de um judeu que não sabia falar francês e a quem havia recomendado que, quando chegasse a Paris, perguntasse o caminho para a *rue Richelieu*. A própria Paris fora, durante muitos anos, outra meta dos meus anseios; e a sensação de bem-aventurança com que pela primeira vez pisei em suas calçadas me pareceu uma garantia de outros de meus desejos seriam também realizados. “Perguntar o caminho”, além disso, era uma alusão direta a *Roma*, já que é bem sabido que todos os caminhos levam até lá. Da mesma forma, o nome *Zucker* [açúcar] constituía novamente uma alusão a *Karlsbad*, pois temos o hábito de recomendar o tratamento lá para qualquer pessoa que sofra do mal *constitucional* do diabetes. A instigação desse sonho fora uma proposta feita por meu amigo de Berlim de que nos encontrássemos em Praga na Páscoa. O que ali iríamos debater teria incluído algo com uma outra relação com “açúcar” e “diabetes”.

Um quarto sonho, que ocorreu logo depois do último, levou-me a Roma mais uma vez. Eu via a esquina de uma rua diante de mim e ficava surpreso por encontrar tantos cartazes em alemão ali afixados. Eu escrevera a meu amigo na véspera, com uma visão profética, dizendo achar que Praga talvez não fosse um lugar agradável para as

perambulações de um alemão. Assim, o sonho expressou, ao mesmo tempo, o desejo de encontrá-lo em Roma, em vez de uma cidade boêmia, e um desejo, que provavelmente remontava aos meus dias de estudante, de que a língua alemã fosse mais tolerada em Praga. Aliás, devo ter compreendido o tcheco nos primeiros anos de minha infância, pois nasci numa pequena cidade da Morávia com uma população eslava. Uma canção de ninar tcheca, que ouvi quando tinha dezessete anos, fixou-se em minha memória com tal facilidade que até hoje posso repeti-la, embora não tenha nenhuma idéia do que significa. Assim, também não faltavam ligações com meus primeiros anos de infância nesses sonhos.

Foi em minha última viagem à Itália, que, entre outros lugares, me fez passar pelo Lago Trasimene, que finalmente — depois de ter visto o Tibre e de ter retornado com tristeza quando me encontrava apenas cinqüenta milhas de Roma — descobri de que maneira meu anseio pela cidade eterna fora reforçado por impressões de minha mocidade. Eu estava no processo de elaborar um plano para contornar Roma no ano seguinte e ir até Nápoles, quando me ocorreu uma frase que devo ter lido em um de nossos autores clássicos : “Qual dos dois, pode-se argumentar, andou de um lado para outro em seu gabinete com maior impaciência, depois de ter elaborado seu plano de ir a Roma — Winckelmann, o Vice-Comandante, ou Aníbal, o Comandante-em Chefe?” Na realidade, eu vinha seguindo as pegadas de Aníbal. Como ele, estava destinado a não ver Roma; e também ele se deslocara para a Campagna quando todos os esperavam em Roma. Mas Aníbal, com quem eu viera a me assemelhar nesses aspectos, fora o herói predileto de meus últimos tempos de ginásio. Como tantos meninos daquela idade, eu simpatizara, nas Guerras Púnicas, não com os romanos, mas com os cartagineses. E quando nas séries mais avançadas comecei a compreender pela primeira vez o que significava pertencer a uma raça estrangeira, e os sentimentos anti-semitas entre os outros rapazes me advertiram de que eu precisava assumir uma posição definida, a figura do general semita elevou-se ainda mais em meu conceito. Para minha mente juvenil, Aníbal e Roma simbolizavam o conflito entre a tenacidade dos judeus e a organização da Igreja Católica. E a importância crescente dos efeitos do movimento anti-semita em nossa vida emocional ajudou a fixar as idéias e sentimentos daqueles primeiros anos. Assim, o desejo de ir a Roma se transformara, em minha vida onírica, num disfarce e num símbolo para muitos outros desejos apaixonados. Sua realização seria perseguida com toda a perseverança e unidade de propósitos do

cartaginês, embora se afigurasse, no momento, tão pouco favorecida pelo destino quanto fora o desejo de Aníbal, durante toda a sua vida, de entrar em Roma.

Nesse ponto, fui novamente confrontado com o evento de minha juventude, cuja força ainda era demonstrada em todas essas emoções e em todos esses sonhos. Eu devia ter dez ou doze anos quando meu pai começou a me levar com ele em suas caminhadas e a me revelar, em suas conversas, seus pontos de vista sobre as coisas do mundo em que vivemos. Foi assim que, numa dessas ocasiões, ele me contou uma história para me mostrar quão melhores eram as coisas então do que tinham sido nos seus dias. “Quando eu era jovem”, disse ele, “fui dar um passeio num sábado pelas ruas da cidade onde você nasceu; estava bem vestido e usava um novo gorro de pele. Um cristão dirigiu-se a mim e, de um só golpe, atirou meu gorro na lama e gritou: ‘Judeu! saia da calçada!’ — “E o que fez o senhor?”, perguntei-lhe. “Desci da calçada e apanhei meu gorro”, foi sua resposta mansa. Isso me pareceu uma conduta pouco heróica por parte do homem grande e forte que segurava o garotinho pela mão. Contrastei essa situação com outra que se ajustava melhor aos meus sentimentos: a cena em que o pai de Aníbal, Amílcar Barca, fez seu filho jurar perante o altar da casa que se vingaria dos romanos. Desde essa época Aníbal ocupava um lugar em minhas fantasias.

Creio poder remontar às origens de meu entusiasmo pelo general cartaginês recuando mais um passo em minha infância; portanto, mais uma vez, seria apenas questão da transferência de uma relação emocional já formada para um novo objeto. Um dos primeiros livros em que pus as mãos depois que aprendi a ler foi a história do Consulado e do Império, de Thiers. Ainda me lembro de quando colocava etiquetas com os nomes dos marechais de Napoleão nas costas achatadas de meus soldadinhos de madeira. E, naquela época, meu favorito manifesto já era Massena (ou, para dar ao nome sua forma judaica, Manasseh). (Sem dúvida, essa preferência era também parcialmente explicável pelo fato de o meu aniversário cair no mesmo dia que o dele, exatamente cem anos depois.) O próprio Napoleão se assemelha a Aníbal, por terem ambos atravessado os Alpes. É possível até que o desenvolvimento desse ideal marcial possa ser remetido a uma época ainda mais remota de minha infância: a época em que, com a idade de três anos, eu tinha uma estreita relação, às vezes amistosa, mas às vezes hostil, com um menino um ano mais velho que eu, e aos desejos que essa relação deve ter suscitado no mais fraco de nós dois.

Quanto mais alguém se aprofunda na análise de um sonho, com mais frequência chega ao rastro das experiências infantis que desempenharam seu papel entre as fontes do conteúdo latente desse sonho.

Já vimos (em [1]) que é muito raro um sonho reproduzir as recordações de tal maneira que elas constituam, sem abreviação ou modificação, a *totalidade* de seu conteúdo manifesto. Não obstante, há alguns exemplos indubitáveis da ocorrência disso e posso acrescentar mais alguns, novamente, relacionados com cenas de infância. Apresentou-se a um de meus pacientes num sonho uma reprodução quase não distorcida de um episódio sexual, que foi prontamente reconhecida como uma lembrança verdadeira. Sua recordação do evento, de fato, nunca se perdera por completo na vida de vigília, embora tivesse sido muito obscurecida, e sua revivescência foi consequência do trabalho previamente executado na análise. Aos doze anos, o sonhador fora visitar um colega de escola que estava acamado, e este, provavelmente num movimento acidental, descobriu o corpo. À vista dos órgãos do amigo, meu paciente foi tomado por uma espécie de compulsão e também se descobriu, segurando o pênis do outro. O amigo olhou-o com indignação e assombro, ao que ele, tomado de grande embaraço, largou-o. Essa cena se repetiu num sonho vinte e três anos depois, incluindo todos os pormenores de seus sentimentos na época. Modificou-se, porém, no sentido de que o sonhador assumiu o papel passivo em vez do ativo, enquanto a figura de seu colega de escola foi substituída por alguém pertencente a sua vida contemporânea. [Ver em [1].]

É verdade que, de modo geral, a cena da infância só é representada no conteúdo manifesto do sonho por uma alusão, e ela se tem de chegar por uma interpretação do sonho. Tais exemplos, quando registrados não trazem grande convicção, visto que, via de regra, não existe nenhuma outra prova da ocorrência dessas experiências da infância: quando remontam a uma idade muito prematura, elas já não são reconhecidas como lembranças. A justificação geral para que se infira a ocorrência dessas experiências infantis a partir dos sonhos é proporcionada por toda uma série de fatores do trabalho suficientemente fidedignos. Se eu registrar algumas dessas experiências infantis arrancadas de seu contexto para fins de interpretação dos sonhos, talvez, elas causem uma fraca impressão, especialmente por eu não poder citar todo o material em que se basearam as interpretações. Não obstante, não permitirei que isso me impeça de relatá-las.

I

Todos os sonhos de uma de minhas pacientes se caracterizavam por ela estar sempre “apressada”: estava sempre com uma pressa enorme de chegar a algum lugar a tempo de não perder um trem, e assim por diante. Num dos sonhos, *ela ia visitar uma amiga; a mãe lhe disse que tomasse um táxi e que não fosse a pé, mas, em vez disso, ela saiu correndo e ficou levando tombos.* — O material que surgiu na análise levou a lembranças de *correr de um lado para outro* e de fazer travessuras na infância (o leitor sabe o que os vienenses chamam de “*eine Hetz*” [“uma investida”, “uma corrida furiosa”]). Um sonho específico lembrou o jogo infantil predileto de dizer uma frase, “*Die Kuh rannte, bis sie fiel*” [“A vaca correu até cair”] tão depressa que ela soa como se fosse uma única palavra [disparatada] — outra *corridinha*, na verdade. Todas essas correrias inocentes com as amiguinhas foram lembradas porque tomavam o lugar de outras menos inocentes.

II

Eis aqui o sonho de outra paciente: *Ela estava numa grande sala em que havia toda sorte de máquinas, tal como imaginava que seria um instituto ortopédico. Disseram-lhe que eu não dispunha de tempo e que ela teria que receber o tratamento junto com outros cinco. Ela se recusou, porém, e não queria deitar-se na cama — ou lá o que fosse — que se destinava a ela. Ficou no canto e esperou que eu lhe dissesse que não era verdade. Entrementes, os outros riam dela e diziam que essa era a sua maneira de “ir levando”. — Simultaneamente, era como se ela estivesse fazendo uma porção de quadradinhos.*

A primeira parte do conteúdo desse sonho relacionava-se com o tratamento e era uma transferência para mim. A segunda parte encerrava uma alusão a uma cena da infância. As duas partes estavam ligadas pela menção à cama.

O *instituto ortopédico* remontava a uma observação feita por mim, na qual eu comparara o tratamento, tanto em sua extensão quanto em sua natureza, a um tratamento *ortopédico*. Quando comecei seu tratamento, vira-me compelido a dizer-lhe que, no momento, *não dispunha de muito tempo para ela*, embora depois pudesse dedicar-lhe uma hora inteira diariamente. Isso mexera com sua antiga sensibilidade, que constitui um traço predominante do caráter das crianças inclinadas à histeria: elas são insaciáveis em matéria de amor. Minha

paciente fora a caçula de uma família de seis filhos (donde *junto com outras cinco*) e tinha sido, portanto, a favorita do pai; mesmo assim, parece ter sentido que seu adorado pai lhe dedicava muito pouco de seu tempo e sua atenção. — Sua *espera de que eu lhe dissesse que não era verdade* teve a seguinte origem: um jovem aprendiz de alfaiate levava-lhe um vestido e ela lhe dera o dinheiro em pagamento. Depois, perguntara ao marido se, caso o menino perdesse o dinheiro, ela teria que pagá-lo novamente. O marido, para *implicar* com ela, dissera-lhe que sim. (A *implicância* no sonho.) Ela continuou a perguntar-lhe repetidas vezes e *esperou que ele dissesse, afinal, que não era verdade*. Foi então possível inferir que, no conteúdo latente do sonho, ocorrera-lhe a idéia de saber se ela teria que me pagar o dobro caso eu lhe dispensasse o dobro do tempo — idéia que ela considerou avara ou *suja*. (A falta de asseio na infância é muitas vezes substituída nos sonhos pela avareza por dinheiro; o elo entre as duas é a palavra “sujo”). Se todo o trecho sobre *esperar que eu dissesse* etc., pretendia ser, no sonho, um circunlóquio relativo ao termo “sujo”, então o fato de ela “*ficar de pé no canto*” e “*não se deitar na cama*” combinava com o termo, na qualidade de componentes de uma cena de infância: uma cena em que ela sujara a cama e fora punida tendo de ficar de pé num canto, com a ameaça de que o pai não a amaria mais e de que os irmãos e irmãs se ririam dela, e assim por diante. — Os *quadrinhos* relacionavam-se com sua sobrinha, que lhe mostrara o truque aritmético de dispor algarismos em nove quadrados (creio que isso está certo), de tal modo que eles somam quinze em todas as direções.

III

Um homem sonhou o seguinte: *Viu dois meninos brigando — filhos de tanoeiros, a julgar pelas ferramentas que se achavam por perto. Um dos meninos jogou o outro por terra; o que foi derrubado usava brincos de pedras azuis. Ele correu em direção ao atacante com sua bengala erguida, para castigá-lo. Este correu em busca de proteção até uma mulher que estava de pé junto a uma cerca de madeira, como se fosse a mãe dele. Era uma mulher da classe operária e estava de costas para o sonhador. Finalmente, ela se voltou e dirigiu-lhe um olhar terrível, de modo que ele fugiu apavorado. Via-se a carne vermelha de suas pálpebras inferiores à mostra.*

O sonho utilizara copiosamente eventos triviais do dia anterior. Ele de fato vira dois meninos na rua, um dos quais derrubou o outro no chão. Quando ele se precipitou para

impedir a briga, ambos saíram correndo. — *Filhos de tanoeiros*. Isso só foi explicado por um sonho subsequente, no qual ele empregou a expressão “*arrancando o fundo de um barril*”. — A partir de sua experiência, ele achava que *brincos de pedras azuis* eram basicamente usados por prostitutas. Ocorreu-lhe então um verso de um conhecido poema burlesco sobre *dois meninos*: “O outro menino chamava-se Marie” (isto é, era uma menina). — *A mulher de pé*. Após a cena com os dois meninos, ele fora fazer uma caminhada pelas margens do Danúbio e aproveitara a solidão do lugar para urinar numa *cerca de madeira*. Mais adiante, uma senhora idosa respeitavelmente trajada sorria para ele de maneira muito amigável e quisera dar-lhe seu cartão de visita. Visto que a mulher do sonho estava de pé na mesma posição que ele ao urinar, devia tratar-se de uma mulher urinando. Isso coincide com sua *aparência* terrível e com a *carne vermelha à mostra*, que só poderia relacionar-se com a abertura dos órgãos genitais causada pela posição abaixada. Isso, visto em sua infância, reapareceu numa lembrança posterior como “*carne viva*” — como uma ferida.

O sonho combinou duas oportunidades que ela tivera, quando menino, de ver os órgãos genitais de garotinhas: quando *foram derrubadas no chão* e quando estava *urinando*. E, da outra parte do contexto, emergiu uma lembrança de ele ser *castigado* ou ameaçado por seu pai pela curiosidade sexual que demonstrara nessas ocasiões.

IV

Por trás do seguinte sonho (produzido por uma senhora idosa) havia toda uma gama de lembranças da infância, combinadas da melhor forma possível numa única fantasia.

Ela saiu numa grande pressa para tratar de alguns assuntos. No Graben, caiu de joelhos, como estivesse inteiramente alquebrada. Grande número de pessoas reuniu-se em torno dela, especialmente condutores de táxis, mas ninguém a ajudou a levantar-se. Ela fez várias tentativas vãs, e deste ter finalmente alcançado êxito, pois foi posta num táxi que iria levá-la para casa. Alguém atirou uma cesta grande e muito carregada (como uma cesta de compras) pela janela depois que ela entrou.

Essa era a mesma senhora que sempre se sentia “apressada” em seus sonhos, tal como havia corrido e feito traquinagens quando criança. [Ver em [1].] A primeira cena do sonho derivava, evidentemente, da visão de um cavalo caído; da mesma forma, o termo “*alquebrada*” referia-se a corrida de cavalos. Em sua juventude, ela cavalgara, e, sem dúvida,

quando era ainda mais nova, tinha realmente *sido* um cavalo. O *cair* relacionava-se com uma lembrança da primeira infância, ligada ao filho de dezessete anos do porteiro da casa, que caíra na rua com um ataque epilético e fora levado para casa numa carruagem. Ela, naturalmente, apenas *ouvira* falar sobre isso, mas a idéia dos ataques epiléticos (da “doença das *quedas*”) dominara sua imaginação e, mais tarde, influenciara a forma assumida por seus próprios ataques histéricos. — Quando uma mulher sonha que está caindo, isso tem quase invariavelmente uma conotação sexual: ela se imagina como uma “*mulher decaída*”. Este sonho, em particular, praticamente não deixou qualquer margem para dúvidas, já que o local onde minha paciente caiu foi o Graben, uma parte de Viena que é notória como área de prostituição. A cesta de compras [Korb] levou a mais de uma interpretação. Fê-la lembrar-se de numerosas recusas [Körbe] que fizera a seus pretendentes, bem como das que ela própria se queixava de ter recebido posteriormente. Isso também estava ligado ao fato de que *ninguém a ajudou a levantar-se*, o que ela mesma explicou como uma recusa. A *cesta de compras* lembrou-lhe ainda fantasias que já haviam surgido em sua análise, nas quais ela era casada com alguém de condição social muito inferior à sua e tinha de fazer as compras de mercado ela própria. E, finalmente, a cesta podia servir como marca de uma criada. Nesse ponto, surgiram outras lembranças da infância. Em primeiro lugar, de uma cozinheira que fora despedida por furto, e que *caíra de joelhos* e suplicara para ser perdoada. Ela própria tinha doze anos naquela época. Depois, de uma empregada que fora despedida por causa de um caso amoroso com o *cocheiro* da família (que, aliás, casou-se com ela depois). Assim, essa lembrança era também uma das fontes dos cocheiros (condutores) do sonho (que, ao contrário do cocheiro real, não soergueram a mulher decaída). Restava explicar o fato de a cesta ser *atirada depois que ela entrou pela janela*. Isso a fez lembrar-se de *despachar* bagagens a serem *enviadas* por trem, do costume rural de os namorados subirem e entrarem pela *janela* de suas namoradas, e de outros pequenos episódios de sua vida no campo: de como um cavalheiro lançara algumas *ameixas azuis* e uma senhora *pela janela* de seu quarto, e de como sua própria irmã mais nova se assustara com o idiota da aldeia olhando *por sua janela*. Uma lembrança obscura de seus dez anos de idade começou então a emergir, de uma babá do interior que se entregara a cenas amorosas (das quais a menina poderia ter visto algo) com um dos criados da casa, e que, juntamente com seu amante, tinha sido *mandada embora, posta para fora* (o oposto da imagem onírica “atirada *para dentro*”) — uma história de que já nos havíamos aproximado partindo de várias outras

direções. A bagagem ou mala de um criado é desdenhosamente designada, em Viena, como “sete ameixas”: “arrume suas sete ameixas e dê o fora!”

Meus registros naturalmente abrangem uma grande coletânea de sonhos de pacientes cuja análise levou a impressões infantis obscuras ou inteiramente esquecidas, muitas vezes remontando aos três primeiros anos de vida. Mas seria inseguro aplicar quaisquer conclusões extraídas delas aos sonhos em geral. As pessoas em questão eram, na totalidade dos casos, neuróticas, e em particular, histéricas; e é possível que o papel desempenhado pelas cenas infantis em seus sonhos fosse determinado pela natureza de sua neurose, e não pela natureza dos sonhos. Não obstante, ao analisar meus próprios sonhos — e, afinal, não o estou fazendo por causa de nenhum sintoma patológico gritante —, ocorre com frequência não inferior que, no conteúdo latente de um sonho, deparo inesperadamente com uma cena de infância, e imediatamente toda uma série de meus sonhos se vincula com associações que se ramificam de alguma experiência de minha infância. Já dei alguns exemplos disso [Ver em [1]-[2]], e terei outros a dar em conexão com uma variedade de aspectos. Talvez eu não possa encerrar melhor esta seção do que relatando um ou dois sonhos meus em que ocasiões recentes e experiências há muito esquecidas da infância se uniram como fontes do sonho.

I

Fatigado e faminto após uma viagem, fui dormir, e as principais necessidades vitais começaram a anunciar sua presença em meu sono. Tive o seguinte sonho:

Entrei numa cozinha à procura de pudim. Lá havia três mulheres de pé; uma delas era a estalajadeira e revolia algo na mão, como se estivesse fazendo Knödel [bolinhos de massa]. Ela respondeu que eu devia esperar até que ela estivesse pronta. (Essas não foram palavras claras verbalmente enunciadas.) Fiquei impaciente e saí com um sentimento de ofensa. Vesti um sobretudo. Mas o primeiro que experimentei era longo demais para mim. Tirei-o, bastante surpreso ao verificar que era forrado de pele. O segundo que vesti tinha uma longa tira com um desenho turco gravado. Um estranho de rosto alongado e barbicha pontuda apareceu e tentou impedir-me de vesti-lo, dizendo que era dele. Mostrei-lhe então que era todo bordado com um desenho turco. Ele perguntou: “Que têm os (desenhos,

galões...) turcos a ver com o sonho?” Mas, em seguida, ficamos muito amáveis um com o outro.

Quando comecei a analisar esse sonho, pensei inesperadamente no primeiro romance que li (quando contava treze anos, talvez); aliás, comecei no fim do primeiro volume. Nunca soube o nome do romance ou de seu autor; mas guardo uma viva lembrança de seu final. O herói enlouqueceu e ficava a chamar pelos nomes das três mulheres que haviam trazido maior felicidade e dor para sua vida. Um desses nomes era *Pélagie*. Eu ainda não tinha nenhuma idéia de onde levaria essa lembrança na análise. Em relação às três mulheres, pensei nas três Parcas que fiam o destino do homem, e soube que uma das três mulheres — a estalajadeira do sonho — era a mãe que dá a vida, e além disso (como no meu próprio caso), dá à criatura viva seu primeiro alimento. O amor e a fome, refleti, reúnem-se no seio de uma mulher. Um rapaz que era grande admirador da beleza feminina falava, certa vez — assim diz a história —, da bonita ama-de-leite que o amamentara quando ele era bebê: “Lamento”, observou ele, “não ter aproveitado melhor aquela oportunidade.” Eu tinha o hábito de citar essa anedota para explicar o fator da “ação retardada” no mecanismo das psiconeuroses. Uma das Parcas, portanto, esfregava as palmas das mãos como se estivesse fazendo bolinhos de massa: estranha ocupação para uma Parca, e que exigia uma explicação. Esta foi fornecida por outra lembrança anterior de minha infância. Quando tinha seis anos de idade e recebi de minha mãe as primeiras lições, esperava-se que eu acreditasse que éramos todos feitos de barro, e portanto, ao barro deveríamos retornar. Isso não me convinha e expressei dúvidas sobre a doutrina. Ao que então minha mãe esfregou as palmas das mãos — exatamente como fazia ao preparar bolinhos de massa, só que não havia massa entre elas — e me mostrou as escamas enegrecidas de *epidermis* produzidas pela fricção como prova de que éramos feitos de barro. Meu assombro ante essa demonstração visual não teve limites, e aceitei a crença que posteriormente iria ouvir expressa nas palavras: “Du bist der natur einen Tod schuldig.” Assim, foram realmente as Parcas que encontrei na cozinha ao entrar nela — como tantas vezes fizera na infância quando sentia fome, enquanto minha mãe, de pé junto ao fogo, me advertia de que eu devia esperar até que o jantar ficasse pronto. — E agora, quanto aos bolinhos de massa — os *Knödel*! Pelo menos um dos meus professores na Universidade — e precisamente aquele a quem devo meus conhecimentos histológicos (por exemplo, da *epidermis*) — se lembraria infalivelmente, de uma pessoa de nome *Knödl*, contra quem fora obrigado a mover um

processo por *plagiar* seus escritos. A idéia de plágio — de apropriar-se do que quer que se possa, muito na qual eu era tratado como se fosse o ladrão que há algum tempo praticava suas atividades de furtar sobretudos nas salas de conferências. Eu havia anotado a palavra “plagiar” sem pensar nela, por ter-me ocorrido; mas então observei que ela podia estabelecer uma ponte [*Brücke*] entre diferentes partes do conteúdo manifesto do sonho. Uma cadeia de associações (*Pélagie* — *plagiar* — *plagióstomos* ou tubarões [*Haifische*] — a *bexiga natatória de um peixe* [*Fischblase*]) ligou o antigo romance com o caso de Knödl e com os sobretudos, que se referiam claramente a dispositivos empregados na técnica sexual [ver em [1]]. (Cf. os sonhos aliterativos de Maury [em [1]].) Sem dúvida, era uma cadeia de idéias muito artificial e sem sentido, mas eu nunca poderia tê-la construído na vida de vigília, a menos que já tivesse sido construída pelo trabalho do sonho. E, como se a necessidade de estabelecer ligações forçadas não considerasse *nada* sagrado, o nome honrado de *Brücke* (cf. a *ponte* verbal acima) lembrou-me o Instituto em que passei as horas mais felizes de minha vida estudantil, livre de todos os outros desejos —

So wird's Euch an der Weisheit Brüsten

Mit jedem Tage mehr gelüsten

— em completo contraste com os desejos que agora me *atormetavam* em meu sonhos. Finalmente, veio-me à lembrança outro professor muito respeitado — seu nome, Fleischl [*“Fleisch”* = “carne”], tal como Knödl, soava como algo para comer — e uma cena lastimável em que as *escamas de epiderme* desempenhavam certo papel (minha mãe e a estalajadeira), bem como a *loucura* (o romance) e uma droga do dispensário que elimina a *fome*: a cocaína.

Poderia continuar a seguir as intrincadas seqüências de idéias dentro dessa linha e explicar completamente a parte do sonho que ainda não analisei; mas devo desistir neste ponto, porque o sacrifício pessoal exigido seria grande demais. Apanharei apenas um dos fios da meada, que está apto a nos levar diretamente a um dos pensamentos do sonho subjacentes a essa confusão. O estranho de rosto alongado e barba pontuda que tentou impedir que eu vestisse o sobretudo tinha as feições de um lojista de Spalato, de quem minha mulher comprara diversos artigos *turcos*. Chamava-se Popovi, nome equivoco sobre o qual um escritor humorístico, Stettenheim, já fez um comentário sugestivo: “Ele me disse o nome e, enrubescendo, pressionou minha mão.” Mais uma vez, apanhei-me fazendo mau uso de um nome, como já fizera com Pélagie, Knödl, Brücke e Fleischl. Seria difícil negar que

brincar com nomes dessa maneira era uma espécie de travessura infantil. Mas, se eu me entregava a isso, era como um ato de retaliação, pois meu próprio nome fora alvo de gracejos leves como esses em incontáveis ocasiões. Goethe, lembrei-me, comentara em algum lugar a sensibilidade das pessoas em relação a seus nomes: como parecemos transformarmo-nos neles como se fossem nossa própria *pele*. Ele dissera isso *à propos* de um verso escrito sobre seu nome por Herder:

“Der du von Göttern abstammst, von Gothen oder vom Kote.” —

“So seid ihr Götterbilder auch zu Staub”.

Notei que minha digressão sobre o tema do uso incorreto dos nomes estava apenas levando a essa queixa. Mas devo fazer uma interrupção aqui. — A compra que minha mulher fez em Spalato lembrou-me uma outra compra, feita em Cattaro, em relação à qual eu fora cauteloso demais, de modo que perdi uma oportunidade de fazer ótimas aquisições. (Cf. a oportunidade não aproveitada com a ama-de-leite.) Pois uma das idéias que minha fome introduziu no sonho foi esta: “Nunca se deve desprezar uma oportunidade, mas sempre tomar o que se pode, mesmo quando isso implica praticar um pequeno delito. Nunca se deve desprezar uma oportunidade, já que a vida é curta, e a morte, inevitável.” Uma vez que essa lição de “*carpe diem*” tinha, entre outros sentidos, uma conotação sexual, e uma vez que o desejo que ela expressava não se detinha a idéia de agir mal, ele tinha motivos para temer a censura e foi obrigado a se ocultar atrás de um sonho. Toda sorte de pensamentos de sentido *contrário* encontraram então expressão: lembranças de uma época em que o sonhador se contentava com um alimento *espiritual*, idéias restritivas de todo tipo, e até ameaças dos mais revoltantes castigos sexuais.

II

O sonho seguinte exige um preâmbulo bastante longo:

Eu me dirigia à Estação Oeste [em Viena] a fim de tomar o trem para passar minhas férias de verão em Aussee, mas havia chegado à plataforma enquanto um trem anterior, que ia para Ischl, ainda se encontrava na estação. Lá, vira o Conde Thum, que mais uma vez ia a Ischl para ter uma audiência com o Imperador. Embora estivesse chovendo, ele chegara numa carruagem aberta. Passara direto pela entrada que dava acesso aos Trens Locais. O

fiscal de bilhetes no portão não o havia reconhecido e tentara pedir-lhe o bilhete, mas o conde o afastara com um breve e abrupto movimento da mão, sem lhe dar qualquer explicação. Depois que o trem para Ischl partiu, eu deveria de direito deixar novamente a plataforma e retornar à sala de espera, e tive certa dificuldade de arranjar as coisas de modo que me permitissem permanecer na plataforma. Passara o tempo vigiando atentamente, para ver se aparecia alguém que tentasse conseguir um compartimento reservado utilizando alguma espécie de “pistolão”. Pretendia, nesse caso, protestar energicamente, isto é, reivindicar direitos iguais. Entrementes, estivera cantarolando uma melodia que reconheci como sendo a ária de Fígaro em *La Nozze di Figaro*:

Se vuol ballare, signor contino,

Se vuol ballare, signor contino,

Il chitarino le suonerò

(É um pouco duvidoso que alguma outra pessoa pudesse reconhecer a melodia.)

A noite inteira eu me sentira animado e com espírito combativo. Mexera com meu garçom e com o cocheiro do táxi — sem, espero, tê-los melindrado. E agora, toda sorte de idéias insolentes e revolucionárias me passavam pela cabeça, combinando com as palavras de Fígaro e com minhas lembranças da comédia de Beaumarchais que eu vira encenada pela *Comédie française*. Pensei na frase sobre os grandes cavalheiros que se tinham dado ao trabalho de nascer, e no *droit du Seigneur* que o Conde Almaviva tentou exercer sobre Susanna. Pensei também em como nossos maliciosos jornalistas da oposição faziam piadas com o nome do Conde Thum, chamando-o, em vez disso, de “Conde Nichtsthun”. Não que eu o invejasse. Ele estava a caminho de uma audiência espinhosa com o Imperador, enquanto *eu* era o verdadeiro Conde Faz-Nada — de partida para minhas férias. Seguiu-se toda sorte de projetos agradáveis para as férias. Nesse momento, chegou à plataforma um cavalheiro que reconheci como sendo um inspetor de exames médicos do governo, o qual, por suas atividades nessa função, ganhara o lisonjeiro apelido de “parceiro de soneca do Governo”. Pede que lhe arranjassem um meio-compartimento de primeira classe em virtude de seu cargo oficial, e ouvi um ferroviário dizer a outro: “Onde devemos pôr o cavalheiro com o meio-bilhete de primeira classe?” Esse, pensei com meus botões, era um belo exemplo de privilégio; afinal, *eu* tinha pago o preço integral de uma passagem de primeira classe. E de

fato obtive um compartimento, mas não um vagão com corredor, de modo que não haveria um toalete disponível durante a noite. Queixei-me com um funcionário sem conseguir nenhum êxito, mas espicacei-o sugerindo que, de qualquer modo, ele devia mandar fazer um buraco no chão do compartimento para atender às possíveis necessidades dos passageiros. E, de fato, acordei às quinze para as três da madrugada com grande vontade de urinar, depois de ter tido seguinte sonhos:

Uma multidão de pessoas, uma reunião de estudantes. — Um conde (Thum or Taaffe)

) estava falando. Foi desafiado a dizer algo sobre os alemães, e declarou, com um gesto desdenhoso, que a flor predileta deles era a unha-de-cavalo, e pôs uma espécie de folha deteriorada — ou melhor, o esqueleto amassado de uma folha — em sua lapela. Enfureci-me — então me enfureci, embora ficasse surpreso por tomar essa atitude.

(A seguir, de maneira menos distinta:) Era como se eu estivesse na Aula, as entradas estavam fechadas por cordões de isolamento e tínhamos que fugir. Abri caminho por um série de salas lindamente mobiliadas, evidentemente dependências ministeriais ou públicas, com móveis estofados numa cor entre o marrom e o violeta; por fim, cheguei a um corredor onde estava sentada uma zeladora, uma mulher corpulenta e idosa. Evitei dirigir-lhe a palavra, mas, evidentemente, ela achou que eu tinha o direito de passar, pois perguntou se devia acompanhar-me com o candeeiro. Indiquei-lhe, com uma palavra ou um gesto, que ela devia parar na escadaria, e achei que estava sendo muito astuto por evitar assim a fiscalização na saída. Cheguei ao térreo e encontrei um caminho ascendente estreito e íngreme, pelo qual segui.

(Tornando-se indistinto novamente)... Era como se o segundo problema fosse sair da cidade, tal como o primeiro fora sair de casa. Eu estava num tálburi e ordenei ao cocheiro que me levasse a uma estação. “Não posso ir com o senhor ao longo de própria linha férrea”, disse eu, depois de ele ter levantado alguma objeção, como se eu o tivesse fatigado demais. Era como se eu já tivesse viajado com ele parte da distância que normalmente se percorre de trem. As estações estavam fechadas por cordões de isolamento. Fiquei sem saber se deveria ir para Krems ou Znaim, mas refleti que a Corte estaria residindo lá, de modo que me resolvi em favor de Graz ou algum lugar assim. Estava agora sentado no compartimento, que era como um vagão da Stadtbahn [a ferrovia suburbana]; e em minha lapela eu trazia um objeto singular pregueado e alongado, e ao lado dele algumas violetas de cor castanho-

violeta feitas de um material rígido. Isso impressionava muito as pessoas. (Nesse ponto, a cena se interrompeu.)

Eu estava de novo em frente à estação, mas dessa vez em companhia de um cavalheiro idoso. Pensei num plano para permanecer incógnito, e então vi que esse plano já fora posto em prática. Era como se pensar e experimentar fossem uma coisa só. Ele parecia ser cego, pelo menos de um olho, e eu lhe entreguei um urinol de vidro para homens (que tivemos de comprar ou tínhamos comprado na cidade). Logo, eu era enfermeiro e tinha de dar-lhe o urinol porque ele era cego. Se o condutor nos visse assim, por certo nos deixaria sair sem reparar em nós. Aqui, a atitude do homem e de seu pênis urinando apareceram em forma plástica. (Foi nesse ponto que acordei, sentido necessidade de urinar.)

O sonho como um todo dá a impressão de ser da ordem de uma fantasia em que o sonhador foi reconduzido ao ano da Revolução de 1848. Algumas lembranças desse ano me tinham sido recordadas pelo Jubileu [do Imperador Francisco José] em 1898, bem como uma curta viagem que eu fizera ao *Wachau*, no decorrer da qual visitara Emmersdorf, o local de retiro do líder estudantil Fischhof, a quem certos elementos do conteúdo manifesto do sonho talvez aludissem. Minhas associações levaram-me então à Inglaterra e à casa de meu irmão ali. Ele costumava mexer freqüentemente com sua mulher com as palavras “Cinqüenta Anos Atrás” (extraídas do título de um dos poemas de Lorde Tennyson), que seus filhos costumavam corrigir por “*quinze anos atrás*”. Essa fantasia revolucionária, contudo, que derivara de idéias despertadas em mim ao ver o Conde Thum, era como a fachada de uma igreja italiana, no sentido de não ter nenhuma relação orgânica com a estrutura por trás dela. Mas diferia dessas fachadas por ser desordenada e cheia de lacunas, e pelo fato de partes da construção interna terem irrompido nela em muitos pontos.

A primeira situação do sonho era um amálgama de várias cenas que posso isolar. A atitude insolente adotada pelo Conde no sonho foi copiada de uma cena em meu curso secundário quando eu tinha *quinze anos*. Havíamos tramado uma conspiração contra um professor impopular e ignorante, cuja mola mestre fora um de meus colegas de escola, que desde aquela época parecia ter adotado *Henrique VII da Inglaterra* como seu modelo. A liderança do ataque principal foi outorgada a mim, e o sinal para a revolta aberta seria um debate sobre a importância do Danúbio para a Áustria (cf. o *Wachau*). Um de nossos colegas de conspiração era o único aristocrata da turma, que, em vista do notável comprimento de seus membros, era chamado “a Girafa”. Ele estava de pé, como o conde em meu sonho,

depois de ser repreendido pelo tirano da escola, o professor de *língua alemã*. A *flor predileta* e o *colocar em sua lapela* algo da natureza de uma flor (que por último me fez pensar numas orquídeas que eu levava no mesmo dia para uma amiga, e também numa rosa-de-Jericó) eram um esplêndido lembrete da cena de uma das peças históricas de Shakespeare [3 Henrique VI, I, 1] *que representava o início das Guerras das Rosas Vermelhas e Brancas*. (A menção a Henrique VIII abriu caminho para essa lembrança.) — A partir desse ponto, foi apenas um passo para os cravos vermelhos e brancos. (Dois pequenos dísticos, um em *alemão* e o outro em *espanhol*, insinuaram-se na análise nesse ponto:

Rosen, Tulpen, Nelken,

alle Blumen welken.

Isabelita, no llores,

.que se marchitan la flores.

O aparecimento de um dístico *espanhol* reconduziu ao Fígaro.) Aqui em Viena, os cravos brancos tinham-se tornado um emblema do anti-semitismo, e os vermelhos, dos Social-Democratas. Por trás disso havia a lembrança de uma provocação anti-semita durante uma viagem de trem pelos belos campos da Saxônia (cf. Anglo-Saxão). — A terceira cena que contribuiu para a formação da primeira situação do sonho datava de meus primeiros tempos de estudante. Houve um debate num clube *alemão* de estudantes sobre a relação entre a filosofia e as ciências naturais. Eu era um jovem imaturo, cheio de teorias materialistas, e me lancei à frente para dar expressão a um ponto de vista extremamente unilateral. A isto, alguém que era mais velho que eu e meu superior, alguém que desde então tem demonstrado sua habilidade para liderar homens e organizar grandes grupos (e que também, aliás, tem um nome derivado do Reino Animal), levantou-se e nos passou uma boa descomputura: também ele, disse-nos, havia alimentado porcos em sua juventude e voltara arrependido à casa de seu pai. *Enfureci-me* (como no sonho) e repliquei rudemente [“*saugrob*”, literalmente “grosso como um suíno”], dizendo que, como agora sabia que ele tinha alimentado *porcos* na juventude, já não ficava *surpreso* com o tom de seus discursos. (No sonho, eu ficava *surpreso* com minha atitude nacionalista germânica [em [1]].) Houve uma comoção geral e fui conclamado por muitos dos presentes a retirar minhas observações,

mas recusei-me a fazê-lo. O homem que eu insultara era sensato demais para considerar o incidente um *desafio*, e deixou que o assunto morresse.

Os demais elementos dessa primeira situação do sonho derivavam de camadas mais profundas. Qual o significado do pronunciamento do Conde sobre a unha-de-cavalo? Para encontrar a resposta, segui uma série de associações: unha-de-cavalo [*Huflattich*], literalmente “alface do casco” — alface — salada — cão-de-manjedoura [*Salathund*], literalmente, “cão-da-salada”. Aqui estava uma coleção de xingamentos: “Gir-affe” [“Affe” corresponde, em alemão, a “macaco”], “suíno”, “cachorro” — e eu poderia ter chegado a “burro”, se tivesse feito um desvio por outro nome e insultado mais outro professor acadêmico. Além disso, traduzi “unha-de-cavalo” — não sei se acertada ou erroneamente — pelo francês *“pisse-en-lit”*. Essa informação derivava do *Germinal*, de Zola, no qual se mandava uma criança colher essa planta para fazer salada. O termo francês para “cão” — *“chien”* — me fez lembrar a função principal (*“chier”*, em francês, comparado com *“piser”* para a função secundária). Breve, pensei, eu teria coligido exemplos de imprioridades nos três estados da matéria — sólido, líquido e gasoso —, pois esse mesmo livro, *Germinal*, que muito tinha a ver com a revolução iminente, continha um relato de uma espécie muito peculiar de competição — para a produção de uma excreção gasosa conhecida pelo nome de *flatus*. Vi então que o caminho que levava a *flatus* fora preparado com grande antecedência: de *flores*, passando pelo dístico *espanhol*, *Isabelita*, *Isabel* e *Fernão*, *Henrique VIII*, *história inglesa*, até a Armada que navegou contra a *Inglaterra* e após cuja derrota cunhou-se uma medalha com a inscrição *“Flavit et dissipati sunt”*, pois a tempestade dispersara a esquadra espanhola. Eu havia pensado, meio seriamente, em usar essas palavras como epígrafe do capítulo sobre “Terapia”, se algum dia chegasse a ponto de produzir um relato pormenorizado de minha teoria e tratamento da histeria.

Passando agora ao segundo episódio do sonho, estou impossibilitado de lidar com ele com tantos detalhes — em consideração à censura. Ocorre que eu estava me colocando no lugar de um exaltado personagem daqueles tempos revolucionários, que também tivera uma aventura com uma águia [*Adler*] e que se diz ter sofrido de incontinência intestinal, e assim por diante. Pensei comigo mesmo *que não havia justificativa para eu passar* pela censura nesse ponto, muito embora a maior parte da história me tivesse sido narrada por um Hofrat (um *consiliarius aulicus* [conselheiro da corte] — cf. *Aula*). A sucessão de aposentos públicos do sonho provinha do carro-salão de Sua Excelência, que eu conseguira vislumbrar.

Mas as “salas” [Zimmer] também significavam “mulheres” [Frauenzimmer], como ocorre com freqüência nos sonhos— nesse caso, “mulheres públicas”. Na figura zeladora eu estava mostrando minha falta de gratidão para com uma espirituosa senhora de idade e retribuindo mal sua hospitalidade e as muitas boas histórias que ouvira quando me hospedei em sua casa. — A alusão ao candeeiro remontava a Grillparzer, que introduziu um encantador episódio de natureza semelhante, pelo qual ele passara na realidade, em sua tragédia sobre Hero e Leandro, *Des Meeres und der Liebe Wellen* [“As Ondas do Mar e do Amor”] — a Armada e a *tempestade*.^[1]

Devo também abster-me de qualquer análise pormenorizada dos dois episódios restantes do sonho. Simplesmente selecionarei os elementos que conduzem às duas cenas de infância exclusivamente em função das quais embarquei no exame desse sonho. Pode-se suspeitar, com justa razão, que o que me obriga a fazer essa supressão é o material sexual; mas não há necessidade de nos contentarmos com essa explicação. Afinal, há muitas coisas de que se tem que fazer segredo para outras pessoas, mas das quais não se guarda nenhum segredo para si próprio; e a questão aqui não é a razão por que sou obrigado a ocultar a solução, mas diz respeito aos motivos da censura *interna* que esconderam de mim o verdadeiro conteúdo do sonho. Por isso, devo explicar que a análise desses três [últimos] episódios do sonho mostrou que eles eram gabolices impertinentes, produtos de uma megalomania absurda que há muito havia sido suprimida de minha vida de vigília, e algumas de suas ramificações haviam até mesmo acedido ao conteúdo manifesto do sonho (por exemplo, “*achei que estava sendo muito astuto*”), e a qual, aliás, explicava meu exuberante bom humor na noite que antecedeu o sonho. A presunção se estendia a todas as esferas; por exemplo, a menção a *Graz* remontava à expressão de gíria “qual é o preço de Graz?”, que externa a auto-satisfação de uma pessoa que se sente extremamente bem de vida. O primeiro episódio do sonho pode também ser incluído entre as fanfarronices por quem quer que tenha em mente o incomparável relato do grande Rabelais sobre a vida e os atos de Gargântua e seu filho Pantagruel.

Eis o material relativo à duas cenas de infância que prometi a meus leitores. Eu havia comprado uma mala *nova* para a viagem, de cor *castanho-violeta*. Esta cor aparece mais de uma vez no sonho: as violetas de tom *castanho-violeta feitas de material rígido* e, ao lado delas, uma coisa conhecida por “*Mädchenfänger*” [“*pega-moças*”] — e os móveis dos

aposentos ministeriais. As crianças geralmente acreditam que as pessoas *ficam impressionadas* com qualquer coisa *nova*. A seguinte cena de minha infância que me foi descrita, e minha lembrança da descrição tomou o lugar da recordação da própria cena: parece que, quando tinha dois anos, eu ainda *molhava a cama* ocasionalmente, e quando era repreendido por isso, *consolava* meu pai prometendo comprar-lhe uma bela cama *nova e vermelha* em N., a mais próxima cidade com alguma importância. Essa fora a origem da oração entre parênteses do sonho, no sentido de que *tínhamos comprado ou tivemos de comprar* o urinol na cidade: um sujeito deve cumprir suas promessas. (Note-se, também, a justaposição simbólica do urinol masculino e da mala ou caixa feminina. [Ver em [1]-[2]]) Essa minha promessa exibia toda a megalomania da infância. Já nos deparamos com o importante papel desempenhado nos sonhos pelas dificuldades das crianças em relação à micção (cf. o sonho relatado em [1]). Também já tomamos conhecimento, pela psicanálise de sujeitos neuróticos, da íntima relação entre o urinar na cama e o traço de caráter da ambição.

Quando eu contava sete ou oito anos, houve outra cena doméstica da qual me lembro com muita clareza. Uma noite, antes de ir dormir, desprezei as normas formuladas pelo decoro e obedeci aos apelos da natureza no quarto de meus pais, na presença deles. No decorrer de sua reprimenda, meu pai deixou escapar as seguintes palavras: “Esse menino não vai dar para nada.” Isso deve ter sido um golpe terrível para minha ambição, pois ainda há referências a essa cena recorrendo constantemente em meus sonhos, e estão sempre ligadas a uma enumeração de minhas realizações e sucessos, como se eu quisesse dizer: “Estão vendo, eu *dei* para alguma coisa.” Essa cena, portanto, forneceu o material para o episódio final do sonho, no qual — por vingança, é claro — os papéis foram invertidos. O homem mais velho (claramente meu pai, pois a cegueira num olho se referia a seu glaucoma unilateral) agora urinava diante de mim, tal como eu urinara na presença dele em minha infância. Na referência a seu glaucoma eu o fazia lembrar-se da cocaína, que o havia ajudado na operação [Ver em [1]] como se, dessa maneira, eu tivesse mantido minha promessa. Além disso, estava me divertindo à sua custa; tinha de entregar-lhe o urinol porque ele era cego e me deleitava com as alusões a minhas descobertas ligadas à teoria da histeria, das quais me sentia muito orgulhoso.[1]

As duas cenas de micção de minha infância estavam de qualquer modo, estreitamente ligadas ao tema da megalomania; mas sua emergência enquanto eu viajava para Aussee foi ainda auxiliada pela circunstância fortuita de que não havia um toalete

contíguo a meu compartimento e de que eu tinha motivos para prever a dificuldade que de fato surgiu ao amanhecer. Despertei com as sensações de uma necessidade física. Poder-se-ia, penso eu, ficar inclinado a supor que essas sensações tinham sido o verdadeiro agente provocador do sonho, mas prefiro adotar outro ponto de vista, a saber, o de que o desejo de urinar só foi despertado pelos pensamentos do sonho. É muito raro eu ser perturbado em meu sono por necessidades físicas de qualquer natureza, sobretudo no horário em que acordei nessa ocasião, às quinze para as três da madrugada. E talvez possa refutar uma outra objeção observando que em outras viagens, realizadas em condições mais confortáveis, raramente senti necessidade de urinar quando acordava cedo. Mas, seja como for, não haverá nenhum mal em deixar esse ponto não solucionado. [1]

Minhas experiências ao analisar sonhos chamaram ainda atenção para o fato de que as seqüências de idéias que remontam à mais remota infância partem até mesmo de sonhos que parecem, à primeira vista, ter sido inteiramente interpretados, visto que suas fontes e seu desejo instigador são descobertos sem dificuldade. Vi-me, portanto, obrigado a perguntar a mim mesmo se essa característica não seria condição essencial do sonhar. Enunciado em termos gerais, isso implicaria que todo sonho estaria ligado, em seu conteúdo manifesto, a experiências recentes, e, em seu conteúdo latente, às experiências mais antigas. E de fato pude mostrar, em minha análise da histeria, que essas experiências antigas permanecem recentes no sentido próprio do termo, até o presente imediato. Ainda é extremamente difícil demonstrar a verdade dessa suspeita, e terei de voltar, com respeito a outra questão (Capítulo VII [em [1]]), a um exame do provável papel desempenhado pelas experiências primitivas da infância na formação dos sonhos.

Das três características da memória nos sonhos, enumeradas no início deste capítulo, uma — preferência pelo material não-essencial no conteúdo dos sonhos — foi satisfatoriamente esclarecida ao se remontar sua origem à distorção dos sonhos. Pudemos confirmar a existência das outras duas — a ênfase no material recente e no material infantil — mas não pudemos explicá-las com base nos motivos que levam a sonhar. Essas duas características, cuja explicação e apreciação ainda não foram descobertas, devem ser conservadas em mente. Seu lugar apropriado deve ser buscado alhures — quer na psicologia do estado de sono, quer no exame da estrutura do aparelho mental, em que nos envolveremos posteriormente, depois que tivermos compreendido que a interpretação dos

sonhos é como uma janela pela qual podemos vislumbrar o interior desse aparelho. [Ver Capítulo VII.]

Existe, contudo, outra inferência decorrente destas últimas análises de sonhos, para a qual chamarei a atenção imediatamente. Os sonhos muitas vezes parecem ter mais de um sentido. Não só, como mostraram nossos exemplos, podem abranger várias realizações de desejos, uma ao lado da outra, como também pode haver uma sucessão de sentidos ou realizações de desejos superpostos uns aos outros, achando-se na base a realização de um desejo que data da primeira infância. E aqui surge mais uma vez a questão de verificar se não seria mais correto asseverar que isso ocorre “invariavelmente”, e não “freqüentemente”.

(C) AS FONTES SOMÁTICAS DOS SONHOS

Se tentarmos interessar um leigo culto nos problemas dos sonhos e, com esse propósito em vista, lhe perguntarmos quais são, em sua opinião, as fontes das quais eles surgem, veremos, de modo geral, que ele se sente seguro de possuir a resposta para essa parte da pergunta. Ele pensa imediatamente nos efeitos produzidos na construção dos sonhos pelos distúrbios ou dificuldades digestivas — “os sonhos decorrem da indigestão” [ver em [1]] —, pelas posturas acidentalmente assumidas pelo corpo e por outros pequenos incidentes durante o sono. Nunca lhe parece ocorrer que, uma vez levados em conta todos esses fatores, ainda reste algo que precise de explicação.

Já examinei longamente, no capítulo de abertura (Seção C), o papel atribuído pelos autores científicos às fontes somáticas de estimulação na formação dos sonhos; basta-me, portanto, recordar aqui apenas os resultados dessa investigação. Verificamos que se distinguem três espécies diferentes de fontes somáticas de estimulação: os estímulos sensoriais objetivos provenientes de objetos externos, os estados internos de excitação dos órgãos sensoriais com base apenas subjetiva, e os estímulos somáticos provenientes do interior do corpo. Percebemos, além disso, que as autoridades se inclinavam a colocar em segundo plano, ou a excluir inteiramente, quaisquer possíveis fontes *psíquicas* dos sonhos, comparadas a esses estímulos somáticos (ver em [1]). Em nosso exame das afirmações feitas em prol das fontes somáticas de estimulação, chegamos às seguintes conclusões. A importância das excitações *objetivas* dos órgãos sensoriais (consistindo, em parte, de estímulos fortuitos durante o sono e, em parte, de excitações que não podem deixar de

influenciar nem mesmo uma mente adormecida) é estabelecida a partir de numerosas observações e foi confirmada experimentalmente (ver em [1]). O papel desempenhado pelas excitações sensoriais *subjetivas* parece ser demonstrado pela recorrência de imagens sensoriais hipnagógicas nos sonhos (ver em [1] e segs.). E por fim, parece que, embora seja impossível provar que as imagens e representações que ocorrem em nossos sonhos são atribuíveis aos estímulos somáticos *internos* no grau em que se afirmou que isso se dá, essa origem, ainda assim, encontra apoio na influência universalmente reconhecida que exercem em nossos sonhos os estados de excitação de nossos órgãos digestivos, urinários e sexuais [ver em [1]]

Assim, ao que parece, a “estimulação nervosa” e a “estimulação somática” seriam as fontes somáticas dos sonhos — isto é, segundo muitos autores, sua única fonte.

Por outro lado, já encontramos diversas manifestações de dúvida que pareciam implicar uma crítica não à *correção*, é verdade, mas à *suficiência* da teoria da estimulação somática.

Por mais seguros de sua base concreta que se sentissem os defensores dessa teoria — especialmente no que concerne aos estímulos acidentais e externos, já que estes podem ser detectados no conteúdo dos sonhos sem qualquer dificuldade — nenhum deles pôde deixar de perceber que é impossível atribuir a profusão de material de representações dos sonhos apenas aos estímulos nervosos externos. A Srta. Mary Whiton Calkins (1893, 312) examinou seus próprios sonhos e os de uma outra pessoa durante seis semanas com essa questão em mente. Verificou que em apenas 13,2% e 6,7 % deles, respectivamente, foi possível traçar o elemento de percepção sensorial externa; ao passo que, dos casos do conjunto de sonhos, apenas dois eram decorrentes de sensações orgânicas. Temos aqui a confirmação estatística daquilo que fui levado a suspeitar a partir de um exame apressado de minhas próprias experiências.

Já se propôs muitas vezes separar os “sonhos devido à estimulação nervosa” de outras formas de sonhos, como uma subespécie que foi completamente investigada. Assim, Spitta [1882, 233] divide os sonhos em “sonhos devidos à estimulação nervosa” e “sonhos devido à associação”. Essa solução, todavia, estava fadada a permanecer insatisfatória enquanto fosse impossível demonstrar o elo entre as fontes somáticas de um sonho e seu conteúdo de representações. Assim, além da primeira objeção — a frequência insuficiente das fontes externas de estimulação —, havia uma segunda — a explicação insuficiente dos

sonhos proporcionada por essas fontes. Temos o direito de esperar que os defensores dessa teoria nos dêem explicações sobre dois pontos: primeiro, por que é que o estímulo externo de um sonho não é percebido em sua verdadeira natureza, sendo invariavelmente mal interpretado (cf. os sonhos provocados pelo despertador em [1]); e segundo, por que é que a reação da mente perceptiva a esses estímulos mal interpretados leva a resultados de uma variedade tão imprevisível.

A título de resposta a essas questões, Strümpell (1877, 108 e seg.) nos diz que, como a mente se retrai do mundo externo durante o sono, ela é incapaz de dar uma interpretação correta aos estímulos sensoriais objetivos e é obrigada a construir ilusões com base no que é, em muitos aspectos, uma impressão indeterminada. Para citar suas próprias palavras: “Tão logo uma sensação ou um complexo de sensações, ou um sentimento, ou um processo psíquico de qualquer espécie surge na mente durante o sono, como resultado de um estímulo nervoso externo ou interno, e isso é percebido pela mente, esse processo convoca imagens sensoriais do círculo de experiências deixadas na mente pelo estado de vigília — ou seja, percepções anteriores — que são puras ou se fazem acompanhar de seus valores psíquicos apropriados. O processo se cerca, por assim dizer, de um número maior ou menor de imagens desse tipo e, através delas, a impressão derivada do estímulo adquire seu valor psíquico. Falamos aqui (como costumamos fazer no caso do comportamento de vigília) sobre a mente adormecida ‘interpretar’ as impressões causadas pelo estímulo nervoso. O resultado dessa interpretação é o que chamamos de um ‘sonho devido à estimulação nervosa’, isto é, um sonho cujos componentes são determinados por um estímulo nervoso que produz seus efeitos psíquicos na mente segundo as leis da reprodução.” [Ver em [1], [2] e [3].]

Wundt [1874, 656 e seg.] está dizendo algo essencialmente idêntico a essa teoria ao afirmar que as representações que ocorrem nos sonhos derivam, pelo menos em sua maior parte, de estímulos sensoriais, incluindo especialmente as sensações cenestésicas, e são, por esse motivo, principalmente ilusões imaginativas e, provavelmente apenas em pequeno grau, representações mnêmicas puras intensificadas até assumirem a forma de alucinações. [Ver em [1]] Strümpell (1877, 84) descobriu um símile adequado para a relação que subsiste nessa teoria entre os conteúdos de um sonho e seus estímulos, ao escrever que “é como se os dez dedos de um homem que nada sabe de música vagassem sobre o teclado de um piano” [Ver em [1] e [2]]. Assim, um sonho não é, segundo essa visão, um fenômeno mental

baseado em motivos psíquicos, e sim o resultado de um estímulo psicológico que se expressa em sintomas físicos, pois o aparato sobre o qual o estímulo incide não é capaz de outra forma de expressão. Uma pressuposição similar também está subjacente, por exemplo, à famosa analogia por meio da qual Meynert tentou explicar as idéias obsessivas: a analogia de um mostrador de relógio no qual certos algarismos sobressaem por estarem estampados de maneira mais proeminentemente do que os demais.

Por mais popular que se tenha tornado a teoria da estimulação somática dos sonhos, e por mais atraente que ela possa parecer, seu ponto fraco é facilmente demonstrado. Todo estímulo somático onírico que exija que o aparelho mental adormecido o interprete por meio da construção de uma ilusão pode dar origem a um número ilimitado de tais tentativas de interpretação — isto é, pode ser representado no conteúdo do sonho por uma imensa variedade de representações. Mas a teoria proposta por Strümpell e Wundt é incapaz de produzir qualquer motivo que reja a relação entre um estímulo externo e a representação onírica escolhida para sua interpretação — isto é, é incapaz de explicar o que Lipps (1883, 170) chama de a “notável escolha freqüentemente feita” por esses estímulos “no curso de sua atividade produtiva”. Outras objeções foram ainda levantadas contra a pressuposição em que se baseia toda a teoria da ilusão — a pressuposição de que a mente adormecida é incapaz de reconhecer a verdadeira natureza dos estímulos sensoriais objetivos. Burdach, o fisiologista, mostrou-nos há muito tempo que, mesmo no sono, a mente é perfeitamente capaz de interpretar de maneira correta as impressões sensoriais que a alcançaram e de reagir segundo essa interpretação correta; lembrou ele o fato de que determinadas impressões sensoriais que parecem importantes para aquele que dorme podem ser executadas da negligência geral a que tais impressões ficam sujeitas durante o sono (como no caso da mãe que está amamentando ou da ama-de-leite em relação à criança sob sua responsabilidade), e que é mais certo uma pessoa adormecida ser acordada pelo som de seu próprio nome do que por alguma impressão auditiva indiferente — tudo isso implicando que a mente diferencia as sensações durante o sono (Ver em [1]). Burdach então inferiu dessas observações que o que devemos presumir durante o estado de sono não é uma *falta de interesse* neles. Os mesmos argumentos usados por Burdach em 1830 foram novamente apresentados por Lipps, sem qualquer modificação, em 1883, em sua crítica à teoria da estimulação somática. Assim, a mente parece comportar-se como o adormecido da anedota. Quando alguém lhe perguntou se estava dormindo, ele respondeu “Não”. Mas quando o

interlocutor prosseguiu dizendo “Então empreste-me dez florins”, ele se refugiou num subterfúgio e respondeu: “Estou dormindo”.

A insuficiência da teoria da estimulação somática dos sonhos pode ser demonstrada de outras maneiras. A observação mostra que os estímulos externos não me compelem necessariamente a sonhar, muito embora tais estímulos apareçam no conteúdo de meu sonho se e quando chego de fato a sonhar. Vamos supor, digamos, que eu seja submetido a um estímulo tátil enquanto estiver dormindo. Uma multiplicidade de reações diferentes estará então aberta diante de mim. Posso desprezar o estímulo e, ao acordar, constatar, por exemplo, que minha perna está descoberta ou que há alguma pressão em meu braço; a patologia fornece exemplos bastante numerosos em que vários estímulos sensoriais e motores poderosamente excitantes permanecem sem efeito durante o sono. Ou então, posso ficar ciente da sensação em meu sono — posso ficar ciente dela, como se diz, “através” de meu sono (que é o que acontece, via de regra, no caso dos estímulos dolorosos), mas sem que se transforme a dor num sonho. E, em terceiro lugar, posso reagir ao estímulo acordando para livrar-me dele. É somente como a quarta possibilidade que o estímulo nervoso pode levar-me a sonhar. Contudo, as outras possibilidades se concretizam pelo menos com a mesma frequência desta última, — a de construir um sonho. E isso não poderia acontecer, a menos que o motivo para sonhar estivesse *em outra parte que não fontes somáticas de estimulação*.

Alguns outros autores — Scherner [1861] e o filósofo Volkelt [1875], que adorou os pontos de vista de Scherner — fizeram uma estimativa justa das lacunas que aqui indiquei na explicação dos sonhos como devidas à estimulação somática. Esses autores tentaram definir com mais precisão as atividades mentais que levam à produção de imagens oníricas tão diversificadas a partir dos estímulos somáticos; em outras palavras, eles buscaram considerar uma atividade psíquica. [Ver em [1]] Scherner não apenas retratou as características psíquicas reveladas na produção dos sonhos em termos carregados de sentimento poético e resplandecentes de vida; ele acreditava, também, ter descoberto o princípio segundo o qual a mente lida com os estímulos a ela apresentados. Em sua opinião, o trabalho do sonho, quando a imaginação é libertada dos grilhões diurnos, procura dar uma representação *simbólica* da natureza do órgão do qual provém o estímulo e da natureza do próprio estímulo. Assim, ele fornece uma espécie de “livro do sonho” para servir como guia para a interpretação dos sonhos, que possibilita deduzir das imagens oníricas inferências

sobre as sensações somáticas, o estado dos órgãos e o caráter dos estímulos em questão. “Assim, a imagem de um gato expressa um estado irritadiço, mau humor e a imagem de um pão macio e de coloração clara representa a nudez física.” [Volkelt, 1875, 32.] O corpo humano como um todo é retratado pela imaginação onírica como uma casa, e os diferentes órgãos do corpo, como partes de uma casa. Nos “sonhos com um estímulo dental”, um saguão de entrada com teto alto e abobadado corresponde à cavidade oral, e uma escadaria, à descida da garganta até o esôfago. “Nos sonhos devido às dores de cabeça, o alto da cabeça é representado pelo teto de um quarto coberto de aranhas repulsivas, semelhantes a sapos.” [Ibid., em [1]] Uma multiplicidade desses símbolos é empregada pelos sonhos para representar o mesmo órgão. “Assim, o pulmão, no ato de respirar, será simbolicamente representado por uma fornalha chamejante, com as labaredas crepitando com um som semelhante ao da passagem de ar; o coração será representado por caixas ou cestas vazias, e a bexiga, por objetos redondos em forma de sacos, ou, mais geralmente, por objetos ocos.” [Ibid., 34] “É de suma importância o fato de que, ao final de um sonho, o órgão em causa ou sua função, com frequência, é abertamente revelado, e via de regra, em relação ao próprio corpo sonhador. Assim, um sonho com um estímulo dental normalmente termina com o sonhador visualizando a si mesmo ao arrancar um dente da boca.” [Ibid., 35.]

Não se pode dizer que essa teoria da interpretação dos sonhos tenha sido recebida de maneira muito favorável por outros autores do ramo. Sua característica principal parece ser sua extravagância; e tem havido hesitação até mesmo em reconhecer a justificação que, na minha opinião, ela pode reivindicar. Como se terá percebido, ela envolve uma revivescência da interpretação dos sonhos por meio do *simbolismo* — o mesmo método que era empregado na Antiguidade, com a exceção de que o campo de onde se extraem as interpretações fica restrito aos limites do corpo humano. Sua falta de qualquer técnica de interpretação que possa ser cientificamente apreendida talvez reduza em muito a aplicação da teoria de Scherner. Ela parece dar margem a interpretações arbitrárias, sobretudo porque, também em seu caso, o mesmo estímulo pode ser representado no conteúdo onírico de inúmeras maneiras diferentes. Assim, até mesmo o discípulo de Scherner, Volkelt, viu-se impossibilitado de confirmar a idéia de que o corpo era representado por uma casa. Objeções também estão fadadas a provir do fato de que, mais uma vez, a mente fica sobrecarregada com o trabalho do sonho como uma função inútil e sem objetivo; pois, segundo a teoria que estamos examinando, a mente se contenta em fazer fantasias sobre o

estímulo de que se ocupa, sem o mais remoto indício de qualquer coisa da ordem de uma *eliminação* do estímulo.

Há uma crítica em particular, no entanto, que é gravemente prejudicial à teoria de Scherner sobre a simbolização dos estímulos somáticos. Esses estímulos estão sempre presentes, e geralmente se afirma que a mente é mais acessível a eles durante o sono do que quando desperta. É difícil entender, então, por que é que a mente não sonha continuamente a noite inteira e, na verdade, por que não sonha todas as noites com todos os órgãos. Pode-se fazer uma tentativa de evitar essa crítica, acrescentando-se a condição adicional de que, para suscitar a atividade onírica, é necessário que excitações *especiais* provenham dos olhos, ouvidos, dentes, intestinos etc. Mas surge então a dificuldade de provar a natureza objetiva de tais aumentos de estímulo — o que só é possível num pequeno número de casos. Se os sonhos de voar são uma simbolização da subida e descida dos lobos dos pulmões [ver em [1]], então, como Strümpell [1877, 119] já assinalou, esses sonhos teriam de ser muito mais freqüentes do que são, ou seria necessário provar um aumento da atividade respiratória no decorrer deles. Há uma terceira possibilidade, que é a mais provável de todas, qual seja, a de que talvez haja motivos especiais temporariamente atuantes dirigindo a atenção para sensações viscerais que estão presentes de maneira uniforme em todos os momentos. Essa possibilidade, entretanto, leva-nos além do alcance da teoria de Scherner.

O valor dos pontos de vista expostos por Scherner e Volkelt está no fato de eles chamarem atenção para diversas características do conteúdo dos sonhos que exigem explicação e parecem prometer novas descobertas. É perfeitamente verdadeiro que os sonhos contêm simbolizações de órgãos e funções do corpo, e que a presença de água num sonho com freqüência assinala um estímulo urinário, e que os órgãos genitais masculinos podem ser representados por um bastão erguido ou uma coluna, e assim por diante. No caso dos sonhos em que o campo visual fica repleto de movimento e cores vivas, em contraste com a insipidez de outros sonhos, dificilmente se poderá deixar de interpretá-los como “sonhos com um estímulo visual”; tampouco se pode contestar o papel desempenhado pelas ilusões no caso dos sonhos que se caracterizam por ruídos e confusão de vozes. Scherner [2861, 167] relata um sonho com duas fileiras de meninos bonitos e louros, postados um de frente ao outro ao longo de uma ponte, que se atacam entre si e então retornam à posição original, até que finalmente o sonhador se viu sentado numa ponte, arrancando um dente

enorme de sua boca. De maneira semelhante, Volkelt [1875, 52] relata um sonho em que pareciam duas fileiras de gavetas num armário e que, mais uma vez, terminou com o sonhador arrancando um dente. Formações oníricas como essas, que são registradas em grande número pelos dois autores, impedem que descartemos a teoria de Scherner como uma invenção inútil sem procurarmos seu cerne de verdade. [Ver em [1].] A tarefa que nos confronta, portanto, é encontrar outro tipo de explicação para a suposta simbolização do que se alega um estímulo dental. [1]

Durante toda esta discussão da teoria das fontes somáticas dos sonhos, absteve-me de usar o argumento baseado em minha análise dos sonhos. Se ele puder ser confirmado, através de um procedimento não empregado por outros autores em seu material onírico, que os sonhos possuem um valor próprio como atos psíquicos, o de que os desejos são o motivo de sua concentração e que as experiências do dia anterior fornecem o material imediato para seu conteúdo, qualquer outra teoria dos sonhos que despreze um procedimento de pesquisa tão importante e que, por conseguinte, represente os sonhos como uma reação psíquica inútil e enigmática a estímulos somáticos estará condenada, sem necessidade maior de críticas específicas. De outra forma — e isso parece bastante improvável — teria de haver duas espécies bem diferentes de sonhos, um das quais só *eu* pude observar, e outra que só pôde ser percebida pelos autores mais antigos. Resta apenas, portanto, encontrar em minha teoria dos sonhos um lugar para os fatos em que se baseia a atual teoria da estimulação somática dos sonhos.

Já demos o primeiro passo nessa direção ao propor a tese (ver em [1]) de que o trabalho do sonho está sujeito à exigência de combinar em uma unidade os estímulos ao sonhar que estiverem simultaneamente em ação. Verificamos que, quando duas ou mais experiências capazes de criar uma impressão são deixadas pelo dia anterior, os desejos delas derivados se combinam num único sonho, e, de modo similar, que a impressão psicologicamente significativa e as experiências irrelevantes da véspera são reunidas no material onírico, sempre desde que seja possível estabelecer entre elas representações comunicantes. Assim, o sonho parece ser uma reação a tudo o que está simultaneamente presente na mente adormecida como material correntemente ativo. Até onde analisamos o material dos sonhos, vimo-lo como uma coletânea de resíduos psíquicos e traços mnêmicos, à qual (em virtude da preferência mostrada por material recente e infantil) fomos levados a atribuir uma qualidade até aqui indefinível de ser “correntemente ativo”. Podemos por isso

antever, sem grandes dificuldades, o que acontecerá se um material nosso, sob a forma de sensações, for acrescentado durante o sono a essas lembranças correntemente ativas. É também graças ao fato de serem correntemente ativas que essas excitações sensoriais são importantes para o sonho; elas se unem ao outro material psíquico correntemente ativo para fornecer aquilo que é usado para a construção do sonho. Em outras palavras, os estímulos que surgem durante o sono são os conhecidos “restos diurnos” psíquicos. Essa combinação não *precisa* ocorrer; como já assinalai, há mais de uma maneira de reagir a um estímulo somático durante o sono. Quando ela *efetivamente* ocorre, isso significa que foi possível encontrar, para servir de conteúdo do sonho, um material de representações de tal ordem que é capaz de representar ambos os tipos de fontes do sonho: a somática e a psíquica.

A natureza essencial do sonho não é alterada pelo fato de se acrescentar material somático a suas fontes psíquicas: o sonho continua a ser a realização de um desejo, não importa de que maneira a expressão dessa realização de desejo seja determinada pelo material correntemente ativo.

Estou disposto a abrir espaço, neste ponto, para a atuação de diversos fatores especiais que podem emprestar uma importância variável aos estímulos externos em relação aos sonhos. A meu ver, é uma combinação de fatores individuais fisiológicos e fortuitos, produzidos pelas circunstâncias do momento, que determina como uma pessoa se comportará nos casos específicos de uma estimulação objetiva relativamente intensa durante o sono. A profundidade habitual ou acidental de seu sono, tomada em conjunto com a intensidade do estímulo, possibilitará, num caso, que ela suprima o estímulo, para que seu sono não seja interrompido e, noutro caso, obrigá-la-á a acordar ou estimulará uma tentativa de superar o estímulo incorporando-o num sonho. De acordo com essas várias combinações possíveis, os estímulos objetivos externos encontrarão expressão nos sonhos com maior ou menor freqüência em uma pessoa do que em outra. No meu próprio caso, como tenho um sono excelente e me recuso obstinadamente a permitir que qualquer coisa o perturbe, é muito raro as causas externas de excitação conseguirem penetrar em meus sonhos; ao passo que as motivações psíquicas obviamente me fazem sonhar com muita facilidade. De fato, só anotei um único sonho em que uma fonte objetiva e dolorosa de estímulo é reconhecível, e será muito instrutivo examinar o efeito externo produzido neste sonho em particular.

Eu montava um cavalo cinzento, a princípio tímida e desajeitadamente, como se apenas me reclinasse sobre ele. Encontrei um de meus colegas, P., que montava ereto um cavalo, envergando um terno de tweed, e que chamou minha atenção para alguma coisa (provavelmente minha maneira incorreta de sentar). Comecei então a me sentir sentado com firmeza e conforto cada vez maiores em meu cavalo muito inteligente, e percebi que me sentia inteiramente à vontade ali. Minha sela era uma espécie de almofadão, que preenchia completamente o espaço entre o pescoço e a garupa do animal. Assim, passei a cavalgar bem no meio de dois carros de transportes. Depois de cavalgar um pouco rua acima, voltei-me e tentei desmontar, primeiro diante de uma capelinha aberta que ficava de frente para a rua. Depois, desmontei realmente diante de outra capela que ficava perto da primeira. Meu hotel ficava na mesma rua; eu poderia ter deixado o cavalo ir até lá sozinho, mas preferi guiá-lo até aquele ponto. Era como se eu fosse ficar envergonhado por chegar lá a cavalo. Um engraxate estava em pé diante do hotel; mostrou-me um bilhete que fora encontrado e riu de mim por causa dele. No bilhete estava escrito, duplamente sublinhado: “Sem comida”, e depois outra observação (indistinta) como “Sem trabalho”, juntamente com uma idéia vaga de que eu estava numa cidade estranha e não estava trabalhando.

Ninguém suporia, à primeira vista, que esse sonho se tivesse originado sob a influência, ou antes, sob a compulsão de um estímulo doloroso. Mas, desde alguns dias antes, eu vinha sofrendo de furúnculos que transformavam cada momento numa tortura; e por fim, surgira um furúnculo do tamanho de uma maçã na base do meu escroto, o que me acusava a mais intolerável dor a cada passo que eu dava. Lassidão febril, perda de apetite e o trabalho árduo que, não obstante, eu continuava a fazer — tudo isso se combinara com a dor para me deixar deprimido. Eu estava impossibilitado de cumprir adequadamente minhas funções de médico. Havia, porém, uma atividade para a qual, dada a natureza e a situação de meu problema, eu estaria certamente menos apto do que para qualquer outra, e esta era — montar a cavalo. E foi precisamente essa a atividade em que o sonho me colocou: ele foi a mais enérgica negação de minha doença que se poderia imaginar. Na verdade não sei montar, nem tive, com exceção deste, sonhos com cavalgadas. Só me sentei num cavalo uma vez na vida, e mesmo assim, sem sela, e não gostei. Nesse sonho, porém, eu cavalgava como se não tivesse um furúnculo em meu períneo — ou melhor, *porque eu não queria ter um*. Minha sela, a julgar por sua descrição, era o cataplasma que me tornara possível adormecer. Sob sua influência mitigante, eu provavelmente não estivera consciente

de minha dor nas primeiras horas de sono. As sensações dolorosas então se apresentaram e intentaram despertar-me; nesse ponto o sonho chegou e disse suavemente: “Não! Continue a dormir! Não há necessidade de acordar. Você não tem furúnculos, pois está andando a cavalo, e com certeza não poderia cavalgar se tivesse um furúnculo bem nesse lugar.” E o sonho foi bem-sucedido. A dor foi silenciada e continuei a dormir.

Mas o sonho não se contentou em “eliminar por sugestão” meu furúnculo pela insistência obstinada numa representação que era incompatível com ele, e em proceder com o delírio alucinatório da mãe que perdera o filho ou do comerciante cujos prejuízos tinham acabado com sua fortuna. Os detalhes da sensação que estava sendo repudiada e da imagem empregada para reprimir essa sensação também serviram ao sonho como meio de ligar à situação onírica *outro* material que estava correntemente ativo em minha mente e dar representação a esse material. Eu montava um cavalo *cinzento*, cor esta que correspondia precisamente à cor de *pimenta-e-sal* [mesclada de preto e branco] da roupa que meu colega P. estava usando na última vez em que o encontrei no interior. A causa de meus furúnculos fora atribuída à ingestão de alimentos *muito condimentados* — uma etiologia que era ao menos preferível ao *açúcar* [diabetes] que também poderia ocorrer no contexto dos furúnculos. Meu amigo P. gostava de *ficar a cavaleiro* em relação a mim desde que me tirara uma de minhas pacientes com quem eu havia conseguido alguns *efeitos notáveis*. (No sonho, eu começava cavalgando tangencialmente — como o *feito* de um cavaleiro habilidoso.) Mas, na realidade, tal como o cavalo na anedota do cavaleiro de domingo, essa paciente me levava para onde se sentia inclinada. Assim, o cavalo adquiriu o significado simbólico de uma paciente. (No sonho, ele era *muito inteligente*.) “*Eu me sentia inteiramente à vontade lá*” referia-se à posição que eu ocupara na casa dessa paciente antes de ser substituído por P. Não muito antes, um de meus poucos protetores entre os principais médicos desta cidade me observara, com relação a essa mesma casa: “Você me dá a impressão de estar firme na sela lá.” Era um *feito* notável, também, poder prosseguir em meu trabalho psicoterápico durante oito ou dez horas por dia enquanto estava sentindo tanta dor. Mas eu sabia que não poderia prosseguir por muito tempo em meu trabalho peculiarmente difícil, a menos que estivesse com perfeita saúde física; e meu sonho estava repleto de alusões sombrias à situação em que me encontraria nesse eventualidade. (O *bilhete* que os neurastênicos trazem com eles para mostrar ao médico: *sem dinheiro, sem trabalho*.) Mais adiante na

interpretação, vi que o trabalho do sonho conseguira descobrir um caminho da situação desejante de cavalgar para algumas cenas de rixas de minha tenra infância que devem ter ocorrido entre mim e um sobrinho meu, um ano mais velho, que agora vivia na Inglaterra. [Ver em [1].] Além disso, o sonho tirara alguns de seus elementos de minhas viagens pela Itália: a rua do sonho era composta de impressões de Verona e Siena. Uma interpretação ainda mais profunda levou a pensamentos oníricos sexuais, e lembrei-me do sentido que as referências à Itália pareciam ter nos sonhos de uma paciente que nunca visitara aquele adorável país: “*gen Italien*” [para a Itália] — “*Genitalien*” [genitais]; e isso também estava ligado à casa em que eu precedera meu amigo P. como médico, assim como à situação de meu furúnculo.

Num outro sonho consegui êxito semelhante em rechaçar uma ameaça de interrupção de meu sono, vinda desta feita de um estímulo sensorial. Nesse caso, todavia, foi apenas por acaso que pude descobrir o elo entre o sonho e seu estímulo accidental, e assim compreender o sonho. Numa manhã em pleno verão, enquanto estava hospedado numa cidade montanhosa de veraneio no Tirol, acordei sabendo ter sonhado que *o Papa havia morrido*. Não consegui interpretar esse sonho — um sonho não-visual — e só me lembrei, como parte de sua base, de ter lido um jornal, pouco tempo antes, que Sua Santidade estava sofrendo de uma ligeira indisposição. Durante a manhã, contudo, minha mulher me perguntou se eu ouvira o barulho terrível feito pelo repicar dos sinos naquela manhã. Eu nem sequer o percebera, mas então compreendi meu sonho. Ele fora uma reação, por parte de minha necessidade de dormir, ao barulho com que os pios tirolezes haviam tentado acordar-me. Eu me vingara deles extraindo a inferência que formou o conteúdo do sonho, e então continuara a dormir sem dar maior atenção ao barulho.

Os sonhos citados nos capítulos anteriores incluíram diversos que poderiam servir de exemplos da elaboração desses chamados estímulos nervosos. Meu sonho de beber água em grandes goles [em [1]] é um exemplo. O estímulo somático foi, aparentemente, sua única fonte, e o desejo derivado da sensação (isto é, a sede) pareceu ser sua única motivação. Dá-se um caso semelhante com outros sonhos simples em que um estímulo somático parece, por si só, capaz de construir um desejo. O sonho da paciente que afastou do rosto o aparelho resfriador durante a noite [em [1]] apresenta um método incomum de reagir a um estímulo doloroso com uma realização de desejo: foi como se a paciente

conseguisse ficar temporariamente em analgesia, ao tempo em que atribuía suas dores a outrem.

Meu sonho com as três Parcas [em [1]] foi claramente um sonho de fome. Mas conseguiu desviar o desejo de nutrição para o anseio infantil pelo seio materno e se valeu de um desejo inocente como anteparo para um desejo mais sério, que não podia ser tão abertamente exibido. Meu sonho sobre o Conde Thun [em [1]] mostrou como uma necessidade física accidental pode ser vinculada aos mais intensos impulsos mentais (mas, ao mesmo tempo, os mais intensamente suprimidos.) E um caso como o relatado por Garnier (1872, 1, 476), de como o Primeiro Cônsul incorporou o barulho da explosão de uma bomba num sonho de batalha antes de despertar dele [em [1]] revela com clareza bastante especial a natureza do único motivo que leva a atividade mental a se ocupar de sensações durante o sono. Um jovem advogado, recém-saído de seu primeiro processo importante de falência, adormecendo certa tarde, comportou-se exatamente da mesma forma que o grande Napoleão. Teve um sonho com um certo G. Reich, de *Husyatin* [uma cidade de Galícia], que conhecera durante um caso de falência; o nome “Husyatin” continuou a se impor a sua atenção até que ele acordou e viu que sua mulher (que sofria de um catarro brônquico) estava tendo um violento acesso de tosse [em alemão, “*husten*”].

Comparemos esse sonho de Napoleão I (que, aliás, era dono de um sono extremamente profundo) com o do estudante sonolento que foi acordado por sua senhoria e informado de que era hora de ir para o hospital, e que passou a sonhar que estava numa cama do hospital e continuou a dormir, sob o pretexto de que, já que estava no hospital, não havia necessidade de se levantar e ir até lá [em [1]]. Este último sonho foi claramente um sonho de conveniência. O sonhador admitiu uma motivação para sonhar sem nenhum disfarce; mas, ao mesmo tempo, deixou escapar um dos segredos dos sonhos em geral. Todos os sonhos são, num certo sentido, sonhos de conveniência; servem à finalidade de prolongar o sono, em vez de acordar. Os *sonhos são GUARDIÃES do sono, e não perturbadores dele*. Teremos oportunidade, mais adiante, de justificar essa visão deles em relação aos fatores despertadores de ordem *psíquica* [ver em [1]], mas já estamos em condições de mostrar que ela é aplicável ao papel desempenhado pelos estímulos externos objetivos. Ou a mente não presta a mínima atenção às oportunidades de sensações durante o sono — caso possa fazê-lo a despeito da intensidade dos estímulos e da importância que sabe possuírem; ou se vale de um sonho para negar os estímulos; ou, em terceiro lugar, se

for obrigada a reconhecê-los, busca uma interpretação deles que transforme a sensação correntemente ativa em parte integrante de uma situação que seja desejada e compatível com o dormir. A sensação correntemente ativa é incorporada no sonho *para ser despojada de realidade*. Napoleão pôde continuar a dormir — com a convicção de que o que estava tentando perturbá-lo era apenas uma lembrança onírica do ribombar dos canhões de Arcole.

Assim, o desejo de dormir (no qual o ego consciente se concentra e que, justamente com a censura do sonho e a “elaboração secundária” que mencionarei adiante [em [1]], representa a contribuição do ego consciente para o sonhar), deve, na totalidade dos casos, ser reconhecido como um dos motivos da formação dos sonhos, e todo sonho bem-sucedido é uma realização desse desejo. Examinaremos num outro ponto [em [1]] as relações existentes entre esse desejo universal, invariavelmente presente e imutável de dormir e os demais desejos, dos quais ora um ora outro é realizado pelo conteúdo do sonho. Mas encontramos no desejo de dormir o fator capaz de preencher a lacuna na teoria de Strümpell e Wundt [em [1]] e de explicar a maneira perversa e caprichosa como são interpretados os estímulos externos. A interpretação correta, que a mente adormecida é perfeitamente capaz de fazer, envolveria um interesse ativo e exigiria que o sono fosse interrompido; por essa razão, dentre todas as interpretações possíveis, só são admitidas aquelas que são compatíveis com a censura absoluta exercida pelo desejo de dormir. “Ele é rouxinol e não a cotovia”, pois, se fosse a cotovia, isso significaria o término da noite dos amantes. Entre as interpretações do estímulo que são assim admissíveis, seleciona-se então aquela que pode proporcionar o melhor vínculo com os impulsos desejantes que se ocultam na mente. Assim, tudo é inequivocamente determinado e nada fica por conta da decisão arbitrária. A interpretação errônea não é uma ilusão, e sim, como se poderia dizer, uma evasão. Aqui, porém, mais uma vez, tal como quando, em obediência à censura do sonho, uma substituição é efetuada por deslocamento, temos de admitir que estamos diante de um ato que se desvia dos processos psíquicos normais.

Quando os estímulos nervosos externos e os estímulos somáticos internos são suficientemente intensos para forçar a atenção psíquica para eles, então — desde que seu resultado *seja* sonhar e não acordar — eles servem como um ponto fixo para a formação de um sonho, um núcleo em seu material; busca-se então uma realização de desejo que corresponda a esse núcleo, tal como (ver anteriormente [em [1]]) se buscam representações intermediárias entre dois estímulos psíquicos do sonho. Nesta medida, é verdade que, em

diversos sonhos, o conteúdo onírico é ditado pelo elemento somático. Nesse exemplo extremo, é possível até que um desejo que não esteja de fato correntemente ativo seja invocado para fins de construção de um sonho. O sonho, porém, não tem outra alternativa senão representar um desejo na situação de ter sido realizado; ele enfrenta, por assim dizer, o problema de procurar um desejo que possa representar-se como realizado pela sensação correntemente ativa. Quando esse material imediato é de natureza dolorosa ou aflitiva, isso não significa necessariamente que não possa ser utilizado para a construção de um sonho. A mente tem a seu dispor desejos cuja realização produz desprazer. Isso parece autocontraditório, mas torna-se inteligível quando levamos em conta a presença de duas instâncias psíquicas e uma censura entre elas.

Como vimos, há na mente desejos “recalcados” que pertencem ao primeiro sistema e a cuja realização se opõe o segundo sistema. Ao afirmar que tais desejos existem, não estou fazendo uma declaração histórica no sentido de que eles tenham existido um dia e tenham sido abolidos mais tarde. A teoria do recalçamento, que é essencial ao estudo das psiconeuroses, afirma que esses desejos recalcados *ainda existem* — embora haja uma inibição simultânea que os contém. O uso lingüístico atinge o alvo ao falar da “supressão” [isto é, “sub-pressão”] desses impulsos. Os arranjos psíquicos que facultam a esses impulsos imporem sua realização continuam a existir e a funcionar perfeitamente. Na eventualidade, contudo, de um desejo recalcado desse tipo ser levado a efeito, e de sua inibição pelo segundo sistema (o sistema que é admissível à consciência) ser derrotada, essa derrota encontra expressão como desprazerosa. Concluindo: são sensações de natureza desprazerosa provenientes de fontes somáticas, o trabalho do sonho utiliza essa ocorrência para representar — sujeita à continuidade da censura em maior ou menor grau — a realização de algum desejo que é normalmente suprimido.

É esse estado de coisas que possibilita um grupo de sonhos de angústia — estruturas oníricas desfavoráveis do ponto de vista da teoria da realização de desejo. Um segundo grupo revela um mecanismo diferente, pois a angústia nos sonhos pode ser de natureza psiconeurótica: pode originar-se de excitações psicosexuais — caso em que a angústia corresponde à libido recalcada. Quando isso ocorre, a angústia, como a totalidade do sonho de angústia, tem a significação de um sintoma neurótico, e nos aproximamos do limite em que a finalidade de realização de desejo dos sonhos cai por terra. [Ver em [1] e [2]] Mas há alguns sonhos de angústias [— os do primeiro grupo —] em que o sentimento de

angústia é somaticamente determinado — quando, por exemplo, dá-se uma dificuldade de respiração devida a doenças pulmonares ou cardíacas; — e, em tais casos, a angústia é explorada a fim de contribuir para a realização, sob a forma de sonhos, de desejos energicamente suprimidos, que se fossem sonhados por motivos *psíquicos*, levariam a uma libertação semelhante de angústia. Mas não há dificuldade em conciliar esses dois grupos aparentemente diferentes. Em ambos os grupos de sonhos, há dois fatores psíquicos envolvidos: uma inclinação para um afeto e um conteúdo de representações; e estes se relacionam intimamente entre si. Quando um deles está correntemente ativo, evoca o outro, mesmo num sonho; num dos casos, a angústia somaticamente determinada evoca o conteúdo de representações suprimindo, e no outro o conteúdo de representações, com sua concomitante excitação sexual, livre de repressão, evoca uma liberação de angústia. Podemos dizer que, no primeiro caso, um afeto somaticamente determinado recebe uma interpretação psíquica; ao passo que, no outro caso, embora o todo seja psiquicamente determinado, o conteúdo que fora suprimido é facilmente substituído por uma interpretação somática apropriada à angústia. As dificuldades que tudo isso oferece à nossa compreensão pouco têm a ver com os sonhos: surgem do fato de estarmos aqui tocando no problema da produção da angústia e no problema do recalçamento.

Não há dúvida de que a cenestesia física [ou sensibilidade geral difusa, ver em [1]] está entre os estímulos somáticos internos capazes de ditar o conteúdo dos sonhos. Ela pode fazer isso, não no sentido de poder proporcionar o conteúdo do sonho, mas no sentido de ser capaz de impor aos pensamentos oníricos uma escolha do material a ser representado no conteúdo, ao destacar parte do material como sendo adequado à sua própria natureza e reter uma outra parte. Afora isso, aos resíduos psíquicos que têm influência tão importante nos sonhos. Essa disposição geral pode persistir inalterada no sonho ou pode ser dominada, e assim, caso seja desprazerosa, pode ser transformada em seu oposto.

Portanto, em minha opinião, as fontes somáticas de estimulação durante o sono (isto é, as sensações durante o sono), a menos que sejam de intensidade incomum, desempenham na formação dos sonhos papel semelhante ao desempenhado pelas impressões recentes, mas irrelevantes, deixadas pelo dia anterior. Ou seja, creio que elas são introduzidas para ajudar na formação de um sonho caso se ajustem apropriadamente ao conteúdo de representações derivado das fontes psíquicas do sonho, mas não de outra

forma. São tratadas como um material barato e sempre à mão, que é empregado sempre que necessário, em contraste com um material precioso que determina, ele próprio, o modo como deverá ser empregado. Quando, para adotar um símile, um patrono das artes leva a um artista uma pedra rara, como um pedaço de ônix, e lhe pede que crie uma obra de arte com ela, o tamanho da pedra, sua cor e suas marcas ajudam a decidir que cabeça ou que cena será nela representada. Ao passo que, no caso de um material uniforme e abundante, tal como o mármore ou o arenito, o artista simplesmente segue uma idéia que se apresente em sua própria mente. É só dessa maneira, ao que me parece, que podemos explicar o fato de o conteúdo onírico proporcionado por estímulos somáticos de intensidade não incomum deixar de aparecer em todos os sonhos ou todas as noites. [Ver em [1].]

Talvez eu possa ilustrar melhor o que quero dizer com um exemplo, que além disso reconduzirá à interpretação do sonho.

Um dia, eu vinha tentando descobrir qual poderia ser o significado das sensações de estar inibido, de estar grudado no lugar, de não poder fazer alguma coisa, e assim por diante, que ocorrem com tanta freqüência nos sonhos e se relacionam tão de perto com os sentimentos de angústia. Naquela noite, tive o seguinte sonho:

Eu estava vestido de forma muito incompleta e subia as escadas de um apartamento térreo para um andar mais alto. Subia três degraus de cada vez e estava encantado com minha agilidade. De repente, vi uma criada descendo as escadas — isto é, vindo em minha direção. Fiquei envergonhado e tentei apressar-me, e neste ponto instalou-se a sensação de estar inibido: eu estava colado aos degraus e incapaz de sair do lugar.

ANÁLISE. — A situação do sonho é extraída da realidade cotidiana. Ocupo dois pavimentos de uma casa em Viena, que se ligam apenas pela escada pública. Meu consultório e meu gabinete ficam no primeiro andar, e minhas acomodações domésticas, um pavimento acima. Quando, tarde da noite, termino meu trabalho, no andar inferior, subo as escadas para meu quarto. Na noite anterior à do sonho, eu realmente fizera um pequeno trajeto com a roupa meio desalinhada — isto é, tinha retirado o colarinho, a gravata e os punhos. No sonho, isso tinha sido transformado num grau maior de desalinho, mas, como sempre, indeterminado. [Ver em [1]] Geralmente, subo as escadas de dois em dois ou de três em três degraus; e isto foi reconhecido no próprio sonho como uma realização de desejo: a facilidade com que eu conseguia isso me tranquilizava quanto ao funcionamento do meu coração. Ademais, esse método de subir escadas fora um contraste efetivo com a inibição da

segunda metade do sonho. Mostrou-me — o que não precisava de comprovação — que os sonhos não encontram nenhuma dificuldade em representar atos motores realizados com perfeição. (Basta recordarmos os sonhos de estar voando.)

As escadas que eu subia, no entanto, não eram as de minha casa. De início, deixei de percebê-lo, e somente a identidade da pessoa que encontrei esclareceu-me qual era o local pretendido. Essa pessoa era a criada da senhora que eu visitava duas vezes ao dia a fim de lhe aplicar injeções [ver em [1]]; e as escadas eram também exatamente como as de sua casa, que eu tinha de subir duas vezes por dia.

Ora, como entraram em meu sonho essas escadas e essa figura feminina? O sentimento de vergonha por não estar completamente vestido é, sem dúvida, de natureza sexual; mas a criada com quem sonhei era mais velha do que eu, era grosseira e estava longe de ser atraente. A única resposta que me ocorreu para o problema foi esta: quando fazia minhas visitas matutinas a essa casa, eu costumava, em geral, ser tomado por um desejo de tossir ao subir a escadaria, e o produto de minha expectoração caía na escada, pois em nenhum dos pavimentos havia uma escarradeira; e a idéia que eu tinha era que a limpeza das escadas não deveria ser mantida à minha custa, e sim possibilitada pela instalação de uma escarradeira. A zeladora, uma mulher igualmente idosa e grosseira (mas com instintos de limpeza, como eu estava pronto a admitir), encarava a questão de modo diferente. Ela ficava à minha espera para ver se mais uma vez eu me serviria livremente da escada e, quando constatava que eu o fizera, eu costumava ouvi-la resmungar em tom audível; e por vários dias depois disso, ela omitia o cumprimento habitual quando nos encontrávamos. Na véspera do sonho, o grupo de zeladoria recebera reforço sob a forma da criada. Como sempre, eu havia concluído minha rápida visita à paciente, quando a criada me interceptou no saguão e observou: “O senhor podia ter limpado os sapatos, doutor, antes de entrar na sala hoje. O senhor tornou a sujar todo o tapete vermelho com os pés.” Esta era a única razão para o aparecimento da escadaria e da criada em meu sonho.

Havia uma conexão interna entre subir as escadas correndo e cuspir nos degraus. Tanto a faringite como os problemas cardíacos são considerados castigos pelo vício do fumo. E, em virtude desse hábito, minha reputação de zelo não era das melhores em minha própria casa, quanto mais na outra; por isso as duas se fundiram no sonho.

Devo aplicar a continuação de minha interpretação deste sonho até que possa explicar a origem do sonho típico de estar incompletamente vestido. Assinalei apenas, como

conclusão provisória a ser tirada do presente sonho, que uma sensação de movimento inibido nos sonhos é produzida sempre que o contexto específico a requer. A causa dessa parte do conteúdo do sonho não pode ter sido a ocorrência de alguma modificação especial em meus poderes de movimentação durante o sono, já que apenas um momento antes eu me vira (quase como que para confirmar esse fato) subindo agilmente os degraus.

(D) SONHOS TÍPICOS

Em geral, não estamos em condições de interpretar um sonho de outra pessoa, a menos que ela se disponha a nos comunicar os pensamentos inconscientes que estão por trás do conteúdo do sonho. A aplicabilidade prática de nosso método de interpretar sonhos fica, por conseguinte, severamente restrita. Vimos que, como regra geral, cada pessoa tem liberdade de construir seu mundo onírico segundo suas peculiaridades individuais e assim torná-lo ininteligível para outras pessoas. Parece agora, contudo, que, em completo contraste com isto, há um certo número de sonhos que quase todo o mundo tem da mesma forma e que estamos acostumados a presumir que tenham o mesmo sentido para todos. Além disso, há um interesse especial ligado a esses sonhos típicos porque, presumivelmente, eles decorrem das mesmas fontes em todos os casos e, assim, parecem particularmente aptos a esclarecer as fontes dos sonhos.

É, portanto, com expectativas muito particulares que tentaremos aplicar nossa técnica de interpretação de sonhos típicos; e é com grande relutância que temos de confessar que nossa arte desaponta nossas expectativas precisamente em relação a esse material. Ao tentarmos interpretar um sonho típico, o sonhador, em geral, deixa de produzir as associações que em outros casos nos levariam a compreendê-lo, ou então suas associações tornam-se obscuras e insuficientes, de modo que não conseguimos resolver nosso problema com sua ajuda. Veremos, numa parte posterior deste trabalho [Seção E do Capítulo VI, em [1]], por que isso se dá e como podemos compensar esse defeito em nossa técnica. Meus leitores também descobrirão o motivo por que, neste ponto, só posso abordar alguns membros do grupo de sonhos típicos e preciso adiar meu exame dos demais até esse ponto ulterior de minha análise. [Ver em [1]][2]]

(D1) SONHOS EMBARAÇOSOS DE ESTAR DESPIDO

Os sonhos de estar nu ou insuficientemente vestido na presença de estranhos ocorre, por vezes, com a característica adicional de haver completa ausência de um sentimento como o de vergonha por parte do sonhador. Interessam-nos aqui, entretanto, apenas os sonhos de estar nu em que de fato se *sente* vergonha e embaraço e se faz uma tentativa de fugir ou esconder-se, sendo-se então dominado por uma estranha inibição que impede os movimentos e faz o sujeito sentir-se incapaz de alterar sua constrangedora situação. Somente com este acompanhamento é que o sonho é típico; sem ele, a essência de seu tema pode ser incluída em todas as variedades de contexto ou pode ser adornada com acompanhamentos individuais. Sua essência [em sua forma típica] está num sentimento aflitivo da ordem da vergonha e no fato de que se deseja ocultar a nudez, em geral pela locomoção, mas se constata estar impossibilitado de fazê-lo. Creio que a grande maioria de meus leitores já terá estado nessa situação em sonho.

A natureza do desalinho envolvido, usualmente, está longe de ser clara. O sonhador pode dizer “eu estava de camisola”, mas esta raramente é uma imagem nítida. O tipo de desalinho costuma ser tão vago que a descrição se expressa como uma alternativa: “Eu estava de camisola ou de anágua.” Em geral, a falha na toalete do sonhador não é tão grave que pareça justificar a vergonha a que dá origem. No caso de um homem que tenha usado o uniforme do Imperador, a nudez é freqüentemente substituída por alguma quebra do regulamento sobre os uniformes: “eu caminhava pela rua sem meu sabre e vi alguns oficiais vindo em minha direção”, ou “Eu estava sem a gravata”, ou ainda, “Eu estava usando calças civis” e assim por diante.

As pessoas em cuja presença o sonhador sente vergonha são quase sempre estranhos, com traços indeterminados. No sonho típico, nunca se dá o caso de a roupa que causa tanto embaraço suscitar objeções ou sequer ser percebida pelos espectadores. Ao contrário, elas adotam expressões faciais indiferentes ou (como observei num sonho particularmente claro) solenes e tensas. Este é um ponto sugestivo.

O embaraço do sonhador e a indiferença dos espectadores oferecem-nos, quando vistos em conjunto, uma daquelas contradições tão comuns nos sonhos. Afinal de contas, estaria mais de acordo com os sentimentos do sonhador que os estranhos o olhassem com assombro e escárnio ou com indignação. Mas essa característica objetável da situação foi, a meu ver, descartada pela realização do desejo, enquanto alguma força conduziu à retenção

das demais características; e duas partes do sonho ficam, conseqüentemente, em desarmonia uma com a outra. Possuímos uma prova interessante de que o sonho, na forma em que aparece — parcialmente distorcido pela realização do desejo —, não foi corretamente entendido. Pois ele se tornou a base de um conto de fadas com que todos estamos familiarizados na versão de Hans Andersen — *A Roupa Nova do Imperador* —, e que foi recentemente posto em versos por Ludwig Fulda em seu [“conto de fadas dramático”] *O Talismã*. O conto de Hans Andersen relata-nos como dois impostores tecem para o Imperador um traje dispendioso que, segundo eles, só seria visível para as pessoas de virtude e lealdade. O Imperador sai com essa vestimenta invisível e todos os espectadores, intimados pelo poder do tecido de atuar como uma pedra de toque, fingem não notar a nudez do Imperador.

É esta exatamente a situação de nosso sonho. Não chega a ser precipitado presumir que a ininteligibilidade do conteúdo do sonho, tal como ele existe na lembrança, o tenha levado a ser remodelado sob uma forma destinada a dar sentido à situação. Essa situação, todavia, é privada no processo de seu significado original e empregada em usos diferentes. Mas, como veremos adiante, é comum ao pensamento consciente de um segundo sistema psíquico compreender mal o conteúdo de um sonho dessa maneira, e esse mal-entendido deve ser considerado um dos fatores na determinação da forma final assumida pelos sonhos. Ademais, veremos que mal-entendidos semelhantes (que ocorrem, mais uma vez, dentro de uma mesma personalidade psíquica) desempenham papel preponderante na construção das obsessões e fobias.

No caso de nosso sonho, estamos em condições de indicar o material em que se baseia a má interpretação. O impostor é o sonho e o Imperador é o próprio sonhador; o propósito moralizador do sonho revela um conhecimento obscuro do fato de que o conteúdo onírico latente diz respeito a desejos proibidos que foram vítimas do recalçamento. Pois o contexto em que esse tipo de sonhos aparece durante minhas análises de neuróticos não deixa dúvida de que eles se baseiam em lembranças da mais tenra infância. Somente na nossa infância é que somos vistos em trajes inadequados, tanto por membros de nossa família como por estranhos — babás, criadas e visitas; e é só então que não sentimos vergonha de nossa nudez. Podemos observar como o despir-se tem um efeito quase excitante em muitas crianças, mesmo em seus anos posteriores, em vez de fazê-las sentir-se

envergonhadas. Elas riem, pulam e se dão palmadas, enquanto a mãe ou quem quer que esteja presente as reprovava e diz: “Uh, que escândalo! Vocês nunca devem fazer isso!” As crianças freqüentemente manifestam um desejo de se exibirem. É difícil passarmos por um vilarejo do interior em nossa parte do mundo sem encontrarmos um criança de dois ou três anos levantando a camisinha diante de nós — em nossa homenagem, talvez. Um de meus pacientes guarda uma lembrança consciente de uma cena de seus oito anos quando, na hora de dormir, quis ir dançar no quarto ao lado — onde dormia sua irmãzinha —, vestindo seu camisão, mas foi impedido por sua babá. Na história da mais tenra infância dos neuróticos, um importante papel é desempenhado pela exposição a crianças do sexo oposto; na paranóia, os delírios de estar sendo observado ao vestir-se e despir-se encontram sua origem nesse tipo de experiências, ao passo que, entre as pessoas que permanecerem no estágio da perversão, há uma categoria na qual esse impulso infantil alcança o nível de um sintoma — a categoria dos “exibicionistas”.

Quando voltamos os olhos para esse período isento de vergonha na infância, ele nos parece um paraíso; e o próprio Paraíso nada mais é do que uma fantasia grupal da infância do indivíduo. Por isso é que a humanidade vivia nua no Paraíso, sem que um sentisse vergonha na presença do outro; até que chegou um momento em que a vergonha e a angústia despertaram, seguiu-se a expulsão e tiveram início a vida sexual e as tarefas da atividade cultural. Mas podemos reconquistar esse Paraíso todas as noites em nossos sonhos. Já expressei [em [1]] a suspeita de que as impressões da primeira infância (isto é, desde a época pré-histórica até aproximadamente o final do terceiro ano de vida) lutam por alcançar sua reprodução, por sua própria natureza independente, talvez, de seu conteúdo real, e que sua repetição constitui a realização de um desejo. Portanto, os sonhos de estar despido são sonhos de exibição.

O núcleo de um sonho de exibição situa-se na figura do próprio sonhador (não como era em criança, mas tal como aparece no presente) e em seu traje inadequado (que emerge indistintamente, seja em virtude de camadas superpostas de inúmeras lembranças posteriores de estar desalinhado, seja como decorrência da censura). Acrescentaram-se a isso as figuras das pessoas em cuja presença o sonhador se sente envergonhado. Não sei de nenhum caso em que os espectadores reais da cena infantil de exibição tenham aparecido no sonho; o sonho raramente é uma lembrança simples. Curiosamente, as pessoas a quem era dirigido nosso interesse sexual na infância são omitidas de todas as

reproduções que ocorrem nos sonhos, na histeria e na neurose obsessiva. É só na paranóia que esses espectadores reaparecem e, embora permaneçam invisíveis, sua presença é inferida com uma convicção fanática. O que toma o lugar deles nos sonhos — “uma porção de estranhos” que não prestam a menor atenção ao espetáculo oferecido — não é nada mais, nada menos, do que o contrário imaginário do único indivíduo conhecido diante de quem o sonhador se expunha. Aliás, “uma porção de estranhos” aparece com frequência nos sonhos em muitos outros contextos, representando sempre o oposto imaginário do “sigilo”. É de se observar que, até na paranóia, quando se restaura o estado de coisas original, essa inversão no oposto é observada. O sujeito sente que já não está sozinho, não tem nenhuma dúvida de estar sendo observado, mas os observadores são “uma porção de estranhos” cuja identidade permanece curiosamente vaga.

Além disso, o recalçamento desempenha um papel nos sonhos de exibição, pois a aflição experimentada nesses sonhos é uma reação, por parte do segundo sistema, ao fato de o conteúdo da cena de exibição ter encontrado expressão a despeito do veto imposto a ele. Para que se evitasse a aflição, a cena nunca deveria ser revivida.

Voltaremos posteriormente [em [1]] à sensação de estar inibido. Ela serve admiravelmente, nos sonhos, para representar um conflito da vontade ou uma negativa. O objetivo inconsciente requer que a exibição continue; a censura exige que ela cesse.

Não há dúvida de que os vínculos entre nossos sonhos típicos, os contos de fadas e o material de outros tipos de literatura criativa não são pouco nem acidentais. Por vezes acontece que o olhar penetrante de um escritor criativo tenha uma compreensão analítica do processo de transformação do qual ele não costuma ser mais do que o instrumento. Quando isso se dá, ele pode seguir o processo em sentido inverso e, desse modo, identificar a origem do texto imaginativo num sonho. Um de meus amigos chamou-me a atenção para a seguinte passagem de *Der grüne Heinrich*, de Gottfried Keller [Parte III, Capítulo 2]: “Espero, meu caro Lee, que você jamais aprenda por experiência própria a verdade peculiar e *maliciosa* dos apuros de Ulisses quando apareceu, nu e coberto de lama, diante dos sonhos de Nausícaa e suas servas! Devo eu dizer-lhe como isso pode acontecer? Vejamos o nosso exemplo. Se você estiver vagando por terras estranhas, longe de sua pátria e de tudo que lhe é caro, se tiver visto e ouvido muitas coisas, conhecido a tristeza e a inquietação, e se sentir desolado e desesperançado, então infalivelmente sonhará, uma noite, que está se

aproximando de casa; você a verá resplandecente e iluminada nas mais vivas cores, e as mais doces, mais caras e mais amadas formas se encaminharão oem sua direção. Então, subitamente, você perceberá que está em trapos, nu e empoeirado. Será tomado de indizível vergonha e terror, tentará encontrar abrigo e se esconder, e acordará banhado em suor. Este, enquanto respirarem os homens será o sonho do viajante infeliz; e Homero evocou a imagem de seus apuros da mais profunda e eterna natureza do homem.”

A mais profunda e eterna natureza do homem, em cuja evocação nos seus ouvintes o poeta está acostumado a confiar, reside nos impulsos da mente que têm suas raízes numa infância que desde então se tornou pré-histórica. Os desejos suprimidos e proibidos da infância irrompem no sonho por trás dos desejos irrepreensíveis do exilado que são capazes de penetrar na consciência; e é pior isso que o sonho que encontra expressão concreta na lenda de Nausícaa termina, de hábito, com um sonho de angústia.

Meu próprio sonho (registrado em [1]) de correr escada acima e de logo depois sentir-me colado aos degraus foi igualmente um sonho de exibição, já que traz as marcas essenciais desses sonhos. Deve ser possível, portanto, buscar sua origem em experiências ocorridas durante minha infância, e se estas puderam ser descobertas, elas nos possibilitarão julgar até que ponto o comportamento da criada em relação a mim — sua acusação de eu ter sujado o tapete — contribuiu para dar-lhe seu lugar em meu sonho. Casualmente, posso fornecer os pormenores necessários. Numa psicanálise, aprende-se a interpretar a proximidade temporal como representativa de um vínculo temático. [Ver em [1].] Duas idéias que ocorrem em seqüência imediata e sem qualquer conexão aparente são, de fato, parte de uma só unidade que tem de ser descoberta, exatamente do mesmo modo que, seu eu escrever seqüencialmente um “a” e um “b”, eles terão de ser pronunciados como uma única sílaba, “ab”. O mesmo se aplica aos sonhos. O sonho da escadaria a que me referi foi um de uma série. Como esse sonho em particular estava cercado pelos demais, deveria estar versando sobre o mesmo assunto. Ora, esses outros sonhos baseavam-se na lembrança de uma babá a cujos cuidados estive entregue desde alguma data em minha mais tenra infância até os dois anos e meio. Chego até a guardar dela uma obscura lembrança consciente. Segundo o que me contou minha mãe há não muito tempo, ela era velha e feia, mas muito perspicaz e eficiente. Do que posso inferir de meus próprios sonhos, o tratamento que ela dispensava não era sempre excessivo em amabilidades, e suas palavras podiam ser

ríspidas se eu deixasse de atingir o padrão de limpeza exigido. E assim, a criada, uma vez que tomara a si a tarefa de dar prosseguimento a esse trabalho educacional, adquiriu o direito de ser tratada, em meu sonho, como uma reencarnação da velha babá pré-histórica. É razoável supor que o menino amasse a velha que lhe ensinava essas lições, apesar do tratamento ríspido que ela lhe dispensava. [1]

(D2) SONHOS SOBRE A MORTE DE PESSOAS QUERIDAS

Outro grupo de sonhos que podem ser qualificados de típicos são os que contêm a morte de um parente amado — por exemplo, de um dos pais, de um irmão ou irmã ou de um filho. Duas classes desses sonhos devem ser distinguidas de imediato: aqueles em que o sonhador não é afetado pela tristeza e, ao acordar, fica atônito ante sua falta de sentimentos, e aqueles em que o sonhador fica profundamente abalado com essa morte e pode até chorar amargamente durante o sono.

Não precisamos examinar os sonhos da primeira dessas classes, pois não há justificativa para que eles sejam considerados “típicos”. Se os analisarmos, veremos que têm um sentido diverso do sentido aparente e que se destinam a ocultar algum outro desejo. Assim foi o sonho da tia que viu o único filho da irmã deitado em seu caixão. (Ver em [1].) Aquilo não significava que ela desejasse ver o sobrinhozinho morto; como vimos, ocultava meramente o desejo de ver uma determinada pessoa que ela um dia encontrara, depois de um intervalo similarmente longo, junto ao caixão de um outro sobrinho. Esse desejo, que foi o verdadeiro conteúdo do sonho, não dava margem à tristeza e, por conseguinte, nenhuma tristeza foi sentida no sonho. Convém notar que o afeto vivenciado no sonho pertence a seu conteúdo latente, e não ao conteúdo manifesto, e que o conteúdo *afetivo* do sonho permaneceu intocado pela distorção que se apoderou de seu conteúdo de *representações*.

Muito diferentes são os sonhos da outra classe — aqueles em que o sonhador imagina a morte de um ente querido e fica, ao mesmo tempo, dolorosamente afetado. O sentido desses sonhos, como indica seu conteúdo, é um desejo de que a pessoa em questão venha a morrer. E, como devo esperar que os sentimentos de todos os meus leitores e os de quaisquer outras pessoas que tenham tido sonhos similares se rebelem contra minha afirmativa, devo tentar fundamentar minhas provas disso na mais ampla base possível.

Já examinei um sonho que nos ensinou que os desejos representados nos sonhos como realizados nem sempre são desejos atuais. Podem também ser desejos do passado, que foram abandonados, recobertos por outros e recalçados, e aos quais temos de atribuir uma espécie de existência prolongada apenas em função de sua reemergência num sonho. Eles não estão mortos em nosso sentido da palavra, mas são apenas como as sombras da Odisséia, que despertavam para alguma espécie de vida tão logo provavam sangue. No sonho da criança morta na “caixa” (em [1]-[2]), o que estava em jogo era um desejo que fora imediato quinze anos antes, e que foi francamente admitido como existente naquela época. Posso acrescentar — e talvez isso não deixe de ter uma relação com a teoria dos sonhos — que mesmo por trás desse desejo havia uma lembrança da mais remota infância da sonhadora. Quando era pequenina — a data exata não pôde ser fixada com certeza —, ela ouviu dizer que sua mãe caíra em profunda depressão durante a gravidez da qual ela foi o fruto, e que havia desejado ardentemente que a criança que trazia no ventre pudesse morrer. Quando a própria sonhadora cresceu e engravidou, simplesmente seguiu o exemplo da mãe.

Quando alguém sonha, com todos os sinais de dor, que seu pai, mãe, irmãos ou irmã morreu, eu jamais usaria esse sonho como prova de que ele deseja a morte dessa pessoa *no presente*. A teoria dos sonhos não exige tanto assim; ela se satisfaz com a inferência de que essa morte foi desejada numa outra ocasião durante a infância do sonhador. Temo, porém, que essa ressalva não apazigüe os opositores; eles negarão qualquer possibilidade de terem *jamais* nutrido essa idéia, com a mesma energia com que insistem em que não abrigam nenhum desejo dessa natureza agora. Devo, por isso, reconstruir parte da vida mental desaparecida das crianças com base na evidência do presente.

Consideremos, primeiro, a relação das crianças com seus irmãos e irmãs. Não sei por que pressupomos que essa relação deva ser amorosa, pois os exemplos de hostilidade entre irmãos e irmãs adultos impõe-se à experiência de todos, e é freqüente podermos estabelecer o ato de que essa desunião se originou na infância ou sempre existiu. Mas é também verdade que inúmeros adultos, que mantêm relações afetuosas com seus irmãos e irmãs e estão prontos a apoiá-los hoje, passaram sua infância em relações quase ininterruptas de inimizade com eles. O filho mais velho maltrata o mais novo, fala mal dele e rouba-lhe os brinquedos, ao passo que o mais novo se consome num ódio impotente contra o mais velho, a quem inveja e teme, ou enfrenta seu opressor com os primeiros sinais do

amor à liberdade e com um senso de justiça. Seus pais queixam-se de que as crianças não se dão bem, mas não conseguem descobrir por quê. É fácil perceber que o caráter até mesmo de uma criança boa não é o que desejaríamos encontrar num adulto. As crianças são completamente egoístas; sentem suas necessidades intensamente e lutam de maneira impiedosa para satisfazê-las — especialmente contra os rivais, outras crianças, e, acima de qualquer outra coisa, contra seus irmãos e irmãs. Mas nem por isso chamamos uma criança de “má”: chamamo-la de “levada”; ela é mais responsável por seus malfeitos em nosso julgamento do que ante os olhos da lei. E é certo que seja assim, pois podemos esperar que, antes do fim do período que consideramos como infância, os impulsos altruístas e a moralidade despertem no pequenino egoísta e (para usar os termos de Meynert [por exemplo, 1892, em [1]]) um ego secundário se superponha ao primário e o iniba. É verdade, sem dúvida, que a moral não se instala simultaneamente ao longo de todo o processo e que a extensão da infância amoral varia nos diferentes indivíduos. Quando essa moral deixa de se desenvolver, gostamos de falar em “degeneração”, embora estejamos de fato diante de uma inibição do desenvolvimento. Depois de já ter sido recoberto pelo desenvolvimento posterior, o caráter primário pode ainda ser exposto, pelo menos em parte, nos casos de doença histérica. Há uma semelhança realmente impressionante entre o que se conhece como caráter histérico e o caráter de uma criança levada. A neurose obsessiva, ao contrário, corresponde a uma supermoralidade imposta como um peso de reforço aos primeiros sinais do caráter primário.

Muitas pessoas, portanto, que amam seus irmãos e irmãs e se sentiriam desoladas se eles morressem, abrigam desejos maléficos contra eles em seu inconsciente, datando de épocas anteriores; e estes são passíveis de se realizarem nos sonhos.

É de particular interesse, contudo, observar o comportamento das criancinhas de até dois ou três anos, ou um pouco mais velhas, para com seus irmãos e irmãs menores. Havia, por exemplo, o caso de uma criança que até então fora filha única; e eis que lhe dizem que a cegonha trouxe um novo bebê. Ela examina o recém-chegado de alto a baixo e declara decisivamente: “A cegonha pode levar ele embora de novo!” Sou seriamente de opinião que uma criança é capaz de fazer uma estimativa justa dos contratempos que terá de esperar nas mãos do pequeno estranho. Uma senhora conhecida minha, que hoje se dá muito bem com uma irmã quatro anos mais nova, contou-me que recebeu a notícia da chegada desta com a seguinte ressalva: “Mas mesmo assim não vou dar a ela minha boina vermelha.” Mesmo que

só mais tarde a criança venha a compreender a situação, sua hostilidade datará desse momento. Sei de um caso em que uma menininha de menos de três anos tentou estrangular um bebê em seu berço por achar que sua presença contínua não lhe fazia bem. As crianças nessa época da vida são capazes de ciúmes com diversos graus de intensidade e evidência. Do mesmo modo, na eventualidade de a irmãzinha de fato desaparecer após algum tempo, a criança mais velha verá toda a afeição da casa novamente concentrada nela. Se, depois disso, a cegonha trazer mais um outro bebê, é bastante lógico que o pequeno favorito alimente o desejo de que seu novo competidor tenha o mesmo destino do primeiro, para que ele próprio possa ser tão feliz quanto era originalmente e durante o intervalo. Normalmente, é claro, é essa atitude de uma criança para com o indefeso recém-nascido.

Os sentimentos hostis para com os irmãos e irmãs devem ser muito mais freqüentes na infância do que é capaz de perceber o olhar distraído do observador adulto.

No caso de meus próprios filhos, que surgiram uns aos outros em rápida sucessão, perdi a oportunidade de fazer esse tipo de observações; mas estou agora compensando essa negligência através da observação de um sobrinhozinho cuja dominação autocrática foi abalada, após uma duração de quinze meses, pelo aparecimento de um rival. É verdade que estou informado de que o rapazinho se comporta da maneira mais cavalheiresca para com sua irmãzinha, de que beija sua mão e a afaga; mas pude convencer-me de que, antes mesmo do final de seu segundo ano, ele se valeu de seus poderes de fala para criticar alguém a quem não podia deixar de considerar supérfluo. Sempre que a conversa se voltava para ela, ele costumava intervir e exclamar com petulância: “Muito f’acota, muito f’acota!” Durante os últimos meses, o crescimento da neném fez progressos suficientes para colocá-la fora do alcance desse motivo específico de desprezo, e o garotinho encontrou outra base para sua afirmação de que ela não merece tanta atenção assim: em todas as ocasiões propícias, ele chama atenção para o fato de que ela não tem dentes. Todos nos lembramos de como a filha mais velha de outra irmã minha, que era então uma menina de seis anos, passou meia hora insistindo junto a cada uma de suas tias, sucessivamente, para que concordassem com ela: “Lucie ainda não entende isso, não é?”, ficava a perguntar. Lucie era sua rival — dois anos e meio mais nova do que ela.

Em nenhuma de minhas pacientes, para citar um exemplo, deixei de esbarrar nesse sonho com a morte de um irmão ou de uma irmã, correspondendo a um aumento da hostilidade. Só encontrei uma única exceção, e foi fácil interpretá-la como uma confirmação

da regra. Numa ocasião, durante uma sessão analítica, explicava esse assunto a uma senhora, já que, em vista de seu sintoma, a discussão do tema me parecia relevante. Para meu assombro, ela respondeu nunca ter tido um desse sonhos. Entretanto, ocorreu-lhe outro sonho que, aparentemente, não tinha nenhuma relação com o assunto — um sonho que ela tivera primeira vez quando estava com quatro anos e era ainda a caçula da família, e que havia sonhado repetidamente desde então: “*Uma multidão de crianças — todas suas irmãs e irmãos, e primos de ambos os sexos — brincava ruidosamente num campo. De repente, todas criaram asas, voaram para longe e desapareceram.*” Ela não tinha nenhuma idéia do sentido desse sonho, mas não é difícil reconhecer que, em sua forma original, ele fora um sonho sobre a morte de todos os seus irmãos e irmãs, e só fora ligeiramente influenciado pela censura. Posso ousar sugerir a seguinte análise. Por ocasião da morte de um membro dessa multidão de crianças (nesse exemplo, os filhos de dois irmãos tinham sido criados juntos como uma só família), a sonhadora, que ainda não completara quatro anos na época, deve ter perguntado a algum adulto sensato o que acontecia com as crianças quando elas morriam. A resposta deve ter sido: “Elas criam asas e viram anjinhos.” No sonho que se seguiu a essa informação, todos os irmãos e irmãs da sonhadora tinham asas como pequenos anjos e — é este o ponto principal — voavam para longe. Nossa pequena antiacida ficou só, por mais estranho que isso parecesse: a única sobrevivente do grupo inteiro! É improvável que estejamos errados em supor que o fato de as crianças brincarem ruidosamente num *campo* antes de voarem para longe aponta para as borboletas. É como se a menina tivesse sido levada, pela mesma cadeia de idéias dos povos da Antiguidade, a imaginar a alma com asas de borboleta.

Neste ponto, alguém talvez interrompa: “Admitindo-se que as crianças tenham impulsos hostis em relação a seus irmãos e irmãs, como pode a mente de uma criança chegar a tal extremo de depravação, a ponto de desejar a *morte* de seus rivais ou de coleguinhas mais fortes do que ela, como se a pena de morte fosse a única punição para todos os crimes?” Quem quer que fale assim terá deixado de levar em conta que a idéia infantil de estar “morto” pouco tem em comum com a nossa, a não ser por essa palavra. As crianças nada sabem dos horrores da decomposição que as pessoas adultas acham tão difícil de tolerar, como é provado por todos os mitos de uma vida futura. O medo da morte não tem nenhum sentido para uma criança; daí ela brincar com a palavra terrível e usá-la como ameaça contra algum coleguinha: “Se você fizer isso de novo, você vai morrer, como

Franz!” Entrementes, a pobre mãe estremece e se lembra, talvez, de que a maior parte da raça humana não consegue sobreviver aos anos de infância. Foi efetivamente possível a um menino, que tinha mais de oito anos nessa época, dizer a sua mãe, ao voltar de uma visita ao Museu de História Natural: “Gosto tanto de você, Mamãe! Quando você morrer, vou mandar empalhá-la neste quarto, para poder ver você o tempo *todo*”. Como é pequena a semelhança entre a idéia que uma criança faz da morte e a nossa!

Para as crianças que, além disso, são poupadas da visão de cenas de sofrimento que precedem a morte, estar “morto” significa aproximadamente o mesmo que ter “ido embora” — ter deixado de incomodar os sobreviventes. A criança não estabelece nenhuma distinção quanto ao modo como essa ausência é provocada: se é devido a uma viagem, a uma demissão, a uma eparação ou à morte. Quando, durante a fase pré-histórica de uma criança, sua babá é despedida, e quando logo depois que sua mãe morre, esses dois eventos se sobrepõem numa série única em sua memória, como é revelado pela análise. Quando as pessoas estão ausentes, as crianças não sentem falta delas com grande intensidade; muitas mães aprenderam isso, para sua tristeza, quando, após ficarem longe de casa por algumas semanas nas férias de verão, são recebidas, na volta, com a notícia de que nem uma só vez os filhos perguntaram por Mamãe. Quando a mãe realmente viaja para “aquele país inexplorado de cujas fronteiras nenhum viajante regressa”, de início, parecem esquecê-la, e só depois é que começam a lembrar-se da mãe morta.

Assim, quando uma criança tem motivos para desejar a ausência de outra, nada há que a impeça de dar a seu desejo a forma da morte da outra criança. E a reação psíquica aos sonhos que contêm desejos de morte prova que, apesar do conteúdo diferente desses desejos no caso das crianças, eles são, não obstante, de uma maneira ou de outra, idênticos aos desejos expressos nos mesmos termos pelos adultos.

Mas, se os desejos de morte de uma criança contra seus irmãos e irmãs são explicados pelo egoísmo infantil que a faz considerá-los seus rivais, como iremos explicar seus desejos de morte contra seus pais, que a cercam de amor e suprem suas necessidades, e cuja preservação esse mesmo egoísmo deveria levá-la a desejar?

Uma solução para essa dificuldade é fornecida pela observação de que os sonhos com a morte de pais se aplicam com freqüência preponderante ao genitor do mesmo sexo do sonhador, isto é, que os homens sonham predominantemente com a morte do pai, e as mulheres, com a morte da mãe. Não posso afirmar que isso ocorra universalmente, mas a

preponderância no sentido que indiquei é tão evidente que precisa ser explicada por um fator de importância geral. Dito sem rodeios, é como se uma preferência sexual se fizesse sentir numa tenra idade: como se os meninos olhassem o pai, e as meninas a mãe como seus rivais no amor, rivais cuja eliminação não poderia deixar de trazer-lhes vantagens.

Antes que essa idéia seja rejeitada como monstruosa, é conveniente, também nesse caso, considerar as relações reais vigentes — desta vez, entre pais e filhos. Devemos distinguir entre o que os padrões culturais de devoção filial exigem dessa relação e o que a observação cotidiana mostra ser a realidade. Mais de uma causa de hostilidade se esconde na relação entre pais e filhos — uma relação que propicia as mais amplas oportunidades de surgimento de desejos que não podem passar pela censura.

Consideremos, primeiramente, a relação entre pai e filho. A sacralidade que atribuímos aos mandamentos explicitados no Decálogo tem toldado, penso eu, nossa capacidade de perceber os atos reais. Mal parecemos ousar observar que a maior parte da humanidade desobedece o Quinto Mandamento. Tanto nas camadas mais baixas como nos retratos mais elevados da sociedade humana, a devoção filial tem o hábito de ceder a outros interesses. As obscuras informações que nos são trazidas pela mitologia e pelas lendas das eras primitivas da sociedade humana fornecem-nos uma imagem desagradável do poder despótico do pai e da crueldade com que ele o usava. Cronos devorou seus filhos, tal como o javali devora as crias da javalina, enquanto Zeus castrou o pai, fazendo-se rei em seu lugar. Quanto mais irrestrita era a autoridade paterna na família antiga, mais precisava o filho, como seu sucessor predestinado, descobrir-se na posição de um inimigo, e mais impaciente devia ficar para tornar-se chefe, ele próprio, através da morte do pai. Mesmo em nossas famílias de classe média, os pais se inclinam, via de regra, a recusar a seus filhos a independência e os meios necessários para obtê-la, fomentando assim o crescimento do germe de hostilidade e que é inerente à sua relação. Um médico estará freqüentemente em condição de notar como a tristeza de um filho pela morte do pai não consegue suprimir sua satisfação por ter finalmente conquistado sua liberdade. Em nossa sociedade de hoje, os pais tendem a se agarrar desesperadamente ao que resta de uma *potestas patris familias* agora tristemente antiquada; e o autor que, como Ibsen, destaca em seu escritos a luta memorial entre pais e filhos pode ter certeza de produzir um efeito.

As causas de conflito entre filha e mãe surgem quando a filha começa a crescer e ansiar por liberdade sexual, mas se descobre sob a tutela da mãe, enquanto esta, por outro

lado, é advertida pelo crescimento da filha de que é chegado o momento em que ela própria deve abandonar suas apropriações à satisfação sexual.

Tudo isso fica patente aos olhos de todos. Mas não nos ajuda em nosso esforço de explicar os sonhos com a morte dos pais em pessoas cuja devoção a eles foi irrepreensivelmente estabelecida há muito tempo. As discussões precedentes, além disso, ter-nos-ão preparado para saber que o desejo de morte contra os pais remonta à primeira infância.

Essa suposição confirmada, com uma certeza que não deixa margem a dúvidas, no caso dos psiconeuróticos, quando sujeitos à análise. Com eles aprendemos que os desejos sexuais de uma criança — se é que, em seu estágio embrionário, eles mereçam ser chamados assim — despertam muito cedo, e que o primeiro amor da menina é por seu pai, enquanto os primeiros desejos infantis do menino são pela mãe. Por conseguinte, o pai se transforma num rival perturbador para o menino, e a mãe, para a menina; e já demonstrei, no caso dos irmãos e irmãs, com que facilidade esses sentimentos podem levar a um desejo de morte. Também os pais dão mostras, em geral, da parcialidade sexual: uma predileção natural costuma fazer com que o homem tenda a mimar excessivamente suas filhinhas, enquanto sua mulher toma o partido dos filhos homens, muito embora os dois, quando seu julgamento não é perturbado pela magia do sexo, mantenham uma rigorosa fiscalização sobre a educação dos filhos. A criança está perfeitamente ciente dessa parcialidade e se volta contra aquele de seus pais que se opõe a demonstrá-la. Ser amada por um adulto não traz para a criança apenas a satisfação de uma necessidade especial; significa igualmente que ele conseguirá o que quiser também em todos os demais aspectos. Assim, ele estará seguindo sua própria pulsão sexual e, ao mesmo tempo, conferindo um novo vigor à inclinação demonstrada por seus pais, se sua escolha entre eles coincidir com a deles.

Os sinais dessas preferências infantis, em sua maior parte, passam despercebidos; no entanto, alguns deles podem ser observados mesmo depois dos primeiros anos da infância. Uma menina de oito anos a quem conheço, quando sua mãe é chamada a se afastar da mesa, aproveita essa ocasião para proclamar-se sua sucessora: “Agora, *eu* vou ser a Mamãe. Você quer mais verduras, Karl? Então se sirva!” e assim por diante. Uma menina de quatro anos, particularmente dotada e esperta, em quem esse dado da psicologia infantil é especialmente visível, declarou com toda franqueza: Mamãe agora pode ir embora. Aí Papai vai ter que casar comigo e eu vou ser mulher dele.” O fato de tal desejo ocorrer

numa criança não é absolutamente incompatível com o estar ternamente ligada à mãe. Um menino a quem se permite que durma ao lado da mãe enquanto o pai está fora de casa, mas que tem de voltar para o quarto das crianças e para alguma pessoa de quem gosta muito menos tão logo o pai retorna, pode facilmente começar a formar um desejo de que o pai esteja *sempre* ausente, de modo que ele próprio possa conservar seu lugar ao lado da querida e adorável Mamãezinha. Uma maneira óbvia de concretizar esse desejo seria se o pai estivesse morto, pois a criança aprendeu uma coisa com a experiência — a saber, que as pessoas “mortas”, como o Vovô, estão sempre ausentes e nunca mais voltam.

Embora essas observações sobre crianças pequenas se ajustem perfeitamente à interpretação que propus, elas não transmitem uma convicção tão completa quanto a que é imposta ao médico pelas psicanálises de neuróticos adultos. No segundo caso, os sonhos do tipo que estamos considerando são introduzidos na análise num contexto tal que é impossível evitar interpretá-los como sonhos *de realização de desejos*.

Certo dia, uma de minhas pacientes se achava num estado aflito e choroso. “Nunca mais quero rever meus parentes”, disse ela; “eles devem achar que sou horrível.” Prosseguiu então, quase sem transição alguma, dizendo que se lembrava de um sonho, embora, naturalmente, não tivesse nenhuma idéia do que ele significava. Quando tinha quatro anos, ela sonhara que *um lince ou uma raposa estava andando no telhado; então alguma coisa caíra, ou ela havia caído; e depois, sua mãe fora levada para fora de casa, morta* — e ela chorou amargamente. Eu lhe disse que esse sonho devia significar que, quando criança, ela teria desejado ver a mãe morta, e devia ser por causa do sonho que ela achava que seus parentes deviam julgá-la horrível. Mal acabei de dizer isso, ela forneceu um material que lançou luz sobre o sonho. “Olho de lince” era um xingamento que lhe fora dirigido por um moleque de rua quando ela era muito pequena. Quando tinha três anos de idade, uma telha caíra na cabeça de sua mãe, fazendo-a sangrar abundantemente.

Tive certa vez a oportunidade de proceder a um estudo pormenorizado de uma jovem que passara por uma multiplicidade de condições psíquicas. Sua doença começou com um estado de excitação confusional durante o qual ela exibiu uma aversão toda especial pela mãe, batendo nela e tratando-a com grosseria toda vez que ela se aproximava de sua cama, ao passo que, nesse mesmo período, mostrava-se dócil e afetuosa para com uma irmã muitos anos mais velha que ela. Seguiu-se um estado em que ela ficou lúcida, mas um tanto apática e sofrendo de um sono muito agitado. Foi durante essa fase que comecei a

tratá-la e a analisar seus sonhos. Um imenso número desses sonhos dizia respeito, com maior ou menor grau de disfarce, à morte da mãe: numa ocasião, ela comparecia ao enterro de uma velha; noutra, ela e a irmã estavam sentadas à mesa, trajadas de luto. Não havia nenhuma dúvida quanto ao sentido desses sonhos. À medida que seu estado foi melhorando ainda mais, surgiram fobias histéricas. A mais torturante delas era o medo de que algo pudesse ter acontecido à sua mãe. A moça era obrigada a correr para casa, de onde quer que estivesse, para se convencer de que a mãe ainda estava viva. Este caso, considerado em conjunto com o que eu havia aprendido de outras fontes, foi muito instrutivo: exibia, traduzidos, por assim dizer, em diferentes línguas, os vários modos pelos quais o aparelho psíquico reagiu a uma mesma representação excitante. No estado confusional, no qual, segundo creio, a segunda instância psíquica foi dominada pela primeira, que é normalmente suprimida, sua hostilidade inconsciente para com a mãe encontrou uma poderosa expressão *motora*. Quando se instalou o estado mais calmo, reprimida a rebelião e restabelecido o domínio da censura, a única região acessível em que sua hostilidade poderia realizar o desejo da morte da mãe era a região do sonho. Quando um estado normal se estabeleceu ainda mais firmemente, levou à confirmação de sua preocupação exagerada com a mãe, como uma contra-reação histérica e um fenômeno defensivo. Em vista disso, já não é difícil compreender por que as moças histéricas são tantas vezes apegadas a suas mães com um afeto tão exagerado.

Numa outra ocasião, tive oportunidade de aceder a uma compreensão profunda da mente inconsciente de um rapaz cuja vida se tornara quase impossível em virtude de uma neurose obsessiva. Ele estava impossibilitado de sair à rua porque era torturado pelo medo de matar toda pessoa que encontrasse. Passava seus dias preparando um alibi para a eventualidade de ser acusado de um dos assassinatos cometidos na cidade. Desnecessário acrescentar que era um homem de moral e educação igualmente elevadas. A análise (que, aliás, o levou a recuperar-se) mostrou que a base dessa torturante obsessão era um impulso de assassinar seu pai extremamente severo. Esse impulso, para surpresa dele, fora conscientemente expressado quando ele tinha sete anos, mas se originara, é claro, numa fase muito anterior de sua infância. Após a penosa doença e a morte do pai, surgiram no paciente as auto-recriminações obsessivas — ele contava então 31 anos —, tomando a forma de uma fobia transferida para estranhos. Não se podia confiar, achava ele, em que

uma pessoa capaz de querer empurrar o próprio pai para o precipício, do alto de uma montanha, fosse respeitar as vidas daqueles com quem tivesse uma relação menos estreita; ele tinha toda a razão de se fechar em seu quarto. [1]

Em minha experiência, que já é extensa, o papel principal na vida mental de todas as crianças que depois se tornam psiconeuróticas é desempenhado por seus pais. Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época e que é tão importante na determinação dos sintomas da neurose posterior. Não é minha crença, todavia, que os psiconeuróticos difiram acentuadamente, nesse aspecto, dos outros seres humanos que permanecem normais — isto é, que eles sejam capazes de criar algo absolutamente novo e peculiar a eles próprios. É muito mais provável — e isto é confirmado por observações ocasionais de crianças normais —, que eles se diferenciem apenas por exibirem, numa escala ampliada, sentimentos de amor e ódio pelos pais, os quais ocorrem de maneira a menos óbvia e intensa nas mentes da maioria das crianças.

Essa descoberta é confirmada por uma lenda da Antiguidade clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome.

Édipo, filho de Laio, Rei de Tebas, e de Jocasta, foi enjeitado quando criança porque um oráculo advertira Laio de que a criança ainda por nascer seria o assassino de seu pai. A criança foi salva e cresceu como príncipe numa corte estrangeira, até que, em dúvida quanto a sua origem, também ele interrogou o oráculo e foi alertado para evitar sua cidade, já que estava predestinado a assassinar seu pai e receber sua mãe em casamento. Na estrada que o levava para longe do local que ele acreditara ser seu lar, encontrou-se com o Rei Laio e o matou numa súbita rixa. Em seguida dirigiu-se a Tebas e decifrou o enigma apresentado pela Esfinge que lhe barrava o caminho. Por gratidão, os tebanos fizeram-no rei e lhe deram a mão de Jocasta em casamento. Ele reinou por muito tempo com paz e honra, e aquela que, sem que ele o soubesse, era sua mãe, deu-lhe dois filhos e duas filhas. Por fim, então, irrompeu uma peste e os tebanos mais uma vez consultaram o oráculo. É nesse ponto que

se inicia a tragédia de Sófocles. Os mensageiros trazem de volta a resposta de que a peste cessará quando o assassino de Laio tiver sido expulso do país.

Mas ele, onde está ele? Onde se há de ler agora O desbotado registro dessa culpa de outrora?

A ação da peça não consiste em nada além do processo de revelação, com engenhosos adiamentos e sensação sempre crescente — um processo que pode ser comparado ao trabalho de uma psicanálise — de que o próprio Édipo é o assassino de Laio, mas também de que é o filho do homem assassinado e de Jocasta. Estarrecido ante o ato abominável que inadvertidamente perpetrara, Édipo cega a si próprio e abandona o lar. A predição do oráculo fora cumprida.

Oedipus Rex é o que se conhece como uma tragédia do destino. Diz-se que seu efeito trágico reside no contraste entre a suprema vontade dos deuses e as vãs tentativas da humanidade de escapar ao mal que a ameaça. A lição que, segundo se afirma, o espectador profundamente comovido deve extrair da tragédia é a submissão à vontade divina e o reconhecimento de sua própria impotência. Os dramaturgos modernos, por conseguinte, tentaram alcançar um efeito trágico semelhante, tecendo o mesmo contraste num enredo inventado por eles mesmos. Mas os espectadores ficaram a contemplar, impassíveis, enquanto uma praga ou um vaticínio oracular se realizava apesar de todos os esforços de algum homem inocente: as tragédias do destino posteriores falharam em seu efeito.

Se *Oedipus Rex* comove tanto uma platéia moderna quanto fazia com a platéia grega da época, a explicação só pode ser que seu efeito não está no contraste entre o destino e a vontade humana, mas deve ser procurado na natureza específica do material com que esse contraste é exemplificado. Deve haver algo que faz uma voz dentro de nós ficar pronta a reconhecer a força compulsiva do destino no *Oedipus*, ao passo que podemos descartar como meramente arbitrários os desígnios do tipo formulado em *die Ahnfrau* [de Grillparzer] ou em outras modernas tragédias do destino. E há realmente um fator dessa natureza envolvido na história do Rei Édipo. Seu destino comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso — porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele. É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que se verifica. O Rei Édipo, que assassinou

Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis. Contudo, mais afortunados que ele, entrementes conseguimos, na medida em que não nos tenhamos tornado psiconeuróticos, desprender nossos impulsos sexuais de nossas mães e esquecer nosso ciúme de nossos pais. Ali está alguém em quem esses desejos primevos de nossa infância foram realizados, e dele recuamos com toda a força do recalçamento pelo qual esses desejos, desde aquela época, foram contidos dentro de nós. Enquanto traz à luz, à medida que desvenda o passado, a culpa de Édipo, o poeta nos compele, ao mesmo tempo, a reconhecer nossa própria alma secreta, onde esses mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados. O contraste com que nos confronta o coro final —

Fitai de Édipo o horror,

Dele que o obscuro enigma desvendou, mais nobre e sapiente vencedor. Alto no céu sua 'estrela se acendeu, ansiada e irradiante de esplendor: Ei-lo que em mar de angústia submergiu, calcado sob a vaga em seu furor.

—tem o impacto de uma advertência a nós mesmos e a nosso orgulho, nós que, desde nossa infância, tornamo-nos tão sábios e tão poderosos ante nossos próprios olhos. Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos repugnantes à moral, que nos foram impostos pela Natureza; e após sua revelação, é bem possível que todos busquemos fechar os olhos às cenas de nossa infância.

Há uma indicação inconfundível no texto da própria tragédia de Sofocles, de que a lenda de Édipo brotou de algum material onírico primitivo que tinha como conteúdo a aflitiva perturbação da relação de uma criança com seus pais, em virtude dos primeiros sobressaltos da sexualidade. Num ponto em que Édipo, embora não tenha sido ainda esclarecido, começa a se sentir perturbado por sua recordação do oráculo, Jocasta o consola fazendo referência a um sonho que muitas pessoas têm, ainda que, na opinião dela, não tenha nenhuma sentido:

Muito homem desde outrora em sonhos tem deitado

Com aquela que o gerou. Menos se aborrece

Quem com tais presságios sua alma não perturba.

Hoje, tal como outrora, muitos homens sonham ter relações sexuais com suas mães, e mencionarm esse fato com indignação e assombro. Essa é claramente a chave da tragédia e o complemento do sonho de o pai do sonhador estar morto. A história de Édipo é a reação da imaginação a esses dois sonhos típicos. E, assim como esses sonhos, quando produzidos por adultos, são acompanhados por sentimentos de repulsa, também a lenda precisa incluir horror e autopunição. Sua modificação adicional se origina, mais uma vez, numa mal concebida elaboração secundária do material, que procurou explorá-la para fins teológicos. (Cf. o material onírico dos sonhos de exibição, em [1]) A tentativa de harmonizar a onipotência divina com a responsabilidade humana deve, naturalmente, falhar em relação a esse tema, tal como em relação a qualquer outro.

Outra das grandes criações da poesia trágica, o *Hamlet* de Shakespeare, tem suas raízes no mesmo solo que *Oedipus Rex*. Mas o tratamento modificado do mesmo material revela toda a diferença na vida mental dessas duas épocas, bastante separadas, da civilização: o avanço secular do recalçamento na vida emocional da espécie humana. No *Oedipus*, a fantasia infantil imaginária que subjaz ao texto é abertamente exposta e realizada, como o seria num sonho. Em *Hamlet* ela permanece recalcada; e — tal como no caso de uma neurose — só ficamos cientes de sua existência através de suas conseqüências inibidoras. Estranhamente, o efeito esmagador produzido por essa tragédia mais moderna revelou-se compatível com o fato de as pessoas permanecerem em completa ignorância quanto ao caráter do herói. A peça se alicerça nas hesitações de Hamlet em cumprir a tarefa de vingança que lhe é atribuída; mas seu texto não oferece nenhuma razão ou motivo para essas hesitações, e uma imensa variedade de tentativas de interpretá-las falhou na obtenção de qualquer resultado. Segundo a visão que se originou em Goethe e é ainda hoje predominante, Hamlet representa o tipo de homem cujo poder de ação direta é paralisado por um desenvolvimento excessivo do intelecto. (Ele está “amarelecido, com a palidez do pensamento”.) Segundo outra visão, o dramaturgo tentou retratar um caráter patologicamente indeciso, que poderia ser classificado de neurastênico. O enredo do drama nos mostra, contudo, que Hamlet está longe de ser representado como uma pessoa incapaz de adotar qualquer atitude. Vemo-lo fazer isso em duas ocasiões: primeiro, num súbito rompante de cólera, quando trespassa com a espada o curioso que escuta a conversa por trás da tapeçaria, e em segundo lugar, de maneira premeditada e até ardilosa, quando, com toda a insensibilidade de um príncipe da Renascença, envia os dois cortesãos à morte que

fora planejada para ele mesmo. O que é, então, que o impede de cumprir a tarefa imposta pelo fantasma do pai? A resposta, mais uma vez, está na natureza peculiar da tarefa. Hamlet é capaz de fazer qualquer coisa — salvo vingar-se do homem que eliminou seu pai e tomou o lugar deste junto a sua mãe, o homem que lhe mostra os desejos recalcados de sua própria infância realizados. Desse modo, o ódio que deveria impeli-lo à vingança é nele substituído por auto-recriminações, por escrúpulos de consciência que o fazem lembrar que ele próprio, literalmente, não é melhor do que o pecador a quem deve punir. Aqui traduzi em termos conscientes o que se destinava a permanecer inconsciente na mente de Hamlet; e, se alguém se inclinar a chamá-lo de histérico, só poderei aceitar esse fato como algo que está implícito em minha interpretação. A aversão pela sexualidade expressa por Hamlet em sua conversa com Ofélia ajusta-se muito bem a isto: a mesma aversão que iria apossar-se da mente do poeta em escala cada vez maior durante os anos que se seguiram, e que alcançou sua expressão máxima em *Timon de Atenas*. Pois, naturalmente, só pode ser a própria mente do poeta que nos confronta em Hamlet. Observo num livro sobre Shakespeare, de Georg Brandes (1896), uma declaração de que *Hamlet* foi escrito logo após a morte do pai de Shakespeare (em 1601), isto é, sob o impacto imediato de sua perda e, como bem podemos presumir, enquanto seus sentimentos infantis sobre o pai tinham sido recentemente revividos. Sabe-se também que o próprio filho de Shakespeare, que morreu em tenra idade, trazia o nome de “Hamnet”, que é idêntico a “Hamlet”. Assim como *Hamlet* versa sobre a relação entre um filho e seus pais, *Macbeth* (escrito aproximadamente no mesmo período) aborda o tema da falta de filhos. Entretanto, assim como todos os sintomas neuróticos e, no que tange a esse aspecto, todos os sonhos são passíveis de ser “superinterpretados”, e na verdade precisam sê-lo, se pretendermos compreendê-los na íntegra, também todos os textos genuinamente criativos são o produto de mais de um motivo único e mais de um único impulso na mente do poeta, e são passíveis de mais de uma interpretação. No que escrevi, tentei apenas interpretar a camada mais profunda dos impulsos anímicos do escritor criativo.

[1]

Não posso abandonar o tema dos sonhos típicos sobre a morte de parentes queridos sem acrescentar mais algumas palavras, para lançar luz sobre sua importância para a teoria dos sonhos em geral. Nesses sonhos, encontramos realizada a situação extremamente incomum de um pensamento onírico formado por um desejo recalcado que

foge inteiramente à censura e passa para o sonho sem modificação. Deve haver fatores especiais em ação para possibilitar esse fato, e creio que a ocorrência desses sonhos é facilitada por dois desses fatores. Em primeiro lugar, nenhum desejo parece mais distante de nós do que este: “não poderíamos nem *sonhar*” — assim acreditamos — em desejar uma coisa dessas. Por essa razão, a censura do sonho não está armada para enfrentar tal monstruosidade, da mesma forma que o código penal de Sólon não continha nenhuma punição para o parricídio. Em segundo lugar, nesse caso o desejo recalcado e insuspeitado coincide parcialmente, com extrema frequência, com um resíduo do dia anterior sob a forma de uma *preocupação* com a segurança da pessoa em questão. Essa preocupação só consegue penetrar no sonho valendo-se do desejo correspondente, enquanto o desejo pode disfarçar-se por trás da preocupação que se tornou ativa durante o dia. [ver em [1]] Podemos inclinar-nos a pensar que as coisas são mais simples do que isso e que o sujeito simplesmente dá continuidade, durante a noite e nos sonhos, àquilo que esteve revolvendo na mente durante o dia; nesse caso, porém, estaremos deixando os sonhos da morte de pessoas que são caras ao sonhador inteiramente no ar e sem qualquer ligação com nossa explicação dos sonhos em geral, e assim nos estaremos apegando, sem nenhuma necessidade, a um enigma perfeitamente passível de solução.

É também instrutivo considerar a relação desses sonhos com os sonhos de angústia. Nos sonhos que vimos examinando, um desejo recalcado encontrou um meio de fugir à censura — e à distorção que a censura implica. O resultado invariável disso é que se experimentam sentimentos dolorosos no sonho. Da mesma forma, os sonhos de angústia só ocorrem quando a censura é total ou parcialmente subjugada; e, por outro lado, a subjugação da censura é facilitada nos casos em que a angústia já foi produzida como uma sensação imediata decorrente de fontes somáticas. [Ver em [1]] Assim, podemos ver claramente a finalidade para a qual a censura exerce sua função e promove a distorção dos sonhos: ela o faz *para impedir a produção de angústia ou de outras formas de afeto aflitivo*.

Falei acima [em [1]-[2]] sobre o egoísmo da mente das crianças, e posso agora acrescentar, com a sugestão de uma possível ligação entre os dois fatos, que os sonhos têm a mesma característica. Todos eles são inteiramente egoístas: o ego amado aparece em todos eles, muito embora possa estar disfarçado. Os desejos que neles se realizam são invariavelmente desejos do ego, e, quando um sonho parece ter sido provocado por um

interesse altruísta, estamos apenas sendo enganados pelas aparências. Eis aqui algumas análises de exemplos que parecem contradizer essa afirmação.

I

Uma criança com menos de quatro anos de idade contou ter sonhado que *vira um prato enorme com um grande pedaço de carne assada e legumes. De repente, toda a carne foi comida — inteira e sem ser destrinchada. Ela não viu a pessoa que a comeu.*

Quem teria sido a pessoa desconhecida cujo suntuoso banquete de carne constitui o tema do sonho do menininho? Suas experiências durante o dia do sonho devem esclarecer-nos sobre o assunto. Por ordem médica, ele fora submetido a uma dieta de leite nos últimos dias. Na noite do dia do sonho ele se mostrara travesso e, como castigo, fora mandado para a cama sem jantar. Ele já havia passado por essa cura pela fome numa ocasião anterior e se portara com muita bravura. Sabia que não conseguiria nada, mas não se permitia demonstrar, nem mesmo por uma única palavra, que estava com fome. A educação já começara a surtir efeito nele: encontrou expressão em seu sonho, que exhibe o início da distorção onírica. Não há nenhuma dúvida de que a pessoa cujos desejos eram visados nessa generosa refeição — de carne, ainda por cima — era ele próprio. Mas, como sabia que isso não lhe era permitido, ele não se aventurou a sentar-se pessoalmente para desfrutar a refeição, como fazem as crianças famintas nos sonhos. (Cf. o sonho de minha filhinha Anna com os morangos, em [1]-[2].) A pessoa que se serviu da refeição permaneceu no anonimato.

II

Sonhei, certa noite, que via na vitrina de uma livraria um novo volume de uma das séries de monografias para conhecedores que tenho o hábito de comprar — monografias sobre grandes artistas, sobre história mundial, sobre cidades famosas etc. *A nova série era intitulada “Oradores Famosos” ou “Discursos”, e seu primeiro volume trazia o nome do Dr. Lecher.*

Quando vim a analisar isso, pareceu-me improvável que devesse preocupar-me, em meus sonhos, com a fama do Dr. Lecher, o orador ininterrupto do grupo dos obstrucionistas do Partido Nacionalista Alemão no Parlamento. O caso foi que, alguns dias antes, eu

recebera alguns pacientes novos para tratamento psicológico, e agora estava obrigado a falar durante dez ou doze horas todos os dias. Assim, eu próprio é que era o orador ininterrupto.

III

De outra feita, sonhei que um homem conhecido meu, que fazia parte do pessoal da Universidade, me dizia: “*Meu filho, o Míope.*” Seguiu-se então um diálogo constituído por curtas observações e réplicas. Depois disso, houve ainda um terceiro fragmento do sonho no qual figurávamos eu próprio e meus filhos. No que dizia respeito ao conteúdo latente do sonho, o Professor M. e seu filho eram testas-de-ferro — um mero anteparo para encobrir a mim e a meu filho mais velho. Terei de voltar a este sonho mais adiante, em virtude de outra de suas características. [Ver em [1]]

IV

O sonho que se segue constitui outro exemplo de sentimentos egoístas realmente baixos, ocultos por trás de uma preocupação afetiva.

Meu amigo Otto parecia doente. Seu rosto estava marrom e ele tinha olhos esbugalhados.

Otto é meu médico de família, e devo-lhe mais do que tenho esperança de algum dia poder retribuir: ele tem cuidado da saúde de meus filhos há muitos anos, tem tratado deles com êxito quando adoecem e, além disso, sempre que as circunstâncias lhe dão uma desculpa, tem-lhes dado presentes. [Ver em [1].] Ele nos visitara no dia do sonho, e minha mulher havia comentado que ele parecia fatigado e tenso. Naquela noite, tive meu sonho, que a apresentou com alguns dos sinais da doença de *Basedow* [de Graves]. Quem quer que interprete este sonho sem considerar minhas normas concluirá que eu estava preocupado com a saúde de meu amigo e que essa preocupação foi concretizada no sonho. Isso não apenas contradiria minha afirmação de que os sonhos são realizações de desejos, como também minha outra afirmação de que eles só são acessíveis a impulsos egoístas. Mas eu gostaria que alguém que interpretasse o sonho dessa forma tivesse a bondade de me explicar por que meus temores por Otto levaram à doença de Basedow — um diagnóstico para o qual sua aparência real não dá o menor fundamento. Minha análise, por

outro lado, trouxe à tona o seguinte material, oriundo de uma ocorrência de seis anos antes. Num grupinho que incluía o Professor R., seguíamos de carruagem em completa escuridão pela floresta de N., que ficava a algumas horas de viagem do lugar onde estávamos passando nossas férias de verão. O cocheiro, que não estava inteiramente sóbrio, lançou-nos, com veículo e tudo, num barranco, e foi apenas por sorte que todos escapamos ilesos. Fomos obrigados, contudo, a passar a noite numa estalagem vizinha, onde a notícia do acidente nos trouxe grande dose de solidariedade. Um cavalheiro com sinais inconfundíveis da doença de Basedow — aliás, exatamente como no sonho, apenas com a descoloração castanha da pele do rosto e os olhos esbugalhados, mas sem bócio — colocou-se à nossa inteira disposição e perguntou o que poderia fazer por nós. O Professor R. respondeu, à sua maneira incisiva: “Nada, a não ser me emprestar um camisolão de dormir.” Ao que o gentil cavalheiro retrucou: “Lamento, mas não posso fazer isso”, e deixou o aposento.

À medida que continuei com minha análise, ocorreu-me que Basedow era não só o nome de um médico, mas também o de um famoso educador. (Em meu estado de vigília eu já não me sentia tão seguro disso.) Mas meu amigo Otto era a pessoa a quem eu pedira que cuidasse da educação física de meus filhos, especialmente na época da puberdade (daí o camisolão de dormir), caso alguma coisa me acontecesse. Ao atribuir a meu amigo Otto, no sonho, os sintomas de nosso nobre auxiliador, eu estava evidentemente dizendo que, se alguma coisa me acontecesse, ele faria tão pouco pelas crianças quanto o Barão L. fizera naquela ocasião, apesar de suas amáveis ofertas de assistência. Isso parece ser prova suficiente do substrato egoísta do sonho.

Mas onde encontrar sua realização de desejo? Não em eu me vingar de meu amigo Otto, cujo destino parece ser o de sofrer maus-tratos em meus sonhos, mas na consideração seguinte. Ao mesmo tempo que, no sonho, representei Otto como o Barão L., identifiquei-me com outra pessoa, a saber, o Professor R., pois, assim como na história, R. fizera um pedido ao Barão L., eu também fizera um pedido a Otto. E esta é a questão. O Professor R., com quem eu realmente não me arriscaria a me comparar à maneira comum, assemelhava-se a mim no sentido de ter seguido um rumo independente fora do mundo acadêmico, e só obtivera seu merecido título na velhice. Assim, mais uma vez, eu estava querendo ser Professor! De fato, as próprias palavras “na velhice” eram uma realização de desejo, pois implicavam que eu viveria o bastante para ver meus filhos atravessarem a época da puberdade. [1]

(D3) OUTROS SONHOS TÍPICOS

Não tenho nenhuma experiência própria de outras espécies de sonhos típicos, nas quais o sonhador se descobre voando em pleno ar, com o acompanhamento de sensações agradáveis, ou se vê caindo, com sensações de angústia; e o que quer que tenha a dizer sobre o assunto se origina de psicanálise. As informações proporcionadas por estas últimas forçam-me a concluir que também esses sonhos reproduzem impressões da infância; isto é, eles se relacionam com jogos que envolvem movimento, que são extraordinariamente atraentes para as crianças. Não existe um único tio que não tenha mostrado a uma criança como voar, precipitando-se pela sala com ela nos braços estendidos, ou que não tenha brincado de deixá-la cair, balançando-a nos joelhos e de repente esticando as pernas, ou levantando-a bem alto e então fingindo que vai deixá-la cair. As crianças se deliciam com tais experiências e nunca se cansam de pedir que elas sejam repetidas, especialmente se houver nelas algo que provoque um pequeno susto ou uma tontura. Anos depois, elas repetem essas experiências nos sonhos; nestes, porém, elas deixam de fora as mãos que as sustentam, de modo que flutuam ou caem sem apoio. O prazer que as crianças pequenas experimentam nas brincadeiras desse tipo (bem como nos balanços e gangorras) é bem conhecido, e quando elas passam a ver façanhas acrobáticas num circo, sua lembrança de tais brincadeiras é revivida. Os ataques histéricos nos meninos às vezes consistem meramente em reproduções de façanhas dessa espécie, executadas com grande habilidade. Não é incomum que esses jogos de movimento, embora inocentes em si, dêem lugar a sensações sexuais. As “travessuras”[“*Hetzen*”] infantis, se é que posso empregar uma palavra que comumente descreve todas essas atividades, são o que se repete nos sonhos de voar, cair, sentir tonteiras e assim por diante, enquanto as sensações prazerosas ligadas a essas experiências são transformadas em angústia. Com bastante frequência, porém, como toda mãe sabe, as travessuras entre as crianças realmente terminam em brigas e lágrimas.

Assim, tenho bons motivos para rejeitar a teoria de que o que provoca os sonhos de voar e cair é o estado de nossas sensações tácteis durante o sono, ou as sensações de movimento de nossos pulmões etc. [Ver em [1]] A meu ver, essas sensações são

reproduzidas, elas próprias, como parte da lembrança a que remonta o sonho, isto é, são parte do *conteúdo* do sonho, e não sua fonte.

Não posso, contudo, esconder de mim mesmo que sou incapaz de fornecer qualquer explicação completa sobre essa classe de sonhos típicos. Meu material deixou-me em apuros precisamente neste ponto. Devo, entretanto, insistir na afirmação geral de que todas as sensações tácteis e motoras que ocorrem nesses sonhos típicos são evocadas tão logo se verifica qualquer motivo psíquico para utilizá-las, e podem ser desprezadas quando não surge tal necessidade delas. [Ver em [1].] Sou também de opinião que a relação desses sonhos com as experiências infantis foi estabelecida com certeza a partir das indicações que obtive nas análises de psiconeuróticos. Não sei dizer, porém, que outros significados podem ligar-se à lembrança dessas sensações no curso de fases posteriores da vida — significados diferentes, talvez, em cada caso individual, apesar da aparência típica dos sonhos; e gostaria de poder preencher essa lacuna mediante uma análise cuidadosa de exemplos claros. Se alguém se sentir surpreso com o fato de, a despeito da freqüência precisamente dos sonhos de voar, cair, extrair dentes etc., eu estar me queixando de falta de material sobre esse tópico específico, devo explicar que eu mesmo não tive nenhum sonho dessa natureza desde que voltei minha atenção para o tema da interpretação dos sonhos. Ademais, os sonhos dos neuróticos, dos quais de outro modo eu me poderia valer, nem sempre podem ser interpretados — não, pelo menos, em muitos casos, de modo a revelarem a totalidade de seu sentido oculto; uma força psíquica particular, que se relacionou com a estruturação original da neurose e que é mais uma vez acionada quando se fazem tentativas de solucioná-la, impede-nos de interpretar esses sonhos até seu último segredo.

(D4) SONHOS COM EXAMES

Quem quer que tenha passado pelo vestibular no final de seus estudos escolares queixa-se da obstinação com que é perseguido por sonhos angustiantes de ter sido reprovado, ou de ser obrigado a refazer o exame etc. No caso dos que obtiveram um grau universitário, esse sonho típico é substituído por outro que os representa como tendo fracassado em seus Exames Universitários Finais; e é em vão que fazem objeções, mesmo enquanto ainda estão adormecidos, de que há anos vêm exercendo a medicina ou trabalhando como conferencistas da Universidade ou como chefes de escritório. As

lembranças inextirpáveis dos castigos que sofremos por nossas más ações na infância tornam-se ativas em nós mais uma vez e se ligam aos dois pontos cruciais de nossos estudos — o “*die irae, dies illa*” de nossos exames mais duros. A “angústia de prestar exames” dos neuróticos deve sua intensificação a esses mesmos medos infantis. Quando deixamos de ser estudantes, nossos castigos já não nos são infligidos por nossos pais ou por aqueles que nos criaram, ou, posteriormente, por nossos professores. As implacáveis cadeias causais da vida real se encarregam de nossa educação ulterior, e passamos a sonhar com o Vestibular ou com os Exames Finais (e quem não tremeu nessas ocasiões, mesmo que estivesse bem preparado para as provas?) sempre que, tendo feito algo errado ou deixado de fazer alguma coisa de maneira apropriada, esperamos ser punidos por esse acontecimento — em suma, sempre que sentimos o fardo da responsabilidade.

Por uma explicação adicional sobre os sonhos com exames tenho de agradecer a um experiente colega [Stekel], que certa vez declarou, numa reunião científica, que, ao que ele soubesse, os sonhos com o Vestibular só ocorriam nas pessoas que tinham sido aprovadas, e nunca nas que foram reprovadas nele. Ao que parece, portanto, os sonhos de angústia referentes a exames (os quais, como já foi confirmado repetidas vezes, surgem quando o sonhador tem alguma responsabilidade pela frente no dia seguinte e teme que haja um fiasco) procuram alguma ocasião do passado em que uma grande angústia se tenha revelado injustificada e tenha sido desmentida pelos acontecimentos. Esse, portanto, seria um exemplo notável de o conteúdo de um sonho ser mal interpretado pela instância de vigília. [Ver em [1].] O que é considerado um protesto indignado contra o sonho — “Mas eu já sou médico, etc.!” — seria, na realidade, o consolo trazido pelo sonho, e seu enunciado por conseguinte, seria: “Não tenha medo do amanhã! Pense só em como você estava ansioso antes do Vestibular e, no entanto, nada lhe aconteceu. Você já é médico (etc.!)” E a angústia que é atribuída ao sonho decorreria, na realidade, dos restos diurnos.

Os testes a que tenho submetido essa explicação com respeito a mim mesmo e a outras pessoas, embora não tenham sido suficientemente numerosos, têm confirmado sua validade. Por exemplo, eu próprio fui reprovado em Medicina Forense em meus Exames Finais, mas nunca tive de enfrentar essa matéria nos sonhos, ao passo que, com muito freqüência, fui examinado em Botânica, Zoologia ou Química. Fiz prova dessas matérias com uma ansiedade bastante justificada, mas, fosse pela graça do destino ou dos examinadores, escapei à punição. Em meus sonhos com provas escolares, sou invariavelmente examinado

em História, na qual me saí brilhantemente — embora apenas, é verdade, porque [no exame oral] meu bondoso mestre (o benfeitor de um olho só de outro sonho, ver em [1]) não deixou de notar que, no papel que lhe devolvi com as perguntas, eu havia riscado com a unha a questão do meio entre as três formuladas, para avisá-lo que não insistisse naquela pergunta específica. Um de meus pacientes, que resolvera não fazer o Vestibular na primeira vez, mas depois foi aprovado nele, e que em seguida foi reprovado em seu exame para o exército, não tendo jamais obtido uma patente, contou-me que sonha com freqüência com o primeiro desses exames, mas nunca com o segundo.

A interpretação dos sonhos com exames enfrenta a dificuldade a que já me referi como sendo característica da maioria dos sonhos típicos [em [1]]. Só raramente o material que o sonhador nos fornece nas associações é suficiente para interpretarmos o sonho. Somente reunindo um número considerável de exemplos desses sonhos é que poderemos chegar a uma melhor compreensão deles. Não faz muito tempo cheguei à conclusão de que a objeção “Você já é médico, (etc)!” não apenas oculta um consolo, como também significa uma recriminação. Esta seria: “Você já está muito velho agora, com uma idade muito avançada, mas ainda continua a fazer essas coisas estúpidas e infantis.” Essa mescla de autocrítica e consolo corresponderia, assim, ao conteúdo latente dos sonhos com exames. Sendo assim, não surpreenderia que as auto-recriminações por ser “estúpido” e “infantil” nestes últimos exemplos se referissem à repetição de atos sexuais repreensíveis.

Wilhelm Stekel, que propôs a primeira interpretação dos sonhos com o Vestibular [“*Matura*”], era de opinião que eles estavam regularmente relacionados com provas sexuais e com a maturidade sexual. Minha experiência tem muitas vezes confirmado seu ponto de vista.

[1]

Capítulo VI - O TRABALHO DO SONHO

Todas as tentativas até hoje feitas de solucionar o problema dos sonhos têm lidado diretamente com seu conteúdo *manifesto*, tal como se apresenta em nossa memória. Todas essas tentativas esforçaram-se para chegar a uma interpretação dos sonhos a partir de seu conteúdo manifesto, ou (quando não havia qualquer tentativa de interpretação) por formar um juízo quanto à natureza deles com base nesse mesmo conteúdo manifesto. Somos os únicos a levar algo mais em conta. Introduzimos uma nova classe de material psíquico entre o conteúdo manifesto dos sonhos e as conclusões de nossa investigação: a saber, seu conteúdo *latente*, ou (como dizemos) os “pensamentos do sonho”, obtidos por meio de nosso método. É desses pensamentos do sonho, e não do conteúdo manifesto de um sonho, que depreendemos seu sentido. Estamos, portanto, diante de uma nova tarefa que não tinha existência prévia, ou seja, a tarefa de investigar as relações entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, e de desvendar os processos pelos quais estes últimos se transformaram naquele.

Os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou, mais apropriadamente, o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. Os pensamentos do sonho tornaram-se imediatamente compreensíveis tão logo tomamos conhecimento deles. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu

valor pictórico, e não de acordo com sua relação simbólica, seríamos claramente induzidos ao erro. Suponhamos que eu tenha diante de mim um quebra-cabeça feito de figuras, um rébus. Ele retrata uma casa com um barco no telhado, uma letra solta do alfabeto, a figura de um homem correndo, com a cabeça misteriosamente desaparecida, e assim por diante. Ora, eu poderia ser erroneamente levado a fazer objeções e a declarar que o quadro como um todo, bem como suas partes integrantes, não fazem sentido. Um barco não tem nada que estar no telhado de uma casa e um homem sem cabeça não pode correr. Ademais, o homem é maior do que a casa e, se o quadro inteiro pretende representar uma paisagem, as letras do alfabeto estão deslocadas nele, pois esses objetos não ocorrem na natureza. Obviamente, porém, só podemos fazer um juízo adequado do quebra-cabeças se pusermos de lado essa críticas da composição inteira e de suas partes, e se, em vez disso, tentarmos substituir cada elemento isolado por uma sílaba ou palavra que possa ser representada por aquele elemento de um modo ou de outro. As palavras assim compostas já não deixarão de fazer sentido, podendo formar uma frase poética de extrema beleza e significado. O sonho é um quebra-cabeça pictográfico desse tipo, e nossos antecessores no campo da interpretação dos sonhos cometeram o erro de tratar o rébus como uma composição pictórica, e como tal, ela lhes pareceu absurda e sem valor.

(A) O TRABALHO DE CONDENSAÇÃO

A primeira coisa que se torna clara para quem quer que compare o conteúdo do sonho com os pensamentos oníricos é que ali se efetuou um trabalho de *condensação* em larga escala. Os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama e riqueza dos pensamentos oníricos. Se um sonho for escrito, talvez ocupe meia página. A análise que expõe os pensamentos oníricos subjacentes a ele poderá ocupar seis, oito ou doze vezes mais espaço. Essa relação varia com os diferentes sonhos, mas, até onde vai minha experiência, sua direção nunca varia. Em regra geral, subestima-se o volume de compreensão ocorrido, pois fica-se inclinado a considerar os pensamentos do sonho trazidos à luz como o material completo, ao passo que, se o trabalho de interpretação for levado mais adiante, poderá revelar ainda mais pensamentos ocultos por trás do sonho. Já tive ocasião de assinalar [ver em [1]] que, de fato, nunca é possível ter certeza de que um sonho foi completamente interpretado. [1] Mesmo que a solução pareça satisfatória e sem lacunas,

resta sempre a possibilidade de que o sonho tenha ainda outro sentido. Rigorosamente falando, portanto, é impossível determinar o volume de condensação.

Há uma resposta, que à primeira vista parece extremamente plausível, ao argumento de que a grande desproporção entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho implica que o material psíquico passou por um extenso processo de condensação no curso da formação do sonho. Temos muitas vezes a impressão de que sonhamos muito durante toda a noite e depois nos esquecemos da maior parte do que foi sonhado. Sob esse ponto de vista, o sonho que recordamos ao acordar seria apenas um remanescente fragmentário de todo o trabalho do sonho, e este, se pudéssemos recordá-lo em sua totalidade, bem poderia ser tão extenso quanto os pensamentos oníricos. Há sem dúvida alguma verdade nisso: os sonhos certamente podem ser reproduzidos com a máxima exatidão se tentarmos lembrá-los tão logo acordamos, e de que nossa lembrança deles se torna cada vez mais incompleta à medida que se aproxima a noite. Mas, por outro lado, é possível mostrar que a impressão de termos sonhado muito mais do que podemos reproduzir baseia-se, muitas vezes, numa ilusão, cuja origem examinarei depois. [Ver em [1] e [2].] Além disso, a hipótese de que a condensação ocorre durante o trabalho do sonho não é afetada pela possibilidade de os sonhos serem esquecidos, uma vez que a correção dessa hipótese é comprovada pela quantidade de representações que se relacionam com cada fragmento individual retido do sonho. Mesmo supondo que grande parte do sonho tenha escapado à lembrança, isso pode apenas ter impedido que tivéssemos acesso a outro grupo de pensamentos do sonho. Não há justificativa para supor que os fragmentos perdidos do sonho teriam relação com os mesmos pensamentos que já obtivemos a partir dos fragmentos do sonho que sobreviveram.

Em vista do imenso número de associações produzidas na análise para cada elemento individual do conteúdo de um sonho, alguns leitores poderão ser levados a questionar se, por princípio, é justificável considerarmos como parte dos pensamentos do sonho todas as associações que nos ocorrem durante a análise subsequente — se é justificável, em outras palavras, supormos que todos esses pensamentos já estavam ativos durante o estado de sono e desempenharam algum papel na formação do sonho. Não será mais provável que tenham surgido no decorrer da análise novas cadeias de idéias que não tiveram nenhuma participação na formação do sonho? Só posso dar assentimento parcial a essa argumentação. Sem dúvida é verdade que algumas cadeias de idéias surgem pela

primeira vez durante a análise. Mas em todos esses casos podemos convencer-nos de que essas novas ligações só se estabelecem entre idéias que já estavam ligadas de alguma outra forma nos pensamentos do sonho. As novas ligações são, por assim dizer, circuitos fechados ou curtos-circuitos possibilitados pela existência de outras vias de ligação mais profundas. Deve-se admitir que a grande maioria das idéias que são reveladas na análise já estava em ação durante o processo de formação do sonho, uma vez que, depois de se elaborar uma sucessão de idéias que parecem não ter qualquer ligação com a formação de um sonho, de repente se esbarra numa idéia que está representada em seu conteúdo e que é indispensável para sua interpretação, mas que não poderia ter sido alcançada senão por essa linha específica de abordagem. Posso aqui recordar o sonho da monografia de botânica [em [1]], que dá a impressão de ser produto de um surpreendente volume de condensação, muito embora eu não tenha relatado sua análise integralmente.

Como, então, devemos retratar as condições psíquicas durante o período de sono que precede os sonhos? Estarão todos os pensamentos do sonho presentes, um ao lado do outro? Ou será que ocorrem em seqüência? Ou haverá diversas cadeias de idéias partindo simultaneamente de centros diferentes e depois se unindo? Em minha opinião, não há necessidade, no momento, de formar qualquer representação plástica sobre as condições psíquicas no decorrer da formação dos sonhos. Não se deve esquecer, porém, que estamos lidando com um processo *inconsciente* de pensamento, que pode diferir com facilidade do que percebemos durante a reflexão intencional acompanhada pela consciência.

Persiste o fato inegável, contudo, de que a formação dos sonhos baseia-se num processo de condensação. Como se dá essa condensação?

Ao refletimos que somente uma pequena minoria de todos os pensamentos oníricos revelados é reproduzida no sonho por um de seus elementos de representação, poderíamos concluir que a condensação se apresenta por *omissão*: quer dizer, que o sonho não é uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho, mas uma versão altamente incompleta e fragmentária deles. Essa visão, como logo descobriremos, é extremamente inadequada. Mas podemos tomá-la como um ponto de partida provisório e passar para uma outra questão. Se apenas alguns elementos dos pensamentos do sonho conseguem penetrar no conteúdo do sonho, quais são as condições que determinam sua seleção?

Para que lancemos alguma luz sobre essa questão, devemos voltar nossa atenção para os elementos do conteúdo do sonho que devem ter preenchido tais condições. E o material mais favorável para essa pesquisa será um sonho para cuja construção tenha contribuído um processo particularmente intenso de condensação. Começarei, então, por escolher para esse propósito o sonho que já registrei em [1].

I

O SONHO DA MONOGRAFIA DE BOTÂNICA

CONTEÚDO DO SONHO. — *Eu havia escrito uma monografia sobre um gênero (não especificado) de plantas. O livro estava diante de mim e, naquele momento, eu virava uma lâmina colorida dobrada. Encadernado no exemplar havia um espécimen seco da planta.*

O elemento que mais se destacava nesse sonho era a *monografia de botânica*. Isso vinha das impressões do dia do sonho: eu de fato vira um monografia sobre o gênero *Ciclâmen* na vitrina de uma livraria. Não havia menção desse gênero no conteúdo do sonho; tudo o que restava nele era a monografia e sua relação com a botânica. A “monografia de botânica” revelou de imediato sua ligação com o *trabalho sobre cocaína* que eu havia escrito certa vez. De “cocaína”, as cadeias de idéias levaram, por um lado, ao *Festschrift* e a certos acontecimentos num laboratório da Universidade, e, por outro, a um amigo meu, o Dr. Königstein, cirurgião oftalmologista que tivera participação na introdução da cocaína. A figura do Dr. Königstein fez-me lembrar ainda a conversa interrompida que eu tivera com ele na noite anterior e minhas várias reflexões sobre o pagamento por serviços médicos entre colegas. Essa conversa foi o verdadeiro instigador correntemente ativo do sonho; a monografia sobre o ciclâmen também foi uma impressão correntemente ativa, porém de natureza irrelevante. Como pude perceber, a “monografia de botânica” do sonho revelou-se uma “entidade intermediária comum” entre as duas experiências da véspera: foi extraída, sem nenhuma alteração, da impressão irrelevante, e foi ligada ao acontecimento psiquicamente significativo por abundantes conexões associativas.

Entretanto, não só a idéia composta, “monografia de botânica”, como também cada um de seus componentes, “botânica” e “monografia”, separadamente, levaram por numerosas vias de ligação a um ponto cada vez mais profundo no emaranhado dos

pensamentos do sonho. “Botânica” estava relacionada com a figura do Professor *Gärtner* [Jardineiro], com a aparência *florescente* de sua mulher, com minha paciente *Flora* e com a senhora [Sra. L.] sobre quem eu contara a história das *flores* esquecidas. Gärtner, por sua vez, levou ao laboratório a minha conversa com Königstein. Minhas duas pacientes [Flora e Sra. L.] tinham sido mencionadas no decorrer dessa conversa. Uma cadeia de idéias ligou a senhora das flores às *flores favoritas* de minha mulher, e daí ao título da monografia que eu vira por um momento durante o dia. Além desses, “botânica” fez lembrar um episódio em minha escola secundária e um exame da época em que eu estava na Universidade. A um novo tópico abordado em minha conversa com o Dr. Königstein — meus passatempos *favoritos* — veio juntar-se, por meio do elo intermediário do que eu, de brincadeira, chamava de minha *flor favorita*, a alcachofra, uma cadeia de idéias proveniente das flores esquecidas. Por trás das “alcachofras” estavam, de um lado, meus pensamentos sobre a Itália e, de outro, uma cena de minha infância que fora o início do que depois vieram a ser minhas relações íntimas com os livros. Assim, “botânica” era um ponto nodal sistemático no sonho. Para ele convergiam numerosas cadeias de idéias que, como posso garantir, tinham entrado apropriadamente no contexto da conversa com o Dr. Königstein. Estamos aqui numa fábrica de pensamentos onde, como na “obra-prima do tecelão”,

Ein Tritt tausend Fäden regt,

Die Schifflein herüber hinüber schießen,

Die Fäden ungesehen fließen,

Ein Schlag tausend Verbindungen schlägt.

Da mesma forma, a “monografia” do sonho também toca em dois assuntos: a parcialidade de meus estudos e o custo dispendioso de meus passatempos favoritos.

Essa primeira investigação leva-nos a concluir que os elementos “botânica” e “monografia” penetraram no conteúdo do sonho porque possuíam inúmeros contatos com a maioria dos pensamentos do sonho, ou seja, porque constituíam “pontos nodais” para os quais convergia um grande número de pensamentos do sonho, porque tinham vários sentidos ligados à interpretação do sonho. A explicação desse fato fundamental também pode ser formulada de outra maneira: cada um dos elementos do conteúdo do sonho revelou

ter sido “sobredeterminado” — ter sido representado muitas vezes nos pensamentos do sonho.

Descobrimos ainda mais quando passamos a examinar os demais componentes do sonho em relação a seu aparecimento nos pensamentos oníricos. A *lâmina colorida* que eu estava desdobrando levou (ver a análise, em [1]) a um novo tema: as críticas de meus colegas a minhas atividades e a uma que já estava representada no sonho — meus passatempos favoritos; e levou, além disso, à lembrança infantil em que eu fazia em pedaços um livro com lâminas coloridas. O *espécimen seco da planta* tocava no episódio do herbário em minha escola secundária e ressaltou em particular essa lembrança.

A natureza da relação entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho torna-se assim visível. Não só os elementos de um sonho são repetidamente determinados pelos pensamentos do sonho como também cada pensamento do sonho é representado neste último por vários elementos. As vias associativas levam de um elemento do sonho para vários pensamentos do sonho e de um pensamento do sonho para vários elementos do sonho. Assim, o sonho não é estruturado por cada pensamento ou grupo de pensamentos do sonho isoladamente, encontrando (de forma abreviada) representação separada no conteúdo do sonho — do modo como um eleitorado escolhe seus representantes parlamentares; o sonho é, antes, construído por toda a massa de pensamentos do sonho, submetida a uma espécie de processo manipulativo em que os elementos que têm suportes mais numerosos e mais fortes adquirem o direito de acesso ao conteúdo do sonho — de maneira análoga à eleição por *scrutin de liste*. No caso de todos os sonhos que submeti a uma análise dessa natureza, encontrei invariavelmente confirmados estes mesmos princípios fundamentais: os elementos do sonho são construídos a partir de toda a massa de pensamentos do sonho e cada um desses elementos mostra ter sido multiplamente determinado em relação aos pensamentos do sonho.

Certamente não será descabido ilustrar a ligação entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho por mais um exemplo, que se distingue pela trama particularmente engenhosa de suas relações recíprocas. É um sonho produzido por um de meus pacientes — um homem que eu estava tratando em virtude de uma claustrofobia. Logo ficará evidente o motivo por que decidi dar a essa produção onírica excepcionalmente inteligente o título de:

II

“UM SONHO ENCANTADOR”

Ele se dirigia com um grande grupo à Rua X, onde havia uma estalagem despretensiosa. (O que não é o caso.) Nela se representava uma peça. Ora ele era platéia, ora ator. Terminado o espetáculo, eles tinham de mudar de roupa para voltarem à cidade. Alguns integrantes da companhia foram levados a aposentos no andar térreo e outros a aposentos no primeiro andar. Surgiu então uma discussão. Os que estavam em cima ficaram zangados porque os de baixo não estavam prontos, e eles não podiam descer. O irmão dele estava lá em cima e ele estava embaixo, e se aborreceu com o irmão porque estavam sendo muito pressionados. (Essa parte estava obscura.) Além disso, tinha-se decidido e providenciado, já na chegada deles, quem ficaria em cima e quem deveria ficar embaixo. Depois, ele ia subindo sozinho a ladeira da Rua X em direção à cidade. Andava com tal dificuldade e tamanho esforço que parecia colado no lugar. Um senhor idoso dirigiu-se a ele e começou a insultar o Rei da Itália. No alto da ladeira ele pôde andar com muito mais facilidade.

Sua dificuldade em subir a ladeira foi tão evidente que, depois de acordar, ele ficou por algum tempo em dúvida se aquilo teria sido sonho ou realidade.

Não teríamos uma opinião muito elevada desse sonho, a julgar por seu conteúdo manifesto. Desafiando as regras, começarei sua interpretação pela parte que o sonhador descreveu como a mais nítida.

A dificuldade com que ele sonhou, e que provavelmente experimentou durante o sonho — a penosa subida pela ladeira, acompanhada de dispnéia —, era um dos sintomas que o paciente com certeza exibira anos antes e que, na época, fora atribuído, juntamente com certos outros sintomas, à tuberculose. (A probabilidade é que esta tenha sido histericamente simulada.) A sensação peculiar de movimento inibido que ocorre nesse sonho já nos é familiar a partir dos sonhos de exibição [ver em [1]], e vemos mais uma vez que se trata de um material disponível a qualquer momento para qualquer outra finalidade de representação. [Ver em [1]] A parte do conteúdo do sonho que descrevia como a subida começara com dificuldade e se tornara fácil no fim da ladeira me fez recordar, quando a ouvi, a magistral introdução a *Safo* de Alfonse Daudet. Esse famoso trecho descreve como um jovem carrega sua amante nos braços escada acima: no início, ela é leve como uma pluma, porém, quanto mais ele sobe, maior parece ser seu peso. A cena inteira prenuncia o curso

de sua ligação amorosa, e Daudet pretendia fazer dela uma advertência aos jovens no sentido de não permitirem que suas afeições se prendessem seriamente a moças de origem humilde e de passado duvidoso. Embora soubesse que meu paciente estivera envolvido com uma moça do meio teatral, num caso amoroso, que recentemente rompera, eu não esperava que se justificasse meu palpite para uma interpretação. Além disso, a situação do *Safo* era o *inverso* do que fora no sonho. No sonho, a subida que antes fora difícil, tornara-se posteriormente fácil, ao passo que o simbolismo do romance só faria sentido se algo que tivesse começado com facilidade terminasse por se tornar um fardo pesado. Mas, para meu espanto, o paciente respondeu que minha interpretação se ajustava muito bem a uma peça que ele vira no teatro na noite anterior. Chamava-se *Rund um Wien* [Ao Redor de Viena] e retratava a carreira de uma moça que começara respeitável, depois se transformara numa *demi-mondaine* e tivera *liaisons* com homens em posições elevadas, e assim “subira na vida”, mas que acabara “descendo na vida”. A peça, além disso, fê-lo lembrar-se de outra, a que assistira alguns anos antes, chamada *Von Stufe zu Stufe* [Passo a Passo], e que fora anunciada num cartaz exibindo uma escadaria com um lance de *degraus*.

Continuando com a interpretação. A atriz com quem ele tivera essa recente *liaison* tumultuada morava na Rua X. Não há nada que se assemelhe a uma estalagem nessa rua. Mas, ao passar parte do verão em Viena por causa dessa dama, ele se havia alojado [em alemão “*abgestiegen*”, literalmente “descido os degraus”] num pequeno hotel nas vizinhanças. Ao sair do hotel, ele dissera ao cocheiro da carruagem de aluguel: “De qualquer maneira, tenho sorte por não ter apanhado nenhum verme.” (Esta, aliás, era outra de suas fobias.) A isso o cocheiro retrucara: “Como é que alguém pode se hospedar num lugar desses! Isso não é um hotel, é só uma *estalagem*.”

A idéia de estalagem trouxe-lhe à mente, de imediato, uma citação:

Bei einem Wirte wundermild,

Da war ich jüngst zu Gaste.

O hospedeiro do poema de Uhland era uma *macieira*; e segunda citação deu então prosseguimento a sua cadeia de idéias:

FAUST (mit der Jungen tanzend):

Einst hatt' ich einen schönen Traum;
Da sah ich einen Apfelbaum,
Zwei schöne Äpfel glänzten dran,
Sie reizten mich, ich stieg hinan.

DIE SCHÖNE:

Der Apfelchen begehrt ihr sehr,
Und schon vom Paradiese her.
Von Freuden fühl' ich mich bewegt,
Dass auch mein Garten solche trägt.

Não existe a menor dúvida quanto ao que representavam a macieira e as maçãs. Além disso, os seios encantadores da atriz tinham estado entre os atrativos que haviam seduzido o sonhador.

O contexto da análise deu-nos todos os fundamentos para supor que o sonho remontava a uma impressão da infância. Se assim for, deveria referir-se à ama-de-leite do sonhador, que agora era um homem de quase trinta anos. Para um bebê, os seios da ama-de-leite não são nada mais, nada menos que uma estalagem. A ama-de-leite, bem como *Safo*, de Daudet, pareciam ser alusões à amante que o paciente recentemente abandonara.

O irmão (mais velho) do paciente também aparecia *embaixo*. Isso, mais uma vez, era o *inverso* da situação real, pois, como eu sabia, o irmão perdera sua posição social, enquanto o paciente mantivera a dele. Ao repetir para mim o conteúdo do sonho, o paciente evitara dizer que seu irmão estava lá em cima e ele próprio, “no andar térreo”. Esse relato teria exposto a situação com demasiada clareza, uma vez que, aqui em Viena, quando dizemos que alguém está “*no andar térreo*”, queremos dizer que perdeu seu dinheiro e sua posição — em outras palavras, que “*desceu na vida*”. Ora, devia haver uma razão para que parte desse trecho do sonho fosse representada por seu *inverso*. Ademais, a inversão deveria aplicar-se também a alguma outra relação entre os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho [ver em [1]]; e temos um indício de onde buscar essa inversão. Evidentemente, ela deve estar no final do sonho, onde, mais uma vez, houve uma *inversão* da dificuldade de subir escadas descrita em *Safo*. Podemos então ver facilmente qual é a inversão pretendida. Em *Safo*, o homem carregava uma mulher que tinha um relacionamento

sexual com ele; nos pensamentos do sonho, essa posição estava *invertida*, e uma mulher carregava um homem. E, como isso só pode acontecer na infância, a referência era, mais uma vez, à ama-de-leite, carregando o peso do bebê em seus braços. Portanto, o final do sonho fazia uma referência simultânea a Safo e à ama-de-leite.

Assim como o autor do romance, ao escolher o nome “Safo”, tinha em mente uma alusão a práticas lésbicas, também as partes do sonho que falavam de pessoas “*lá em cima*” e “*lá embaixo*” aludiam a fantasias de natureza sexual que ocupavam a mente do paciente, e que, como desejos suprimidos, não deixavam de ter relação com sua neurose. (A interpretação do sonho não nos mostrou, por si só, que o que estava assim representado no sonho eram fantasias e não lembranças de fatos reais; e análise nos dá apenas o conteúdo de uma idéia e deixa a nosso critério determinar sua realidade. À primeira vista, fatos reais e imaginários aparecem nos sonhos como tendo igual validade; e isso ocorre não apenas nos sonhos, como também na produção de estruturas psíquicas mais importantes.)

Um “grande grupo” significava, como já sabemos [ver em [1]], um segredo. O irmão dele era apenas o representante (introduzido na cena infantil por uma “fantasia retrospectiva”) de todos os seus rivais posteriores na afeição das mulheres. O episódio do cavaleiro que insultava o Rei da Itália relacionava-se, mais uma vez, por intermédio de uma experiência recente e irrelevante em si mesma, com pessoas de categoria inferior que forçam seu ingresso na alta sociedade. Era como se a criança ao seio estivesse recebendo uma advertência paralela à que Daudet fizera aos rapazes.

Para oferecer uma terceira oportunidade de estudarmos a condensação na formação dos sonhos, fornecerei parte da análise de outro sonho, que devo a uma mulher madura que está em tratamento psicanalítico. Como seria de esperar pelos graves estados de angústia de que sofria a paciente, seus sonhos continham um número muito grande de idéias sexuais cujo reconhecimento inicial a surpreendeu e a alarmou. Como não poderei levar a interpretação do sonho até o fim, seu material parecerá enquadrar-se em vários grupos sem nenhuma ligação visível.

III

“O SONHO DO BESOURO-DE-MAIO”

CONTEÚDO DO SONHO. — *Ela se lembrou de que tinha dois besouros-de-maio numa caixa e precisava libertá-los, caso contrário ficariam sufocados. Abriu a caixa e os besouros estavam em estado de esgotamento. Um deles voou pela janela aberta, mas o outro foi esmagado pelo caixilho da janela enquanto ela a fechava a pedido de alguém.* (Sinais de repulsa.)

ANÁLISE. — O marido da paciente estava temporariamente ausente de casa e a filha de quatorze anos vinha dormindo na cama ao lado dela. Na noite anterior, a menina lhe chamara a atenção para uma mariposa que caíra em seu copo d'água, mas ela não a retirara e ficara penalizada pelo pobre inseto na manhã seguinte. O livro que estivera lendo à noite contava como alguns meninos haviam atirado um gato em água fervente e descrevia as convulsões do animal. Essas foram as duas causas precipitantes do sonho — em si mesmas, irrelevantes. Ela prosseguiu então no assunto da *crudeldade para com os animais*. Alguns anos antes, quando passavam o verão em certo lugar, a filha da paciente havia sido muito cruel com os animais. Apanhava borboletas e pedia *arsênico* à mãe para matá-las. Numa outra ocasião, uma mariposa com um alfinete atravessado no corpo continuara a voar pelo quarto durante muito tempo; de outra feita, algumas lagartas que a menina estava guardando para que se transformassem em crisálidas morreram de fome. Numa idade ainda mais tenra, essa mesma menina tinha o hábito de arrancar as asas de *besouros* e borboletas. Mas hoje, ficava horrorizada diante de todas essas ações cruéis — tornara-se muito bondosa.

A paciente refletiu a respeito dessa contradição. Ela a fez lembrar-se de outra contradição, entre a aparência e o caráter, tal como George Elliot a retrata em *Adam Bede*: uma moça que era bonita, porém fútil e ignorante, e outra que era feia, mas de caráter elevado; um nobre que seduziu a moça tola, e um operário que se sentia e agia com verdadeira nobreza. Como era impossível, comentou ela, reconhecer essas coisas nas pessoas! Quem poderia imaginar, olhando para *ela*, que ela era atormentada por desejos sensuais?

No mesmo ano em que a menina começara a colecionar borboletas, o distrito em que se encontravam tinha sido seriamente atingido por uma praga de *besouro-de-maio*. As crianças ficaram furiosas com os insetos e os *esmagavam* sem piedade. Naquela ocasião, minha paciente vira um homem que arrancava as asas dos besouros-de-maio e, em seguida, comia-lhes os corpos. Ela própria nascera em *maio* e se casara em *maio*. Três dias após o

casamento, escrevera aos pais dizendo o quanto se sentia feliz. Mas isso estava longe de ser verdade.

Na noite anterior ao sonho ela estivera remexendo em algumas cartas antigas e lera algumas delas — umas sérias, outras cômicas — em voz alta para os filhos. Havia uma carta muito divertida de um professor de piano que a cortejara quando mocinha, e outra de um admirador de *berço nobre*.

Ela se censurava porque uma de suas filhas pusera as mãos num livro “pernicioso” de Maupassant. O *arsênico* que a menina tinha pedido fê-la recordar-se das *pílulas de arsênico* quer restauraram o vigor juvenil do Duque de Mora em *O Nababo* [de Daudet].

“Libertá-los” fez com que ela pensasse num trecho de *A Flauta Mágica*:

Zur Liebe kann ich dich nicht zwingen,

Doch geb ich dir die Freiheit nicht

Os “besouros-de-maio” também a fizeram pensar nas palavras de Kätchen:

Verliebt já wie ein Käfer bist du mir.

E, em meio a tudo isso, veio uma citação de *Tannhauser*:

Weil du von böser Lust beseelt...

Ela vivia numa preocupação constante com o marido ausente. Seu medo de que algo pudesse acontecer-lhe em sua viagem encontrava expressão em numerosas fantasias de vigília. Pouco tempo antes, no decorrer de sua análise, ela havia deparado, entre seus pensamentos inconscientes, com uma queixa sobre o marido estar “ficando senil”. A idéia desejante oculta pelo presente sonho talvez seja mais simples de conjecturar se eu mencionar que, alguns dias antes de ter o sonho, ela ficara horrorizada, em meio a seus afazeres cotidianos, com uma frase no modo imperativo que lhe veio à cabeça e que visava ao marido: “Vá se enforcar!” Ocorre que, algumas horas antes, ela lera em algum lugar que, quando um homem é enforcado, ele tem um forte ereção. Era o desejo de uma ereção que havia emergido do recalçamento sob esse disfarce pavoroso. “Vá se enforcar!” equivalia a “Consiga uma ereção a qualquer preço!” As pílulas de arsênico do Dr. Jenkins em *O Nababo*

enquadravam-se nisso. Mas minha paciente também tinha conhecimento de que o afrodisíaco mais poderoso, as cantáridas (comumente conhecidas como “moscas espanholas”), era preparado com *besouros esmagados*. Fora esse o sentido da parte principal do conteúdo do sonho.

Abrir e fechar *janelas* era um dos principais temas de discussão entre ela e o marido. Ela própria era aerofílica em seus hábitos de dormir; o marido era aerofóbico. O *esgotamento* era o principal sintoma de que ela se queixava na época do sonho.

Em todos os três sonhos que acabo de registrar, indiquei por meio de grifos os pontos em que um dos elementos do conteúdo do sonho reapareceu nos pensamentos do sonho, de modo a indicar com clareza a multiplicidade das ligações que surgem a partir dos primeiros. No entanto, uma vez que a análise de nenhum desses sonhos foi seguida até o fim, talvez valha a pena considerar um sonho cuja análise foi registrada exhaustivamente, para mostrar como seu conteúdo é sobredeterminado. Para esse fim, tomarei o sonho da injeção de Irma [em [1]]. Será fácil verificar, a partir desse exemplo, que o trabalho de condensação utiliza mais de um método na construção dos sonhos.

A principal figura do conteúdo do sonho era minha paciente Irma. Ela aparecia com suas feições da vida real, e portanto, em primeiro lugar, representava a si mesma. Mas a posição em que a examinei junto à janela derivava de outra pessoa: da dama pela qual, como indicaram os pensamentos do sonho, eu queria trocar minha paciente. Na medida em que Irma parecia ter uma membrana diftérica, que me fez recordar minha angústia com relação à minha filha mais velha, ela representava essa criança e, por trás desta, uma vez que tinha o mesmo nome que minha filha, estava oculta a figura de minha paciente que sucumbira ao envenenamento. No curso ulterior do sonho, a figura de Irma adquiriu ainda outros significados, sem que ocorresse qualquer alteração em sua imagem visual no sonho. Ela se transformou numa das crianças que havíamos examinado no departamento neurológico do hospital infantil, onde meus dois amigos revelaram suas índoles contrastantes. A figura de minha própria filha foi, evidentemente, o degrau para essa transição. A mesma resistência “de Irma” em abrir a boca trouxe uma alusão a outra senhora que eu examinara certa vez, e, através da mesma conexão, à minha mulher. Além disso, as alterações patológicas que descobri em sua garganta envolviam alusões a toda uma série de outras figuras.

Nenhuma dessas figuras com que deparei ao acompanhar “Irma” apareceu no sonho em forma corporal. Estavam ocultas por trás da figura onírica de “Irma”, que assim se transformou numa imagem coletiva dotada, há que admitir, de diversas características contraditórias. Irma tornou-se a representante de todas essas outras figuras que tinham sido sacrificadas ao trabalho de condensação, já que transferi para *ela*, ponto por ponto, tudo o que me fazia lembrar-me *delas*.

Existe outro meio pelo qual se pode produzir uma “figura coletiva” para fins de condensação onírica, ou seja, reunindo-se as feições reais de duas ou mais pessoas numa única imagem onírica. Foi assim que se construiu o Dr. M. de meu sonho. Ele trazia o nome do Dr. M., falava e agia como ele; massuas características físicas e suas doenças pertenciam a outra pessoa, ou melhor, a meu irmão mais velho. Uma característica única, seu aspecto pálido, fora duplamente determinada, uma vez que era comum a ambos na vida real.

O Dr. R. de meu sonho com meu tio de barba amarela [em [1]] era uma figura composta semelhante. Em seu caso, porém, a imagem onírica fora ainda construída de outra forma. Não combinei as feições de uma pessoa com as de outra, omitindo da imagem mnêmica, nesse processo, certos traços de cada uma delas. O que fiz foi adotar o procedimento por que Galton produzia retratos de família: a saber, projetando duas imagens sobre uma chapa única, de modo que certas feições comuns a ambas eram realçadas, enquanto as que não se ajustavam uma à outra se anulavam mutuamente e ficavam indistintas na fotografia. No sonho com meu tio, a barba loura emergia de forma proeminente de um rosto que pertencia a duas pessoas e que estava conseqüentemente indistinto; aliás, a barba envolvia ainda uma alusão a meu pai e a mim mesmo por meio da idéia intermediária de ficar grisalho.

A construção de figuras coletivas e compostas é um dos principais métodos por que a condensação atua nos sonhos. Logo terei ocasião de abordá-los em outro contexto. [Ver em [1]]

A ocorrência da idéia de “disenteria” no sonho da injeção de Irma também teve uma determinação múltipla: primeiro, em virtude da sua semelhança fonética com “difteria” [ver em [1]] e, em segundo lugar, por causa da sua ligação com o paciente que eu enviara ao Oriente e cuja histeria não fora reconhecida.

Outro exemplo interessante de condensação nesse sonho foi a menção nele feita a “propilos” [em [1]]. O que estava contido no pensamento do sonho não era “propilos”, mas “amilos”. Poder-se-ia supor que um único deslocamento ocorrera nesse ponto na construção do sonho. Esse era realmente o caso. Mas o deslocamento servira às finalidades da condensação, como é provado pelo acréscimo que se segue à análise do sonho. Quando permiti que minha atenção se demorasse um pouco mais, na palavra “propilos”, ocorreu-me que soava como “Propileu”. Mas há propileus não só em Atenas, como também em Munique. Um ano antes do sonho eu tinha ido a Munique visitar um amigo que estava gravemente enfermo na ocasião — o mesmo amigo a que aludi inequivocamente no sonho por intermédio da palavra “trimetilamina”, que ocorreu logo depois de “propilos”.

Deixarei de lado o modo surpreendente como, nesse caso, tal como em outras análises de sonhos, utilizam-se associações da mais variada importância intrínseca para estabelecer ligações de idéias, como se tivessem peso igual, e cederei à tentação de apresentar, por assim dizer, uma imagem plástica do processo pelo qual os mamilos, nos pensamentos do sonho, foram substituídos por propilos no conteúdo do sonho.

Por um lado, vemos o grupo de representações ligado a meu amigo Otto, que não me compreendia, que tomava partido contra mim e que me presenteara com um licor com aroma de amilo. Por outro, vemos — ligado ao primeiro grupo por seu próprio contraste — o grupo de representações relacionado com meu amigo de Berlim [Wilhelm Fliess], que *de fato* me compreendia, que tomava meu partido, e a quem eu devia tantas informações valiosas que tratavam, entre outras coisas, da química dos processos sexuais.

As causas excitantes recentes — os instigadores reais do sonho — determinaram o que iria atrair minha atenção no grupo “Otto”; o mamilo se achava entre esses elementos seletos, que estavam predestinados a fazer parte do conteúdo do sonho. O copioso grupo “Wilhelm” foi excitado precisamente por estar em contraste com “Otto”, e nele se enfatizaram os elementos que faziam eco aos que já tinham sido incitados em “Otto”. Em todo o sonho, de fato, fiquei a me voltar de alguém que me aborrecia para alguém que pudesse ser agradavelmente contrastado com ele; ponto por ponto, eu evocava um amigo contra um opositor. Assim, o amilo do grupo “Otto” produziu no outro grupo lembranças do campo da química; dessa maneira, a trimetilamina, que recebia apoio de várias direções, penetrou no conteúdo do sonho. O próprio “amilo” poderia ter entrado sem alteração no conteúdo do sonho, mas ficou sob a influência do grupo “Wilhelm”, pois toda a gama de lembranças

abrangida por esse nome foi vasculhada para que se encontrasse algum elemento que pudesse proporcionar uma determinação bilateral para “amilos”. “Propilos” estava intimamente associado com “amilos”, e Munique, do grupo “Wilhelm”, com seu “propileu”, vinha parcialmente a seu encontro. Os dois grupos de idéias convergiram para “propilos-propileu”, e, como que por um ato de conciliação, esse elemento intermediário foi o que penetrou no conteúdo do sonho. Aqui se construiu uma entidade intermediária comum que admitia determinação múltipla. É evidente, portanto, que a determinação múltipla deve tornar mais fácil a um elemento impor-se ao conteúdo do sonho. No sentido de estruturar um elo intermediário dessa natureza, a atenção é deslocada, sem hesitação, daquilo que é realmente pretendido para alguma associação vizinha.

Nosso estudo do sonho da injeção de Irma já nos permitiu adquirir certo discernimento dos processos de condensação no decorrer da formação dos sonhos. Pudemos observar alguns de seus detalhes, tais como o modo como se dá preferência aos elementos que ocorrem várias vezes nos pensamentos do sonho, como se formam novas unidades (sob a forma de figuras coletivas e estruturas compostas), e como se constroem entidades intermediárias comuns. As demais questões relativas à *finalidade* da condensação e aos fatores que tendem a produzi-la não serão levantadas até que tenhamos considerado toda a questão dos processos psíquicos que atuam na formação dos sonhos. [Ver em [1] e Capítulo VII, Seção E, especialmente em [1]] Contentar-nos-emos, por ora, em reconhecer o fato de que a condensação onírica é uma característica notável da relação entre os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho.

O trabalho de condensação nos sonhos é visto com máxima clareza ao lidar com palavras e nomes. É verdade, em geral, que as palavras são freqüentemente tratadas, nos sonhos, como se fossem coisas, e por essa razão tendem a se combinar exatamente do mesmo modo que as representações de coisas. Os sonhos desse tipo oferecem os mais divertidos e curiosos neologismos.

I

Certa ocasião, um colega médico me enviara um artigo que tinha escrito, no qual a importância de uma recente descoberta fisiológica era, em minha opinião, superestimada, e no qual, acima de tudo, o assunto era tratado de maneira demasiado emocional. Na noite

seguinte, sonhei com uma frase que se referia claramente a esse artigo: *“Está escrito num estilo positivamente norekdal.”*. A análise dessa palavra causou-me, de início, alguma dificuldade. Não havia dúvida alguma de que era uma paródia dos superlativos [alemães] *“colossal”* e *“piramidal”*, mas sua origem não era muito fácil de adivinhar. Finalmente, vi que a monstruosidade era composta por dois nomes, “Nora” e “Ekdal” — personagens de duas peças famosas de Ibsen. [Casa de Boneca e O Pato Selvagem] Alguns tempo antes, eu lera um artigo de jornal sobre Ibsen, escrito pelo mesmo autor cuja última obra eu estava criticando no sonho.

II

Uma de minhas pacientes narrou-me um sonho curto que terminava num composto verbal sem sentido. Sonhou que estava com o marido numa festa de camponeses e dizia: *“Isso vai terminar num ‘Maistollmütz’ geral.”* No sonho, ela experimentava uma vaga sensação de que se tratava de uma espécie de pudim de milho — uma espécie de polenta. A análise dividiu a palavra em “Mais” [“milho”], “toll” [“louco”], “mannstoll” [“ninfomaníaca” — literalmente, “louca por homens”] e Olmütz [uma cidade da Morávia]. Verificou-se que todos esses fragmentos eram remanescentes de uma conversa que ela tivera à mesa com parentes. As seguintes palavras estavam por trás de “Mais” (além de uma referência à Exposição do Jubileu recém-inaugurada): “Meissen” (uma figura de porcelana de Meissen [Dresden] representando um pássaro); “Miss” (a governanta inglesa de seus parentes acabara de partir para Olmütz); e “mies” (termo judaico de gíria empregado em tom de brincadeira para significar “repulsivo”). Uma longa cadeia de idéias e associações partia de cada sílaba dessa confusão verbal.

III

Uma rapaz cuja campainha da porta fora tocada tarde da noite por um conhecido que desejava deixar um cartão de visita com ele, teve um sonho nessa noite: *Um homem estivera trabalhando até tarde da noite para consertar o telefone de sua casa. Depois que ele foi embora, o aparelho continuou a tocar — não continuamente, mas com toques intermitentes. Seu criado foi buscar o homem de volta, e este comentou: “É engraçado*

como até mesmo as pessoas que são ‘tutelrein’ na verdade são inteiramente incapazes de lidar com uma coisa dessas.”

Veremos que a causa excitante irrelevante do sono só abrange um de seus elementos. Esse episódio só adquiriu alguma importância pelo fato de o sonhador tê-lo colocado na mesma série de uma experiência anterior, que, apesar de igualmente irrelevante em si, recebera da imaginação dele um significado substitutivo. Quando menino, morando com o pai, ele havia entornado um copo de água no chão, quando estava meio adormecido. Os fios de telefone tinham ficado encharcados e seu *tilintar contínuo* perturbava o sono do pai. Como o tilintar contínuo correspondia a ficar molhado, os “*toques intermitentes*” foram utilizados para representar gotas caindo. A palavra “*tutelrein*” pôde ser analisada em três sentidos e levou, dessa maneira, a três dos assuntos representados nos pensamentos do sonho. “*Tutel*” é um termo jurídico para designar “guarda” [“tutela”]. “*Tutel*” (ou possivelmente “*Tuttel*”) é também um termo vulgar para o seio feminino. A parte restante da palavra, “*rein*” [“limpo”], combinada com a primeira parte de “*Zimmertelegraph*” [“telefone doméstico”], forma “*zummerrein*” [“treinado em casa”] — que se relaciona estreitamente a molhar o chão e, além disso, tinha um som muito semelhante ao do nome de um membro da família do sonhador.

IV

Num sonho confuso e um tanto extenso que eu mesmo tive, cujo ponto central parecia ser uma viagem marítima, a escala seguinte parecia chamar-se “*Hearsin*”, e depois dela vinha “*Fliess*”. Esta última palavra era o nome de meu amigo de B[erlim], que muitas vezes fora o objetivo de minhas viagens. “*Hearsin*” era um composto. Parte dela derivava de nomes de lugares ao longo da ferrovia suburbana perto de Viena, que tão freqüentemente terminam em “ing”: Hietzing, Liesing, Mödling (Medelitz, “*meae deliciae*”, era seu antigo nome — ou seja, “*meine Freud*” [“meu deleite”]). A outra parte derivou-se da palavra inglesa “*hearsay*” (boato). Esta sugeria calúnia e estabeleceu a ligação do sonho com seu instigador irrelevante da véspera: um poema no periódico *Fliegende Blätter* sobre um anão caluniador chamado “*Sagter Hatergesagt*” [“disse-me-disse”]. Se a sílaba “ing” fosse acrescentada ao nome “*Fliess*”, teríamos “*Vlissingen*”, que era com certeza a escala na viagem marítima que meu irmão fazia sempre que vinha da Inglaterra nos visitar. Mas o nome inglês para Vlissingen é “*Flushing*”, que em inglês significa “enrubescer”, que me fez lembrar dos

pacientes que tratei por sofrerem de ereutofobia, e também de um artigo recente de Bechterew sobre essa neurose, que me causara certo aborrecimento.

V

Em outra ocasião, tive um sonho que consistiu em duas partes separadas. A primeira parte era a palavra “*Autodidasker*”, da qual se recordava nitidamente. A segunda era a reprodução exata de um fantasia curta e inocente que eu produzira alguns dias antes. Essa fantasia era no sentido de que, quando encontrasse o Professor N. da próxima vez, eu deveria dizer-lhe: “O paciente sobre cujo estado eu recentemente o consultei está, na verdade, sofrendo apenas de uma neurose, justamente como o senhor suspeitava.” Assim, o neologismo “*Autodidasker*” precisava satisfazer duas condições: em primeiro lugar, deveria ter ou representar um sentido composto; e em segundo, esse sentido deveria estar firmemente relacionado com a intenção, que eu reproduzira na vida de vigília, de me desculpar junto ao Professor N.

A palavra “*Autodidasker*” pôde ser com facilidade decomposta em “Autor” [autor], “*Autodidakt*” [autodidata] e “*Lasker*”, com a qual também associei o nome de Lassalle. A primeira dessas palavras levou à causa precipitante do sonho — desta vez, uma causa significativa. Eu dera a minha mulher diversos volumes de autoria de um célebre escritor [austríaco] que era amigo de meu irmão, e que, como fui informado, era natural de meu próprio torrão natal: J. J. David. Uma noite, ela me falara da profunda impressão que lhe havia causado a trágica história de um dos livros de David a respeito da maneira como um homem talentoso se arruinou; e nossa conversa se voltara para um exame dos dons de que víamos indícios em nossos próprios filhos. Sob o impacto do que estivera lendo, minha mulher externou uma preocupação com as crianças, e eu a consolei com o comentário de que aqueles eram precisamente os perigos que podiam ser afastados por meio de uma boa educação. Meu fluxo de idéias prosseguiu no decorrer da noite; tomei a preocupação de minha mulher e entremeei nela toda sorte de outras coisas. Um comentário feito pelo autor a meu irmão sobre o tema do casamento indicou a meus pensamentos um caminho pelo qual eles poderiam vir a ser representados no sonho. Esse caminho levou a Breslau, para onde uma dama com quem mantínhamos grandes laços de amizade se dirigira a fim de casar-se e

ali fixar residência. A preocupação que eu sentia com o perigo de me arruinar por causa de uma mulher — pois esse era o cerne de meus pensamentos oníricos — encontrou um exemplo em Breslau nos casos de Lasker e Lassalle, o qual possibilitou dar uma imagem simultânea das duas maneiras por que essa influência fatal pode ser exercida. “*Cherchez da femme*”, a frase em que esses pensamentos podiam ser resumidos, levou-me, tomada em outro sentido, a meu irmão ainda solteiro, cujo nome é Alexandre. Percebi então que “Alex”, a forma abreviada do nome pela qual o chamamos, tem quase o mesmo som de um anagrama de “Lasker”, e que esse fator devia ter tido sua participação na condução de meus pensamentos pelo caminho via Breslau.

No entanto, o jogo que eu aqui fazia com nomes e sílabas tinha ainda outro sentido. Expressava o desejo de que meu irmão pudesse ter uma vida doméstica feliz, e o fez dessa forma. No romance de Zola sobre a vida de um artista, *L'oeuvre*, cujo tema deve ter estado próximo de meus pensamentos oníricos, o autor, como se sabe, introduziu a si mesmo e a sua própria felicidade doméstica como um episódio. Ele aparece sob o nome de “Sandoz”. É provável que se obtenha essa transformação da seguinte maneira: se escrevemos “Zola” de trás para frente (o tipo de coisa que as crianças tanto gostam de fazer), chegaremos a “Aloz”. Sem dúvida, isso parecia muito pouco disfarçado. Assim, ele substituiu “Al”, que é a primeira sílaba de “Alexander”, por “Sand”, que é a terceira sílaba do mesmo nome: e assim nasceu “Sandoz”. Meu próprio “Autodidasker” surgiu da mesmíssima forma.

Devo agora explicar como foi que minha fantasia de dizer ao Professor N. que o paciente que ambos havíamos examinado sofria apenas de uma neurose se insinuou no sonho. Pouco antes do fim de meu ano de trabalho, iniciei o tratamento de um novo paciente que frustrou por completo meus poderes de diagnóstico. A presença de uma grave doença orgânica — talvez alguma degeneração da medula espinhal — sugeriu-se acentuadamente, mas não pôde ser estabelecida. Teria sido tentador diagnosticar uma neurose (o que teria solucionado todas as dificuldades), não fosse o paciente haver repudiado com tanta energia a história sexual sem a qual eu me recuso a reconhecer a presença de uma neurose. Em minha perplexidade, procurei ajuda do médico a quem, como muitas outras pessoas, respeito mais do que qualquer outro homem, e perante cuja autoridade estou inteiramente pronto a me inclinar. Ele escutou minhas dúvidas, disse-me que eram justificadas, e então emitiu sua opinião: “Mantenha o homem em observação; deve ser uma neurose.” Como soubesse que

ele não partilhava de meus conceitos sobre a etiologia das neuroses, não apresentei minha contra-argumentação, mas não escondi meu ceticismo. Alguns dias depois, informei ao paciente que nada podia fazer por ele e recomendei que procurasse outra orientação. Diante disso, para meu intenso espanto, ele começou a se desculpar por ter mentido para mim. Esteve muito envergonhado de si mesmo, disse, e então revelou precisamente a etiologia sexual que eu vinha esperando e sem a qual ficara impossibilitado de aceitar sua doença como uma neurose. Fiquei aliviado, mas, ao mesmo tempo, humilhado. Tive de admitir que meu orientador, não se deixando enganar pela consideração da anamnese, enxergara com mais clareza do que eu. E me propus dizer-lhe exatamente isso quando o encontrasse da próxima vez — que *ele* estava certo e *eu*, errado.

Foi precisamente isso o que fiz no sonho. Mas que espécie de realização de desejo teria havido em confessar que eu estava errado? Estar errado, porém, era justamente o que eu *desejava*. Eu queria estar errado em meus temores, ou, para ser mais exato, queria que minha mulher, cujos temores eu adotara nos pensamentos do sonho, estivesse enganada. O tema em torno do qual girava a questão de certo ou errado no sonho não estava muito longe daquilo em que os pensamentos do sonho estavam realmente interessados. Havia a mesma alternativa entre prejuízo orgânico e funcional causado por uma mulher, ou, mais apropriadamente, pela sexualidade: paralisia tabética ou neurose? (O tipo de morte de Lassalle podia ser displicentemente classificado nesta última categoria.)

Nesse sonho de trama cerrada e, depois de cuidadosamente interpretado, muito transparente, o Professor N. desempenhou um papel não só por causa dessa analogia e do meu desejo de estar errado, e em virtude das suas ligações incidentais com Breslau e com a família de nossa amiga que ali se fixara após o casamento, como também por causa do seguinte episódio que ocorreu no fim de nossa consulta. Depois de dar sua opinião e assim encerrar nossa discussão médica, ele passou a assuntos mais pessoais: “Quantos filhos você tem agora?” — “Seis”. Ele fez um gesto de admiração e interesse. — “Meninas ou meninos?” — “Três e três: são meu orgulho e meu tesouro.” — “Bem, então, trate de se prevenir! As meninas são bastante seguras, mas educar meninos leva a dificuldades mais tarde.” — Protestei que os meus se haviam comportado muito bem até ali. É evidente que esse segundo diagnóstico, sobre o futuro de meus meninos, não me agradou mais do que o primeiro, consoante o qual meu paciente estava sofrendo de uma neurose. Assim, essas duas impressões estavam ligadas por sua contigüidade, pelo fato de terem sido

experimentadas numa mesma ocasião; e, ao inserir a história da neurose em meu sonho, eu a estava colocando em lugar da conversa sobre criação de filhos, que tinha mais ligação com os pensamentos do sonho, já que se referia tão de perto às preocupações posteriormente externadas por minha mulher. Assim, até meu medo de que N. pudesse ter razão no que disse sobre a dificuldade de educar meninos encontrou um lugar no sonho, pois jazia oculto por trás da representação de meu desejo de que eu mesmo estivesse errado em abrigar tais temores. A mesma fantasia serviu, sem alterações, para representar ambas as alternativas opostas.

IV

“Hoje cedo, entre o sonhar e o despertar, experimentei um belo exemplo de condensação verbal. No curso de uma massa de fragmentos oníricos de que mal podia lembrar-me, fui detido, por assim dizer, por uma palavra que vi diante de mim como se estivesse meio manuscrita e meio impressa. A palavra era ‘erzefilisch’ e fazia parte de uma frase que se insinuou em minha memória consciente, independente de qualquer contexto e em completo isolamento: ‘Isso tem uma influência erzefilisch nas emoções sexuais.’ Soube imediatamente que a palavra deveria na verdade ter sido ‘erzieherisch’ [‘educacional’]. E fiquei em dúvida, por algum tempo, se o segundo ‘e’ de ‘erzefilisch’ não teria sido um ‘i’. Com respeito a isso, ocorreu-me a palavra ‘sífilis’ e, começando a analisar o sonho enquanto estava ainda meio adormecido, quebrei a cabeça num esforço para descobrir como aquela palavra podia ter entrado em meu sonho, já que eu nada tinha a ver com essa doença, quer pessoalmente, quer profissionalmente. Pensei então em ‘erzehlerisch’ [outra palavra sem sentido], e isso explicou o ‘e’ da segunda sílaba de ‘erzefilisch’, fazendo-me lembrar que, na noite anterior, eu fora solicitado por nossa governanta [Erzieherin] a lhe dizer alguma coisa a respeito do problema da prostituição, e lhe dera o livro de Hesse sobre a prostituição para influenciar sua vida emocional — que não se desenvolvera com inteira normalidade; depois disso, eu tinha conversado [erzählt] muito com ela sobre o problema. Vi então, de uma só vez, que a palavra ‘sífilis’ não devia ser tomada literalmente, mas representava ‘veneno’ — naturalmente, em relação à vida sexual. Quando traduzida, portanto, a frase do sonho tinha bastante lógica: ‘Minha conversa [Erzählung] pretendia ter uma influência educacional [erzieherisch] sobre a vida emocional de nossa governanta [Erzieherin]; mas temo que talvez

tenha tido, ao mesmo tempo, um efeito venenoso.’ ‘*Erzefilisch*’ compunha-se de ‘*erzäh-*’ e ‘*erzieh-*’.”

As malformações verbais nos sonhos se assemelham muito às que são conhecidas na paranóia, mas que também estão presentes na histeria e nas obsessões. Os truques lingüísticos feitos pela crianças, que, às vezes, tratam realmente as palavras como se fossem objetos, e além disso inventam novas línguas e formas sintáticas artificiais, constituem a fonte comum dessas coisas tanto nos sonhos como nas psiconeuroses.

A análise das formas verbais absurdas que ocorrem nos sonhos é particularmente adequada para exhibir as realizações do trabalho do sonho em termos de condensação. O leitor não deve inferir da escassez dos exemplos que forneci que esse tipo de material é raro ou apenas excepcionalmente observado. Pelo contrário, é muito comum. Mas em decorrência do fato de que a interpretação dos sonhos depende do tratamento psicanalítico, apenas um número muito reduzido de exemplos é observado e registrado, e as análises desses exemplos, em geral, só são inteligíveis para os peritos na patologia das neuroses. Assim, um sonho dessa natureza foi relatado pelo Dr. von Karpinska (1914), contendo a forma verbal absurda “*Svingnum elvi*”. Vale também a pena mencionar os casos em que aparece num sonho uma palavra que não é, em si mesma, sem sentido, mas que perdeu seu significado próprio e combina diversos outros significados com os quais está relacionada da mesmíssima forma que estaria uma palavra “sem sentido”. Foi isso o que ocorreu, por exemplo, no sonho do menino de dez anos sobre uma “categoria”, que foi registrado por Tausk (1913). “Categoria”, nesse caso, significava “órgãos genitais femininos”, e “categorizar” significava o mesmo que “urinar”.

Quando nos sonhos ocorrem frases faladas, expressamente distinguidas como tais dos pensamentos, a norma invariável é que as palavras faladas no sonho derivam de palavras faladas lembradas no material onírico. O texto do enunciado é então mantido inalterado, ou externado com algum ligeiro deslocamento. Um enunciado, num sonho, é freqüentemente composto por vários enunciados relembrados, permanecendo o texto idêntico, mas sendo-lhe atribuídos, se possível, vários significados, ou um sentido diferente do original.

(B) O TRABALHO DE DESLOCAMENTO

Ao fazer nossa coletânea de exemplos de condensação nos sonhos, a existência de outra relação, provavelmente de importância não inferior, já se tornara evidente. Via-se que os elementos que se destacam como os principais componentes do conteúdo manifesto do sonho estão longe de desempenhar o mesmo papel nos pensamentos do sonho. E, como corolário, pode-se afirmar o inverso dessa asserção: o que é claramente a essência dos pensamentos do sonho não precisa, de modo algum, ser representado no sonho. O sonho tem, por assim dizer, uma centração diferente dos pensamentos oníricos — seu conteúdo tem elementos diferentes como ponto central. Assim, no sonho da monografia de botânica [em [1]], por exemplo, o ponto central do conteúdo do sonho era, evidentemente, o elemento “botânica”, ao passo que os pensamentos do sonho concerniam às complicações e conflitos que surgem entre colegas por suas obrigações profissionais, e ainda à acusação de que eu tinha o hábito de fazer sacrifícios demais em prol de meus passatempos. O elemento “botânica” não ocupava absolutamente nenhum lugar nesse núcleo dos pensamentos do sonho, a menos que a eles se ligasse vagamente por uma antítese — pelo fato de que a botânica jamais figurara entre meus estudos favoritos. No sonho de minha paciente sobre *Safo* [em [1]], a posição central era ocupada por subir e descer e por estar acima e embaixo; os pensamentos do sonho, porém, versavam sobre os perigos das relações sexuais com pessoas de classe social inferior. De modo que apenas um único elemento dos pensamentos do sonho parece ter penetrado no conteúdo do sonho, embora esse elemento fosse desproporcionalmente ampliado. De forma semelhante, no sonho dos besouros-de-maio [em [1]], cujo tópico foram as relações entre sexualidade e crueldade, é certo que o fator crueldade surgiu no conteúdo onírico; mas o fez com respeito a outra coisa e sem qualquer menção à sexualidade, ou seja, fora de seu contexto e por conseguinte transformado em algo estranho. Mais uma vez, em meu sonho sobre meu tio [em [1]], a barba loura que formava seu ponto central não parece ter tido qualquer ligação em seu significado com meus desejos ambiciosos, que, como vimos, constituíram o núcleo dos pensamentos do sonho. Tais sonhos dão uma impressão justificável de “deslocamento”. Em completo contraste com esses exemplos, podemos ver que, no sonho da injeção de Irma [em [1]], os diferentes elementos puderam reter, no curso do processo de construção do sonho, o lugar aproximado que ocupavam nos pensamentos do sonho. Essa relação adicional entre os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho, inteiramente variável como é em seu sentido ou direção,

destina-se, a princípio, a causar espanto. Ao considerarmos um processo psíquico na vida normal e verificarmos que uma de suas várias representações integrantes foi destacada das demais e adquiriu um grau especial de nitidez na consciência, costumamos encarar esse efeito como prova de que uma dose especialmente elevada de valor psíquico — um grau particular de interesse — está ligada a essa representação predominante. Mas agora descobrimos que, no caso dos diferentes elementos dos pensamentos do sonho, esse tipo de valor não persiste ou é desconsiderado no processo da formação do sonho. Nunca há qualquer dúvida quanto a quais dos elementos dos pensamentos do sonho têm o mais alto valor psíquico; tomamos ciência disso por julgamento direto. No curso da formação de um sonho, esses elementos essenciais, carregados como estão de um intenso interesse, podem ser tratados como se tivessem um valor reduzido e seu lugar pode ser tomado, no sonho, por outros elementos sobre cujo pequeno valor nos pensamentos do sonho não há nenhuma dúvida. À primeira vista, é como se nenhuma atenção fosse dispensada à intensidade psíquica das várias representações ao se proceder à escolha entre elas para o sonho, e como se a única coisa considerada fosse o maior ou menor grau e multiplicidade de sua determinação. O que aparece nos sonhos, poderíamos supor, não é o que é *importante* nos pensamentos do sonho, mas o que neles ocorre repetidas vezes. Mas essa hipótese não nos ajuda muito em nossa compreensão da formação dos sonhos, visto que, a julgar pela natureza das coisas, parece evidente que os dois fatores da determinação múltipla e do valor psíquico intrínseco devem necessariamente atuar no mesmo sentido. As representações mais importantes entre os pensamentos do sonho serão, quase certamente, as que com mais frequência ocorrem neles, uma vez que os diferentes pensamentos oníricos, por assim dizer, delas se irradiarão. Não obstante, o sonho pode rejeitar os elementos assim altamente enfatizados em si próprios e reforçados a partir de muitas direções, e selecionar para seu conteúdo outros elementos que possuam apenas o segundo desses atributos.

Para resolver essa dificuldade, utilizaremos outra impressão derivada de nossa investigação [na seção anterior] da sobredeterminação do conteúdo do sonho. Talvez alguns dos que leram essa investigação já tenham chegado à conclusão independente de que a sobredeterminação dos elementos dos sonhos não é uma descoberta muito importante, já que é evidente em si mesma. E isso porque, na análise, partimos dos elementos do sonho e anotamos todas as associações que deles defluem, de modo que nada há de surpreendente no fato de, no material ideativo assim obtido, depararmos com esses mesmos elementos

com peculiar freqüência. Não posso aceitar essa objeção, mas eu próprio expressarei em palavras algo que não soa muito diferente dela. Entre as idéias que a análise traz à luz, há muitas que estão relativamente afastadas do núcleo do sonho e que parecem interpolações artificiais feitas para algum fim específico. Tal objetivo é fácil de adivinhar. São precisamente *elas* que constituem uma ligação, quase sempre forçada e exagerada, entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho; e se esses elementos fossem eliminados da análise, o resultado seria, muitas vezes, que as partes integrantes do conteúdo do sonho ficariam não apenas sem sobredeterminação, mas também sem qualquer determinação satisfatória. Seremos levados a concluir que a determinação múltipla que decide o que será incluído num sonho nem sempre é um fator primordial na construção do sonho, mas é freqüentemente o produto secundário de uma força psíquica que ainda nos é desconhecida. Não obstante, a determinação múltipla deve ser importante na escolha dos elementos específicos que entrarão num sonho, pois é patente que um considerável dispêndio de esforço é empregado para produzi-la nos casos em que ela não provém sem auxílio do material do sonho.

Portanto, parece plausível supor que, no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, *por meio da sobredeterminação*, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho. Assim sendo, ocorrem *uma transferência e deslocamento de intensidade psíquicas* no processo de formação do sonho, e é como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sono e o dos pensamentos do sonho. O processo que estamos aqui presumindo é nada menos do que a parcela essencial do trabalho do sonho, merecendo ser descrito como o “deslocamento do sonho”. O deslocamento do sonho e a condensação do sonho são os dois fatores dominantes a cuja atividade podemos, em essência, atribuir a forma assumida pelos sonhos.

Não penso tampouco que teremos qualquer dificuldade em reconhecer a força psíquica que se manifesta nos fatos do deslocamento do sonho. A conseqüência do deslocamento é que o conteúdo do sonho não mais se assemelha ao núcleo dos pensamentos do sonho, e que este não apresentamos do que uma distorção do desejo do sonho que existe no inconsciente. Mas já estamos familiarizados com a distorção do sonho. Descobrimos sua origem na censura que é exercida por uma instância psíquica da mente sobre outra. [Ver em [1]] O deslocamento do sonho é um dos principais métodos pelos quais

essa distorção é obtida. *Is fecit cui profuit.* Podemos presumir, portanto, que o deslocamento do sonho se dá por influência da mesma censura — ou seja, a censura da defesa endopsíquica.

A questão da interação desses fatores — deslocamento, condensação e sobredeterminação — na construção dos sonhos, bem como a questão de qual deles é o fator dominante e qual é o fator subordinado —, tudo isso deixaremos de lado para uma investigação posterior. [Ver, por exemplo, em [1]]. Mas podemos enunciar provisoriamente uma segunda condição que deve ser atendida pelos elementos dos pensamentos do sonho que penetram no sonho: *eles têm que escapar da censura imposta pela resistência.* E daqui por diante, ao interpretarmos os sonhos, levaremos em conta o deslocamento do sonho como um fato inegável.

(C) OS MEIOS DE REPRESENTAÇÃO NOS SONHOS

No processo de transformar os pensamentos latentes no conteúdo manifesto de um sonho, vimos dois fatores em ação: a condensação e o deslocamento do sonho. À medida que prosseguirmos em nossa investigação encontraremos, além destes, dois outros determinantes que exercem indubitável influência na escolha do material que terá acesso ao sonho.

Primeiramente, porém, mesmo com o risco de parecer que estou interrompendo nosso progresso, gostaria de dar uma olhadela preliminar nos processos envolvidos na efetivação da interpretação de um sonho. Não posso disfarçar de mim mesmo que a maneira mais fácil de tornar claros esses processos de defender sua fidedignidade das críticas seria tomar como amostra algum sonho específico, proceder a sua interpretação (como fiz com o sonho da injeção de Irma em meu segundo capítulo) e, em seguida, reunir os pensamentos oníricos descobertos e reconstruir, a partir deles, o processo por que o sonho foi formado — em outras palavras, completar a análise de um sonho por meio de uma síntese do sonho. De fato, executei essa tarefa, para minha própria orientação, com diversas amostras, mas não posso reproduzi-las aqui, já que estou proibido de fazê-lo por motivos relacionados com a natureza do material psíquico em jogo — motivos que são de muitas espécies e que serão aceitos como válidos por qualquer pessoa sensata. Tais considerações interferiram menos na *análise* dos sonhos, uma vez que uma análise poderia ser incompleta e, não obstante,

conservar seu valor, muito embora penetrasse apenas um pouco na trama do sonho. No caso da *síntese* de um sonho, porém, não vejo como pode ela ser convincente a menos que seja completa. Eu só poderia dar uma síntese completa de sonhos de pessoas desconhecidas do público leitor. Visto, contudo, que essa condição é preenchida apenas por meus pacientes, que são neuróticos, devo adiar essa parte de minha exposição do assunto até que possa — em outro volume — conduzir a elucidação psicológica das neuroses até um ponto em que ela possa estabelecer contato com nosso tópico atual. [1]

Minhas tentativas de estruturar sonhos por síntese a partir dos pensamentos do sonho ensinaram-me que o material que emerge no curso da interpretação não é todo do mesmo valor. Parte dele é composta dos pensamentos oníricos essenciais — ou seja, aqueles que substituem completamente o sonho, e que, se não houvesse censura dos sonhos, seriam suficientes em si mesmos para substituí-lo. A outra parte do material deve ser em geral considerada de menor importância. Tampouco é possível sustentar o ponto de vista de que todos os pensamentos desse segundo tipo tenham tido uma participação na formação do sonho. [Ver em [1] e [2].] Pelo contrário, pode haver entre eles associações que se relacionem com acontecimentos ocorridos *depois* do sonho, entre os momentos do sonho e da interpretação. Essa parte do material inclui todas as vias de ligação que levaram do conteúdo manifesto do sonho aos pensamentos latentes do sonho, bem como as associações intermediárias e de ligação por meio das quais, no decorrer do processo de interpretação, chegamos a descobrir essas vias de ligação. [1]

Estamos interessados, aqui, apenas nos pensamentos oníricos essenciais. Estes geralmente emergem como um complexo de idéias e lembranças da mais intrincada estrutura possível, com todos os atributos das cadeias de idéias que nos são familiares na vida de vigília. Não raro, são cadeias de idéias que partem de mais de um centro, embora tendo pontos de contato. Cada cadeia de idéias é quase invariavelmente acompanhada por sua contrapartida contraditória, vinculada a ela por associação antitética.

As diferentes porções dessa complicada estrutura mantêm, é claro, as mais diversificadas relações lógicas entre si. Podem representar o primeiro e o segundo planos, digressões e ilustrações, condições, seqüências de provas e contra-argumentações. Quando a massa inteira desses pensamentos do sonho é submetida à pressão do trabalho do sonho,

e quando seus elementos são revolvidos, transformados em fragmentos e aglutinados — quase como uma massa de gelo — surge a questão do que acontece às conexões lógicas que até então formaram sua estrutura. Que representação fornecem os sonhos para “se”, “porque”, “como”, “embora”, “ou ...ou”, e todas as outras conjunções sem as quais não podemos compreender as frases ou os enunciados?

Num primeiro momento, nossa resposta deve ser que os sonhos não têm a seu dispor meios de representar essas relações lógicas entre os pensamentos do sonho. Em sua maioria, os sonhos desprezam todas essas conjunções, e é só o conteúdo substantivo dos pensamentos do sonho que eles dominam e manipulam. A restauração dos vínculos que o trabalho do sonho destruiu é uma tarefa que tem de ser executada pelo processo interpretativo.

A incapacidade dos sonhos de expressarem essas coisas deve estar na natureza do material psíquico de que se compõem os sonhos. As artes plásticas da pintura e da escultura vivem, a rigor, sob uma limitação semelhante, quando comparadas à poesia, que pode valer-se da fala; e aqui, mais uma vez, a razão de sua incapacidade está na natureza do material que essas duas formas de arte manipulam em seu esforço de expressar alguma coisa. Antes que a pintura se familiarizasse com as leis de expressão pelas quais se rege, ela fez tentativas de superar essa desvantagem. Nas pinturas antigas, pequenas etiquetas eram penduradas na boca das pessoas representadas, contendo, em caracteres escritos, os enunciados que o pintor perdia a esperança de representar pictoricamente.

Neste ponto, talvez se levante uma objeção contra a idéia de que os sonhos são incapazes de representar relações lógicas. Pois existem sonhos em que ocorrem as mais complicadas operações intelectuais, em que as afirmações são contrariadas ou confirmadas, ridicularizadas ou comparadas, tal como acontece ao pensamento de vigília. Aqui, porém, mais uma vez as aparências enganam. Se nos aprofundarmos na interpretação de sonhos como esses, verificaremos que a totalidade disso *faz parte do material dos pensamentos do sonho e não é uma representação do trabalho intelectual realizado durante o próprio sonho*. O que é reproduzido pelo aparente pensamento no sonho é o tema dos pensamentos do sonho e não as *relações mútuas entre eles*, cuja asserção constitui o pensamento. Exporei alguns exemplos disso. [Ver em [1]] Mas o ponto mais fácil de estabelecer a esse respeito é que todas as frases orais que ocorrem nos sonhos e são especificamente descritas como tais constituem reproduções não modificadas ou ligeiramente modificadas de enunciados que

também se encontram entre as lembranças do material dos pensamentos do sonho. Esse tipo de enunciado muitas vezes não passa de uma alusão a algum acontecimento incluído entre os pensamentos do sonho, e o sentido do sonho pode ser totalmente diferente. [Ver em [1]]

Não obstante, não negarei que uma atividade crítica de pensamento, que não é uma simples repetição do material dos pensamentos do sonho, tem *efetivamente* uma participação na formação dos sonhos. Terei de elucidar o papel desempenhado por esse fator no fim desse exame. Ficará evidente, então, que essa atividade de pensamento não é produzida pelos pensamentos do sonho, mas pelo próprio sonho, depois de, num certo sentido, já ter sido concluído. [Ver a última Seção deste Capítulo (em [1]).]

Provisoriamente, portanto, é possível dizer que as relações lógicas entre os pensamentos oníricos não recebem nenhuma representação isolada nos sonhos. Por exemplo, quando ocorre uma contradição num sonho, ou ela é uma contradição do próprio sonho ou uma contradição oriunda do tema de um dos pensamentos do sonho. Uma contradição num sonho só pode corresponder a uma contradição *entre* os pensamentos do sonho de maneira extremamente indireta. Mas, assim como a arte da pintura finalmente encontrou um modo de expressar por outros meios que não as etiquetas balouçantes, pelo menos a *intenção* das palavras dos personagens representados — afeição, ameaças, advertências e assim por diante —, há também um meio possível pelo qual os sonhos podem levar em conta algumas das relações lógicas entre seus pensamentos oníricos, efetuando uma modificação apropriada no método de representação característico dos sonhos. A experiência demonstra que os diferentes sonhos variam muito nesse aspecto. Enquanto alguns sonhos desprezam completamente a seqüência lógica de seu material, outros tentam dar uma indicação tão completa quanto possível dela. Ao fazê-lo, os sonhos se afastam ora mais, ora menos amplamente do texto de que dispõem para manipular. Aliás, os sonhos variam de forma semelhante em seu tratamento da seqüência cronológica dos pensamentos do sonho, caso tal seqüência tenha-se estabelecido no inconsciente (como, por exemplo, no sonho da injeção de Irma. [Ver em [1]]).

Que meios possui o trabalho do sonho para indicar nos pensamentos oníricos essas relações que são tão difíceis de representar? Tentarei enumerá-las uma a uma.

Em primeiro lugar, os sonhos levam em conta, de maneira geral, a ligação que inegavelmente existe entre todas as partes dos pensamentos do sonho, combinando todo o material numa única situação ou acontecimento.

Eles reproduzem a *ligação lógica* pela *simultaneidade no tempo*. Nesse aspecto, agem como o pintor que, num quadro da Escola de Atenas ou do Parnaso, representa num único grupo todos os filósofos ou todos os poetas. É verdade que, de fato, eles nunca se reuniram num único salão ou num único cume de montanha, mas certamente formam um grupo no sentido conceitual.

Os sonhos levam esse método de reprodução aos menores detalhes. Sempre que nos mostram dois elementos muito próximos, isso garante que existe alguma ligação especialmente estreita entre o que corresponde a eles nos pensamentos do sonho. Da mesma forma, em nosso sistema de escrita, “ab” significa que as duas letras devem ser pronunciadas numa única sílaba. Quando se deixa uma lacuna entre o “a” e o “b”, isso significa que o “a” é a última letra de uma palavra e o “b”, a primeira da seguinte. Do mesmo modo, as colocações nos sonhos não consistem em partes fortuitas e desconexas do material onírico, mas em partes que são mais ou menos estreitamente ligadas também nos pensamentos do sonho.

Para representar *relações causais*, os sonhos possuem dois procedimentos que são, em essência, os mesmos. Suponhamos que os pensamentos do sonho fossem do seguinte teor: “Uma vez que isso foi assim e assim, tal e tal estava fadado a acontecer.” Nesse caso, o método mais comum de representação seria introduzir a oração subordinada como um sonho introdutório e acrescentar a oração principal como o sonho principal. Se interpretei corretamente, a seqüência temporal pode ser invertida. Mas a parte mais extensa do sonho sempre corresponde à oração principal.

Uma de minhas pacientes forneceu certa vez um excelente exemplo desse modo de representar a causalidade num sonho, que mais adiante registrarei na íntegra. [Ver em [1]; também examinado em [1] e [2].] Consistiu um breve prelúdio e num fragmento muito difuso de sonho que se centralizou, em grau acentuado, num único tema, e poderia ser intitulado “A Linguagem das Flores”.

O sonho introdutório foi o seguinte: *Ela entrou na cozinha, onde estavam as suas duas empregadas, e repreendeu-as por não terem aprontado sua “comidinha”. Ao mesmo tempo, ela viu uma enorme quantidade de louça comum de cerâmica, emborcada na cozinha*

para escorrer; estava amontoada em pilhas. As duas criadas foram buscar água e tiveram de entrar numa espécie de rio que chegava até bem junto da casa ou entrava no quintal. Seguiu-se então o sonho principal, que começava assim: Ela estava descendo de uma elevação sobre algumas paliçadas estranhamente construídas e se sentia contente por seu vestido não ter ficado preso nelas... etc.

O sonho introdutório relacionava-se com a casa dos pais da sonhadora. Sem dúvida, ela muitas vezes ouvira a mãe empregar as palavras que ocorreram no sonho. As pilhas de louças comum provinham de uma modesta loja de ferragens que estava localizada no mesmo prédio. A outra parte do sonho continha uma referência ao pai dela, que sempre corria atrás das empregadas e que acabou contraindo uma doença fatal durante uma inundação. (A casa ficava perto da margem de um rio.) Assim, o pensamento oculto por trás do sonho introdutório dizia o seguinte: “Como nasci neste casa, em circunstâncias tão mesquinhas e deprimentes...” O sonho principal tomou o mesmo pensamento e apresentou-o numa forma modificada pela realização de desejo: “Sou de alta linhagem.” Assim, o verdadeiro pensamento subjacente era: “Como sou de linhagem tão baixa, o curso de minha vida tem sido assim e assim.”

A divisão de um sonho em duas partes desiguais não significa invariavelmente, até onde posso ver, que exista uma relação causal entre os pensamentos por trás das duas partes. Muitas vezes, é como se o mesmo material fosse representado nos dois sonhos a partir de diferentes pontos de vista. (Isso é certamente o que acontece quando uma série de sonhos durante uma noite termina numa emissão ou num orgasmo — uma série em que a necessidade somática encontra o caminho para uma expressão progressivamente mais clara.) Ou então os dois sonhos podem ter brotado de centros separados nomaterial onírico, e seu conteúdo pode superpor-se, de modo que o que é o centro num sonho está presente como mera sugestão no outro, e *vice-versa*. Todavia, em certo número de sonhos, uma divisão em um sonho preliminar mais curto e uma seqüência longa significa, de fato, que há uma relação causal entre as duas partes.

O outro método de representar uma relação causal adapta-se ao material menos extenso e consiste na transformação de uma imagem do sonho, seja ela de uma pessoa ou de uma coisa, em outra. A existência de uma relação causal só deve ser levada a sério se a transformação realmente ocorrer diante de nossos olhos, e não se apenas notarmos que uma coisa apareceu no lugar de outra.

Afirmei que os dois métodos de representar uma relação causal eram essencialmente os mesmos. Em ambos os casos a causação é representada pela seqüência temporal: num deles, por uma seqüência de sonhos e, no outro, pela transformação direta de uma imagem em outra. Na grande maioria dos casos, cabe confessar, a relação causal não é, em absoluto, representada, mas se perde na confusão de elementos que inevitavelmente ocorre no processo do sonhar.

A alternativa “ou ... ou” não pode ser expressa em sonhos, seja de que maneira for. Ambas as alternativas costumam ser inseridas no texto do sonho como se fossem igualmente válidas. O sonho da injeção de Irma contém um exemplo clássico disso. Seus pensamentos latentes diziam nitidamente [ver em [1]-[2]]: “Não sou responsável pela persistência das dores de Irma; a responsabilidade esta *ou* na resistência dela a aceitar minha solução, *ou* nas condições sexuais desfavoráveis em que ela vive e que eu não posso alterar, *ou* no fato de que suas dores de modo algum são histéricas, mas de natureza orgânica.” O sonho, por outro lado, preencheu *todas* essas possibilidades (que eram quase mutuamente exclusivas), e não hesitou em acrescentar uma quarta solução, baseada no desejo do sonho. Após interpretar o sonho, procedi à inserção do “ou ... ou” no contexto dos pensamentos do sonho.

Quando, no entanto, ao reproduzir um sonho, seu narrador se sente inclinado a utilizar “ou ... ou” — por exemplo, “era ou um jardim ou uma sala de estar” —, o que estava presente nos pensamentos do sonho não era uma alternativa, e sim um “e”, uma simples adição. “Ou ... ou” é predominantemente empregado para descrever um elemento onírico que tenha uma característica de imprecisão — que, contudo, é passível de ser desfeita. Em tais casos, a norma de interpretação é: trate as duas aparentes alternativas como se fossem de igual validade e ligue-as por um “e”.

Por exemplo, certa ocasião um amigo meu estava na Itália e eu ficara sem seu endereço por um tempo considerável. Tive então um sonho no qual recebia um telegrama com o endereço abaixo. Vi-o impresso em azul no formulário telegráfico. A primeira palavra era vaga:

“*Via*”, talvez,
ou “*Villa*”

a segunda estava clara:
“*Secerno*”

ou possivelmente até (“Casa”)

A segunda palavra soava como algum nome italiano e me fez lembrar as discussões que eu tivera com meu amigo sobre a questão da etimologia. Também expressava minha raiva dele por ter mantido seu endereço em *segredo* para mim por tanto tempo. Por outro lado, cada uma das três alternativas da primeira palavra revelou ser, na análise, um ponto de partida independente e igualmente válido para uma cadeia de idéias. [1]

Durante a noite anterior ao funeral de meu pai, tive um sonho com um aviso, placar ou cartaz impresso — bem semelhante aos avisos proibindo que se fume nas salas de espera das estações de trem — onde aparecia, ou:

“Pede-se que você feche os olhos”

ou, “Pede-se
que você
feche um
olho”.

Costumo escrever isto na forma:

	o(s)	
“Pede-se que você feche		olho(s).”
	um	

Cada uma dessas duas versões tinha um sentido próprio e levou numa direção diferente quando o sonho foi interpretado. Eu escolhera o ritual mais simples possível para o funeral, pois conhecia as opiniões de meu pai sobre essas cerimônias. Mas alguns outros membros da família não simpatizavam com tal simplicidade puritana e achavam que ficaríamos desonrados aos olhos dos que comparecessem ao enterro. Daí uma das versões: “Pede-se que você feche um olho”, ou seja “feche os olhos a” ou “faça vista grossa”. Aqui, é particularmente fácil ver o sentido da imprecisão expressa pelo “ou ... ou”. O trabalho do sonho não conseguiu estabelecer um enunciado unificado para os pensamentos dos sonhos,

que pudesse ao mesmo tempo ser ambíguo, e, conseqüentemente, as duas principais linhas de pensamento começaram a divergir até no conteúdo manifesto do sonho. [1]

Em alguns casos, a dificuldade de representar uma alternativa é superada dividindo-se o sonho em duas partes de igual extensão.

A maneira como os sonhos tratam a categoria dos contrários e dos contraditórios é altamente digna de nota. Ela é simplesmente desconsiderada. O “não” não parece existir no que diz respeito aos sonhos. Eles mostram uma preferência particular por combinar os contrários numa unidade ou por representá-los como uma só coisa. Os sonhos se sentem livres, além disso, para representar qualquer elemento por seu oposto imaginário, de modo que não há maneira de decidir, à primeira vista, se qualquer elemento que admita um contrário está presente nos pensamentos do sonho como positivo ou negativo.

Num dos sonhos registrados logo acima, cuja primeira oração já foi interpretada (“como minha linhagem foi tal e tal” [ver em [1]]), a sonhadora se viu descendo sobre paliçadas, segurando um ramo florido na mão. Em conexão com essa imagem ela pensou no anjo segurando um buquê de lírios nos quadros da Anunciação — seu próprio nome era Maria — e nas meninas de túnicas brancas andando nas procissões de *Corpus Cristi*, quando as ruas são decoradas com ramos verdes. Assim, o ramo florido do sonho aludia, sem dúvida alguma, à inocência sexual. Contudo, o ramo estava coberto de flores *vermelhas*, cada uma delas semelhante a uma camélia. No final de sua caminhada — assim prosseguia o sonho —, os botões em flor já estavam bem murchados. Seguiram-se então algumas alusões inconfundíveis à menstruação. Por conseguinte, o mesmo ramo que era carregado como um lírio e como que por uma menina inocente era, ao mesmo tempo, uma alusão à *Dame aux camélias*, que, como sabemos, costumava usar uma camélia branca, salvo durante suas regras, quando usava uma vermelha. O mesmo ramo em flor (cf. “des Mädchens Blüten” [“os botões da donzela”] no poema de Goethe “Der Müllerin Verrat”) representava tanto a inocência sexual como seu contrário. E o mesmo sonho que expressava sua alegria por ter conseguido passar pela vida imaculadamente apresentava vislumbres, em certos pontos (por exemplo, no emurchecimento dos botões em flor), da cadeia de idéias contrárias — de ela ter sido culpada de vários pecados contra a pureza sexual (em sua infância, quer dizer). Ao analisar o sonho, foi possível distinguir claramente as duas cadeias de idéias das quais a consoladora parecia ser a mais superficial, e a auto-

reprovadora, a mais profunda — cadeias de idéias que eram diametralmente opostas uma à outra, mas cujos elementos semelhantes, embora contrários, foram representados pelos mesmos elementos no sonho manifesto. [1]

Uma e apenas uma dessas relações lógicas é extremamente favorecida pelo mecanismo da formação do sonho; a saber, a relação de semelhança, consonância ou aproximação — a relação de “tal como”. Essa relação, diversamente de qualquer outra, é possível de ser representada nos sonhos de múltiplas maneiras. Os paralelos ou exemplos de “tal como” inerentes ao material dos pensamentos do sonho constituem as primeiras fundações para a construção de um sonho; e uma parte nada insignificante do trabalho do sonho consiste em criar novos paralelos onde os que já estão presentes não conseguem penetrar no sonho em virtude da censura imposta pela resistência. A representação da relação de semelhança é auxiliada pela tendência do trabalho do sonho à condensação.

A semelhança, a consonância, a posse de atributos comuns — tudo isso é representado nos sonhos pela unificação, que pode já estar presente no material dos pensamentos do sonho ou pode ser novamente construída. A primeira dessas possibilidades pode ser descrita como “identificação”, e a segunda, como “composição”. A identificação é empregada quando se trata de *peessoas*; a composição, quando as *coisas* são o material da unificação. Não obstante, a composição também pode aplicar-se às *peessoas*. As localidades são freqüentemente tratadas como *peessoas*.

Na identificação, apenas uma das *peessoas* ligadas por um elemento comum consegue ser representada no conteúdo manifesto do sonho, enquanto a segunda ou as demais *peessoas* parecem ser suprimidas dele. Mas essa figura encobridora única aparece no sonho em todas as relações e situações que se aplicam quer a ela, quer às figuras que ela encobre. Na composição, quando esta se estende às *peessoas*, a imagem onírica contém traços que são peculiares a uma ou outra das *peessoas* em causa, mas não comuns a elas; de modo que a combinação desses traços leva ao aparecimento de uma nova unidade, uma figura composta. O processo efetivo de composição pode ser realizado de várias maneiras. Por um lado, a figura onírica pode ter o nome de uma das *peessoas* que com ela se relacionam — em cujo caso simplesmente sabemos diretamente, de maneira análoga a nosso conhecimento de vigília, que esta ou aquela *peessoa* é visada —, enquanto seus traços visuais podem pertencer à outra *peessoa*. Ou, por outro lado, a própria imagem onírica pode

ser composta de traços visuais pertencentes, na realidade, em parte a uma pessoa e em parte à outra. Ou, ainda, a participação da segunda pessoa na imagem onírica pode estar não em seus traços visuais, mas nos gestos que atribuímos a ela, nas palavras que a fazemos pronunciar, ou na situação em que a colocamos. Nesse último caso, a distinção entre a identificação e a construção de uma figura composta começa a perder sua nitidez. Mas é também possível que a formação de uma figura composta dessa natureza seja malsucedida. Quando isso ocorre, a cena no sonho é atribuída a *uma* das pessoas em causa, enquanto a outra (e, em geral, a mais importante) aparece como uma figura concomitante, sem qualquer outra função. O sonhador pode descrever essa posição numa frase como: “Minha mãe também estava lá.” (Stekel.) Um elemento dessa espécie no conteúdo do sonho pode ser comparado aos “determinantes” empregados na escrita hieroglífica, que não visam a ser pronunciados, servindo meramente para elucidar outros sinais.

O elemento comum que justifica, ou, antes, causa a combinação das duas pessoas pode ser representado no sonho ou omitido dele. Em geral, a identificação ou construção de uma pessoa composta se dá exatamente para fins de evitar a representação do elemento comum. Em vez de dizer: “A tem sentimentos hostis para comigo, e o mesmo ocorre com *B*”, formo uma figura composta por *A* e *B* no sonho, ou imagino *A* executando um ato de alguma outra natureza, que é característico de *B*. A figura onírica assim construída aparece no sonho num contexto inteiramente novo, e o fato de ela representar tanto *A* como *B* justifica minha inserção no ponto apropriado do sonho do elemento que é comum a ambos, a saber, uma atitude hostil para comigo. Muitas vezes, é possível chegar dessa maneira a um volume notável de condensação no conteúdo de um sonho; poupo-me a necessidade de fornecer uma representação direta de circunstâncias muito complicadas relativas a uma dada pessoa, se puder encontrar outra pessoa a quem alguma dessas circunstâncias se apliquem igualmente. É também fácil ver o quanto esse método de representação por meio da identificação pode servir bem para se fugir à censura causada pela resistência, que impõe condições tão severas ao trabalho do sonho. Aquilo a que a censura faz objeção pode estar precisamente em certas representações que, no material dos pensamentos do sonho, estão ligadas a uma pessoa específica; assim, passo a procurar uma segunda pessoa que também esteja ligada ao material objetável, mas apenas a uma parte dele. O contato entre as duas pessoas nesse aspecto censurável justifica então minha construção de uma figura composta caracterizada por traços irrelevantes oriundos de ambas. Essa figura, obtida por identificação

ou por composição, fica então admissível ao conteúdo do sonho, sem censura, e assim, utilizando a condensação do sonho, atendi às reivindicações da censura onírica.

Quando um elemento comum entre duas pessoas é representado num sonho, isso costuma ser uma sugestão para que procuremos outro elemento comum oculto cuja representação tenha sido impossibilitada pela censura. Fez-se deslocamento no tocante ao elemento comum para, por assim dizer, facilitar sua representação. O fato de a figura composta aparecer no sonho com um elemento comum irrelevante leva-nos a concluir que outro elemento comum, longe de ser indiferente, está presente nos pensamentos do sonho.

Portanto, a identificação ou a produção de figuras compostas serve a várias finalidades nos sonhos: em primeiro lugar, para representar um elemento comum a duas pessoas, em segundo, para representar um elemento comum *deslocado*, e, em terceiro, também para expressar um elemento comum meramente *imaginário*. Visto que desejar que duas pessoas tivessem um elemento comum muitas vezes coincide com a troca de uma pela outra, esta segunda relação também se expressa nos sonhos por meio da identificação. No sonho da injeção de Irma, eu desejava trocá-la por outra paciente: ou seja, desejava que a outra mulher pudesse ser minha paciente, tal como Irma. O sonho levou esse desejo em conta, mostrando-me uma pessoa que se chamava Irma, mas que era examinada numa posição em que eu só havia tido oportunidade de ver a outra mulher [em [1]]. No sonho com meu tio, uma troca dessa natureza tornou-se o ponto central: eu me identifiquei com o Ministro, não tratando nem julgando meus colegas melhor do que ele o fez. [Ver em [1]]

É minha experiência, e uma experiência para a qual não encontrei nenhuma exceção, que todo sonho versa sobre o próprio sonhador. Os sonhos são inteiramente egoístas. Sempre que meu próprio ego não aparece no conteúdo do sonho, mas somente alguma pessoa estranha, posso presumir com segurança que meu próprio ego está oculto, por identificação, por trás dessa outra pessoa; posso inserir meu ego no contexto. Em outras ocasiões, quando meu próprio ego *de fato aparece* no sonho, a situação em que isso ocorre pode ensinar-me que alguma outra pessoa jaz oculta, por identificação, por trás de meu ego. Nesse caso, o sonho me alertaria a transferir para mim mesmo, ao interpretá-lo, o elemento comum oculto ligado a essa outra pessoa. Há também sonhos em que meu ego aparece juntamente com outras pessoas que, uma vez desfeita a identificação, revelam-se mais uma vez como meu ego. Essas identificações então me possibilitariam pôr em contato com meu ego certas representações cuja aceitação fora proibida pela censura. Assim, meu ego pode

ser representado num sonho várias vezes, ora diretamente, ora por meio da identificação com pessoas estranhas. Por meio de várias dessas identificações torna-se possível condensar um volume extraordinário de material do pensamento. O fato de o ego do próprio sonhador aparecer num sonho várias vezes, ou de várias formas, não é, no fundo, mais marcante do que o fato de o ego estar contido num pensamento consciente várias vezes ou em diferentes lugares ou contextos — por exemplo, na frase “quando eu penso em como eu fui uma criança sadia.”

As identificações no caso de nomes próprios de *localidades* se desfazem ainda mais facilmente do que no caso de pessoas, já que aqui não há interferência por parte do ego, que ocupa um lugar tão dominante nos sonhos. Num de meus sonhos sobre Roma [ver em [1]], o lugar em que me encontrava chamava-se Roma, mas eu ficava atônito com a quantidade de cartazes em alemão na esquina de uma rua. Esse segundo ponto era uma realização de desejo, que imediatamente me fez pensar em Praga; e o próprio desejo talvez datasse de uma fase nacionalista-alemã pela qual passei durante minha juventude, mas que depois superei. Na ocasião em que tive o sonho, havia uma perspectiva de eu encontrar meu amigo [Fliess] em Praga; de modo que a identificação de Roma e Praga pode ser explicada como um elemento desejante comum: eu preferiria encontrar meu amigo em Roma e gostaria de trocar Praga por Roma para fins desse encontro.

A possibilidade de criar estruturas compostas destaca-se como a mais importante entre as características que tantas vezes emprestam aos sonhos uma aparência fantástica, pois introduz no conteúdo dos sonhos elementos que nunca poderiam ter sido objetos de percepção real. O processo psíquico de construir imagens compostas nos sonhos é, evidentemente, o mesmo de quando imaginamos ou retratamos um centauro ou um dragão na vida de vigília. A única diferença é que a que determina a produção da figura imaginária na vida de vigília é a impressão que a própria nova estrutura pretende causar, ao passo que a formação da estrutura composta num sonho é determinada por um fator estranho à sua forma real — a saber, o elemento comum nos pensamentos do sonho. As estruturas compostas nos sonhos podem ser formadas de uma grande variedade de maneiras. O mais ingênuo desses procedimentos representa meramente os atributos de uma coisa, acompanhados pelo conhecimento de que também pertencem a uma outra coisa. Uma técnica mais elaborada combina os traços de ambos os objetos numa nova imagem e, ao proceder assim, utiliza com habilidade quaisquer semelhanças que os dois objetos acaso

possuam na realidade. A nova estrutura pode aparecer inteiramente absurda ou causar-nos a impressão de um sucesso imaginativo, conforme o material e a habilidade com que seja aglutinada. Quando os objetos a serem condensados numa só unidade são por demais incongruentes, o trabalho do sonho muitas vezes se contenta em criar uma estrutura composta com um núcleo relativamente distinto, acompanhando por diversos traços menos distintos. Nesse caso, é possível dizer que o processo de unificação numa imagem única falhou. As duas representações se superpõem e produzem algo da ordem de uma competição entre as duas imagens visuais. Poder-se-ia chegar a representações semelhantes num desenho, caso se tentasse ilustrar o modo pelo qual um conceito geral é formado a partir de várias imagens perceptivas isoladas.

Os sonhos são, na verdade, uma massa dessas estruturas compostas. Furneci alguns exemplos delas em sonhos que já analisei; e acrescentarei agora mais alguns. No sonho relatado mais adiante, em [1] [também anteriormente, em [1]-[2]], que descreve o curso da vida da paciente “na linguagem das flores”, o ego do sonho segurava na mão um ramo de botões de flores que, como vimos, representava tanto a inocência como a pecaminosidade sexual. O ramo, graças à maneira como as flores estavam colocadas nele, também fez a sonhadora lembrar-se de flor de *cerejeira*; as próprias flores, consideradas individualmente, eram *camélias*, e, além disso, a impressão geral era a de um crescimento *exótico*. O fator comum entre os elementos dessa estrutura composta foi indicado pelos pensamentos do sonho. O ramo florido era composto de alusões a presentes que lhe tinham sido oferecidos com o propósito de conquistar, ou tentar conquistar, seu favores. Assim, tinham-lhe dado *cerejas* na infância e, em época posterior da vida, uma planta de *camélias*; já “exótico” era uma alusão a um naturalista muito viajado que tentara conquistar suas boas graças com o desenho de uma flor. — Outra de minhas pacientes produziu, num de seus sonhos, algo intermediário entre uma cabine de banho à beira-mar, um quartinho externo no campo e um sótão numa casa urbana. Os dois primeiros elementos têm em comum uma ligação com pessoas nuas e em desalinho; e sua combinação com o terceiro elemento leva à conclusão de que (em sua infância) um sótão também fora uma cena de desnudamento. — Outro sonhador produziu uma localidade composta a partir de dois lugares onde se fazem “tratamentos”, sendo um deles meu consultório e o outro, o local de entretenimento onde ele travara conhecimento com sua mulher. — Uma moça sonhou, depois de seu irmão mais velho ter-lhe prometido um banquete de caviar, que as pernas desse mesmo irmão estavam

inteiramente cobertas de grãos negros de caviar. O elemento de “contágio” (no sentido moral) e a lembrança de uma *erupção* em sua infância, que lhe cobrira inteiramente as pernas de manchas *vermelhas*, em vez de negras, tinham-se combinado com os *grãos de caviar* num conceito novo — a saber, o conceito “*o que ela pegara de seu irmão*”. Nesse sonho, como em outros, as partes do corpo humano foram tratadas como objetos. — Num sonho registrado por Ferenczi [1910], ocorreu uma imagem composta que era formada da figura de um *médico* e de um *cavalo* e estava também vestida de *camisão de dormir*. O elemento comum a esses três componentes foi alcançado na análise depois de a paciente reconhecer que o *camisão de dormir* era uma alusão a seu pai numa cena da infância. Em todos os três casos, a questão era um objeto de sua curiosidade sexual. Quando criança, ela fora muitas vezes levada por sua babá a um haras militar onde teve amplas oportunidades de satisfazer o que, na época, era sua curiosidade ainda não inibida.

Afirmo anteriormente [em [1]] que os sonhos não têm meios de expressar a relação de uma contradição, um contrário ou um “não”. Passarei agora a fazer uma primeira negação dessa assertiva. Uma classe de casos que podem ser reunidos sob o título de “contrários” é, como já vimos [em [1]], simplesmente representada por identificação — ou seja, casos em que a idéia de uma troca ou substituição pode ser posta em ligação com o contraste. Apresentei vários exemplos disso. Outra classe de contrários nos pensamentos do sonho, que se enquadram numa categoria que pode ser descrita como “pelo contrário” ou “justamente o inverso”, penetra nos sonhos da seguinte maneira notável, que quase merece ser descrita como um chiste. O “justamente o inverso” não é representado, em si mesmo, no conteúdo do sonho, mas revela sua presença no material pelo fato de uma parte do conteúdo onírico, que já foi construída e por acaso (por algum outro motivo) lhe é adjacente, ser — digamos como que numa reconsideração — virada no outro sentido. O processo é mais fácil de ilustrar do que de descrever. No interessante sonho do “em cima e embaixo” (em [1]), a representação da subida no sonho foi o inverso do que era em seu protótipo nos pensamentos do sonho — ou seja, na cena introdutória de *Safo*, de Daudet: no sonho, a subida era difícil no começo, porém mais fácil depois, enquanto que, na cena de Daudet, era fácil no início porém cada vez mais difícil depois. Além disso, o “lá em cima” e o “lá em baixo” na relação entre o sonhador e seu irmão foram representados de maneira invertida no sonho. Isso apontou para a presença de uma relação invertida ou contrária entre duas partes do material dos pensamentos do sonho, e fomos encontrá-la na fantasia infantil do sonhador de

ser carregado por sua ama-de-leite, que era o contrário da situação do romance, onde o herói estava carregando sua amante. Do mesmo modo, em meu sonho do ataque de Goethe a *Herr M.* (ver adiante, em [1]), existe um “justamente o inverso” semelhante, que tem de ser posto em ordem antes que o sonho possa ser interpretado com êxito. No sonho, Goethe fazia um ataque a um jovem, *Her M.*; na situação real contida nos pensamentos do sonho, um homem importante, meu amigo [Fliess], fora atacado por um jovem escritor desconhecido. No sonho, fiz um cálculo baseando-me na data da morte de Goethe; na realidade, o cálculo fora feito a partir do ano de nascimento do paciente paralítico. O pensamento que se revelou decisivo nos pensamentos do sonho foi uma contradição da idéia de que Goethe deveria ser tratado como se fosse um lunático. “Justamente o inverso”, disse [o sentido subjacente de] o sonho; “se você não compreende o livro, é você [o crítico] que é um débil mental, e não o autor”. Penso, além disso, que todos esses sonhos de virar as coisas ao contrário incluem uma referência às implicações desdenhosas da idéia de “voltar as costas a alguma coisa”. (Por exemplo, o virar as costas do sonhador em relação a seu irmão no sonho de *Safo* [em [1]].) É relevante observar, além disso, o quanto é freqüente a inversão empregada precisamente nos sonhos oriundos de impulsos homossexuais recalcados.

Aliás, a inversão, ou transformação de uma coisa em seu oposto, é um dos meios de representação mais favorecidos pelo trabalho do sonho, e é passível de utilização nos sentidos mais diversos. Ela serve, em primeiro lugar, para dar expressão à realização de um desejo em referência a algum elemento específico dos pensamentos do sonho. “Ah, se ao menos tivesse sido ao contrário!” Esta é muitas vezes a melhor maneira de expressar a reação do ego a um fragmento desagradável da memória. Além disso, a inversão tem uma utilidade muito especial como auxílio à censura, pois produz uma massa de distorção do material a ser representado, e isto tem um efeito positivamente paralisante, para começar, sobre qualquer tentativa de compreender o sonho. Por essa razão, quando um sonho se recusa obstinadamente a revelar seu sentido, sempre vale a pena ver o efeito de inverter em particular alguns elementos de seu conteúdo manifesto, depois do quê toda a situação, com freqüência, torna-se logo evidente.

E, independentemente da inversão do assunto, a inversão *cronológica* não deve ser negligenciada. Uma técnica bastante comum da distorção do sonho consiste em representar o resultado de um acontecimento ou a conclusão de uma cadeia de idéias no início de um

sonho, e em colocar em seu final as premissas em que se basearam a conclusão ou as causas que levaram ao acontecimento. Quem quer que deixe de ter em mente esse método técnico adotado pela distorção onírica ficará inteiramente perdido quando se deparar com a tarefa de interpretar um sonho.

Em alguns casos, de fato, só é possível chegar ao sentido de um sonho depois de se ter efetuado um bom número de inversões de seu conteúdo sob vários aspectos. Por exemplo, no caso de um jovem neurótico obsessivo, ocultava-se por trás de um de seus sonhos a lembrança de um desejo de morte que datava de sua infância e era dirigido contra seu pai, a quem ele temera. Eis aqui o texto do sonho: *Seu pai o repreendia por voltar para casa tão tarde*. O contexto em que o sonho ocorreu no tratamento psicanalítico e as associações do paciente mostraram, contudo, que as palavras originais deviam ter sido que *ele* estava com raiva do *pai*, e que, em sua opinião, o pai sempre voltava para casa *cedo* demais (ou seja, muito antes do tempo). Ele teria preferido que o pai não voltasse para casa *em absoluto*, e isso era a mesma coisa que um desejo de morte contra o pai. (Ver em [1]). E isso porque, quando muito pequeno, no decorrer da ausência temporária do pai, ele fora culpado de um ato de agressão sexual contra alguém e, como punição, fora ameaçado com estas palavras: “Espere só até seu pai voltar!”

Se desejarmos levar mais avante nosso estudo das relações entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho, o melhor plano será tomar os próprios sonhos como nosso ponto de partida e considerar o que certas características *formais* do método de representação nos sonhos significam em relação aos pensamentos subjacentes a elas. As mais destacadas dentre essas características formais, que não podem deixar de nos impressionar nos sonhos, são as diferenças de intensidade sensorial entre imagens oníricas específicas e as diferenças na nitidez de certas partes dos sonhos ou de sonhos inteiros quando comparados entre si.

As diferenças de intensidade entre imagens oníricas específicas abrangem toda a gama que se estende desde uma nitidez de definição que nos sentimos inclinados, sem dúvida injustificamente, a considerar como maior do que a da realidade, e um irritante caráter vago que declaramos ser característico dos sonhos, porque não é inteiramente comparável a nenhum grau de indistinção que jamais percebemos nos objetos reais. Além disso, em geral descrevemos uma impressão que tenhamos de um objeto indistinto num sonho como “fugaz”, enquanto sentimos que as imagens oníricas que são mais nítidas foram percebidas por uma

extensão considerável de tempo. Surge então a questão de investigar, no material dos pensamentos do sonho, o que é que determina essas diferenças na nitidez das partes específicas do conteúdo de um sonho.

Devemos começar por contrariar certas expectativas que quase inevitavelmente se apresentam. Como o material de um sonho pode incluir sensações reais experimentadas durante o sono, é provável que se presuma que estas, ou os elementos do sonho delas oriundos, recebem destaque no conteúdo do sonho, aparecendo com intensidade especial; ou, de forma inversa, que o que quer que seja muito especialmente nítido num sonho pode ser rastreado até sensações reais durante o sono. Em minha experiência, porém, isso nunca foi confirmado. Não se constata que os elementos de um sonho derivados de impressões reais no decorrer do sono (ou seja, de estímulos nervosos) se distingam, por sua nitidez, de outros elementos que surjam de lembranças. O fator da realidade não tem importância alguma na determinação da intensidade das imagens oníricas.

Do mesmo modo, poder-se-ia esperar que a intensidade *sensorial* (ou seja, a nitidez) das imagens oníricas específicas estivesse relacionada com a intensidade *psíquica* dos elementos nos pensamentos oníricos correspondentes a elas. Nestes últimos, a intensidade psíquica coincide com o *valor*psíquico: os elementos mais intensos são também os mais importantes — os que formam o ponto central dos pensamentos do sonho. Sabemos, é verdade, que são estes precisamente os elementos que, em virtude da censura, em geral não conseguem penetrar no conteúdo do sonho; não obstante, é bem possível que seus derivados imediatos, que os representam no sonho, tivessem um grau mais elevado de intensidade, sem por isso constituir, necessariamente, o centro do sonho. Mas também essa expectativa é frustrada pelo estudo comparativo dos sonhos e do material de que derivam. A intensidade dos elementos de um não tem nenhuma relação com a intensidade dos elementos do outro: o fato é que ocorre uma completa “transposição de todos os valores psíquicos” [na expressão de Nietzsche] entre o material dos pensamentos oníricos e o sonho. Muitas vezes, um derivado direto daquilo que ocupa uma posição dominante nos pensamentos do sonho só pode ser descoberto, precisamente, em algum elemento transitório do sonho, que é muito ofuscado por imagens mais poderosas.

A intensidade dos elementos de um sonho mostra ter uma outra determinação — e por dois fatores independentes. Em primeiro lugar, é fácil ver que os elementos pelos quais a realização de desejo se expressa são representados com especial intensidade. [Ver em [1]]

E, em segundo, a análise mostra que os elementos mais nítidos de um sonho constituem o ponto de partida das mais numerosas cadeias de idéias — que os elementos mais nítidos são também aqueles que possuem o maior número de determinantes. Não estaremos alterando o sentido dessa asserção de base empírica se a enunciarmos nestes termos: a intensidade máxima é exibida pelos elementos de um sonho em cuja formação se despendeu o maior volume de condensação. [Ver em [1]] Podemos esperar que eventualmente venha a ser possível expressar esse determinante e o outro (isto é, a relação com a realização de desejo) numa única fórmula.

O problema de que acabo de tratar — as causas da maior ou menor intensidade ou clareza de certos elementos de um sonho — não deve ser confundido com outro problema, que se relaciona com a clareza variável de sonhos inteiros ou de partes de sonhos. No primeiro caso, a clareza contrasta com a indeterminação, mas, no segundo, contrasta com a confusão. Não obstante, não se pode duvidar de que o aumento e a redução das qualidades nessas duas escalas correm paralelamente. Uma parte de um sonho que nos pareça clara geralmente conterá elementos intensos; um sonho obscuro, por outro lado, é composto de elementos de pequena intensidade. Todavia, o problema apresentado pela escala que se estende desde o que é aparentemente claro até o que é obscuro e confuso é muito mais complicado do que o problema dos graus variáveis de nitidez dos elementos do sonho. Realmente, por motivos que surgirão depois, o primeiro desses problemas ainda não pode ser examinado. [Ver em [1].]

Em alguns casos, verificamos, para nossa surpresa, que a impressão de clareza ou indistinção fornecida por um sonho não tem absolutamente nenhuma relação com a constituição do próprio sonho, mas decorre do material dos pensamentos oníricos e é parte integrante dele. Assim, lembro-me de um sonho que me causou a impressão, quando acordei, de ser tão particularmente bem construído, impecável e claro que, ainda meio tonto de sono, pensei em introduzir uma nova categoria de sonhos que não estariam sujeitos aos mecanismos de condensação e deslocamento, mas deveriam ser descritos como “fantasias durante o sono”. Um exame mais atento provou que essa raridade entre os sonhos exibia em sua estrutura as mesmas lacunas e os mesmos defeitos de qualquer outro; e, por essa razão, abandonei a categoria de “fantasias oníricas”. O conteúdo do sonho, uma vez obtido, representou-me expondo a meu amigo [Fliess] uma teoria difícil e há muito buscada sobre a bissexualidade; e o poder de realização de desejos do sonho era responsável por

considerarmos essa teoria (que, aliás, não foi fornecida no sonho) como clara e impecável. Assim, o que eu tomara por um julgamento sobre o sonho concluído era, na realidade, uma parte, e a rigor a parte essencial, do conteúdo do sonho. O trabalho do sonho tinha, nesse caso, usurpado, por assim dizer, meus primeiros pensamentos de vigília, e me transmitira como um *julgamento* sobre o sonho a parte do material dos pensamentos oníricos que ele não tinha conseguido representar com exatidão no sonho. Certa vez deparei com uma contrapartida exata disso no sonho de uma paciente no decorrer da análise. De início, ela se recusou inteiramente a contá-lo a mim, “porque era muito indistinto e confuso”. Finalmente, em meio a repetidos protestos de que não tinha nenhuma certeza de que seu relato fosse correto, ela me informou que várias pessoas tinham entrado no sonho — ela própria, o marido e o pai — e que era como se ela não soubesse se seu marido era seu pai, ou quem era seu pai, ou algo dessa espécie. Esse sonho, considerado juntamente com suas associações durante a sessão analítica, mostrou, sem dúvida, que se tratava da história algo comum da criada que era obrigada a confessar que estava esperando um bebê, mas estava incerta quanto a “quem era realmente o pai (da criança)”. Logo, também nesse caso, a falta de clareza exibida pelo sonho era parte do material que a instigara, ou seja, parte desse material estava representada na *forma* do sonho. A forma de um sonho, ou a forma como é sonhado, é empregada, com surpreendente freqüência, para representar seu tema oculto.

As explicações a respeito de um sonho ou os comentários aparentemente inocentes a seu respeito servem, muitas vezes, para disfarçar da maneira mais sutil parte do que foi sonhado, embora, de fato, traindo-a. Por exemplo, um sonhador comentou que, num dado ponto, “o sonho tinha sido lavado”; e a análise levou a uma lembrança infantil de ele escutar alguém se limpando depois de defecar. Ou temos aqui outro exemplo que merece ser registrado com pormenores. Um rapaz teve um sonho muito claro que o fez recordar-se de algumas fantasias de sua meninice que haviam permanecido conscientes. Sonhou que era noite e que ele se encontrava num hotel, numa estação de veraneio. Confundiu o número de seu quarto e entrou num outro em que uma mulher madura e suas duas filhas estavam se despindo para dormir. Prosseguiu ele: “Aqui existem umas lacunas no sonho; alguma coisa está faltando. Finalmente, havia um homem no quarto que tentou me expulsar, e eu tive de entrar numa luta com ele.” O sonhador fez esforços inúteis para recordar a essência e o tema da fantasia infantil a que o sonho evidentemente fazia alusão; até que, por fim, surgiu a verdade de que aquilo que ele estava procurando já se encontrava em seu poder, em seu

comentário sobre a parte obscura do sonho. As “lacunas” eram os orifícios genitais das mulheres que estavam indo dormir; e “alguma coisa está faltando” descrevia o espectro principal dos órgãos genitais femininos. Quando rapaz, ele tivera uma ardente curiosidade de ver os órgãos genitais de uma mulher e estivera inclinado a sustentar a teoria sexual infantil segundo a qual as mulheres possuem órgãos masculinos.

Uma lembrança análoga de outro sonhador assumiu uma forma muito semelhante. Ele sonhou o seguinte: *“Eu estava entrando no Restaurante Volksgarten com a Srta. K..., surgiu então um pedaço obscuro, uma interrupção..., em seguida, vi-me no salão de um bordel, onde vi duas ou três mulheres, uma delas de combinação e calcinhas.”*

ANÁLISE — A Srta. K. era a filha de seu antigo chefe, e, como ele próprio admitiu, uma irmã substituta para ele. O rapaz raramente tivera oportunidade de conversar com ela, mas, certa ocasião, tiveram uma conversa em que “foi exatamente como se tivéssemos tomado consciência de nosso sexo, como se eu devesse dizer ‘eu sou um homem e você é uma mulher.’” Apenas uma vez ele estivera no restaurante em questão, com a irmã de seu cunhado, uma moça que nada significa para ele. Outra vez, fora com um grupo de três senhoras até a entrada do mesmo restaurante. Essas damas eram sua irmã, sua cunhada e a irmã do cunhado que acabamos de mencionar. Todas elas lhe eram altamente indiferentes, mas todas três se enquadravam na categoria de “irmãs”. Raras vezes ele visitara um bordel — apenas duas ou três vezes na vida.

A interpretação baseou-se no “pedaço obscuro” e na “interrupção” do sonho, e propôs uma visão de que, em sua curiosidade infantil, ele havia ocasionalmente inspecionado, mesmo que só raras vezes, os órgãos genitais de uma irmã alguns anos mais nova que ele. Alguns dias depois, ele teve uma lembrança consciente do mau feito a que o sonho aludira.

O conteúdo de todos os sonhos que ocorrem na mesma noite faz parte do mesmo todo; o fato de estarem divididos em várias seções, bem como o agrupamento e número dessas seções —, tudo isso tem sentido e pode ser encarado como uma informação proveniente dos pensamentos latentes do sonho. Ao interpretar sonhos que consistam em várias seções principais ou, em geral, sonhos que ocorram durante a mesma noite, não se deve desprezar a possibilidade de que os sonhos separados e sucessivos dessa natureza tenham o mesmo sentido e possam estar dando expressão aos mesmos impulsos em

material diferente. Sendo assim, o primeiro desses sonhos homólogos a ocorrer é muitas vezes o mais distorcido e tímido, ao passo que o seguinte será mais confiante e nítido.

Os sonhos do Faraó na Bíblia sobre as vacas e as espigas de milho, interpretados por José, eram desse tipo. Eles são mais minuciosamente relatados por Josefo (*Ancient History of the Jews*, Livro 2, Capítulo 5) do que a Bíblia. Depois de narrar seu primeiro sonho, disse o Rei: “Após ter tido essa visão, despertei de meu sono; e, estando em desordem e considerando comigo mesmo o que devia ser essa aparição, adormeci novamente, e vi outro sonho, mais maravilhoso que o anterior, que ainda mais me assustou e perturbou...” Após ouvir o relato do sonho do Rei, respondeu José: “Esse sonho, ó Rei, embora visto sob duas formas, significa um e o mesmo fato...”.

Em sua “Contribuição à Psicologia do Boato”, Jung (1910b) descreve como o sonho erótico disfarçado de uma escolar foi compreendido por suas colegas sem qualquer interpretação e como foi adicionalmente elaborado e modificado. Observa ele em relação a uma dessas histórias oníricas: “A idéia final numa longa série de imagens oníricas contém precisamente aquilo que a primeira imagem da série tentara retratar. A censura mantém o complexo à distância o maior tempo possível, mediante uma sucessão de novos encobridores simbólicos, deslocamentos, disfarces inocentes etc.” (Ibid., 87.) Scherner (1861, 166) estava bem familiarizado com essa peculiaridade do método de representação nos sonhos e o descreve, no tocante à sua teoria dos estímulos orgânicos [ver em [1]], como uma lei especial: “Em última análise, contudo, em todas as estruturas oníricas simbólicas provenientes de estímulos nervosos específicos, a imaginação observa uma lei geral: no começo de um sonho, ela só retrata o objeto do qual provém o estímulo por meio das mais remotas e inexatas alusões, mas, no final, depois que a efusão pictórica se esgotou, ela representa cruamente o próprio estímulo, ou, conforme o caso, o órgão envolvido ou a função desse órgão, e com isso o sonho, tendo designado sua causa orgânica real, atinge seu objetivo...”

Otto Rank (1910) forneceu uma bela confirmação dessa lei de Scherner. Um sonho de uma moça, relatado por ele, compunha-se de dois sonhos isolados, com um intervalo entre eles, sonhados no decorrer da mesma noite, tendo o segundo terminado num orgasmo. Foi possível efetuar uma interpretação pormenorizada desse segundo sonho, mesmo sem muitas contribuições da sonhadora: e o número de ligações entre os conteúdos dos dois sonhos possibilitou ver que o primeiro sonho representa, de maneira mais tímida, a mesma

coisa que o segundo. De modo que este, o sonho com o orgasmo, contribuiu para a completa explicação do primeiro. Rank baseia acertadamente nesse exemplo um exame da importância geral dos sonhos com orgasmo ou emissão para a teoria do sonhar. [Ver em [1]]

Não obstante, em minha experiência, só raramente ficamos em condições de interpretar a clareza ou confusão de um sonho pela presença de certeza ou dúvida em seu material. Posteriormente, terei de revelar um fator na formação dos sonhos que ainda não mencionei e que exerce a influência determinante sobre a escala dessas qualidades em qualquer sonho específico. [Ver em [1]]

Por vezes, num sonho em que a mesma situação e cenário persistem por algum tempo, ocorre uma interrupção que é descrita com estas palavras: “Aí foi como se, ao mesmo tempo, fosse outro lugar, e lá aconteceu tal e tal coisa.” Após algum tempo, o fio da meada principal do sonho pode ser retomado, e aquilo que o interrompeu revela ser uma oração subordinada no material onírico — um pensamento interpolado. Uma oração condicional nos pensamentos do sonho é representada neste último por simultaneidade: “se” transforma-se em “quando”.

Qual é o sentido da sensação de movimento inibido que tão comumente aparece nos sonhos e que se aproxima tanto da angústia? O sujeito tenta mover-se para a frente, mas se descobre colado ao chão, ou tenta alcançar algo, mas é retido por uma série de obstáculos. Um trem está prestes a partir, mas fica-se impossibilitado de apanhá-lo. O sujeito ergue a mão para revidar um insulto, mas verifica que ela está impotente. E assim por diante. Já deparamos com essa sensação nos sonhos de exibição [em [1] e [2]], mas ainda não fizemos nenhuma tentativa séria de interpretá-la. Uma resposta fácil, mas insuficiente, seria dizer que a paralisia motora prevalece no sono e que dela tomamos conhecimento na sensação que estamos examinando. Mas pode-se perguntar por quê, nesse caso, não estamos perpetuamente sonhando com esses movimentos inibidos; e é razoável supor que essa sensação, embora possa ser evocada a qualquer momento durante o sono, sirva para facilitar algum tipo específico de representação, sendo despertada apenas quando o material dos pensamentos do sonho precisa ser representado dessa maneira.

Esse “não poder fazer nada” nem sempre aparece nos sonhos como uma sensação, mas é às vezes, simplesmente, parte do conteúdo do sonho. Um caso dessa natureza me parece particularmente apto a lançar luz sobre o sentido desse aspecto do sonhar. Eis aqui uma versão abreviada de um sonho em que, aparentemente, fui acusado de desonestidade.

O local era uma mescla de um sanatório particular e de várias outras instituições. Um criado apareceu para me convocar para um exame. Eu sabia, no sonho, que algo estava desaparecido e que o exame se devia a uma suspeita de que eu me apropriara do artigo desaparecido. (A análise demonstrou que o exame devia ser entendido em dois sentidos e incluía um exame médico.) Ciente de minha inocência e do fato de que eu ocupava o posto de consultor no estabelecimento, acompanhei o criado tranqüilamente. À porta, fomos recebidos por outro criado, que disse, apontando para mim: “Por que você o trouxe? Ele é uma pessoa respeitável.” Entrei então, desacompanhado, num grande saguão onde havia máquinas, que me lembraram um Inferno com seus instrumentos de tortura diabólicos. Estendido num aparelho vi um de meus colegas, que tinha todos os motivos para reparar em mim; mas ele não prestou nenhuma atenção. Disseram-me então que eu podia ir. Mas não consegui encontrar meu chapéu e, afinal, não pude ir.

A realização de desejo do sonho estava, evidentemente, em eu ser reconhecido como um homem honesto e informado de que podia ir embora. Devia haver, portanto, toda sorte de material nos pensamentos do sonho contendo uma contradição disso. O fato de eu poder ir embora era um sinal de minha absolvição. Por conseguinte, se aconteceu algo no final do sonho que me impediu de ir, parece plausível supor que o material suprimido que continha a contradição se estivesse fazendo sentir naquele ponto. O fato de eu não conseguir encontrar meu chapéu significava, portanto: “Afinal de contas, o senhor *não* é um homem honesto.” Assim, o “não poder fazer alguma coisa”, nesse sonho, foi uma forma de expressar uma contradição — um “não” —; de modo que minha declaração anterior [em [1]] de que os sonhos não podem expressar o “não” requer uma correção. [1]

Em outros sonhos, nos quais a “não execução” de um movimento ocorre como uma *sensação*, e não simplesmente como uma *situação*, a sensação da inibição de um movimento dá uma expressão mais enérgica à mesma contradição — expressa uma volição que é contraposta por uma contravolição. Assim, a sensação de inibição de um movimento representa um *conflito da vontade*. [Ver em [1].] Veremos mais adiante [em [1]] que a paralisia motora que acompanha o sono é precisamente um dos determinantes fundamentais do processo psíquico enquanto se sonha. Ora, um impulso transmitido pelas vias motoras nada mais é do que uma volição, e o fato de termos tanta certeza de que sentiremos esse impulso inibido durante o sono é o que torna todo o processo tão admiravelmente adequado

para representar um ato de volição e um “não” que a ele se opõe. É também fácil perceber, com base em minha explicação da angústia, por que a sensação de uma inibição da vontade se aproxima tão de perto da angústia e é tão freqüentemente ligada a ela nos sonhos. A angústia é um impulso libidinal que tem origem no inconsciente e é inibido pelo pré-consciente. Quando, portanto, a sensação de inibição está ligada à angústia num sonho, deve tratar-se de um ato de volição que um dia foi capaz de gerar libido — em outras palavras, deve tratar-se de um impulso sexual.

Examinarei, em outro ponto (ver adiante [em [1]]), o sentido e a importância psíquica do julgamento que muitas vezes surge nos sonhos, expresso na frase “afinal, isto é apenas um sonho.” [1] Direi aqui apenas, a título de antecipação, que ele se destina a minimizar a importância do que está sendo sonhado. O interessante problema correlato do que se pretende dizer quando parte do conteúdo de um sonho é descrito no próprio sonho como “sonhado” — o enigma do “sonho dentro do sonho” — foi solucionado num sentido semelhante por Stekel [1909, 459 e seg.], que analisou alguns exemplos convincentes. A intenção é, mais uma vez, minimizar a importância do que é “sonhado” no sonho, retirar-lhe sua realidade. O que é sonhado num sonho, depois que se acorda do “sonho dentro do sonho”, é o que o desejo do sonho procura colocar no lugar de uma realidade obliterada. É seguro supor, então, que o que foi “sonhado” no sonho é uma representação da realidade, a verdadeira lembrança, ao passo que a continuação do sonho, pelo contrário, meramente representa o que o sonhador deseja. Incluir algo num “sonho dentro do sonho” equivale, assim, a desejar que a coisa descrita como sonho nunca tivesse acontecido. Em outras palavras, [1] quando um evento específico é inserido num sonho como sonho pelo próprio trabalho do sonho, isso implica a mais firme confirmação da realidade do evento — sua *afirmação* mais forte. O trabalho do sonho se serve do sonhar como forma de repúdio, confirmando assim a descoberta de que os sonhos são realizações de desejos. [1]